



Universidade de Santiago de Compostela

Tese doutoral

O feminino em análise. A identidade desde una etnografía das resistências.

Autora: Thais Oliveira Brandão

Codiretor: Mauro Rodríguez Casal

Codirectora: Teresa Moure

Departamento de Psicoloxía Social, Básica e Metodoloxía

Facultade de Psicoloxía

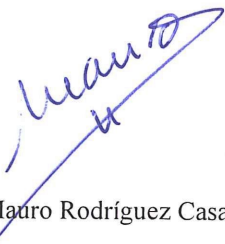
Mauro Rodríguez Casal, profesor titular de Psicoloxía Social da Universidade de Santiago de Compostela e Teresa Moure Pereiro, profesora titular de Lingüística xeral informan,

Que a tese doutoral titulada “O feminino em Análise. A identidade desde uma etnografia das resistências”, realizouse baixo a nosa dirección conxunta, pola mestrada (licenciada con master) Thais Oliveira Brandão, no departamento de Psicoloxía social, básica e Metodoloxía da Universidade de Santiago de Compostela.

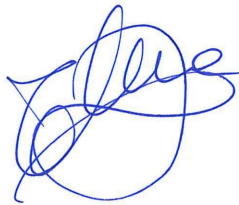
Que o devandito traballo reúne todas as esixencias científicas e formais requiridas pola normativa vixente para optar ao cargo de Doutora pola Universidade de Santiago de Compostela.

Por tanto, emitimos un informe favorábel e a autorización como trámite perceptivo para a súa aceptación e defensa pública.

Santiago de Compostela, 6 de xullo de 2012.



Asdo. Mauro Rodríguez Casal



Asdo. Teresa Moure



Asdo. Thais Oliveira Brandão

Agradecimentos

Concluir essa tese foi uma tarefa apoiada por muitas mãos. De fato, meu interesse pela Psicologia Social trata-se exatamente dessa possibilidade de poder contar também com as mãos em direção a uma contribuição e aprendizagem em âmbitos pessoais, sociais e políticos.

Em primeiro lugar, agradeço a cada mulher que cruzei nesse percurso e que, com suas mãos suaves, duras, fortes, velhas ou belas me presenteavam suas histórias de vida. Essas narrativas de diferentes lugares contribuíram para enriquecer também minha própria história de vida.

Sinto-me também afortunada por contar com orientações e diretrizes interdisciplinares, guias que me auxiliaram no caminho delicado entre a realidade e a prática acadêmica. Desde já agradeço a meu codiretor professor Mauro Rodriguez Casal, por aceitar essa proposta diferente, e me apoiar em diversos períodos para a finalização desse trabalho. Igualmente, reconheço a formidável disposição de minha codiretora professora Teresa Moure, que manteve presente suas análises e precisas críticas de uma maneira carinhosa e forte. Não posso esquecer, também, do apoio estratégico da professora Mónica Alzate que com sua habilidade latina deixou este processo tecnicamente mais fácil.

Também devo agradecer a Agência Espanhola de Cooperação Internacional por me permitir concluir esta tese doutoral brindando-me com uma bolsa MAEC-AECID neste último ano de trabalho, imprescindível para a finalização desse percurso.

Finalmente, devo um agradecimento especial à minha família que esteve presente em todos os momentos, confiando, impulsionando e acreditando nessa vitória, podendo contar com o apoio do meu companheiro que, de mãos dadas, contribuiu com um olhar novo, complementar e evolutivo.

Quando chegamos nessa fase do trabalho, as palavras parecem não dar conta da enorme gratidão que sinto ao próprio fluxo de acontecimentos favoráveis e imprescindíveis que aproximaram e afastaram pessoas, ideias e pensamentos cruciais para essa conclusão. Nesses momentos me dou conta da fortuna de ter contado com tantos e tão diversos aportes, amigos e amigas de perto e de longe que com sua presença ou lembrança iam criando uma base para esta caminhada.

Caminhamos juntas/os,

muito obrigada.

ÍNDICE

Introdução	9	
I. MARCO TEÓRICO		
1. Fundamentos para uma teoria narrativa da Identidade.		
O CORPO DO TEXTO.....	15	
1.1 Histórias de Vida: as narrativas da cultura popular	15	
1.2 Memória e Esquecimento: a invenção do eu	25	
1.3 Identidade pessoal, social e narrativa	32	
1.3.1 Identidades.....	32	
1.3.2 O pessoal, o social, o narrativo.....	33	
2. Fundamentos para a construção narrativa do feminino.		
O TEXTO TEM CORPO	41	
2.1 Gênero, sexo e sexualidade.....	41	
2.1.1 Gênero	41	
2.1.2 Sexo	49	
2.1.3 Sexualidade.....	52	
2.2 Corpo e linguagem – O corpo/fala.....	53	
2.3 Resistência e liberdade	60	
3. Aproximações da Psicologia Social e Psicologia Discursiva		65
II. PESQUISA DE CAMPO		
4. Aportes para a investigação Qualitativa em Psicologia Social.		
A POSTURA ETNOGRÁFICA	81	
4.1 Considerações metodológicas	90	
4.1.1 Entrevistas Narrativas (o registro atento)	91	
4.1.2 Análise do Discurso (a interpretação crítica).....	95	
4.1.3 Passos de análise (esquema)	101	
5. Contextos socioculturais		107
6. BRASIL - Histórias de vida de Mulheres de Maria da Paz		121
7. GALÍCIA - Histórias de vida de Mulheres de Vilvestro		183
8. EQUADOR - Histórias de vida de Mulheres de Nabón		231
9. Considerações finais e conclusões		285
Referências Bibliográficas		297

Introdução

O presente trabalho nasce da exaltação da necessidade de ouvir, mas também, da atenção posta em prática ao tentar escutar apoiada em teorias afins, ressaltando como essa tarefa se cria no campo de trabalho e se converte no método e no próprio objeto de estudo, dentro de uma investigação em psicologia social.

Amparados/as na riqueza de uma proposta interdisciplinar, fomos delineando este trabalho em três distintos países, a partir do contato com diferentes comunidades em diversas realidades sociais do Brasil, Espanha e Equador.

A questão que surge nesta investigação trata sobre as formas de resistência que as mulheres possuem dentro do seu contexto habitual. Uma resistência, tal como a concebe Foucault (1990), libertária, criativa e construída dentro do sentido material e linguístico que propõem suas histórias de vida.

Portanto, este é um trabalho analítico-descritivo sobre a observação e a escuta de entrevistas de mulheres de culturas populares a partir de suas narrativas de vida, compreendidas estas como uma expressão subjetiva tangível e coletivamente gerada.

Além disso, tratar a narrativa como ação social supõe encontrar uma articulação entre o discurso construtor e o discurso reprodutor de identidades, nesse caso, da identidade de gênero, composta a partir de muitas classes distintas e apresentando-se aqui através da linguagem feminina, portanto, subordinada e reprimida já em sua disposição já na sua disposição sócio-histórica.

Assim, um olhar sobre a construção discursiva do “eu”, que é ao mesmo tempo um conceito e uma realidade, e que também é produto de diversos comportamentos, entende que ambos, fala e corpo estão estritamente relacionados.

Daí que, para traçar uma pesquisa sobre gênero, atravessado pela linguagem oral como igualmente por seus aspectos não-verbais através da psicologia social, é necessário compreender sua interdisciplinaridade. Decidimos assim, como bases teóricas e metodológicas, assumir uma posição analítica psico-socio-antropo-linguística, do processo de produção e reprodução dessas narrativas.

Pesquisaremos, no primeiro capítulo, como se chega ao conceito de identidade narrativa elaborado pelo filósofo Ricoeur (1995; 1996), estudando seus traços modernos e pós-modernos. Para isso, nos valeremos dos fundamentos da construção de narrativas de vida em contextos populares, trabalhando especialmente a linguagem e suas estratégias de ficção e memória, constitutivas de um discurso social. Neste sentido, nos respaldaremos em linguistas e folcloristas como: Duranti (2000); Moure (2012), Sawaya (2001) e Montenegro (2007).

O interesse de tratar o tema da identidade na psicologia não é novo. Porém, tratar esse tema a partir do pressuposto da narrativa como alternativa de estudo social, nos leva a realizar outros esforços de compreensão da realidade construída e constitutiva através da voz de suas próprias protagonistas.

Com isso, no segundo capítulo, seguimos em direção aos aspectos não-verbais do discurso, para a partir daí conceber a identidade de gênero como uma construção social reprodutora de (pré)conceitos masculinos e femininos. Concebemos o corpo/fala dessas mulheres como uma prática discursiva Foucault (2003), direcionando a ênfase ao feminismo e à antropologia para esclarecer conceitos como: sexo, sexualidade e corpo, para daí entender as formas de resistência a partir de sua própria identidade construída ou desconstruída. Para isso contamos com estudiosas como: Butler (2001, 2003), Maquieira (2001), Moore (1999) e Varela (1997).

A obra de Foucault foi objeto de intensos e ricos debates em relação com problemas suscitados pelas reflexões sociais. Este autor é reconhecidamente importante no processo de *saber do corpo* e seu estudo social. Entre os conceitos referidos no texto, enfatizamos as análises de como o sistema corporal foi processado social e politicamente em diferentes contextos (o biopoder), e também sobre como isso permitiu às pessoas resistir desde seus próprios corpos (a resistência).

Tomando como suposto que o corpo humano é o principal sistema de classificação e metáfora do sistema social em diferentes realidades culturais, compreendemos que é também a partir dele e com ele que se inscrevem e se produzem os saberes e as resistências individuais e coletivas.

Por tanto, dentro das ciências sociais esta compreensão passa também por sua vivência, por sua materialidade, o que supõe inevitavelmente sua simbologia e

linguagem, já que converter-se num indivíduo social implica um determinado aprendizado corporal.

No terceiro capítulo, tomaremos como base as contribuições e os desafios pendentes da psicologia social atual, aliados/as à postura dos estudos críticos com um marcado compromisso social (Potter e Wetherell (1987, 1992); Gergen e Shotter (1989), para, dentro dessa seção e sob um posicionamento pós-moderno, nos aproximamos ao giro linguístico da psicologia social que, junto com a psicologia discursiva contribui à teoria de estudo dos discursos uma forma de acesso crítico à realidade, tratada principalmente por Billig (1987); Potter e Edwards (2001) e Cabruja (1998).

Assim, com a aproximação teórica realizada, entramos no capítulo seguinte na parte prática do trabalho, onde afirmamos a eleição metodológica por um caminho etnográfico como ferramenta para a pesquisa qualitativa em psicologia social (Banister, 1994).

Com isso, expomos a mostra dessa pesquisa, à qual analisa histórias de vida narradas por mulheres inspiradas na análise do discurso (Potter e Wetherrell, 1987; Ibáñez e Íñiguez, 1997; Íñiguez, 2003), examinando também a linguagem verbal e não verbal não como os estados internos da consciência, mas como ação social.

Desta maneira, advogamos por uma ciência responsável, comprometida, encarnada na sociedade. Distinguimos ainda o trabalho crítico e desconstrutor do feminismo que revelou que os seres humanos estão submetidos à cultura e ao inconsciente, reconhecendo as formas insidiosas e sutis do poder social e psíquico. O feminismo atravessa este trabalho como uma consciência crítica e política que ressalta as tensões e contradições que encerram os discursos hegemônicos e pretende ser uma ferramenta eficaz e constante para desmascarar estes discursos cristalizados historicamente e respaldados por poderes específicos.

Reconhecemos, deste modo, que a experiência da realidade e todos os fenômenos psicossociais se constroem *em* e *através* da linguagem. Não obstante, nossas análises desses repertórios de linguagem se direcionam não só à realização da fala, mas interpretando essas experiências orais sem separar a linguagem do sujeito que se expressa materialmente nele.

Ao final, afirmaremos, com respaldo teórico-prático, que a linguagem é um instrumento de poder e o corpo é um espaço de inscrição desse poder. Libertar essas ferramentas, aproximando estes significados e as expressões construídas mutuamente é tarefa árdua que necessita uma escuta interessada e implicada com a transformação social.

MARCO TEÓRICO

1. FUNDAMENTOS PARA UMA TEORIA NARRATIVA DA IDENTIDADE - O CORPO DO TEXTO

A constatação do sujeito que se diz em sua própria prática discursiva é de grande relevância para esse estudo, considerando que a dimensão pessoal é permeada, também, por questões que implicam ao sujeito politicamente e o inserem em questões interpessoais de relação. A narrativa, neste sentido, não significa um modo de representação, senão de reconstrução de sua própria realidade, por isso mesmo, o sujeito falante, ainda que não saiba, se situa nesta capacidade de construção.

Ao analisar a realidade social construída através de histórias de vidas de distintas mulheres de culturas populares, temos à mão documentos, desejos, sonhos, medos, memória, esquecimento, ficção e realidade, apresentados em palavras e expressões corporais. As narrativas iam fazendo-se, na grandeza do momento dialógico, em seu particular processo criativo.

Este texto com autonomia própria é o que pretendemos analisar agora, direcionando ao estudo da invenção da identidade, ou de várias.

Do mesmo modo, para a construção de uma identidade narrada é necessário indagar sobre os elementos constitutivos do texto que são produzidos na situação da entrevista, como também todo o entorno disponível: cultural, emocional, corporal, social. Portanto, o corpo do texto é o foco desta parte.

1.1 Histórias de Vida: as narrativas da cultura popular

O interesse de tratar esta realidade como objeto de estudo revelou-se a partir do encontro com as histórias de mulheres nos distintos campos de trabalho nos quais nos envolvemos ao longo do processo de construção desta pesquisa.

Tanto no Brasil, como na Galícia ou Equador este caminho foi trilhado pelas próprias mulheres entrevistadas, coprodutoras deste trabalho.

Nossas análises não buscavam, *a priori*, examinar nenhum comportamento específico em seu cotidiano, porém, analisar estas narrativas como obras produzidas por estas mulheres que cruzamos pelo caminho e que se deixaram escutar. Mulheres com distintos corpos, distintas culturas e distintas linguagens que nos brindaram com suas histórias de vida.

A narrativa geralmente é conceituada como uma realização linguística que comunica e compartilha fatos criados ou reais, e que possui uma estreita relação com a experiência (Segre, 1989).

Contextualizando, os primeiros estudos científicos sobre narrativa foram realizados por etnógrafos que trabalhavam com contos e mitos e os analisavam através da função de suas leis de composição. Como análise sistemática, entre os anos de 1915-1939, linguistas estudaram as narrativas, aprofundando-se com o formalismo Russo, tendo como expoente o folclorista Propp. Tais estudos representava uma importante contribuição a etnólogos e teóricos da literatura, para a descrição e classificação de textos míticos, fabulísticos, literários, além de um instrumento valioso para o estudo do discurso (idem, 1989).

Em estudos especializados, existem abordagens que diferenciam a “história”, do “discurso”, compreendendo a primeira como a realidade evocada pelo texto narrativo (fatos e personagens) e o segundo como o modo como a narradora permite conhecer esta realidade. Ou seja, nesse sentido “história” corresponderia ao plano do conteúdo e “discurso”, ao plano da expressão.

No entanto, o conceito de discurso é plural e extrapola os limites estritos dos estudos literários e linguísticos. O termo designa, em linhas gerais, uma “sequência de enunciados que globalmente configuram uma unidade linguística superior à frase”, ou “uma unidade comunicativa globalmente coerente” (Reis e Lopes, 1988, p. 28). Sem dúvida, considerando “discurso” como um ato de enunciação, ou seja, de comunicação efetiva entre os membros de uma comunidade, o conceito sublinha as marcas contextuais da situação em que se colocam as mulheres que o produzem, no nosso caso.

Esse conceito, seguindo a ótica dos psicólogos sociais Potter e Wetherell, abre também espaço para “obter um maior entendimento da vida e da interação social, a partir das análises dos textos sociais” (apud Sabucedo, D'adamo e Beaudoux, 1997).

Neste sentido, as condições de produção de discurso que chamam a atenção das ciências humanas, são interessadas nos produtos que surgem da relação entre as locutoras e seus ouvintes. Este espaço de interação é, forçosamente, marcado por uma contextualização histórica e sociocultural que condiciona o comportamento linguístico. Isto se dá mediante um conjunto de filtros que servem ao falante no seu repertório de fala:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em “si mesmo”, (ou seja, em sua relação transparente com o significante), mas é determinado pelas posições ideológicas postas em xeque no processo sócio-histórico em que palavras, expressões e proposições são produzidas (quer dizer, reproduzidas) (Pêcheux apud Reis e Lopes, 1989).

Portanto, a linguagem em seu papel de transcender a realidade da vida cotidiana agrega a participação coletiva nas enunciações, significando linguisticamente a realidade, através da comunicação intersubjetiva.

Consideramos assim, a narrativa como um registro de uma experiência e aqui analisaremos as condições de produção e transmissão dessa experiência, fundamentando o ato de narrar também como uma experiência em particular, criada e compartilhada com interlocutores/as (no particular caso deste trabalho).

De modo que narrar é produzir uma obra e, por sua vez, uma obra significa um produto. As histórias autobiográficas ou narrativas de vida se definem, portanto, como uma expressão simultaneamente singular e coletiva produzida oralmente e direcionada a uma interlocutora.

As histórias de vida escutadas não significavam uma simples descrição de fatos que ocorreram, mas de versões encenadas pelo sujeito num contexto particularmente dialógico, de interação.

Provavelmente a narrativa seja a maneira mais fácil de descrever uma situação. É um ato que fazemos com frequência quando queremos falar sobre algo. Não é simplesmente uma expressão oral; corresponde a uma unidade de situação composta de enunciados que lhe encerram sentido, constituindo-se assim no ato de proferir o discurso ou seja: “Narram-se os discursos tal como se narram as ações e as situações” (Segre, 1989, p. 11).

Em termos mais estruturais (ações, funções, personagens e trama), a análise das narrativas se transforma num instrumento de eficácia para a análise do discurso, a partir do pressuposto de que a narrativa é um conjunto ordenado de discursos.

O uso da linguagem oral como prática social e ação sobre o outro e sobre o mundo, revela o caminho, o movimento e as práticas do “cotidiano de diversidade das margens” das mulheres entrevistadas. Nesse caso, palavra e contexto são indissociáveis. Polivalente, a palavra é produto da interação social. Do mesmo modo, as narrativas se fundamentam num ambiente discursivo e relacional, conferindo à vida de suas autoras um sentido “interativo”.

Falar também supõe uma língua, um repertório de palavras disponíveis e comuns a seus falantes e assim, a linguagem é considerada um lugar privilegiado para a constituição da subjetividade, representativa do mundo do sujeito. A linguagem, portanto, constitui um elemento de mediação entre o ser humano e sua realidade, representando este conflito e reclamando um estudo vinculado a suas condições de produção.

Estar em contato com espaços físicos, culturais e sociais tão distintos, como eram as zonas pesquisadas, nos fazia remodelar alguns conceitos, como: de redes sociais, espaço e também cultura. Assim, percebemos que, através da ação social, as formas culturais encontram articulação e, foi a partir deste contato com o diferente que nos aproximamos de uma concepção de cultura como coprodutora do ser humano.

O conceito de cultura, tal como explica Geertz (1989), surgiu devido aos questionamentos sobre a uniformidade do ser humano:

A imagem de uma natureza humana constante, independente do tempo, lugar e circunstância, de estudos e profissões, modas passageiras e opiniões temporárias, pode ser uma ilusão, pois o que o homem é pode estar tão implicado com onde ele está, quem é e no que ele crê, que é inseparável deles (Geertz, 1989, p. 47).

Deste modo, os fenômenos culturais particulares podem dizer muito dos processos gerais da cultura humana, caracterizando-a não como um intrincado de padrões concretos de comportamento, senão como um conjunto de mecanismos de controle e padrões que governam e ordenam seu comportamento, na medida em que este é produzido, ou seja, um conjunto de redes de significados que o ser humano produziu e ao qual está atado.

Portanto, a construção de uma cultura reflete a construção do ser humano, sendo ambos essencialmente condicionados, numa contínua produção de novos comportamentos e de conhecimentos sociais: “A cultura tolera o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornarem e o que eles realmente se tornam” (ibidem, p. 64).

O acesso a estas redes de significados culturais revela que a dinâmica da transmissão e da apropriação cultural está diretamente relacionada com a construção de uma subjetividade relacional, ou seja, nossa concepção das diferenças significativas são concretamente percebidas através do contato, da profundidade de relações que se faziam possíveis e as que poderíamos travar como investigadores/as do social.

Em nosso caminho investigativo conhecemos e pudemos compartilhar diferentes realidades culturais. As mulheres que, com o corpo e a fala nos transmitiam seus saberes através da história de sua vida, nos revelavam um conjunto disperso de práticas, representações e formas de consciência que, por sua vez, revelavam uma lógica própria.

Reconhecemos assim essas narradoras como autoras de uma produção que, além de subjetiva, é também cultural. Uma produção que se faz a partir da resignificação dos códigos culturais prefigurados pelo lugar social por elas ocupado, de recomposição afetiva e simbólica do ambiente e assim, de suas próprias vidas.

Por isso mesmo, a cultura popular, tomada aqui como a produção de uma parcela da população e marcada por uma condição radical, institui um imaginário do mundo próprio, manifesto através de suas experiências cotidianas.

Ressaltamos aqui que o uso da expressão “cultura popular” condiciona simplesmente o caráter específico e especial de uma população determinada a fazer cultura, como também de ser e expressar-se nesta cultura.

Como sugere Montenegro (2007):

Através da linguagem também se marcam as fronteiras entre o rural e o urbano, a consciência de saber outra linguagem, uma outra maneira de falar, de sentar, de se comportar, de ser, outra geografia do corpo, com outros desenhos, outra lógica, denota a consciência de outro saber e de outras práticas (p. 36).

Apesar de afirmar que a forma de narrar os fatos e sua própria vida constituem um modo de fazer uso da palavra em todas as culturas, sugerimos que a cultura das classes populares não é especialmente outra cultura, mas sim, se trata:

De grupos sociais que se servem de diferentes recursos linguísticos como instrumento de luta por um lugar social, por um reconhecimento de seus interesses e desejos próprios, e que marcam suas formas de falar e de fazer uso da palavra, afinada que está com a experiência de luta pela sobrevivência e por uma vida digna. Estamos diante de grupos sociais cuja voz e cujas formas linguísticas estão marcadas pela convivência com a degradação e a opressão (Sawaya, 2001, p. 176)

Os autores citados acima, Sawaya (2001) e Montenegro (2007), são pesquisadores da cultura oral brasileira e analisam o uso da linguagem oral em seu contexto de vida nas periferias e zonas rurais do Brasil, tomando a fala assim como nós a tomamos, como uma ação sobre o outro, sobre o mundo, uma prática social que reflete também uma luta pela sobrevivência.

Sem dúvida, algumas visões de comunidades rurais, ou pobres, se inserem no contexto da difusão e reprodução dos conceitos de marginalização cultural, social e pessoal. No caso, admitimos nestes discursos estigmatizados uma estratégia de controle social pela “ditadura do conhecimento”, excluindo e omitindo a voz das classes sociais mais pobres e periféricas.

Trataremos, assim, o ato destas falas e corpos pelas mesmas especificidades que supõem, interpretando-os como discursos singulares de indivíduos que se encontram marcados por este contexto social e que expressam este lugar através de suas diferentes linguagens, com estilos e formas próprias de reproduzir e reclamar a diferença.

Nossa posição busca, portanto, contradizer as posturas sociais de visões “predestinadas” e de certas formas de inserção social marcadas pelo fatalismo e pela alienação psicossocial, apoiadas pelas denúncias de Martin-Baró (apud Caniato, Rodrigues e Silva, 2002), e teóricos da psicologia crítica que revelam que vivemos sobre o “império da desvalorização da vida humana”, forjado pelo autoritarismo socioeconômico do capitalismo e da sociedade de consumo de massas por ele engendrada.

Em meio às condições vividas de estigma, pobreza, marginalização social e cultural, a voz e o corpo continuam sendo o veículo predominante de transmissão da

cultura e da sabedoria popular que permite a expressão, por vezes, de obediência e por vezes de resistência aos condicionamentos socioculturais.

Nas comunidades de contato, chama a atenção, ainda, o uso conservado em Equador, zona rural andina, do idioma ancestral Quichua, utilizado principalmente pelas pessoas idosas e, no entanto, preservado entre famílias indígenas. À parte do idioma, o uso das roupas tradicionais, também adorno da identidade, são especialmente mantidos pelas mulheres locais, expressando a partir de uma linguagem visual, o que são, o que as representam, o que constroem e como atuam.

Neste sentido, as classes de culturas populares utilizam a palavra e seu próprio corpo também para sobreviver, marcando seu comportamento pela verbalização das circunstâncias em que vivem. Seja através de demonstrações de corpo ou na postura em relação ao/à ouvinte interlocutor/a ou, inclusive, por meio de suas expressões linguísticas, as narradoras revelam sua relação com o mundo e sua forma de construí-lo – atuando sobre ele.

Os testemunhos das narradoras começam a criar, assim, outra referência histórica e cultural, que até então estava circunscrita apenas à sua própria classe, pequenos grupos de amigos e familiares. Com efeito, a vida, as experiências, as lutas, as visões de mundo e o trabalho adquirem novo status ao ser socializado. Transforma-se num documento que apresenta um retrato da realidade, que passa a disputar a hegemonia do imaginário social com outras versões e ainda de representações construídas de outros lugares e por outras vozes.

Igualmente a condição de “periferia” na qual situamos nossas informantes nas comunidades investigadas, exige a compreensão do que compreendemos como centro, do perímetro e do contorno que foi estabelecido pelos núcleos de poder. Nosso olhar, não obstante, pretende circunscrever este espaço, fazendo o caminho “ao redor”, reconhecendo os limites, atravessando as fendas, as dobras, caminhando pelas entradas e saídas deste entorno social.

O discurso popular não é simplesmente um discurso distanciado o discurso central, pelo contrário, é um discurso cheio de caracteres próprios, misturados com o desejo destes coletivos de denunciar este mesmo discurso. A condição social excluída não pressupõe um discurso excluído, pelo contrário, lhe resiste.

Apesar disso, as mulheres das culturas populares (rurais, periféricas) possuem a fala proveniente das margens. O contexto marginal é atravessado pela má situação de instrução, pelas precárias condições de vida e especialmente pelas diferentes condições de seu gênero que, em consequência, ativam algumas estratégias de expressão e interlocução com o espaço vivido, incluindo as de linguagem.

De qualquer modo, se as mulheres possuem um repertório linguístico distinto, pode ser também pelo fato de viverem uma específica “socialização feminina” (Moure, 2012), que, como defende Moure, não é tão especial assim e simplesmente uma característica aprendida por modelos de grupos dominados: “por outro lado, a ideia de que as mulheres, desde a infância, recebem pautas educativas ou pressões sociais para não destacarem, para trabalharem em comum e em silêncio resulta atrativa principalmente para desarmar educações tirânicas ou opressoras, não em outros sentidos” (p. 108).

Outro aspecto interessante relatados nestes discursos é seu o potencial transformador e eficaz de autoconsciência e de negociação que existe na fala das culturas populares. Trata-se, ainda, de revelar as estratégias e os modos de lidar com os discursos de poder, revelando um *modus operandi* diferente do modelo de produção de vítimas que circula nos discursos sociais.

Assim, com as entrevistas realizadas compreendemos que, pese às diferenças culturais entre as narradoras, o ambiente de interlocução abre espaço para discutir, defender uma ideia, escutar outras opiniões, inventar argumentos em defesa de seu próprio ponto de vista e de sua própria vida. Montenegro (2007) aponta que esta também é uma condição para adquirir o papel de cidadã, através do manejo de códigos sociais linguísticos e relacionais que esta noção inclui.

É, exatamente, a partir deste lugar onde nos posicionamos como pesquisadores/as sociais responsáveis pela posição crítica e transformadora do entorno em que vivemos.

Ressaltamos aqui a importância de assumir novas maneiras de abordar o real, como estudiosos/as implicados/as com o espaço social, utilizando métodos direcionados a sua pertinente crítica transformadora. Já que a associação da criação, invenção,

imaginação e intuição- ferramentas encontradas no campo- são também utilizadas na construção destas realidades.

No ato da entrevista, as narradoras dão continuidade a um ofício que vêm desenvolvendo há muito tempo: o de contar contos, experiências e lições que a vida ensina. As reuniões são o momento de escutar, de “aprender a ideia”. Porém, aprende-se, também, a dizer. É esse novo saber que luta por ter mais representação em forma de resistência, nas práticas e nas visões que aprisionam a vontade popular e especialmente nas condições de gênero sob as quais elas estão falando.

De fato, como o pessoal também é político, esses momentos de encontro de mulheres é particularmente um movimento de resistência. Como corrobora Moure (2012, p. 89): “a ideia de que mulheres, ao se juntarem para partilhar experiências, descobrem muitos elementos em comum e chegam a perceber que os seus problemas pessoais podem estar determinados por estruturas sociais”.

As narradoras, assim, unem o saber cotidiano das experiências vividas intensamente a uma compreensão de vida e do mundo que transcende às determinações imediatas.

Deste modo, na expressão oral das narradoras das comunidades com as que entramos em contato, topamos com discursos reivindicativos, outros irônicos, outros emocionados, que rompem modelos de comunicação e de representação, deslocando-se dentro de sua própria condição social.

Mesmo através da ironia e da emoção que permeia seu discurso, uma memória é reconstruída e as entrevistadas experimentam o poder de direcionar seu discurso e a si mesmas em situação, em ato. A fala, portanto, é sua produção.

Quanto aos homens das comunidades em contato, geralmente lhes é outorgado o espaço público -é aquele que naturalmente, ou melhor, culturalmente migra por um sustento mais digno, ou que está fora de casa durante boa parte do dia- e as mulheres, são as que ficam. E esta ação as responsabiliza por tudo o que também fica: a casa, as crianças, a educação, o campo e a vida comunitária. Sua fala e seu corpo lhes permitem, em virtude disso, organizar e manter suas relações (não sem um repertório importante de estratégias) e refletem o movimento da vida, os valores e os saberes da própria comunidade.

De acordo com Michel de Certeau (1994), a arte de dizer através da linguagem é o resultado de uma arte de fazer e de uma arte de pensar. O ato da palavra não se separa da circunstância: “O discurso aí se caracteriza não tanto por uma maneira de exercer-se, mas antes pelo que mostra. De fato, é necessário entender outra coisa do que é dito. O discurso produz então afetos, não objetos. É narração, não descrição. É a arte de dizer” (p. 154).

A cultura popular se formula, assim, nas artes do fazer, criando espaço para as micro resistências da maioria silenciosa que produz, através das experiências particulares, práticas simples, não necessariamente autorizadas e, por isso mesmo, criativas e emancipatórias.

Estas práticas são também táticas contra a exclusão. O autor mencionado teoriza sobre as práticas cotidianas que produzem as “maneiras de fazer” da “multidão anônima”. Para ele, a fala das pessoas oprimidas se revela através do discurso da carência, sem dúvida, com regras e leis próprias, mas capazes de produzir conhecimentos e práticas com significativo grau de autonomia, e não apenas respostas passivas às imposições do meio e dos aparatos de poder.

As narradoras deste trabalho, ainda que normalmente “façam sem dizer”, quando dizem estão também a fazer, porque “falar é fazer” e este parece ser o único lugar de propriedade, de direção, de localização num entorno ainda muito hostil à voz da mulher. Ao pertencer-se nesta fala, é-se. E mais, algo na narrativa escapa à ordem daquilo que é suficiente ou necessário saber, e provavelmente, seu corpo nos conta.

Ainda, para o autor, e aqui a ideia é muito apropriada às nossas abordagens, a narrativa é uma ocasião do fazer e não somente de contar as maneiras de fazer suas experiências: “O relato não exprime uma prática. Não se contenta em dizer um movimento. Ele o faz” (1994, p. 156).

Então, a voz e seu corpo, pela relação estrita que mantém, são sinônimos de ação, de deslocamento e de dinamismo, refletem um movimento singular que é individual e, ao mesmo tempo, social. Logo, as narrativas possuem uma dimensão psicossocial, às vezes com seus conteúdos coletivos vinculados às experiências compartilhadas com a comunidade, às vezes com conteúdos mais íntimos da narradora e

do microcosmo familiar, construindo assim, o desenho de sua própria identidade em construção, *in fiere*.

Neste conjunto, encontramos mulheres dispostas a criar através do contexto narrativo a trama de sua vida numa conversa informal, muitas vezes sentadas na porta de sua casa.

Nestas narrativas autobiográficas de três países e contextos diferentes, ressaltamos o lugar construtor das mulheres que encontramos, e de sua própria realidade, de seus corpos, de sua família, de sua subsistência, de sua alegria e também de suas crenças.

O ambiente hostil e contrário à aprendizagem formal e às expressões naturais de desejos e sonhos não as permitia, ainda assim, abdicar da voz e da postura ativa diante da vida que as solicita diariamente.

Ou seja, mais que um repertório de conhecimentos fixos e predefinidos, estas vozes femininas em processo de elaboração refletem um autoconhecimento que se dá em movimento, na relação comunicativa entre narradoras e ouvintes, reconstruindo memórias e recordações com instrumentos próprios da cultura e das relações sociais travadas.

1.2. Memória e esquecimento: a invenção do “eu”

A palavra tece a história, não de um passado já vivido e apenas lembrado pelo ato de narrar, mas de um presente feito de incidentes, de acasos e de fatos que, através das práticas discursivas, dão forma e revelam, no espaço de produção da fala, as próprias narradoras.

No entanto, as narrativas fazem também uma incursão ao passado individual e coletivo. Narrar, para estas mulheres, é a continuação das histórias não ditas de suas vidas. Esta experiência é traduzida pela lembrança de episódios significativos, eleitos pelas narradoras a partir da memória, apesar desta não ser uma pré-condição de sua fala, ou seja, é-lhes permitido falar também daquilo que não se lembram.

Seguimos, então, as reflexões sobre o significado da memória a partir de estudiosos do tema como Bosi (2003), Bruner (1997), Halbwacks (1990) e Smolka (2000), concebendo-a não como uma simples lembrança –ou seu esquecimento- de fatos vividos, mas a construção e ordenação de um texto vivo e vivido no ato de narrá-lo.

A memória, aqui, deixa de ser pensada como um atributo estritamente individual, passando a ser considerada como parte de um processo social. Ainda que possam parecer individuais, as memórias são peças e uma rede, de um contexto social que nos contém e é anterior a nós mesmos/as, servindo também como coesão e conexão temporal.

O trabalho de Halbwacks (1990) sobre memória coletiva possui como centro a afirmação de que qualquer que sejam as lembranças do passado que possamos ter- por mais que pareçam resultados de sentimentos, pensamentos e experiências, exclusivamente pessoais, elas só podem existir a partir de quadros sociais da memória (Halbwacks apud Santos, 1998). Estes quadros sociais são as representações coletivas, conflitivas e em constantes mudanças relativas a diferentes grupos, que socializam e constituem os próprios indivíduos e suas memórias.

Dito autor também crê que a memória coletiva tem uma dimensão individual ou singular, como resultado da elaboração subjetiva, que a distingue, de forma bastante específica, da história.

Dentro desse contexto, a memória nunca parte do vazio, ela é construída junto com a organização de lembranças tomadas como suas pelos indivíduos. No entanto, estas lembranças são originárias do grupo, da interação deste indivíduo outros grupos e indivíduos. Cada um/a possui uma lembrança articulada com as circunstâncias de outros/as.

Sem dúvida, o texto narrado é o lugar de possibilidade da expressão da memória reconstruída, e a linguagem se revela como o processo mais fundamental na socialização desta. Da mesma forma, as narrativas orais articulam as memórias individuais e coletivas numa lógica que permite análises pessoais e sociais, numa implicação de difícil separação, uma corroborando e reconstruindo a outra.

Smolka (2000), buscando entender as condições entre formas de recordar e esquecer, as maneiras de contar, de fazer e registrar as histórias, assinala:

A possibilidade de falar das experiências, de trabalhar as lembranças de uma forma discursiva, é também a possibilidade de dar às ações apagadas, confundidas, dinâmicas, fragmentadas, certa organização e estabilidade. Assim, a linguagem não é apenas instrumental na (re)construção das recordações, é constitutiva da memória, nas suas possibilidades e seus limites, nos seus múltiplos sentidos, e é fundamental na construção da história (p. 16).

De fato, toda consciência do passado está fundada na memória, no entanto, o passado é o que uma pessoa lembra ou imagina que lembra. Dependendo do conteúdo e do contexto, o passado se converte no presente a qualquer tempo. Na realidade, a importância dada ao passado se reflete nas ações que temos no presente. Ou seja, a força do presente dá o significado ao passado. Segundo o historiador Lowental (1998), “a necessidade de utilizar o conhecimento da memória, de esquecer assim como lembrar, nos obriga a selecionar, destilar, destorcer e transformar o passado, acomodando as recordações às necessidades do presente” (p. 77).

Assim, até o ato de esquecer forma parte do processo construtivo da memória. As lembranças necessitam ser continuamente descartadas e combinadas para que, com a ‘ajuda’ daquilo que esquecemos, seja possível classificar e estabelecer ordem no caos de nossas vivências lembradas: “Faz sentido esquecer. Esquecer muito não é apenas desejável, é inevitável” (ibidem, p. 96).

De fato, narrar possibilita ao sujeito produzir efeitos de sentido sobre sua vida. Assim, o estudo da memória permanece também relacionado ao estudo da linguagem. Desde as civilizações de linguagens predominantemente orais, o discurso como forma de conhecimento permanece como testemunho construído de saberes vividos socialmente. Assim, as relações sociais construídas concomitantemente às vivências pessoais constituem as lembranças singulares que serão alteradas e comunicadas, reformulando o antigo e criando o novo a cada relação discursiva:

Na verdade, precisamos das lembranças de outras pessoas tanto para confirmar as nossas próprias, como para dar-lhes continuidade. Complementadas pela dos outros. Compartilhar e validar lembranças as torna mais nítidas e estimulam sua emergência (...) No processo de entrelaçar nossas próprias lembranças dispersas numa narrativa, revemos os componentes pessoais para adequar o passado coletivamente recordado e, gradualmente, deixamos de diferenciá-los (Halbwachs, 1990, p. 75).

Cada memória, assim como identidade, tanto individual como coletiva, é múltipla, inacabada, instável, performativa, experimentada mais como uma procura do que como um fato.

É nesse sentido que compreendemos o valor da memória como construtora do presente e ordenadora de episódios ‘dignos’ de ser narrados.

Portanto, a partir da análise das narrativas, defendemos a hipótese de que o ‘eu’ destas narradoras é construído pelas relações discursivas que estas mantêm, permitindo uma resignificação do rumo de suas vidas. Mediante tais narrativas, estas mulheres exercem um papel ativo na reconstrução de sua memória e na organização de uma ideia coerente sobre si mesmas.

A narrativa de uma trajetória vivida é igualmente uma construção não linear, com acontecimentos descritos baixo uma lógica própria e singular de argumentos. É um momento de realizar a regência de múltiplos episódios, situações, cenários, ações e estados afetivos, evocados pela memória. A apropriação destes elementos revela, portanto, o fundo ficcional de toda narrativa biográfica. Além disso, mais além de sua conotação de “fingimento” ou “mentira”, ficção significa exatamente inventar, criar. A narrativa, assim, é uma estrutura da experiência capaz de integrar as duas classes de relatos – o histórico e o ficcional.

Jerome Bruner (1994, 1997, 1998), psicólogo construtivista, argumenta sobre a narração como um modo de “fazer a vida”. Segundo este autor, as narrativas são formas de interpretação e reinterpretação contínuas de nossa experiência. A construção da história de vida se encaixa nas circunstâncias atuais da narradora, ou seja, suas lembranças são fatos presentes, tendo em conta sua situação atual.

O autor ressalta que a vantagem desse ato é a possibilidade de fazer da vida um lugar de criação a partir da narrativa, e afirma: “a vida não é ‘como ela foi’, mas como ela foi contada e recontada” (1994, p. 36), ou seja, como ela está sendo experimentada sob a forma de narração.

No nosso caso, segundo Bruner, a narradora é o produto das situações em que opera por causa da reflexão, que é, por sua vez, a capacidade de refletir o passado pelo presente, e de sua disposição de visualizar alternativas, que é sua criatividade.

A reflexão e a criatividade permitem, ainda, o entendimento da identidade como uma construção narrativa. Um eu que surge remodelado em seu discurso, neste rico diálogo construtor de significados.

Para Bruner “o si-mesmo não é algo estático ou uma substância, senão uma configuração de eventos pessoais numa unidade histórica que inclui não apenas o que fomos, mas também antecipações do que seremos” (1997, p. 91).

Portanto, narrar também se configura como a extração de significados de uma vida cotidiana. A autora do discurso mistura o que tem feito e sentido com o que ela espera que ocorra e transforma isso num relato compreensível na construção de novos significados.

Deste modo, o sujeito que narra elabora o roteiro de sua vida no momento da narrativa, e a exprime no texto narrado, revelando seu sentido no efeito catártico que esta produz. No relato, o efeito catártico emerge do conhecimento de si mesma, fruto de uma vida analisada. Para Ricoeur (1997), filósofo da hermenêutica, “uma vida examinada é, em ampla medida uma vida depurada, explicada pelos efeitos catárticos das narrativas tanto históricas como ficcionais veiculadas por nossa cultura” (p. 495).

De modo que a narradora afasta-se de si para ir em direção a si mesma. Ao voltar a si ela já não é a mesma: ganhou distância, construiu, reconstruiu, delineou-se e apurou seu olhar.

Considera-se assim, a narradora, debruçada sobre as lembranças de suas experiências, alguém que tem diante de si a opção de revelar o acontecimento tal como há vivido ou de ocultar dados a seu ouvinte.

Se a narradora escolhe ser fiel ou não à própria experiência vivida, ela pode atualizar em sua fala os códigos mais profundos que estruturam sua concepção de mundo e os sentidos de sua experiência de vida.

Portanto, uma representação oral da história de vida, em seus aspectos visíveis e ocultos, de afirmação e negação -incluindo ‘o que não sou, de onde não vim, para onde não vou’- pode ser também um olhar sobre si mesma, sobre suas ações e seus posicionamentos perante a vida. Trata-se de um discurso não idêntico, porém singular. Uma narrativa construtora do sujeito, a partir de seu repertório, seja ficcional ou não:

As narrativas que os indivíduos produzem não são um reflexo imperfeito de coisas que viram e fizeram, nem um mundo fechado sobre si mesmo de ideias ou representações. São, antes, um meio significativo pelo qual organizam sua experiência no convívio com os demais. Narrando eventos vividos, os indivíduos criam um campo para a ação coletiva: os eventos tal qual narrados postulam

certas identidades e impelem os atores participantes da situação de fala a tomar posições condescendentes com o estado de coisas apresentado (Rabelo, 1999, p. 78).

Enfim, a credibilidade da narrativa não é dada por seu ajuste a uma realidade, mas sim por seu espaço de ficção que cria ao revelar seu real.

Assim mesmo, recorrer à ficção (inventando-a, ou usando-se da invenção alheia) é aumentar por um momento o espaço do real, é direcionar nossos passos para zonas normalmente ocultas. E, neste sentido, não importa o desvio do possível, importa que este desvio possa ser convalidado no interior da lógica da narrativa e do espaço de interlocução.

Estes “modelos” de apresentação das narrativas são modelos para a redescrição do mundo e, no caso das narrativas autobiográficas aqui analisadas, o próprio mundo da narradora, o que permite às informantes, portanto, serem “mentirosas autorizadas” de sua própria história.

De fato, cada encontro com uma entrevistada era um espaço de criação de seu próprio conto. E certamente não estávamos ali para averiguá-lo ou contestá-lo, sim para compartilhar juntas sua (re)construção.

Aqui, ressaltamos também que o ato de dizer implica imediatamente uma expressão corporal, e remete, necessariamente, a uma memória corporal, geralmente esquecida, mas que pode escapar na relação de construção dialógica de sua história de vida.

Em épocas anteriores, história e ficção muitas vezes combinavam e transmitiam percepções que se confirmavam mutuamente. Estilo e linguagem importavam mais que a fidelidade aos fatos históricos. Segundo o historiador Lowental (1998), durante o século XVIII, a história era lida ou escutada não tanto pelo que contava sobre o passado, senão pela forma como era contada.

Desse modo, a diferença entre história e ficção reside mais no propósito que no conteúdo, ou melhor, “não há mais ficção ou não ficção, existem somente narrativas” (idem, 1998, p. 131).

Todos os relatos sobre o passado contam histórias sobre ele, e por isso são parcialmente inventados. A verdade da história fica validada na percepção das maneiras que estas possam ser contadas. Para Lowental:

A verdade absoluta é um critério recente e comum para avaliar relatos do passado. Na maioria das sociedades de tradição oral, o status dos relatos históricos dependia mais da reputação de seus narradores do que da fidelidade a fatos conhecidos, ou de sua eficácia na explicação (ibidem, 1998, p. 144).

Analisando o conceito de verdade a fim de respeitar a dimensão expressiva das narrativas, sugerimos a análise destas como expressões factuais, privilegiando a realidade que é experimentada pelas narradoras ao contá-las. De igual maneira, o corpo das narradoras representa, indubitavelmente, a verdade de suas vidas.

O relato autobiográfico se enquadra, portanto, no modelo de construção sociolinguística de significados “revelados” pela narradora: já que a própria autora é ouvinte de sua história, considerando o real como um material impulsionador, e não o fundamento de seu discurso. No entanto, é necessário ter os códigos da realidade, a partir de vivências pessoais e coletivas para, a partir daí, “recordar” os episódios vividos e construir o argumento de suas narrativas.

Eco afirma que os leitores ou ouvintes de uma história ficcional necessitam conhecer várias coisas sobre o mundo real para poder assumi-lo como um fundamento correto para o mundo fictício: “Eles permanecem com um pé no mundo de fato e outro no universo narrativo do discurso” (Eco apud Brockmeier e Harré, 1994, p. 358). Portanto, o real é verídico, narrado e vivido dentro do contexto dialógico.

Assim, seja inventando ou deformando o real, a ficção serve sempre de medida para esse mesmo real para destacar-lhe, definindo seus contornos através de um distanciamento que permite à narradora, novas e inusitadas perspectivas, refazendo assim, a intriga de sua vida.

Em Ricoeur (1996), a intriga realiza diversas mediações: entre “a diversidade de fatos e a unidade temporal da história narrada; entre os componentes desconectados da ação – intenções, causas e causalidades, e o encadeamento da história, finalmente entre a pura sucessão e a unidade da forma” (p. 140); constituindo assim a problemática central nas narrativas de vida, lugar de expressão do real e do experimentado como real. Logo, a intriga equivale a um papel articulador da ordem e do caos da narrativa.

Deste modo, a personagem, também autora da história narrada, é a representação de uma identidade que é expressa e revelada no momento da narração. A seguir procuramos questionar como é possível construir e inventar esta identidade a partir das histórias que criamos.

1.3 Identidades pessoal, social e narrativa.

1.3.1 Identidades

Em uma análise sobre como o “eu” é modelado linguisticamente, nos parece que ao relatar os episódios da vida, nos valem de caracteres seletivos e incompletos que se assemelham à construção ficcional da narrativa.

A gênese e o desenvolvimento do “eu” foi abordada de inúmeras formas nas psicologias e variados são os termos utilizados para nomeá-lo: ego, self, identidade, etc.

O termo identidade constitui um conceito de utilização frequente em vários campos das disciplinas psicológicas, apesar da falta de consenso que o cerca. Segundo Lopes (2002), o conceito é construído em diálogo com a filosofia e a antropologia, que refletem a condição do homem em termos de sua subjetividade. De modo que o vocábulo apresenta-se sobremaneira complexo e ambíguo nos textos psicológicos.

Diferencia-se dos termos de pessoa e sujeito social, a partir da reflexão filosófica do século XIX, ao qual originou o surgimento da psicologia em sua ênfase sobre as capacidades humanas e manifestações individuais:

Essa reflexão permitiu três registros da consciência humana: pela identidade consigo mesma, surgiu a figura psicológica do “eu”, o ego -nesse sentido, é uma entidade: id-entidade. A figura moral ou ética, que se pensa em responsabilidade e liberdade, produziu a consciência da pessoa (Lopes, 2002, p. 15).

Dentro dessa mesma perspectiva, este conceito sempre esteve vinculado a papéis sociais ou projetos pessoais, tendo sua origem na distinção entre construções individuais e coletivas.

Junto com os argumentos de estudiosos do assunto como Hall (2003) e Bauman (2007), ressaltamos que a desconstrução que se realizou no interior de várias disciplinas critica de algum modo a noção de uma identidade integral, originária e unificada,

separada do coletivo, no entanto, a definitiva desapareção do conceito das disciplinas sociais ainda não se deu.

Segundo Bauman, “uma vez que a identidade perde as âncoras que fazem que pareça “natural”, predeterminada e inegociável, a “identificação” se faz cada vez mais importante para os indivíduos que procuram desesperadamente um “nós” ao que possam ter acesso” (2007, p. 57).

Assim, esta mudança de termo- identidade por identificação, mas não de conceito, corrobora com a ideia de que as identidades nunca podem ser unificadas, e nos tempos da modernidade tardia, estejam cada vez mais fragmentadas e quebradas; portanto, nunca são singulares, senão construídas de múltiplas maneiras através de discursos, práticas, atuações e posições diferentes.

Como aponta Hall (2003), as identidades têm a ver com as questões referidas ao uso dos recursos da história, à língua e à cultura no processo do porvir e não especialmente de ser; não “quem somos” ou de “de onde viemos”, senão em que poderíamos converter-nos, como nos representam e como isso se refere ao modo como poderíamos representar-nos: “As identidades, em consequência, se constituem dentro da representação e não fora dela” (p. 17).

Por tratar-se de um conceito “calorosamente contestado” (Bauman, 2007, p. 163), nos propomos entrar nesta “batalha” apresentando alternativas de desconstrução e criação, sem perder seus fundamentos profundamente políticos em suas origens e em suas implicações e tentando analisar principalmente seus desdobramentos narrativos.

1.3.2 O pessoal, o social e o narrativo

A partir das disciplinas sociais que contribuíram com a categoria de identidade na sociedade moderna, se enfatiza a construção social e relacional da identidade por um lado, assim como sua natureza socialmente estruturada; e do outro lado uma identidade mediadora crucial do cognitivo coletivo, que opera no ambiente social das pessoas, suas percepções e comportamentos.

A ideia de que identidades coletivas são construções políticas e sociais, que devem ser tratadas como tal, surge de estudos sócio antropológicos, que revelam,

também, que as identidades coletivas são construídas e reconstruídas segundo interesses condicionados socialmente.

Segundo Simon (2004), a relação entre o individual e o grupal foi declarada como um problema chave da psicologia social. E ressalta que simplesmente ao identificar aspectos sociais (como sexo, etnia, nacionalidade) ou pessoais (como características físicas e psicológicas) não se define a identidade coletiva ou individual: “a maioria dos aspectos pessoais, podem ser experimentados e repartidos socialmente ou através de categorias sociais. Isso serve de base para uma identidade coletiva segundo as apropriadas condições sociais” (p. 53).

Assim, como define Simon, a identidade coletiva (ou social) é a identidade de uma pessoa derivada de um coletivo, e não a identidade de um grupo *sui generis*. Quer dizer, determinadas circunstâncias sociais e grupais formam uma identidade compartilhada por determinadas pessoas, e a maioria dos aspectos de si, individuais, possuem uma identidade coletiva em potencial. E quando estes respectivos aspectos de si são focalizados, este potencial prontamente se manifesta. Assim disse Tajfel, citado por Simon: “um grupo é um corpo de pessoas que se sente como um grupo” (p. 53).

Tajfel (1978, 1984), psicólogo que desenvolve suas pesquisas sobre discriminação entre grupos, contribui com significativos conceitos, a partir de seus experimentos no contexto de uma psicologia social convencional de marcada tendência individualista, e entre eles apresenta a teoria da identidade social.

Criando grupos a partir da informação de que suas participantes tinham um aspecto de si mesmos/as particular e compartilhado com outros/as participantes, este autor trabalhava com o exame de um microcosmo ou paradigma do grupo mínimo, que facilita a focalização e a concentração de aspectos pessoais para, desde aí, estudar o conceito de identidade social.

A partir do trabalho desenvolvido por Tajfel e seus experimentos de categorização grupal, a teoria da identidade social se converteu, com o passar do tempo, como uma das teorias fundamentais na forma de entender e explicar as relações entre grupos.

Tajfel define assim a identidade social como “aquela parte do autoconceito de um indivíduo que deriva do conhecimento de sua pertença a um grupo (ou grupos) social com o significado valorativo e emocional associado à dita pertença” (1984,

p.292). Estudos desenvolvidos dentro desse paradigma predizem que a simples percepção da existência de duas categorias distintas é razão para provocar algum tipo de preconceito grupal e que qualquer valorização positiva ou negativa sustenta respectivamente uma identidade social positiva ou negativa.

O autor compreende assim identidade social não como o resultado da pertença a determinados grupos (uma ideia tradicional da psicologia), senão como um mecanismo causal que determina as relações entre grupos. A identidade social, portanto, se constrói através de um processo de comparação social determinado.

Assim, suas contribuições são essenciais para o estudo de ambas as identidades, a coletiva (ou social) e a individual (ou pessoal), pois, como conclui Simon (2004), “ambas se originam e são endossadas ou aprovadas por condições sociais específicas e também ambas funcionam como mediadoras entre estas condições e as percepções e os comportamentos das pessoas” (p. 54).

Com efeito, a descrição de identidades sociais pontuais que se gerariam espontaneamente em situações de comportamento coletivo arroja nova luz e rompe com a noção de “essência” da identidade social, fazendo-a contextualmente dependente.

A noção de uma identidade atravessada pelo social é desenvolvida também nos estudos de Halbwachs (1990), quando esta teoria sobre os quadros sociais da memória coletiva, conceito referido no capítulo anterior. Segundo o autor, a personalidade dos indivíduos se forma em contextos de interação interpessoal ou grupal.

O autor então explica a individualidade e também a memória por meio do processo de diferenciação pelo qual costuma passar cada indivíduo em suas múltiplas experiências de vida. Sinônimo do conceito de si-mesmo/a, compreendido como o conjunto dos signos distintivos que permitem identificar um indivíduo como sendo ele mesmo, o conceito de “eu” é constituído mediante a confrontação do indivíduo tanto com sua imagem especular, com outra imagem, num processo de construção recíproca.

Os “eus” contribuem a desenvolver a problemática das construções identitárias coletivas. No entanto, a identidade foi crescentemente requerida como uma apropriada reflexão psicológica de um posicionamento social complexo na sociedade moderna. Adverte-nos Simon (2004), uma difícil diferenciação e organização social requer uma perspectiva paralela de um/a mesmo/a.

Segundo o autor, precisamente a privatização psicológica, o subjetivismo reflexivo e as inúmeras expressões individuais de si nos colocam na pós-modernidade, onde, por esse mesmo motivo costuma-se apontar as identidades coletivas como em extinção. E, justamente, através da simples intenção de desconstrução da concepção imperante do eu no ocidente se permite mostrar seu inelutável caráter político.

Não obstante, a partir do argumento de Simon, contribuimos com a nossa abordagem atual. Se a sociedade fomenta esta instabilidade coletiva, uma vez postulando a importância do individual sobre o social, construindo identidades descentradas, flexíveis, negociadas, agenciadas, momentâneas, assim também serão as identidades referidas ao coletivo e aos grupos, cada vez mais dependente do contexto, frágil e transitório, mas não inexistente: “A complexa modernidade nos dá acesso a uma multidão de aspectos de si e, portanto, fortalece a identidade individual, mas ao mesmo tempo provê uma rica oportunidade estrutural para as formações de várias identidades coletivas potenciais e latentes em crescimento” (Simon, 2004, p. 64).

Do exposto, aceitamos e colaboramos com a ideia de que vivemos em meio de uma multiplicidade de discursos que marcam fronteiras políticas e estes constroem estas identidades coletivas, provisórias, contingentes e mutantes, incluindo a identidade sexual. Segundo Bauman (2007), identificar-se “com” significa “entregar reféns a um destino desconhecido sobre o qual não se poder exercer nenhuma influência, nem muito menos controlar. Portanto, talvez seja mais fácil vestir-se com identidades” (p. 70).

Assim, o trabalho de “vestir” identidades é como o de fazer bricolagem com o material da vida e do entorno que se tem à mão ou à fala. Neste sentido, a oportunidade das narradoras de brincarem com seu próprio discurso não diminuía em nenhum momento a importância do momento de criação, pelo contrário, enriquecia seu repertório.

A partir do reconhecimento da importância do estudo destes discursos é que Potter e Wetherell (1992), situando a identidade num contínuo que ia do polo interpessoal ao intergrupar, examinam como se explicam os típicos processos sociais e psicológicos que produzem conflitos intergrupais, estruturando os modos de interação social que envolvem categorias e agrupamento de pessoas, e argumentavam: “A identidade é construída a partir de narrativas disponíveis e práticas discursivas que interacionam com outras práticas sociais” (Potter e Wetherell, 1992, p. 67).

Em consequência, parece-nos pertinente encarar o conceito de identidade não meramente como uma entidade sólida, construída a partir de pressupostos teóricos próprios, senão através de uma politização desse conceito, reconhecendo-a como explicações disponíveis num contexto sócio cultural específico, com claras funções sociais e políticas, desconstruindo sua posição imperante sobre o sujeito e a realidade.

Em outros termos, muitas categorias que conformam nossa identidade estão ligadas a nosso mundo interpessoal, portanto essa identidade pessoal ou social também pode ser politizada, adquirindo determinados traços políticos, dentro de uma cultura inserida, e possivelmente relacionada com o poder (Simon e Klandermans, 2001).

Hall (2003) também vê a identidade como um processo nunca terminado, tampouco determinado, e sim condicional, afinado à contingência. Sugere que é precisamente porque as identidades se constroem dentro dos discursos e não fora destes é que devemos considerá-las produzidas em “âmbitos históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, mediante estratégias enunciativas específicas” (p. 18).

Tratar então a identidade como formas múltiplas de atualizar-se -a partir de distintas maneiras onde nos referimos a nós mesmos/as-, é tentar praticar a reconstrução de uma produção de significados alternativos, numa criação contínua de si mesmo/a, ou seja, a narrativa sobre si mesmo/a é também a criação identitária deste/a.

De fato, as narrativas são ao mesmo tempo modelos de mundo e modelos de si mesmo/a. É através dessas histórias que nos construímos a nós mesmos/as como parte do mundo. Trata-se de compartilhar um sentido pessoal através dum repertório social e cultural.

O que bem sintetiza Hall (2003):

Uso identidade para referir-me ao ponto de encontro, o ponto de sutura entre, por um lado, os discursos e práticas que tentam “interpelar-nos”, falar-nos ou pôr-nos em nosso lugar como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos suscetíveis de “se dizerem”.

De tal modo que as identidades são pontos de adesão temporal às posições subjetivas que nos constroem as práticas discursivas. São o resultado da uma articulação ou “encadeamento” exitoso do sujeito no fluxo do discurso (p. 20). Ou seja, uma representação teatral do eu.

Nesse sentido, o filósofo Ricoeur (1994, 1996) propõe um conceito chave como o de identidade narrativa, segundo o qual a experiência humana só tem sentido quando é articulada sobre uma forma narrativa. Ela é revelada no plano da intriga, onde os personagens ganham traços identitários apresentados pela própria história. E explica:

A pessoa, entendida como personagem do relato, não é uma identidade diferente de suas experiências. Ao contrário: comparte o regime da identidade dinâmica própria da história narrada. O relato constrói a identidade da personagem ao construir sua história narrada. É a identidade da história que faz a identidade da personagem (1996, p. 147).

Atendendo ao desfazer o essencialismo da identidade, construímos uma identidade ao narrá-la. O discurso, portanto, é a reconstrução de si mesmo/a, com uma identidade móvel, individual e social ao mesmo tempo, onde o passado é escolhido pelo presente de modo novo e através de novas configurações.

Em outras palavras, Ricoeur afirma que nas narrativas autobiográficas se revela o caráter indeterminado de todo discurso social, no qual a narradora pode ter acesso à interpretação dos fatos no momento mesmo em que a referência objetiva sobre esses fatos está sendo enunciada. Significa dizer que a narração de si mesmo/a é sempre a construção *a posteriori* que pode dar significado a uma trajetória, ordenando as ações vividas e as ações narradas.

Neste mesmo trabalho, expõe: “a identidade da personagem é resultante da trama construída na interação. Ainda que o si-mesmo seja a unidade narrativa, esse discurso reflexivo e auto-referente será diverso, variável, descontínuo e instável” (p. 55).

Por esse motivo, são várias as razões para analisar criticamente o conceito de identidade como operação que define os seres humanos desde discursos que se reclamam como verdadeiros, onde se verifica um forte exercício de dominação. Parece que a análise crítica das relações interculturais advoga por uma destruição das identidades, o que significa “pôr em dúvida o que comumente se aceita como via para gerar novas formas de ação social” (Gergen apud Cabruja, 1998). Quer dizer, descartar as noções substanciais de identidade para socavar as ideologias que mascaram e as posições de sujeito que possibilitam.

Este trabalho, portanto, propõe, através da própria voz e corpo da mulher, visualizar uma identidade mutante e ao mesmo tempo edificante da realidade.

A construção destas identidades através da narrativa vai mostrando também traços da própria construção de um feminino. Curiosamente a nenhuma das entrevistadas se lhes foi questionado o significado de ser mulher, porém a cada texto narrado se criavam pistas dessa construção, onde o gênero se desenhava numa linguagem oral diante de nós (entrevistada e ouvintes) e também através da linguagem do seu próprio corpo.

2. FUNDAMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO NARRATIVA DO FEMININO

O TEXTO TEM CORPO

Depois de haver conhecido algumas estratégias do texto oral na construção do “eu”, tratamos agora de especificar um pouco mais nosso olhar e nossas intenções neste trabalho, expondo os traços constitutivos de um “eu” feminino narrado em diferentes linguagens.

Primeiramente, apresentaremos as questões ainda tão reticentes a algumas ciências que não se permitem atravessar pelos estudos feministas e sua incontrovertida importância. Os conceitos de gênero, sexo, sexualidade e corpo serão expostos para em seguida direcionar o trabalho a sua questão fundamental.

Sugerimos, desde já, que a construção de um “eu” feminino, neste caso de uma mulher, pode ser realizada também a partir da construção oral de sua história de vida, e pode dar-se ainda através dos traços de seu corpo, da materialidade do corpo/fala.

Insistimos, também, que estas expressões são vividas como forma de resistência, de criação e reclamam ainda sua liberdade. Assim, o corpo e a fala femininos, interdependentes, se expressam com estratégias próprias e se constituem o próximo ponto de nossas análises.

2.1 Gênero, sexo e sexualidade

2.1.1 - Gênero

Segundo a antropóloga Moore (1999, p.18), seria impossível dedicar-se ao estudo de uma ciência social, prescindindo do conceito de gênero, posto que, igual ao que o conceito de “ação humana” ou de “sociedade”, este não pode ficar à margem do estudo das sociedades e ciências ditas humanas.

Ao mesmo tempo, pensar que algo é natural, é crer que é imutável. Estes conjuntos de supostos sobre a “naturalidade” conduzem a certas práticas opressivas e discriminatórias tanto sexuais como sociais. É por isso que desde a crítica feminista

sobre o sexo como algo imóvel surge o uso da categoria de gênero como uma construção social.

Neste contexto, contemplamos o gênero como uma relação de categorias socioculturais, tratando de valorizar sua análise simbólica que se põe de manifesto, uma vez compreendido como se articulam socialmente as mulheres e os homens, e como o resultado dessa articulação define e redefine a atividade social.

Para esta autora, gênero é uma categoria multidimensional que permite analisar os processos subjetivos e as relações interpessoais.

De fato, o gênero começou a ser utilizado quando se referia à construção sociocultural dos comportamentos, atitudes e sentimentos de mulheres e homens. Assim, essas diferenças não são naturais e estas associações não procedem da natureza biológica ou social de cada sexo, senão que são uma construção social, apontada pelas atividades sociais que determina e pelas quais é determinada.

Na sociologia, as questões de gênero foram estudadas em pesquisas sobre a família por grandes pensadores do século XIX. F. Engels e E. Durkheim estabeleceram traços da família contemporânea, rompendo com a tese de que a dominação masculina existia desde sempre e desmascarando a naturalização burguesa da subordinação das mulheres.

Para estes sociólogos, segundo os estudos de Varela (2001), o desenvolvimento da propriedade privada e o desejo de que esta fosse transmitida aos filhos introduziu a monogamia (a primeira forma de família que não se baseava em condições naturais senão econômicas) onde, em seguida, ocorreria a “grande revolução” que mudou os direitos compartilhados e implantando o status de poder que o homem varão ostenta até hoje.

Segundo estes estudos, a família deve progredir com a sociedade e mudar na medida em que esta não o faça. O Estado em seguida introduziu seu poder na vida familiar e doméstica alterando os direitos dos parentes e estabelecendo leis de conduta familiar.

Assim se implanta o status de dominação do varão sobre a família de caráter iminentemente romano, onde o *pater familias* era dono desta instituição social: um trânsito da sociedade de direito materno ao direito paterno e a definitiva submissão da sociedade aos valores patriarcais.

Porém, muitas/os estudiosas/os das questões feministas, como aponta Celeya (1999), duvidam da existência do matriarcado nalgum momento da história. De fato, as evidências de culturas em que as mulheres exerciam algum tipo de poder ou direito prevaletente não beneficia em absoluto “o movimento de libertação da mulher, senão que redundava uma vez mais na ideia da necessidade e inevitabilidade da mudança dos valores femininos pelos masculinos, do acatamento do sistema patriarcal e o abandono da uma postura antinatural por vontade própria” (p. 10).

As questões não foram resolvidas, a sociedade evoluiu e o poder ainda continua sendo a grande marca das relações sociais. Não obstante, as questões de gênero seguem sendo polêmicas e esse tampouco é um tema suficientemente debatido com a merecida ênfase pela psicologia social.

O termo gênero, como afirma Narotzky (1995), determina um enfoque social desenvolvido por influência das ciências sociais anglo-saxônicas e do feminismo. “É uma construção social e cultural que não se articula a partir de definições normativas do masculino e do feminino que criam identidades subjetivas e relações de poder tanto entre homens e mulheres como na sociedade em seu conjunto” (p. 89).

Foi cunhado primeiramente nos anos setenta, pelo feminismo acadêmico anglo-saxão com a pretensão de diferenciar as construções sociais e culturais da biologia. Os estudos de Lamas (1999) nos mostram um percurso da construção dessa categoria social, que além de um objetivo científico, possuía um claro objetivo político: “diferenciar que as características humanas consideradas ‘femininas’ eram adquiridas pelas mulheres mediante um complexo processo individual e social, em vez de derivar-se ‘naturalmente’ do seu sexo” (p. 147).

Na atualidade, o termo gênero, ainda que amplamente utilizado, não possui um significado claro e compartilhado em todos os âmbitos sociais. Como enfatiza outra vez Lamas: “Cada vez se fala mais da perspectiva de gênero; não obstante, ao analisar dita perspectiva se constata que gênero se usa basicamente como sinônimo de sexo: a variável de gênero, e o fator gênero, são nada menos que as mulheres” (p. 148).

De fato, incluir as mulheres nessa categoria sem nomeá-las, não facilita um modo de decodificar o significado que as culturas outorgam à diferença de sexos e tampouco a compreensão das complexas conexões entre as várias formas de interação humana.

As diferenças biológicas não proporcionam uma base universal para a elaboração de definições sociais. Compreendemos assim que o conceito mulher não pode construir uma categoria analítica universal de investigação. Por isso mesmo, não podem existir conotações analíticas em expressões tais como “situação da mulher”, “subordinação da mulher” o “hegemonia do homem” quando se aplicam universalmente.

Nesse trabalho, nos centraremos no conceito de mulher como atriz social, como uma pessoa que experimenta, que atua sobre a construção do mundo e sua influência na vida social, abarcando assim a variedade da noção de indivíduo e de pessoa numa cultura a outra a igual que ocorre com as de mulher e homem.

Segundo a definição de Stolcke, os gêneros são “aquelas categorizações de pessoas, de artefatos, acontecimentos, sequências, etc. que se inspiram em imagens sexuais sobre os modos em que as distinções entre características masculinas e femininas configuram as ideias de pessoais concretas sobre a natureza de relações sociais” (2004, p. 88).

Desta forma, em outro artigo, a autora defende que a teoria de gênero pode conduzir a uma política de gênero nova e subversiva tão somente se presta atenção às formas de poder e dominação, compreendendo, assim, o gênero também como uma perspectiva relacional, “um projeto político que exige a superação de todas as formas de desigualdade social” (1992, p. 90).

O que fica claro com as definições de Stolcke (2004; 1992) é que os estudos das diferenças e das desigualdades de gênero parecem liberar-se de seus referentes biológicos ao assumir que nem todas as culturas representam da mesma forma a diferença entre os sexos, nem lhe atribuem a mesma importância social. Isto é suposto no caso das diferentes entrevistadas.

Assim mesmo, o conceito de gênero na academia, de onde se argumenta sua origem, revela um termo sintético que faz referências à construção social das relações entre mulheres e homens, cujo significado e significações políticas não estão sempre claros.

De fato, as relações de gênero se viram transformadas pelo sucessivo impacto da ocidentalização, da colonização e do capitalismo internacional. Como outra vez o argumenta Moore (1999), o modelo natureza/cultura e mulher/homem dá por suposta

uma unidade cultural que não está justificada, e exclui a possibilidade de que grupos sociais distintos percebam e experimentem as coisas de diferente maneira.

Ainda, como elemento alternativo de análise, é impossível deixar fora desta discussão à filósofa Judith Butler com quem se costuma relacionar à subversão do imperativo do corpo sexuado biológico abolindo assim a categoria de gênero.

Aludimos a teoria *queer*¹ como uma política desconstrutivista que traduz essa indefinição argumentando que as distintas identidades sexuais são produtos históricos e sociais, em lugar de naturais e intrapsíquicos e que as identidades fixas são tanto a base da opressão como do poder político. Como aponta Gamsom (1995): “o gênero é uma designação social (...) o sexo oposto é nenhum” (p.159).

Um dos méritos da teoria *queer* que se pode encontrar em seu livro *Gender Trouble*, publicado em 1990, foi fazer uma desconstrução do conceito de gênero no qual está baseada toda a teoria feminista.

O problema que Butler apontou foi a inexistência deste sujeito que o feminismo tenta representar, tirando da noção de gênero a ideia de que esse vinha do sexo para discutir daí a condição discursiva e cultural do sexo, assim como se costuma dar ao gênero.

Portanto, o que define gênero é a ação simbólica coletiva e discursiva. A cultura marca aos seres humanos com o gênero e este marca a percepção de todo o demais: o social, o político, o religioso, o cotidiano.

Segundo a autora podemos, ao adotar um gênero, mantê-lo ou alterá-lo, pois estas não são categorias fixas. Inclusive um gênero fixo tem que ir fixando-se dia a dia, nunca fica estagnado definitivamente; constantemente se refaz e se restabelece do modo que seja. Como esclarece Moure (2012): “há tantos gêneros como indivíduos e nem sequer cada sujeito tem que permanecer instalado nessas celas toda a vida. As pessoas mudam” (p. 19).

Além do mais, as diferenças sociais se constroem como produtos históricos que distintos grupos configuram ao relacionar-se para alcançar aquilo que consideram recursos necessários. E o gênero, em sua diversidade cultural e social, não é senão uma

¹ *Queer* significa, traduzido do inglês, “raro”. Surge como um movimento nos EUA dos ‘90 pondo em questão a diferença clássica entre gênero e sexo e a divisão do mundo entre homem e mulher. Como teoria, enfoca uma posição crítica com respeito aos efeitos normativos de toda formação identitária, não só o sexual, mas também às referidas de raça ou à classe. Fora das leis de gênero, tentam desmontar a suposta naturalidade e coerência das categorias sexo, gênero e sexualidade com as estratégias de performances. Ler mais: Butler, 2001, 2002 e Gamson, 1995.

das formas mais recorrentes de criação de diferenças, que em sua inter-relação com outras constrói o sistema de desigualdades numa sociedade.

Assim, o que Butler (2003) argumentava era que o gênero era inconstante e contextual; que não denotava um ser substantivo, mas, por ser uma estilização repetida do corpo, que se cristalizava com o tempo e produzia a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. A partir dessa lógica de poder e de dominação o define: “um ponto de relativa convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (2003, p. 29).

Ante essas circunstâncias, não há possibilidade de um acesso “ao natural” como se o natural fosse algo originário e independente de concepções culturais, disto que damos em chamar “natureza”, aclara Butler, senão que sexo/gênero é uma sorte de modelo onde já estamos construídos/as de uma maneira determinada.

Butler dá, assim, um valioso passo teórico e político adiante, partindo de uma estratégia performativa de desestabilizar o sexo, o gênero e a sexualidade ao insistir em que se tratam de fenômenos contestáveis, dinâmicos e até mesmo subversivos, que não devem e não podem ser confinados ao dualismo sexual biológico, senão que devem ser resgatados da regulação heterossexual normativa para serem reconhecidos.

Porém, dentro desse reconhecido giro de estratégia de análise, costuma-se marcar algumas críticas a sua teoria. Uma delas refere-se ao alcance de sua proposta, posto que não há um programa de liberação universal, válida para todas as mulheres. Porque para algumas, isso da subversão do corpo não teria em absoluto um sentido de libertação senão que constituiria mais o reforço do *status quo*.

Aí está um bom motivo para o cuidado das análises do corpo como materialidade, reconhecendo a importância da tendência das investigações destinadas a sacar à luz, e valorizar, os saberes e as práticas.

Seguindo com as críticas, Maquieira (2001) afirma que, em Butler, o gênero é produzido discursivamente desde práticas de exclusão e, por conseguinte, a luta contra o gênero requer a inclusão de todos os discursos possíveis sobre o sexo, as práticas sexuais e as identidades sexuais, porém ao mesmo tempo não permite essa liberdade completa, posto que a maioria das pessoas não encontram atributos de gênero nem fluidos, nem abertos para a livre escolha.

Igualmente, argumenta Stolcke “seguramente só existe uma pequena minoria privilegiada no planeta que goza de plena liberdade para realizar seus desejos sexuais” (2004, p. 96).

O debate vai mais além e, precisamente porque as colaborações de Butler são de fato fundamentais ao estudo do corpo, seguiremos contando com elas no curso desta investigação.

Assim, observamos que, como categoria de análise, o gênero vincula dialeticamente o material e o simbólico, o pessoal e o social, a estrutura e a ação humana, o individual e a sociedade e estabelece um enlace necessário entre o simbólico e o ideológico, marcando o corpo com sua materialidade e visibilidade sexual, além de poder relacionar-se com a categoria de desejo.

Tratado como cita Strathern (apud Stolcke 2004, p. 87), “o gênero é um componente a mais no emaranhado geral das relações sociais”, e como tal permite o estudo das relações assimétricas de poder e oportunidade, operando como uma ferramenta analítica chave tanto na prática investigativa, como em qualquer marco teórico das disciplinas aqui citadas.

Assim, como simbolização da diferença sexual, o gênero se constrói culturalmente diferenciado num conjunto de práticas, ideias e discursos. E, tratando-se este de um estudo que focaliza a relação entre a linguagem e a psicologia social, acreditamos na oportunidade de fazer refletir e avançar algumas questões de gênero, desnaturalizando sua identidade a partir da compreensão que os seres humanos simbolizam e fazem cultura através da linguagem.

Segundo os autores em psicologia social que trabalham questões de gênero e linguagem (Pujal, 1993; Wilkinson, 1997; Cabruja, 1998), a psicologia social, por haver tardado um pouco em reconhecer a linguagem como o “modo primário da atividade social” dentro de seu foco de estudo, não propôs até hoje implicações diretas para possíveis ações sociais e produção significativa de mudanças sociais no âmbito dos estudos de gênero.

Este reconhecimento implica negar teorias que consideram as desigualdades como uma consequência natural, adotando um exame ativo das desigualdades de gênero construídas socialmente e mantidas através da linguagem e das relações sociais no âmbito do estudo de gênero.

Se a consciência está habitada pelo discurso social, a diferença de gênero é a fonte de nossa imagem do mundo, em contraposição com o/a outro/a, e esta condicionada dicotomia homem/mulher, mais que uma realidade biológica, é uma realidade simbólica, política e cultural.

No mesmo estudo de Lamas (1999), reconhecemos que o trabalho crítico e (des)construtivista do feminismo aceitou que nós, seres humanos, estejamos submetidos à cultura e ao inconsciente, reconhecendo as formas insidiosas e sutis do poder social psíquico.

Visto não unicamente como uma teoria a mais, senão como uma consciência crítica que ressalta as tensões e contradições que encerram os discursos dominantes (Varela, 2005), o feminismo é uma ferramenta eficaz para desmascarar esses discursos cristalizados historicamente e respaldados pelo poder patriarcal capitalista. Se se define como patriarcado “o sistema de dominação sexual que é o sistema básico de dominação sobre o que se ergue o resto das dominações como classe e raça, determinando assim a opressão e subordinação das mulheres pela dominação masculina” (Varela 2005, p. 105).

Assim entendido, esta categoria histórica e crítica servirá de importante marco para compreender o caráter “generizado” de todas as relações sociais. Ela conduzirá a questionar a pretendida neutralidade do conhecimento e também ajudar a operar na desconstrução da identidade feminina, posto que essa construção social da feminilidade é uma etiqueta que constitui uma parte principal de nosso autoconceito, precisamente porque a formação dessa ‘essência feminina’ é o resultado de processos complexos articulados em torno ao “dispositivo de feminização”².

Essa construção social da feminilidade é uma etiqueta que constitui uma parte principal do nosso autoconceito. No entanto, como o princípio estruturante e estruturado das relações humanas e do conhecimento nas sociedades ocidentais, este conceito está vinculado à cultura e à história às relações de poder que o envolvem, padecendo assim, por utilizar um termo de Pujal (1993) de um processo de “semiotização”.

Para isso, e partindo do pressuposto de Varela (1997, p. 81), é preciso focar-se “na direção de uma nova ética” que sirva para recusar qualquer forma de poder totalitário e fundada no indivíduo, porém não individualista, que igualmente proponha uma noção de gênero mais relacional, dialógica e corporificada.

Se a sexualidade é construída discursivamente, nos propomos como desafio nesta investigação dissipar mitos de gênero e analisar os processos pelos quais a linguagem pode ser utilizada para criar ou manter traços reproduzidos socialmente em

² Conceito cunhado por Varela (1997) que faz referência às distintas e estratificadas estratégias de poder que regulam a “formação do feminino” nas sociedades ocidentalizadas.

identidades. Por isso mesmo é que seguimos com a apresentação de conceitos limites para a construção e desconstrução da identidade de gênero: sexo, sexualidade e corpo.

2.1.2 Sexo

Para estudar o sexo, faz-se importante reconhecer sua estreita relação com o gênero, inclusive dentro de um marco conceitual que compreende o sistema sexo/gênero como os modos em que “a matéria bruta do sexo é convertida pelas relações sociais de desigualdade num sistema de proibições, obrigações e direitos diferenciados para homens e mulheres” (Maquieira, 2001, p. 162).

Deixando claro que ambos os conceitos são construções sociais, sua mútua vinculação se refere a sua atuação nos corpos, precisamente dentro do corpo social que configura e forja as regras matrimoniais, particulariza os sistemas de parentesco e que transforma às fêmeas e aos machos, em "mulheres" e "homens", dividindo-os em duas categorias sociais incompletas uma sem a outra.

Como já foi exposto, o par sexo/gênero foi um dos pontos de partida fundamentais, ou fundadores da política feminista. No entanto, Butler (2003) aponta recorrentemente que não somente não existe esta cisão entre sexo e gênero, senão, como já foi assinalado, esta ordem mimética que nós damos primeiro ao sexo e depois ao gênero é uma ordem inversa. Precisamente, esta construção social gera as distinções, as divisões e as características que nós chamamos “naturais”, mas, como somente podemos alcançar o natural desde o cultural, sempre o cultural intervém no acesso ao biológico.

Assim mesmo, como afirma a autora, se o gênero e o sexo são livres ou fixos, é em função de um discurso, portanto o próprio “sexo” restringe e reflete o gênero, ou seja, são construções historicamente específicas e condicionadas pela heterossexualidade obrigatória.

Podemos então argumentar ainda com Stolcke (2004) que no lugar de indagar acerca da relação entre sexo e gênero, melhor perguntar-se sobre as circunstâncias históricas em que o dualismo sexual biológico e a sexualidade podem ter consequências sociopolíticas e de gênero.

Assim, apesar das dificuldades conceituais que abordaram as feministas com respeito à distinção entre sexo e gênero, afirma a autora que continuamos precisando

desentranhar “as diferenças que são inevitáveis e aquelas que são escolhidas, daquelas que são simplesmente impostas” (2004, p. 89).

Segundo Maquieira (2001), na sociedade o sexo se instaura através do gênero, definindo-o como as características anatômicas dos corpos, incluindo a genitália, assim como as características morfológicas do aparato reprodutor e aspectos tais como diferenças hormonais e cromossômicas.

Dentro dessas definições especulativas, Stolcke (2004, p.94) também distingue, a partir de Errington, *sexo* com minúscula referido aos corpos biologicamente sexuados, do *Sexo* com maiúscula, à construção cultural particular dos corpos sexuados.

No entanto, os trabalhos históricos-desconstrutivistas, seguindo os estudos de Foucault (1976-1984) que tratam de (des)esencializar a sexualidade, mostram que o sexo inevitavelmente está sujeito a uma construção social. Para este autor não existe um sexo natural anterior ao discurso e este está tão construído como está o gênero porque há sido regulado pelos mesmos sistemas de verdade.

Estes sistemas de verdade são questionados a partir de sua intrigante questão e debatida temática sobre a “verdade do sexo” e seu disciplinamento. Afirma o autor que o único que há são corpos que já estão construídos culturalmente. Quer dizer, não há possibilidade de um sexo natural, porque qualquer aproximação teórica, conceitual, cotidiana ou trivial ao sexo se faz através da cultura e de sua língua, incluindo suas marcas religiosas.

Para fazer, então, uma verdadeira distinção conceitual entre sexo e corpo, Foucault ressalta o conceito de “dispositivo da sexualidade” que se impõe a partir do séc. XIX, desde o absolutismo do sexo.

Segundo este autor, a ideia de sexo é regida por esse dispositivo, que controla sua finalidade e seu funcionamento, e afirma: “o sexo é algo mais que os corpos, dotado de propriedade intrínseca e leis próprias” (1976, p. 184).

Nesse contexto, em palavras de Foucault, a ideia de sexo permite esquivar o que faz o poder do poder; o sexo é o ponto de exercício, o elemento mais especulativo, mais ideal onde o poder organiza, em sua “ocupação” e nos corpos, a linguagem, as forças, a energia, sensações e prazeres.

Isso supõe que o sexo, num determinado contexto, pode funcionar como significante único e como significado universal, dependendo de onde se controla, e que dispositivos estrategicamente dispersos trabalham em prol de sua atribuição e visibilidade.

Assim, é pelo sexo, ponto imaginário fixado pelo “dispositivo da sexualidade” que alcançamos a inteligência, o corpo e a identidade.

No entanto, seguindo as interpretações de Varela (1997) da história da sexualidade que faz Foucault, é necessário buscar outra economia dos corpos e dos prazeres, para lutar por livrar-nos desse absolutismo do sexo no que nos introduziu o “dispositivo da sexualidade”.

Ou seja, livrar-nos da ‘libertação’ através do sexo e da sexualidade supõe compreender que as diferenças biológicas do sexo aparentemente proporcionam o material empírico a partir do qual se constroem as relações de gênero históricas e concretas.

De fato, a própria noção bissexual moderna (dois únicos sexos) é também um símbolo ou uma representação relacionada com outras características de nossa cultura, ainda que pareça aproximar-se mais à realidade empírica. O conhecido estudo do médico Laqueur (2001) já discutia o modelo biológico ocidental dos dois sexos como a “base real” a partir do qual se constroem as relações de gênero.

Em seus estudos das representações científicas dos genitais, desde os gregos clássicos até Freud, compreende que o corpo está tão profundamente ligado aos significados culturais que somente pode ser explicado dentro de um contexto. E, especificamente a teoria dos dois sexos era construída e explicada dentro de contextos ocidentais de luta sobre gênero e poder, posto que a ciência, por questões ideológicas e políticas constrói, também, a diferença entre o homem e a mulher.

Ainda dentro desta temática, a bióloga feminista Fausto-Sterling (2006) discutindo a sexualização do corpo das mulheres, rompe também nossas cadeias acerca de noção dos dois sexos, quando põe na mesa pelo menos cinco sexos, entre mulher e homem, incluindo, ou melhor, tornando visíveis três sexos mais (os intersexuais). A autora aponta a necessidade de revisar esse fenômeno, que, além do mais, não é de todo raro, posto que ao menos 1,7% dos nascimentos atuais são intersexuais, revela a estudiosa.

Por isso mesmo, ainda que os sexos não pareçam problematicamente binários em sua morfologia e constituição, não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois.

Porém, nossa questão se restringe à atribuição sexual que é dada por uma pessoa sobre seu próprio corpo. A identidade também se constrói sexualmente, e de fato, a categoria mulheres -o sujeito do feminismo-, segundo Butler “é produzida e reprimida

pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais procuram emancipação” (2003, p. 19).

Assim, enfatizamos que a identidade sexual também pode ser narrada a partir dos dispositivos e argumentos dados por sua fala e por seu corpo que são ambos inevitavelmente atravessados pela sexualidade.

2.1.3 Sexualidade

A sexualidade, tal qual o gênero e o sexo, é política. Segundo Maquieira (2001), já não podemos falar de sexualidade e sociedade como se fossem campos separados, posto que a sexualidade é algo que a sociedade produz de maneira complexa, “é um produto de negociação, luta e ações humanas atravessadas pelo gênero” (2001, p. 176).

A autora, então, a define como: “comportamentos, sentimentos, práticas, desejos e pensamentos sexuais, assim como os vínculos emocionais e/ou sexuais entre pessoas” (idem, p. 180).

No marco da heterossexualidade obrigatória se entronca gênero e sexualidade, consequência do poder de definir e categorizar o que é necessário e desejável para os corpos e as práticas.

Apesar das significativas mudanças conceituais e práticas que a sexualidade feminina obteve ao longo dos séculos, esta autora afirma que ainda não houve uma mudança na posição subordinada das mulheres e nem sua sexualidade foi contemplada como fruto da autonomia e da escolha pessoal. Assim, compreende Maquieira: “A imposição do desejo feminino como dependente da sexualidade masculina é imutável por parte da heterossexualidade obrigatória” (idem, p. 182).

Mesmo assim, a sexualidade está implicada em diferentes sistemas de dominação, permeáveis entre si, como o são a classe, o gênero e a raça. Isso se deve também às formas dominantes de pensamento científico que são não somente androcêntricas, mas também racistas e classistas.

Estes três elementos permeiam-se ideologicamente numa tendência a naturalizar as desigualdades socioeconômicas. Afirma Stolcke (1999) que: “justamente quando se deixou de falar de raça para falar de etnicidade, se substituiu também, na mesma época, as interpretações biologistas e essencialistas das diferenças de sexo por um enfoque de gênero” (1999, p. 96).

A pergunta chave abordada pela autora citada não se circunscreve a como se relaciona o sexo com o gênero e a sexualidade, senão em que circunstâncias históricas e em que sentido as diferenças de sexo engendram desigualdades de valor e poder entre os seres humanos.

Ainda que a sexualidade, como toda atividade humana, esteja enraizada no corpo, a estrutura corporal, a fisiologia e o funcionamento não determinam diretamente a configuração ou o significado da sexualidade, já que o simbolismo social envolve muito mais frequentemente valorizações positivas ou negativas dos corpos e das práticas sexuais.

A partir destas abordagens, na antropologia do corpo se propõe que o foco estaria em dotar diferentes significados ao corpo e à biologia, “o que tem que mudar são as atitudes, as crenças, os valores, mais que o corpo” (Esteban, 2004, p. 33).

Em suma, assumimos a questão do corpo como origem e instrumento das relaciones sociais com suas distintas formas de comunicação, e a partir da qual se propõem formas criativas de resistência.

É precisamente a sobrevivência da lógica de funcionamento dessa velha ordem, que gerou tanto sofrimento e que contribuiu para a formação do nosso mundo, o que precisamos transformar dentro e fora de nós mesmos/as para abrir espaços a novas experiências de liberdade, tanto da fala quanto do corpo.

Com isso, faz-se sumamente necessário opor-se à lógica do patriarcado e a sua construção negativa da feminilidade e do corpo feminino, mas também dos corpos em geral, através de um controle de uma estratégia de utilização do discurso a favor dos corpos em expressão e materialidade, em plena escritura da vida, e das formas de resistência que isso encarna.

2.2 Corpo e Linguagem - O corpo/fala

Dentro dos estudos feministas, não foi até os ‘70 quando o corpo se converteu num espaço de luta política. Mais adiante, tentaram buscar respostas a incógnitas da diferença sobre o masculino e o feminino, o corpo sexuado e a dicotomia sexo/gênero, questionada pelos estudos *queer* já comentados anteriormente.

O corpo é um nó de estrutura e ação, de experiência e economia política. Por isso mesmo, todo avanço feminista, todo “empoderamento” implica sempre uma experiência do corpo visto e vivido.

A partir disso, podemos afirmar que sem corpo não há sexo, ou por dizê-lo de outra maneira, sem a existência de um corpo físico não se pode observar o sexo biológico (visível) das pessoas, que é a partir do qual se justifica o gênero em primeiro lugar e que mais tarde vem numa categoria social imperante e reguladora em nossa sociedade.

Sabemos que o discurso operacionaliza o poder, e como Foucault uma vez questionou: “a análise da sexualidade como ‘dispositivo político’ implica necessariamente a elisão do corpo, do anatômico, do biológico, do funcional?” (1976, p. 184). E responde negativamente, argumentando que os dispositivos de poder se articulam diretamente com o corpo, nos seus corpos, processos fisiológicos, funções, prazeres e sensações.

O corpo, então, está imbricado em diversos dispositivos e conceitos; está no cruzamento das imposições mediáticas e tecnológicas, seguindo o imperativo das indústrias alimentícias, cosméticas e farmacológicas moldado aos micros poderes vigentes.

Precisamente, focalizamos aqui o conceito de biopoder de Foucault (1976, p.168), que desde a administração dos corpos e gestão cuidadosa da vida, trouxe dentro das instituições um elemento indispensável no desenvolvimento do capitalismo.

Como afirma o filósofo, a articulação deste “poder sobre a vida” não se realizará no nível de um discurso especulativo, mas na forma de arranjos concretos que constituirão a grande tecnologia do poder no séc. XIX, apontando assim que, por primeira vez na história o biológico se refletirá no político.

Dentro da mesma linha de pensamento, as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos ao redor dos quais se desenvolvem a organização do biopoder caracterizada por um poder cuja função “não é matar, mas invadir a vida inteiramente” (Foucault, 1976, p. 169).

O ordenamento e a regulação da sexualidade se tornam assim necessários tanto para a saúde do corpo individual, como da população. Todo o poder se expressava no significado da administração dos corpos e gestão cuidadosa da vida, surgindo a partir do acesso à vida do corpo e à vida da espécie. Deste modo, nesse jogo político o sexo adquire grande importância.

Nós vivemos numa sociedade do sexo, da sexualidade, onde os mecanismos de poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie. Estão aqui incluídos: saúde, progeneração, raça, porvir da espécie e vitalidade do corpo social.

Agora, segundo Lamas (apud Maquieira 2001, p.177): “o corpo é a primeira evidência incontrovertida da diferença humana”. As normas e as práticas sociais através das quais se constroem as relações de gênero constituem uma interpretação seletiva dos dados da natureza e, portanto, do corpo humano, em sua visível materialidade.

O corpo e suas ações são entendidos, assim, de acordo com os códigos de significado prevalentes em sociedades e culturas concretas. A partir da institucionalização das diferenças de gênero se privilegia, entre toda uma gama possível de atributos corporais, somente aqueles que são necessários para um sistema de reprodução humana específica e com base sexual.

Ante essas evidências, o corpo feminino é regulado e controlado através de práticas e discursos específicos –regime disciplinar da feminidade, porém é necessário também ressaltar que estas técnicas disciplinares não somente atuam sobre o corpo das mulheres, mas também estão necessariamente vinculadas com a regulação do corpo masculino e com processos sociais de caráter mais amplo.

Assim dito, esclarecemos que não se trata de contribuir com o caráter misógino dos estudos do corpo da mulher, senão de desmascarar precisamente sua essência definidora e limitadora, abrindo espaço para uma análise do corpo como um instrumento de resistência afirmativa: fala, ação e situação.

Nesse debate, questionamos, além disso, a existência do corpo-matéria prévio ao discurso, e uma visão dualista aprofundada e solidificada, que relaciona mente/corpo, que possui uma tradição filosófica sustentada por relações de subordinação e categorias políticas e psicológicas, que invariavelmente mantém as hierarquias hegemônicas de gênero.

Como afirma Eateban “nessa visão dividida do ser humano, o corpo se apresenta numa consistência que nos permite transformá-lo, parti-lo, esquartejá-lo” (1996, p. 26). Dentro desse debate, por “uma materialidade prévia”, é preciso ter em conta que nossos argumentos se baseiam numa concepção de um corpo atravessado pela cultura, não pré-cultural ou natural, esperando um arranjo da cultura.

Assim posto, faz-se inevitável pôr em seus termos essa materialidade do corpo, encarná-lo, assim como suas diferentes linguagens. Por isso mesmo, as experiências

diferentes do corpo o constroem de uma determinada maneira ou de outra assim como as próprias definições e conceitos que têm o corpo são consequências das distintas maneiras de como o experimentamos, ou como “o escutamos”.

Na pesquisa de campo, diversas impressões foram geradas com o contato com as formas e as maneiras de contar a vida e de vivê-las que experimentamos na aproximação prolongada com as mulheres de cada comunidade estudada. Escolher a metodologia de viver dentro do cotidiano destas mulheres nos colocava perto de sua corporeidade mais original, daqueles desenhos que mostramos com o corpo ao estar diariamente “de corpo presente”, situado/a em cada contexto.

O corpo também instala a pessoa na relação com a outra e com o entorno. Nossa presença, que é um elemento decisivo da apresentação de nossa identidade é também um traço essencial da subjetividade de nosso corpo. De modo que estes traços subjetivos e materiais eram repetidos e registrados na situação íntima das entrevistas.

Então, dentro dessa perspectiva mais integral do ser humano, compreendemos que a intencionalidade e sua capacidade de criação lhe outorgam à categoria de sujeito da experiência, sentimental e física, por sua vez, entendido assim dentro de uma confluência de subjetividade e corporeidade.

Posto noutros termos, não se trata de que o corpo não seja material, ou de negar a matéria do corpo em prol de um construtivismo radical, simplesmente se trata de insistir em que não há acesso direto a esta materialidade do corpo se não for através de um imaginário social: não se pode aceder a “verdade” ou a “matéria” do corpo senão através dos discursos, das práticas e das normas.

Tendo em conta que o corpo é uma matéria que se apreende com a razão que o organiza, a matéria (corpo) existe, pois é um artefato, mas não se concebe sem as normas linguísticas, sociais. É real, porém alcançamo-la através de artifícios (como o gênero) e, no entanto, as normas de gênero se fazem no corpo.

Seguindo outra vez os argumentos de Butler, em seu livro *Bodies that matter* (1993), o eu é o corpo, é uma materialidade organizada intencionalmente, um modo concreto de encarnação, no qual também se encarnam diferentes possibilidades históricas. O corpo é uma situação histórica, uma maneira de fazer, de dramatizar, de reproduzir situações históricas. Em síntese, o corpo é induzido a converter-se em um signo cultural.

O corpo, portanto, constrói a realidade, é atividade, interpretação, inscrição, mas ele também inscreve, através dos atos da fala (que partes deles são corporais, físicos) a

realidade. Assim, a fala é um ato com dimensão corporal. E linguagem e corpo possuem um vínculo íntimo e problemático que reclama continuar sendo pensado.

A questão abordada aqui é: como escutar também o corpo, reconhecendo por sua vez sua corporeidade, sua materialidade que por uma parte está fora do discurso (nasce e morre, envelhece e adocece, produz vida), mas que não pode entender-se sem o discurso?

Acentuamos, assim, uma relação muito estreita entre corpo e linguagem que rompe com a noção de representação. A fala é reconhecida aqui como uma ação cuja peculiaridade é sua dimensão corporal. Não se pode dizer sem que o corpo não interfira, esta é sua condição intrínseca.

Dentro desses saberes interrelacionados, travamos diálogos com especialistas da comunicação (Knapp, 1982 e Davis, 1985), que confirmam a partir de estudos da comunicação não verbal, que estes se encontram inextricavelmente unidos aos aspectos verbais e contextuais da comunicação.

Ou seja, a comunicação não verbal não poderia ser estudada isolada do processo total de comunicação. Como afirma Knapp: “O mesmo que as palavras e as frases, os sinais não verbais podem ter múltiplos usos e significados. (...) O comportamento não verbal pode repetir, contradizer, substituir, complementar, acentuar ou regular o comportamento verbal” (p. 27).

Estes aspectos corporais possuem uma linguagem apreensível na interação através de uma escuta sensibilizada, colaborando com a ideia de que os gestos não se produzem ao azar durante o fluxo da fala, e através de uma percepção aprendida do uso da intuição, todos temos a capacidade de decifrar até certo ponto estas linguagens não verbais.

A parte visível de uma mensagem é pelo menos tão importante como a audível. Assim, resume Davis (1985):

A comunicação não verbal, portanto, é mais que um simples sistema de sinais emocionais e que na realidade não pode separar-se da comunicação verbal. Ambas estão estritamente vinculadas entre si, já que quando dois seres humanos se encontram cara a cara se comunicam simultaneamente em muitos níveis, consciente e inconsciente, e empregam para isso a maioria dos sentidos: a vista, o ouvido, o tato, o olfato. E logo integram todas essas sensações mediante um sistema de descodificação, que algumas vezes chamamos “sexto sentido”, a intuição (p. 16).

Estes autores concordam no fato de que os seres humanos dão mostras duma pauta de atos sincrônicos do corpo/fala e são estes os que não podemos deixar de fora na análise da construção identitária de nossas entrevistadas.

Desta forma expomos duas maneiras de conceituar essa carga material subjetiva que possui o corpo em sua relação com a fala: a linguagem do corpo em seus múltiplos sentidos de interpretação, estudados dentro dos aspectos psicológicos, e também a condição corporal da fala, que chamaremos aqui o ato de fala.

Estudada pela teoria *queer* em diferentes ocasiões, o ato de fala do corpo realiza uma dupla ação: a ação da enunciação do dito pelo corpo. Questionar-se, portanto, a materialidade aqui enfatizada traz incluído o conceito do corpo/fala, ao qual vamos nos aprofundar quando estivermos falando do corpo, no próximo capítulo.

O que melhor resume essa dimensão corporal da fala revela a autora Burgos, pesquisadora das questões *queer* (2008):

Nessa fala que é do corpo, o ato de fala não alcança conhecer por completo aquilo que produz mediante sua fala; o ato de fala não é, portanto, capaz de exercer sobre sua intencionalidade um domínio e um controle como a maioria das vezes pretende. O corpo do falante significa não só o que diz sua fala. Estes aspectos cegos, desconhecidos, do corpo, da fala do corpo, sinalizam o limite da intencionalidade de um ato de fala que diz mais ou que diz menos, ou em forma distinta, do que se propõe dizer (p. 286).

A partir de aí, podemos argumentar que a materialidade está inserida no discursivo. Tal como a língua, o corpo generizado seria um legado de atos e de discursos que se vão sedimentando e não uma estrutura determinada.

Porém, o corpo não pode ser simplesmente um produto de uma construção (aqui encontramos o limite construtivista), um corpo prévio, que somente é acessível através de linguagem, ou seja, desde sua vinculação complexa entre corpo e a linguagem se dá a capacidade de inscrever-se, de escrever e de ser escutado.

Ou seja, os discursos habitam os corpos, se acomodam neles, e já que a linguagem é o domínio do que é próprio, e do impróprio também, do inteligível e do ininteligível, do que se nomeia e do que não se nomeia, assim o corpo pode ser o que uma pessoa quer expressar.

Em todas as entrevistadas, em todas as comunidades e culturas contatadas, o corpo da mulher reclama ainda liberdade e o faz com diferentes linguagens.

Um corpo quando fala, inscreve biologicamente, e biograficamente seu ato, sua performance³ no social. Precisamente o que fica claro é que o corpo é a condição e o veículo de fala. Portanto o ato desmonta a oposição entre o material e o linguístico já que expõe seu envolvimento e interdependência.

A partir desse encontro entre o material e o linguístico, o corpo pode, através de agenciamentos, de sua capacidade de ação, de sua vivência, ou mesmo no próprio ato de fala produzir resistência, produzir biografias, produzir a si mesmos/as, produzir liberdade.

Colaborando com essa ideia, Esteban (2004) também ressalta a importância do corpo como matéria, como experiência dentro da análise social. Em seus estudos destaca a constante atenção para não deixar o corpo, a materialidade carnal, fora da reflexão científica.

Esta autora o considera histórico, não biologicamente dado, senão constituinte da ordem do desejo, da significação, do simbólico, do poder. Aqui, propomos consequentemente o lugar de resistência assinalado ao corpo ancorado nesta história, em sua história, desde uma perspectiva de experiência integral do mundo.

O corpo que somos está efetivamente regulado, controlado, normatizado, condicionado por um sistema de gênero diferenciador e discriminador especialmente para as mulheres, por umas instituições concretas a grande escala. Mas, como afirma a autora, “esta materialidade corporal é o que somos, o corpo que temos, e pode ser um agente perfeito na confrontação, na contestação, na resistência e na reformulação de novas relações de gênero” (Esteban, 2004, p. 40).

O corpo/fala, que carrega sua própria inscrição simbólica, linguística, material, pode escrever no real, com seu corpo mesmo, como numa dança, como um conto. As ações da escritura do corpo são significantes que produzem sons, reações, outros atos de fala. E esses poderiam ser livres, condicionados somente por seus corpos mesmos. É esta experiência de resistência que tentamos encontrar na análise das entrevistas e através do próprio processo de realizá-las. A resistência como criação de si mesmo/a pode ser libertadora.

³ “uma ação inoculada culturalmente e interpretada biologicamente, que não existe além do próprio gesto em que se realiza” (Moure, 2012, p. 64).

2.3 Resistência e liberdade

Trate-se da resistência ou da liberdade, estes conceitos mantêm uma estreita relação com o poder. Seguindo com os estudos Foucault (2005) sobre o poder precisamente, nos atrevemos a tentar relacionar estes dois conceitos com o tema do corpo da mulher e sua fala.

Neste trabalho, propomos que as histórias de vida contadas por estas mulheres estejam inscritas nos seus corpos, e que devido a todas as suas práticas de submissão não podem ser livres até que não sejam revelados, contados, relatados, reinventados, tal como suas histórias.

Recorrendo diferentes paisagens, nos deparamos com mulheres com trajes típicos de sua cultura, de sua condição social e de sua situação atual. Elas nos mostram como um esboço, uma pintura, uma cena o que são, o que foram e o que gostariam de ser.

Suas formas fortes ou fracas, suas mãos pesadas ou ágeis são parte desta história de resistência, contada suavemente entre uma tarefa e outra, para outro corpo, ouvinte, admirado, aprendiz.

Resistência é um conceito que gera uma multiplicidade de sentidos. Os discursos que pretendem perpetuar o estado atual das coisas, negam a possibilidade da resistência.

A resistência tratada aqui segue a abordagem que sugere Foucault, a qual seria justamente as lutas contra os privilégios do saber, contra o controle das expressões e da forma de alcançar o saber. Porém que se opõem também à deformação e a tudo o que pode haver de mistificador às representações que se impõem às pessoas.

Deste modo compreendemos como resistências tudo o que se expressa contra as diversas formas de subjetivação que nos são impostas, contra as formas de submetimento no cotidiano, contra a submissão da subjetividade, e que tratam de enfrentar-se a técnicas particulares do exercício do poder que se aplicam à vida diária. Desta forma, se entende resistência como uma forma própria de poder ou de limitações do poder dominante.

Para o pensador francês a resistência é criativa, produtiva e anterior ao poder. Díaz (2006) também a concebe quando afirma que a resistência é coextensiva ao poder e é, rigorosamente, contemporânea. Não é a imagem invertida do poder, mas é, como o poder, “tão inventiva, tão móvel, tão produtiva como ele. É preciso que, como o poder,

se organize, se coagule e se cimente. Que vá de baixo pra cima, como ele, e se distribua estrategicamente” (2006, p. 117).

Assim, no mesmo momento em que se dá uma relação de poder existe a possibilidade da resistência. Segundo Foucault (2005), não estamos aprisionados pelo poder; sempre é possível modificar seu domínio em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa, o poder não é uma propriedade, nem uma coisa, pelo qual não se pode apreender nem conquistar.

Os seres humanos estão atados a relações de poder de uma grande complexidade e especialmente para isso, não há nenhum instrumento de luta definido. No entanto, a resistência é seguramente um deles. Como já temos sinalizado, não é só em termos de negação como se deve conceituar a resistência, senão como um processo de criação e de transformação.

A resistência, pois, como um processo de criação e de transformação permanente, desempenha, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, já que os pontos de resistência estão presentes em todas as partes dentro da rede de poder.

Desta forma, como resposta ao exercício de poder sobre o corpo, exatamente sobre as afeições, os afetos, as ações, a resistência aparece em diferentes pontos do emaranhado social como força que pode combater o poder que tenta dominá-la.

Neste caso, quando se trata dos corpos dóceis, um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado, Foucault argumenta que, já na era clássica “não é a primeira vez que o corpo constitui objeto de interesses tão imperiosos e tão urgentes; em toda sociedade, o corpo fica preso no interior de poderes muito limitados, que lhe impõem coações, interdições ou obrigações” (2005, p. 140).

O controle depois do renascimento se exerceu, por sua vez, na economia, na eficácia dos movimentos e em sua organização interna, na coação sobre as forças, onde a única cerimônia que realmente importava era sobre o exercício. A estes métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que garantem a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, é o que se pode chamar as "disciplinas".

Assim, o exercício do poder e a resistência são indissolúveis. E novamente se trata do controle sobre a vida extrapolando aos corpos (o biopoder), a nova tecnologia de poder que se aplica sobre a mulher e o homem até hoje. Portanto, tudo o que abrange

os seres humanos como espécie é objeto de um novo saber, de uma regulação, de um controle científico destinado a fazer viver.

Como bem resume Díaz (2006, p. 116):

Com o biopoder há uma consequência, e é uma progressiva desqualificação da morte, cada vez temos menos direito de morrer, mais de fazer viver, No momento em que o poder está cada vez mais no direito de intervir sobre a maneira de viver, a morte é o fim do poder, é exterior. Sobre a morte o biopoder não pode fazer nada, ele é dominante sobre a mortalidade, ou seja, sobre a gestão da vida; e sobre a maior ou a menor probabilidade de que se morra, mas não sobre a morte mesma, por isso a morte se delega ao mais privado.

Com efeito, a última palavra do poder é que a resistência é anterior, na medida em que as relações tendem a preservar os estados de dominação, enquanto que as resistências constituem ‘o outro termo’ nas relações de poder, quer dizer, estão necessariamente numa relação direta com “de fora” de onde procedem as dominações.

É aqui onde propomos a posta em cena do corpo. Um corpo que resiste, “incapaz de submeter-se ao comando, um corpo que não se adapta à vida familiar, nem à fábrica, nem às regulações da vida sexual convencional” (Díaz, 2006, p. 115), ou inclusive o que se adapta, o que sobrevive criativamente à vida da família, da fábrica, das convenções sexuais, e que possui a grandeza de ser belo e expressar suas estratégias de resistência em seu cotidiano, através de distintas linguagens, por vezes inaudíveis, ou ainda simplesmente por seguir vivo e (re) produzindo.

Sugerimos que esta resistência é sua forma cênica, sua performance em sua realidade. O corpo/fala destas mulheres é sua forma de poder ante a liberdade de inventar-se.

Não basta ter um corpo, pois se trata precisamente daqueles que conhecem seu corpo, que sabem manejá-lo criativamente, afirmativamente, que tem a possibilidade (libertadora) de escolher o que comer, o que vestir, ou inclusive o que (re)produzir.

A resistência, pois, é construída sobre a base da experiência limite vivida por aqueles/as que fazem desta uma autêntica prática de liberdade. Assim, propomos as seguintes questões: como falar com o corpo? Como reclamar, cantar suas formas a partir de suas histórias de vida? Como transformar-se a partir destas histórias? Este corpo, enfim pode ser livre, tal como suas histórias?

Neste trabalho tratamos de buscar as pistas de uma liberdade do corpo/fala da mulher, daquela que se apropria dele plenamente: procura-o, reconhece-o, narra-o.

Compreendemos, assim, que a resistência que supõe a fala, o contexto oral, supõe também uma materialidade, portanto, o corpo/fala feminino ainda está por libertar-se.

Como exemplo de libertação, a emergência dos direitos sexuais e reprodutivos enquanto parte integral do pleito dos direitos humanos são, neste sentido, um avanço numa dívida histórica, a de nossa incorporação plena ao humano universal e à vida humana. Por sua vez, esta pode entrar em conflito com outro valor, também constitucional, como é a liberdade da mulher sobre seu corpo.

Ressaltamos também que dentro das teorias que concebem o corpo como um complexo integrado entre mente/corpo, um *holos*, há diferentes maneiras de exercer essa liberdade.

Por exemplo, admitirmos a ideia de pensar com todo o corpo? Compreendendo-a sem a clássica dissociação mente-corpo, que é a que nos permite não decodificar as mensagens intuitivas de nosso organismo, poderíamos concebê-lo de melhor maneira; apropriar-se dele.

O corpo sabe, é insubornável. O corpo registra, memoriza e não esquece nunca, nada. O corpo pensa, elabora e resolve, tem sua própria lucidez. A consciência ou *insight* corporal é sua inteligência e sua capacidade de dar-se conta. Portanto, habitar o próprio corpo com autenticidade é um modo de assumir a responsabilidade com a própria vida.

Nesse sentido, o corpo sabe e prediz o que sabe, entre outras coisas, porque é inteligente. Por isso, e apesar de todos os esforços, somos o que parecemos, gostemos ou não. Somos nossos corpos e o que ele diz de nós. E esta experiência de aceitação pode ser transformadora.

No entanto, tanto pelo fato de achar-se encarnado num corpo orgânico como por haver-se estruturado num contexto histórico de determinadas relações sociais, econômicas e políticas que construíram seu valor simbólico, no caso da mulher, especialmente tratado aqui, não é difícil dar-se conta de que a autonomia desse corpo é relativa e condicionada aos limites que impõe a sociedade.

Por isso mesmo, a partir de uma aproximação da mulher com seu próprio corpo, e pese às exigências sociais de separar-se dele, de dividi-lo, retomamos a questão: haveria um espaço para sua expressão livre?

No processo de investigação nos deparamos com momentos de construção dialógica, coletiva e por vezes comunitária entre mulheres e homens, de diferentes idades que passavam para escutar conosco as narrativas na situação de entrevista, ou

mesmo que eram simplesmente os personagens reais destas histórias, em seu cotidiano. Nestes momentos de assumir a função de investigação, era eminente questionar o papel transformador que exercia o/a ouvinte, a partir de uma implicação com aquelas histórias de vida que nos eram apresentadas.

Chega, então, a hora de ressaltar o lugar de compromisso de pesquisas sociais implicadas com a transformação social. Especialmente dentro da psicologia social, questionamos a colaboração qualitativa de sua aplicação, tanto com o saber, bem como com o “objeto” de conhecimento deste mesmo saber.

Ao estudar temas tão controvertidos e, por vezes, de difíceis ajustes com esta ou aquela teoria específica buscamos, como pesquisadores/as sociais, diferentes aliadas/os, com as quais possamos dialogar e construir um conhecimento científico sem esquecer, em nenhum momento, nossa capacidade de transformar realidades. E também de aprender, de crescer e ser críticos/as consigo mesmos/as.

É tempo de reflexões profundas, atentas aos paradigmas que se rompem, por seu caráter, por vezes, obsoletos, neutros, numéricos, cegos e contraproducentes.

No nosso ponto de vista, a psicologia social possui um desafio: ser mais social que psicológica.

Mesmo sabendo que o debate entre ciência e compromisso está longe de poder terminar, e talvez esse não seja o momento ou lugar para fazê-lo, o certo é que a psicologia, e mais ainda a psicologia social não pode se afastar de sua implicação como ferramenta para o avanço da identidade humana. Por essa razão, tentaremos, nas páginas que seguem, aproximarmos do estudo do social a partir dessa disciplina.

3. APROXIMAÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL

Nos últimos anos houve muitas mudanças conceituais nas ciências sociais e, especificamente na psicologia social vem-se produzindo uma grande pluralidade de perspectivas, práticas e intenções junto ao seu objeto de estudo.

Iniciaremos uma breve volta pelas principais transformações epistemológicas frente à modernidade, justificando a eleição crítica da psicologia discursiva como aporte teórico e metodológico deste presente trabalho.

A psicologia social tradicional enfatiza o estudo das estruturas sociais talvez marginalizando o contexto social, ou talvez o analise um pouco literalmente, obscurecendo uma dimensão central, moral e política da vida social (Coates e Johnson, 2001).

Podemos enumerar os postulados e princípios dessa disciplina, através de áreas de conhecimento assim descritas: um objeto de estudo próprio e claramente definido; a crença na existência de regularidades da conduta que podem ser identificadas; de leis e princípios universais estabelecidos pelas ciências sociais que governam as relações entre os fenômenos observados para fazer predições sobre os mesmos; também uma crença de que o conhecimento empírico, obtido através da constatação de hipóteses pelos métodos experimentais, tem como finalidade descobrir ditos princípios universais (Álvaro e Garrido, 2003).

O discurso psicológico científico sofreu algumas modificações nas ciências humanas nos últimos anos. De fato, os questionamentos nos quais até então se baseava o conhecimento científico foram alterados no conteúdo das ciências sociais principalmente a partir dos anos 70 e 80.

Particularmente na primeira parte do século XX os psicólogos sociais não concordavam sobre a natureza do *social*. Ou seja, a *natureza dos grupos* era estudada ao mesmo tempo em laboratórios e em uma comunidade base, com a ideia que um contribuiria com o outro. Por isso, a dependência aos métodos experimentais foi o

desafio implícito e explícito no domínio das ciências naturais e também para estabelecer conhecimentos sobre a questão do mundo social.

A partir das últimas décadas, novos campos de trabalho e novos modos de conceber a relação entre pessoas, práticas e instituições foram desenvolvidos. Isso ressalta o crescimento em atitudes e modelos de conhecimento implicados mais imediatamente com as práticas humanas, estudando, por fim, o mundo tal como ele acontece.

Na psicologia social as ideias encontraram eco através dos enfoques denominados pós-modernos que tinham como traços comuns a crítica às práticas e aos métodos científicos neo-positivistas da ciência e o abandono desta como uma forma de saber privilegiado. Também criticavam a concepção representativa do conhecimento, tanto em suas abordagens epistemológicas como em seus enfoques teóricos e recursos metodológicos (Iñiguez, 2003).

Deste modo, a psicologia social pós-moderna revelou a necessidade de abandonar a ideia de um sujeito passivo que apreende diretamente o que recebe do ambiente e de incluir o dilema e a contradição do pensamento cotidiano nas suas pesquisas, o que permite entender assim que o sujeito é capaz de dar múltiplas opções de sentido às ideologias que se impõem sobre seu discurso e seu comportamento.

Nesse sentido, a modernidade abre a via para a construção de uma ciência social de orientação crítica, com perspectivas ocupadas em orientar suas práticas num âmbito emancipatório, já que toda prática científica está determinada por seu contexto social, político e ideológico no qual se desenvolve; concebendo então como substancial a aproximação do objetivo da psicologia social e das ciências sociais em geral com um efetivo compromisso político.

Neste trabalho, nos aproximamos da postura atenta dos estudos críticos nas ciências sociais, pois estes encaram a psicologia social mais diretamente relacionada com o alcance das mudanças sociais. As chamadas *orientações críticas* na psicologia social constituem não só um contraponto, mas também uma alternativa a uma postura mais convencional. Em verdade, “A psicologia crítica se refere a um número de enfoques superpostos que desafiam implícita e explicitamente a psicologia tradicional por apoiar um status quo injusto e insatisfatório” (Foz, et al., 2009, p. 18).

Segundo estes estudiosos, enquanto os experimentalistas pretendiam estudar o *de fora*, a nova e incipiente psicologia social europeia, que surgia com tendências críticas, estava mais intrigada em como as pessoas socialmente constroem seu *de fora* no curso de suas vidas diárias. De fato, contra o experimentalismo fechado em laboratório, surgem propostas de novos estudos e espaços de relações sociais reais de comportamento.

Também em resposta a essa *crise da psicologia social* surge igualmente na América Latina um movimento que criticava especialmente os projetos morais (ou a sua falta) da psicologia tradicional. A psicologia social da libertação fincava suas críticas na falta de relevância social das produções acadêmicas da época, a pretensão de validade e neutralidade com que assumiam as investigações na área social e principalmente a recorrente falta de implicação com os setores da sociedade mais marginalizados (Burton, 2004).

Pode-se dizer que a psicologia social da libertação não faz somente uma denúncia do uso da psicologia vigente, mas também assume uma orientação clara de práticas alternativas de compromisso com a *desideologização da sociedade*.

Aplicada ao contexto da América Latina, psicólogos como Martin Baró (El Salvador), Maritza Montero (Venezuela) e Silvia Lane (Brasil) enfocam suas teorias e práticas junto às análises políticas e psicossociais da realidade destes países incluindo conceitos básicos que contém, entre outros, a “consciência, o realismo crítico, a opção preferencial pelas maiorias oprimidas e um ecletismo metodológico” (idem, p. 101). Trabalhando áreas-marco como a subjetividade, a identidade, o compromisso e a ideologia, estes pontos se aproximam claramente do nosso enfoque de análise das histórias de vida de mulheres de classes populares, neste trabalho, com os aspectos sublinhados anteriormente de resistência e liberdade.

Efetivamente: “O pensamento da libertação consiste em que a libertação não é uma coisa, e não pode ser localizada em um momento determinado. Também não se trata de uma concessão, mas sim de um movimento e de uma série de processos” (Montero apud Burton, 2004, p. 4).

Devido a essas influências, focalizamos em nosso estudo a necessidade de demarcar uma psicologia social orientada à ação, considerando que esta disciplina é

capaz de analisar seu próprio discurso, concebendo-o a partir de uma posição verdadeiramente crítica. Neste sentido, nos concentraremos nos últimos avanços direcionados ao interesse pelas condições de produção de um discurso social ativo, ou seja, buscamos produtos que surgem da relação entre os/as falantes e os/as ouvintes (sejam estes científicos ou não).

Na realidade, compreendemos que esse espaço de interação está necessariamente marcado por uma análise contextual histórica e sociocultural que condiciona inevitavelmente o compromisso linguístico.

Mesmo avaliando que a perspectiva de análise do discurso não tem um papel predominante na psicologia social atual, concordamos que esta evoluiu consideravelmente nos últimos trinta anos, especialmente no contexto britânico⁴ com repercussões no contexto latinoamericano⁵. Sua aparição não só supôs uma nova forma de aproximar-se ao objeto de estudo da nossa disciplina, mas também um profundo questionamento epistemológico e metodológico da mesma.

De fato, estudos realizados nesta direção indicam que se originou na psicologia social já há algumas décadas uma reorientação conhecida como o giro *linguístico* das ciências. Também chamado *giro discursivo*, esta nova estratégia teórica e metodológica se interessava pelo estudo das formas de uso da língua, das conversações e dos textos no seu cotidiano, ao modo usual destas práticas.

A partir desta perspectiva, pode-se afirmar que o sujeito pós-moderno requer a linguagem e ao mesmo tempo a linguagem o necessita para funcionar dentro de esquemas de comportamento e de visões humanas.

Chama a atenção o enfoque dado na necessidade de mostrar as condições sociais que geram as práticas discursivas, assim como as necessidades e estratégias que as possibilitam, desmascarando o caráter essencial ou naturalizado das mesmas (Iñiguez, 2003; Cabruja, et al., 2000; Billig, 1987).

De acordo com Iñiguez, este momento abriu a possibilidade de ver a ação científica como uma prática social equivalente a qualquer outro tipo de ação social,

⁴ Para saber mais sobre o coletivo da Universidade de Loughborough: ver Billig, 1987; Potter e Wetherell, 1987; e Edwards, 2003).

⁵ Dentro das pesquisas brasileiras, destaca-se Spink, M. J (2000).

dotando a ciência social de um embasamento epistemológico de tipo não-representativo, ou seja, que “opõe a língua cotidiana (quer dizer, o que nós dizemos quando falamos) à linguagem científica especializada e formal, suscitando o interrogante sobre se se deve ou não elaborar uma linguagem própria capaz de explicar como é o mundo” (Iñiguez, 2003, p. 47).

Dito de outra maneira, a linguagem já não serve simplesmente como representação de uma ação, passa a ser sua coautora. E ainda é mais, a linguagem cotidiana é convidada a explicar o mundo e a vida real. Assim, a teoria dos atos de fala acaba com a visão representativa da linguagem instituindo na fala numa ação equivalente a qualquer outra e por outro lado, regulada do mesmo modo que estão reguladas todas as ações dos indivíduos.

Dentro desta perspectiva, o construtivismo social de Gergen (Gergen e Shotter, 1989), atualizado com essa aproximação diferente da construção da subjetividade, pretende analisar o conhecimento através de práticas discursivas e afirma que este está impregnado da subjetividade de quem conhece e é definido assim pelos limites de suas práticas interpretativas.

Baseando-se no neo-pragmatismo de Rorty, o teórico acima afirma que não existe nenhuma forma privilegiada de acesso à realidade. Com uma concepção anti-representativa e anti-mentalista constrói uma meta-teoria e uma teoria social sobre as formas que os indivíduos historicamente situados interpretam a realidade, se relacionam e constroem o mundo em que vivem. Convida-nos também a pensar sobre nossas práticas sociais, abrindo um debate necessário na psicologia social quando nos instala numa dúvida metódica permanente ao desnaturalizar processos que seriam construções históricas e culturais.

Assim mesmo Gergen (1989) nos esclarece que as interpretações que fazemos da vida psíquica respondem às preocupações que partilhamos acerca da natureza humana e não a fatos como realidades externas. São construções sociais que podem ser estudadas para compreender sua origem e evolução. De fato, o campo de pesquisa deixa de ser o mundo interior ou a vida psíquica e se converte na forma em que construímos nossas realidades.

Assim, inspirados nos/as autores/as já citados/as, utilizamos neste trabalho as práticas discursivas como ferramenta de análise dentro da psicologia social, identificando e desconstruindo, ou seja, deixando abertos os fatores ideológicos e de poder que determinaram a forma adotada por aquela.

Gostaríamos de apontar que, como Foucault (2003), melhor se diz práticas discursivas que discursos. Este autor concebe essas práticas como papéis históricos e anônimos sempre determinados no tempo e no espaço. O discurso é constitutivo dos processos sociais e psicológicos, e é construído, definido e articulado através da linguagem. Ou seja, não são representativos de grupos particulares ou de seus interesses, mas sim, vistos com uma dinâmica própria, por sua organização macro social. Neste trabalho coincidimos plenamente com esta opinião, pontuando todos os discursos examinados como práticas discursivas, ação impregnada de linguagens, fala impregnada de corpo.

Outro psicólogo pós-moderno defensor do realismo, J. Harré (Brockeimer e Harré 2003, Harré e Tissau, 2005) pretende, através da capacidade interpretativa que nos oferece a linguagem, fazer explícito o sistema de regras que regulam os atos das pessoas em suas atividades cotidianas, denominando essa perspectiva de etogenética⁶. Este autor também considera que as ações humanas e o que estas falam acerca de si mesmas não devem ser consideradas como aspectos dos processos cognitivos internos, mas sim em relação ao conjunto de regras que guiam a própria ação social.

Além de contribuir com um debate dentro da psicologia social numa abertura para um pluralismo teórico e metodológico, este autor nos aproxima de questões significativas à construção social de comportamentos baseados em conceitos linguísticos apreendidos socioculturalmente.

Destacamos estas reflexões, tendo em vista que o processo de desconstrução de ideias assumidas sobre a concepção ocidental de *sujeito* permite mostrar, entre outras coisas, que as categorias linguísticas das que dispomos para nos referirmos a nós mesmos/as, e que têm sido consideradas como naturais, tais como homem, mulher, sexo são, de fato, reguladoras de uma determinada ordem social, participando ativamente do governo da subjetividade dominante, podendo por sua vez serem reconstruídas ou *reinventadas*.

⁶ Etogenia supõe a busca da origem ou da gênese da ação humana (Alvaro e Garrido, 2003)

A partir do exposto, podemos dizer que uma análise das práticas discursivas nos informa tanto da construção e reconstrução da estrutura social como da conformação dos sujeitos. Assim, estrutura social e discurso ficam conectados de modo que os aspectos discursivos, linguísticos e de significado se relacionem com os processos de construção e conservação da atividade social.

Conforme as propostas dos psicólogos do coletivo catalão que contribuem para os estudos críticos do discurso em psicologia (Iñiguez, 2003), destacamos a ideia de que, da mesma maneira que as orações não podem ser isoladas de seus textos e contextos, o processo do discurso nas mentes de quem utiliza a linguagem também não pode ser isolado da linguagem real em contextos sociais por falantes em suas comunidades sociais e culturais. Em conclusão: “A linguagem, o discurso e o conhecimento, portanto, são essencialmente sociais” (p. 12).

Resulta-nos muito sugestivo que a análise de um discurso particular não possa mais ser estritamente um exercício acadêmico, posto que em si mesmo, já constitui uma ferramenta para a compreensão e para a transformação. Nesse sentido, ressaltamos que a ênfase no social se dá tanto em sua versão micro, como em sua variante cultural macro.

Portanto, compreendemos que uma psicologia que não é capaz de contribuir com uma análise séria e crítica da sociedade, dado os problemas sociais, políticos e econômicos fundamentais em América Latina e no mundo em geral, seria, no melhor dos casos, irrelevante.

Desta maneira e de acordo com Martin-Baró (1998):

(...) não sejam os conceitos os que convoquem a realidade, mas a realidade a que procure pelos conceitos; que não sejam as teorias que definam os problemas da nossa situação, mas esses problemas os que as reclame, e por assim dizer, escolham sua própria teorização. Se trata de mudar nosso tradicional idealismo metodológico em um realismo crítico (p. 314).

Nesse partilhado projeto de libertação, assumimos, portanto, um compromisso com uma *intenção libertadora*, ressaltando o enfoque desta pesquisa e também em praticamente todos os trabalhos profissionais e acadêmicos que realizamos na área da psicologia, enfatizando especialmente um trabalho anterior em comunidades brasileiras periféricas enquanto nos movíamos pela psicologia comunitária (Brandão e Germano, 2009).

Semin (1997), para julgar a importância e o papel central que a língua tem, acredita ser necessário usar a linguagem como uma ferramenta capaz de se distanciar criticamente da dualidade criada por níveis individual e social de análise, característico da psicologia tradicional, aproximando ao mesmo tempo este conceito da psicologia social emergente.

Este autor pesquisa estratégias do uso de instrumentos para comunicar nossas intenções e nossas metas no discurso e como essa comunicação impacta aos demais. Afirma ainda que apesar de que o reconhecimento da importância da linguagem para a psicologia social foi dado relativamente cedo, a proposta do estudo destas relações interpessoais nesta disciplina está intrinsecamente relacionada com o estudo do discurso.

Compreende assim a linguagem e seu uso estratégico como a realidade social primordial onde todos os processos da psicologia social têm lugar, são manifestados e manejados: “É através de palavras que abordamos a interação social e será através de um melhor entendimento das palavras e seu uso que poderemos começar a apreciar o comportamento social” (idem, 1997, p. 294).

Por meio deste enfoque, e para aportar mais aliados a nossas pesquisas neste novo campo da psicologia social, os estudos de Potter e Wetherell (1987; 1992) revelam que o trabalho de campo da psicologia está constituído através do domínio social do discurso. Utilizando a psicologia social como um instrumento de pesquisa cultural, estes autores a consideram apropriada para fazer uma distinta e produtiva contribuição, tratando assim o discurso social como uma prática, passível de ser explorada, traçada e definida para a compreensão da cultura e da sociedade.

Parece-nos evidente que os discursos e as práticas sociais são inseparáveis. Destarte, tratar os fatos como realidades óbvias é deixar de examinar o campo social do discurso como pessoal, subjetivo e, sobretudo, muito manipulado ideologicamente. Acreditamos assim, que o sentido de uma palavra, de uma expressão, e de uma proposição não existe em si mesmo, porém, é determinado pelas posições ideológicas postas em jogo no processo de produção e reprodução das mesmas.

Deste modo, para localizar a partir daí o conhecimento na relação social, nos espaços intersubjetivos, com uma continuada auto-reflexão, desconstruindo os temas,

métodos e teorias assumidas tradicionalmente pela disciplina, este trabalho não pretende encontrar, pois, leis universais a partir de suas análises, mas circunscrever o conhecimento a determinadas condições psicossociais de produção.

A partir deste enfoque, e a parte de recusar a imutabilidade dentro das pesquisas em psicologia social, pretendemos abrir novos caminhos de compreensão da dinâmica de transformações e improvisações dentro de uma multiplicidade de significados de um discurso (Bruner, 1994), bem como desmascarar os que são promovidos num momento sócio-histórico concreto com os exercícios de dominação que são revelados através do estudo e exercício da linguagem.

Contudo, esta ênfase no discurso não equivale a supor uma realidade simplesmente *discursiva*, mas que estes têm um papel ativo, agregando e criando significados. Trataremos assim as narrativas das mulheres entrevistadas como um tipo específico de discurso, com uma função linguística e social definida, já que elas possuem o signo de uma produção singular e constitutiva de significados interpessoais.

O anteriormente comentado nos localiza dentro das pesquisas sobre narrativas em estudos socioculturais, onde se verifica que estas ocupam um lugar especial, não somente como objeto de pesquisa, sobretudo como uma abordagem teórica. Segundo Brockheimer e Harré (2003): “surgida de um aperfeiçoamento do método científico pós-positivista e da emergência de um novo caminho para os novos paradigmas, as narrativas abrem passo a uma mudança discursiva e narrativa da psicologia” (p 525).

A confiança na narrativa e no seu potencial criador e eventualmente, na sua capacidade como meio para mantê-la ou modificá-la é fundamental, principalmente para configurar seu lugar social e cultural. Nossa postura se aproxima destes estudos que operam com uma versão estendida das críticas pós-modernas ou pós-estruturalistas das narrativas, formulando uma investigação consciente das posições sociais destas narrativas como discursos construídos e implicados com as problemáticas da subjetividade e significado das histórias (Andrews, et al., 2008).

Assim, nos aproximamos desta nova perspectiva na área da linguagem e da psicologia social pós-moderna que promove uma análise da psicologia tradicional, abrindo novos termos de estudo, como o das versões que as pessoas produzem da realidade e de seus estados psicológicos ao criar uma narrativa sobre si mesmas.

Seguindo essa linha de pensamento, propomos, a partir dos estudos da psicologia social discursiva, questionar sobre a maneira que a mente e a realidade constroem os conceitos das pessoas, através da linguagem, executando suas tarefas cotidianas no contexto sociocultural que corresponde este estudo.

Considerando a narrativa como um registro de uma experiência, analisaremos aqui as condições de produção e transmissão dessas experiências, refletindo sobre os atos de narrar também como uma experiência particular, criada e compartilhada com um/a interlocutor/a.

Portanto, tratar de encontrar o verdadeiro significado da palavra *narrativa* reduz sua noção e diminui sua capacidade de elemento de articulação e produção de sentido nos discursos. Acreditamos mais acertado interrogar-se pelo que as pessoas fazem, que efeitos tratam de produzir ao utilizar narrativas e que papel desempenha a narrativa em suas relações (Cabruja, et al., 2000).

De todas as maneiras, a linguagem é concebida aqui como o primeiro contrato social, um mecanismo integrador da sociedade, condicionado da mesma maneira que outros processos linguísticos. Assim sendo, os fenômenos linguísticos são fenômenos sociais e a linguagem é o meio pelo qual se expressam os pensamentos, e não é inocente, mas intencional. Por isso mesmo, histórica e ideologicamente se constitui como um artefato de poder.

Como bem analisa Rojo (2003):

esta ordem geradora de conhecimento nos discursos explica porque estes se convertem em objetivo e objeto de controvérsia. Por isso, existe uma regulação e uma ordem social nos discursos que estabelecem restrições, de modo que se limita o acesso e a circulação de determinados discursos em determinados contextos (p. 191).

Assim, para facilitar a análise da construção dos processos sociais subjetivos, é importante ter em conta que a narrativa implica a existência de instituições envoltas pela produção e difusão de discursos específicos, formais ou não, legitimados sempre por alguma posição enunciativa.

A própria concepção de linguagem científica, por exemplo, e nossa acomodação a ela como a mais adequada para dotar de inteligibilidade o mundo que nos rodeia, é uma ideia recorrente que nos faz cair frequentemente num discurso especializado capaz

de criar uma linguagem que só é compreendida dentro do *mundo científico*. Todavia, o discurso científico como qualquer outro, depende de formas linguísticas, como argüem Cabruja et al. (2000):

São as narrações e os discursos o que fazem aparecer como plausíveis, verossímeis ou verdadeiros enunciados que têm sua máxima fundamentação numa boa lógica argumental, um raciocínio coerente, umas crenças justificáveis ou uns fatos construídos ao fio do relato ou de uma narração que incide sobre os mecanismos daquilo que socialmente se considera um discurso objetivo (Cabruja, et al., 2000, p 72).

Ou seja, considerar a linguagem científica como uma *gíria*, como uma estratégia exatamente, como as que usam um grupo popular específico, num bairro, ou em distintas comunidades, é o que faz interessante a proposta abordada como o giro linguístico já comentado.

Em todo caso, se todo discurso possui uma dimensão argumentativa e persuasiva (Billig, 1987), examinar seu poder retórico e convincente é também reconhecer outros aspectos estabelecidos e constitutivos do mesmo. À parte, segundo este autor, existem objetos na psicologia –como o argumento dos indivíduos- que só podem ser analisados de uma maneira qualitativa, apoiando assim, nossa eleição atual por esse método –que aprofundaremos no próximo capítulo.

Portanto, ao dar ênfase ao momento de produção e ao ato de construção dos discursos não ignoramos a dimensão constitutiva dos processos sociais e humanos, mas reconhecemos nessa dimensão os vínculos que se estreitam pelas relações interpessoais que atravessam o dia-a-dia das pessoas.

Potter e Wetherel (1987) igualmente expuseram os fundamentos de um tipo de trabalho que oferecia um novo caminho para conceituar os tópicos da psicologia social e um método alternativo de análise à hegemonia de experimentos e questionários vigentes.

Em este caso, a posição metodológica enfatiza o exame das relações e das crenças na fala, tal como usada pelos participantes numa interação social qualquer. Contudo, segundo Edwards (2003), não existe uma diferença clara entre teoria, métodos e descobrimentos: “As descobertas se produzem pelo método, perfilam a teoria e por sua vez, são perfiladas por esta” (p. 146).

Segundo este mesmo autor (2007, p. 48) a subjetividade é parte da vida social, relevante para a linguagem e a interação. Compreende assim que não existem línguas *privadas*, pondo importância no contextual e intersubjetivo “baixo um ativo manejo no curso das práticas sociais no modo em que são essencialmente e, necessariamente, performances públicas, recordáveis e analisáveis” (p. 48).

Deste modo, a psicologia social discursiva estreita o estudo das práticas gerais de comunicação das pessoas junto com a interação, a argumentação e também a organização dessas práticas em distintas situações sociais (Pinheiro, 1999). Investiga não só como as histórias são estruturadas e os caminhos que tomam, mas também quem as produz e por qual significado; os mecanismos pelos quais elas são construídas, e finalmente como as narrativas são silenciadas, contestadas ou aceitas. Todas estas áreas de pesquisa pode nos ajudar a descrever, entender e até mesmo explicar importantes aspectos do mundo social e psíquico.

Precisamente, a atenção da psicologia social discursiva sobre a construção do conhecimento recai sobre si mesmo/a. Assim, o destaque neste tipo de estudo está em fazer inteligível como se produz o conhecimento, como a realidade e como o próprio processo de conhecer resulta legível, buscando-se as estratégias da própria interpretação da realidade.

As interações discursivas que instauram as relações, portanto, criam e adquirem sentido por sua construção de, e em uma situação que é precisamente onde se constrói o significado, o sentido e sua interpretação.

Em suma, o interesse primordial desta área da psicologia é de caráter epistemológico, posto que se interessa pela natureza do conhecimento, a cognição e a realidade; como se descrevem e explicam os acontecimentos, como se constroem os informes reais e finalmente, como se atribuem os estados cognitivos.

Tem assim mesmo, como objetivo de análise, o uso de conceitos psicológicos do sentido comum no discurso diário e considera igualmente que estes conceitos têm uma realidade própria e suas próprias formas de funcionar, simplesmente porque são as maneiras reais e disponíveis empiricamente que as pessoas usam para falar.

Assim, examina o que dizem as pessoas em qualidade de ações performativas de várias classes no mesmo contexto em que se dizem as coisas. Examinando também

como, em que ocasiões e no serviço de quê tipo de práticas interativas o discurso maneja suas bases objetivas e subjetivas.

De acordo com Harré e Stearns (1995), o uso da linguagem é a maior característica humana em atividade simbólica. “Tenta revelar a estrutura daquelas produções discursivas nas quais os fenômenos psicológicos são imanentes e descobrir como as variadas habilidades cognitivas requeridas para lograr as tarefas que os estudos de psicologia requerem, desenvolvem, integram e empregam” (p. 2).

Assim, os conceitos psicológicos são tratados na psicologia discursiva não como algo que temos ou que somos, mas como recursos para a ação, tornando nossa disciplina mais focalizada nas interações, mais dinâmica e como resultado especificamente cultural.

Porém, não estamos dispostos a tratar a análise destas narrativas simplesmente como estrutura e ação. Nosso interesse está também relacionado com a repercussão destes atos de fala, tanto com o reconhecimento de posições ideológicas em sua própria construção subjetiva, como de sua relação com os aspectos não verbais que escapam nas suas narrativas.

Vale ressaltar que nosso trabalho interpretativo e de análise destas realidades textuais não se limita ao texto, nem ao âmbito acadêmico primordialmente. Estamos realmente interessados/as em fazer explícitas estas histórias com suas estratégias de construção como práticas de discurso e práticas de vida que sirvam, não somente para explicar sua realidade, mas necessariamente para explicar a nossa, leitores/as e ouvintes implicados/as com a produção e reprodução do conhecimento.

Por assim dizer, a ação de narrar é em si mesma explicativa em relação ao texto narrado. As práticas discursivas revelam no discurso o processo, o movimento e o sentido de si mesmas. Como conhecimento social, estas permitem a produção de sentidos pessoais e sociais, um argumento que é coerente com as questões que propomos nessa pesquisa: a identidade produzida e refletida na linguagem verbal e não-verbal.

Por esse motivo, estudaremos, junto com os aspectos mais críticos da psicologia discursiva, como a identidade é construída nas práticas discursivas disponíveis dos relatos estudadas: algo que é parte da rotina, do dia-a-dia, que traz no fino detalhe da

interação a construção do termo e do comportamento do feminino, trabalhando assim a relação entre identidades narradas e identidades vividas em suas práticas discursivas, sociais e institucionais.

O estudo interpretativo destas narrativas, aqui proposto, se apóia na crença de que a linguagem não é simplesmente um meio neutro de refletir, ou de descrever o mundo. A eleição deste tipo de análise reflete a preocupação com o conteúdo e a organização das narrativas, reconhecendo-as como tributárias da característica construtiva da linguagem.

Assim, implicados/as com o fazer social e suas repercussões no dizer, justificaremos a seguir o método utilizado na investigação de campo com as autobiografias, interessados/as na relação dos sujeitos humanos que encontramos e com as narrativas de suas práticas. Nosso interesse, portanto, está em pesquisar, com instrumentos da metodologia qualitativa, especialmente etnográficos, experiências marginais na construção do *eu* feminino, práticas que têm permanecido escuras, mas com as quais podemos imaginar melhores futuros, por deixá-las à mostra, por influir e contribuir na criação e revelação de novas formas de resistência.

PESQUISA DE CAMPO

4 - CONTRIBUIÇÕES PARA A PESQUISA QUALITATIVA EM PSICOLOGIA SOCIAL A POSTURA ETNOGRÁFICA

Primeiramente gostaríamos de apontar que uma proposta de metodologia não deveria ser uma modalidade que isola método e objetivo e que reduz a construção teórica a uma manipulação técnica e rotineira de observações empíricas. Concebemos, com maturidade, a importância que é assumir a complexidade social em forma equivalente, atentos/as à impossibilidade da análise empírica de substituir a pesquisa crítica ou a análise teórica.

Deste modo, e em linha com o exposto em páginas anteriores, nos parece apropriado utilizar neste estudo uma metodologia centrada na linguagem, especificamente no discurso; uma metodologia capaz de proporcionar significados intersubjetivos e que analise e interprete a vida social no seu próprio marco natural, sem submetê-la a nenhum controle nem distorção; uma metodologia, em definitivo, qualitativa, apoiada em instrumentos que possibilitam a criação desse rico e competente estudo de campo dentro dos estudos psicossociais.

Acreditamos que quando enfatizamos este ponto não estamos simplesmente falando sobre *métodos* ou *técnicas*. A pesquisa qualitativa trata de fazer o mundo visível de modo que possa haver espaço e compromisso para poder, também, implementar inclusive objetivos de justiça social e direitos humanos em suas análises.

Estudiosos implicados com estes objetivos (Denzin e Giardina, 2010) acreditam que a pesquisa social qualitativa avança em direitos humanos pela busca e pela narrativa da verdade, por exemplo, quando incide sobre o que as pessoas particulares fazem na sua vida cotidiana e sobre como significam suas ações para as mesmas e para a sociedade, afirmando, assim, a dignidade humana.

Esse compromisso com a verdade, cujo valor depende unicamente do tipo de prática social que a própria teoria ajuda a promover, está projetado em todo nosso trabalho de campo, como também na sua apresentação. A proposta é a de devolver às pesquisas seu tom de justiça social, esclarecendo como afetam as decisões sobre a área

que escolhemos estudar, o modo como escolhemos estudá-las e a maneira que implicamos as participantes em quase todas as etapas do processo de pesquisa.

Colocando, pois, a devida relevância no mundo real, aproximamo-nos da maneira como as pessoas atualmente conduzem suas vidas, de tal modo que este aspecto não seja apenas uma questão de compromisso metodológico, mas um fato existencial e, adotando a postura de investigadores como Coates e Johnson (2010) reafirmamos que: “é hora de romper com as antigas ênfases literais de contar as diferenças e construir diferentes métodos” (p. 454).

Assim sendo, o encontro com o método neste trabalho se realizou a partir das entrevistas iniciais que fizemos à comunidade brasileira visitada (a primeira estudada). Em cada visita o contato com as moradoras ia se estreitando, e o tempo de permanência aumentando, revelando a necessidade de um tipo de metodologia que permitisse um exame mais implicado com o pesquisado.

Por isso mesmo, reafirmamos nossa opção metodológica pela marca de uma pesquisa qualitativa, envolvida literalmente como os aspectos humanos e compreendendo-os com um tipo de sensibilidade aos pontos de vista das informantes em seus próprios termos. Assim, o contato com as mulheres das comunidades pesquisadas nos permitia o acesso aos contextos de significado da própria identidade que elas construía no seu cotidiano, vinculados que estavam com suas histórias de vida.

A naturalidade com que íamos criando estes encontros dava o rumo das visitas e do nosso comportamento como pesquisadores/as. Um dos problemas comuns na pesquisa com as classes populares -e de modo geral, com grupos e comunidades diferenciados do repertório sociocultural do/a pesquisador/a-, é justamente o perigo inerente à interpretação de códigos culturais diferentes daqueles do/a intérprete.

Com Bourdieu (1996), partimos do pressuposto que uma relação de pesquisa, mais ainda, uma relação entre pesquisador/a e pesquisado/a é, apesar de sua especificidade, uma relação social de troca que exerce efeitos sobre os resultados analíticos obtidos e sobre as relações travadas.

Nesse sentido, Gabriele Lucius-Hoene (2000), analisando a experiência narrativa em pacientes com doenças crônicas, discutia o modo como eles/as integram às narrativas seus conteúdos de si mesmos/as e suas histórias de vida.

Falar do percurso da doença oferece ao/à paciente ocasião para evocar os momentos significativos da sua vida, refazer os caminhos da sua autopercepção, e reordenar o conjunto de suas experiências em direção a um sentido coerente de si mesmo/a.

Para a pesquisadora, as narrativas configuram um instrumento muito útil para aproximar as questões de suas pesquisas às questões pessoais dos entrevistados/as, ajudando-os a enfrentar as dificuldades trazidas pela doença e a engajarem-se mais conscientemente no tratamento prescrito.

Reconhecemos em nossa prática de campo o mesmo procedimento *auto-construtor* com as narradoras que contam a história de suas vidas. Por muitas vezes elas utilizavam esquemas narrativos que pareciam inéditos como se fosse a primeira vez que elas se deparassem com esses *novos* conceitos advindos de seus discursos –o mesmo que fazíamos com nossas hipóteses.

De fato, as memórias autobiográficas são trazidas à linguagem de uma maneira singular em cada narração. A narradora cria uma estrutura temporal de organização e arranjo na apresentação de suas próprias experiências, contrastando ou afirmando estes aspectos no seu próprio corpo. Portanto, nossa análise também é ciente desses *mundos possíveis* criados pela narradora: “Não é um acesso à realidade histórica do narrador, mas um processo contínuo de construção, o qual é motivado pragmático-interativamente pelo interesse imediato na exploração pessoal - acesso e apresentação de si na hora da narração (Lucius -Hoene, 2000, párr. 9).

Com efeito, a voz é sinônima de ação, de movimento, de dinamismo, assim como a identidade que produz. Reflete um movimento singular que é individual e ao mesmo tempo social. Trataremos essa dimensão psicossocial realçando a importância sobre como essas narrativas são produzidas numa situação dialógica, tomando como base estratégias de sentido antropológico através da escolha de uma etnografia aplicada ao contexto de uma pesquisa qualitativa em psicologia social.

A etnografia, disciplina da antropologia, se define como um ato interpretativo que, antes de ser um produto (um texto escrito), é uma experiência, um processo, ou melhor, uma postura. Nesse sentido, apresentamos a contribuição da antropologia linguística ao conceito de etnografia, que está bastante afim com nossa prática metodológica, pois enfatiza “a necessidade de que nossos sujeitos falem, tanto como seja, com suas vozes, com seus corpos, que contem as histórias que contam habitualmente em sua vida cotidiana” (Duranti, 2000, p. 139).

Como um multimétodo de pesquisa, a etnografia se tornou um modelo para a pesquisa em psicologia social nos anos recentes e é uma fonte importante ao novo paradigma de pesquisa no qual a observação forma a base. Por isso mesmo, como a estratégia de escuta e observação é que este método se alinha com o objeto da psicologia em geral. Como afirma Banister (1994): “Psicologicamente, a etnografia é muito interessante em si mesma, com uma semelhança aproximada com as maneiras rotineiras nas quais as pessoas dão sentido ao seu mundo na vida diária” (p.35).

Deste modo, o trabalho de campo privilegia na pesquisa a estadia prolongada junto à população estudada, a impregnação dos costumes e práticas dos grupos, decidindo-se debruçar sobre o estranho e seu significado, concebendo que, para apreender o ponto de vista de outras pessoas, é necessário partilhar de sua realidade, sua descrição do mundo e suas marcas simbólicas específicas.

Entretanto, dentro do domínio das pesquisas tradicionais em psicologia, a maneira formalizada de aplicar o multimétodo da etnografia vai mais além da atividade de dar sentido ao cotidiano. De acordo com Berteaux (1997) e suas pesquisas sobre os relatos de vida, a etnografia, como método, reconhece a natureza intrinsecamente dialógica das pessoas, refletindo “como suas mesmas personalidades não são somente suas, são compartilhadas dentro de grupos sociais organizados do qual são membros, o qual implica, por sua vez, que os contextos se relacionam com diferentes padrões de comportamento” (p.25).

A partir do exposto, insistimos que a visão etnográfica define uma postura; não somente uma técnica. Compreende que o real não se encontra aí pré-definido e reconhece o poder que possuem as próprias autoras de configurar a situação na qual se encontram e, fazendo isso, podem reconstruí-la.

Contudo, é comum o questionamento em diferentes disciplinas sobre o modelo de *encontro* de hipóteses da etnografia. De acordo com nossa postura, não buscamos tanto verificar as hipóteses estabelecidas a priori, mas compreender o funcionamento interno do objeto de estudo e, a partir daí, elaborar um modelo desse funcionamento em forma de um “corpo de hipóteses plausíveis” (Berteaux, 1997, p. 21), de modo que, construir pouco a pouco este corpo de hipóteses requer um modelo baseado em observações, rico em descrições de mecanismos sociais e seguro de propostas de descrição e interpretação (mais que de explicação) dos fenômenos observados. Privilegiamos assim a intuição como estratégia de captação da realidade em construção, não podendo ser analisada de outra maneira que não através da intersubjetividade.

Na verdade, não fomos até o campo para comprovar nenhuma hipótese elaborada anteriormente, mas como esclarece Berteaux (1997): “para elaborar algumas; e não somente, nem principalmente baixo a forma de hipóteses sobre a configuração das relações, dos mecanismos sociais e o que isso contém; em uma palavra, sobre toda classe de elementos que permitam imaginar e compreende *como funciona isso*” (p.30).

Ao contrário, fomos nos deixando arrebatado pelo contexto social e humano encontrado e permitindo, de uma maneira legítima, que as hipóteses surgissem a partir do próprio desenvolvimento da pesquisa. O que se pode dizer em apoio de uma hipótese elaborada desta maneira é que se examinaram outras, e a que se escolheu demonstrou ser a melhor de momento, como faziam as próprias narradoras buscando as estratégias de sua construção discursiva. Assim, o movimento de busca (ou encontro) de hipóteses parece ser o mesmo entre narradoras/as e pesquisadores/as.

Fica evidente, ainda, que os relatos de vida podem ocultar uma grande riqueza de informações fáticas exatas e de descrições fiáveis e incompletas. Em todo caso, as pesquisas etnográficas também reconhecem que estas são parte do mundo social que estão estudando e que, por isso, não podem evitar produzir efeitos nos fenômenos sociais estudados. Trata-se aqui do princípio da refletividade, ou seja, como estes/as se posicionam no contexto, no processo e na produção da pesquisa já que o/a investigador/a e o /a investigado/a fazem parte do mesmo mundo social. Quer dizer, um/a pesquisador/a social é um traço da sociedade que investiga a sociedade, portanto, quando medimos algo, o modificamos.

De fato, a pesquisa etnográfica dá lugar pleno ao sujeito pesquisador com uma atitude de atenção flutuante, nunca neutra, sempre à espreita de uma ocasional produção de sentido. As produções dos membros do grupo estudado são verdadeiras instruções de investigação, posto que constantemente levamos em consideração a aprendizagem da cultura do grupo observado.

Todavia, as especificidades do papel do/a etnógrafo/a, dentro de uma pesquisa em psicologia social, estão mais além da construção de significados, pois recaem, necessariamente neste caso, sobre o cuidado com a diferença de sentidos que existem nas diferentes comunidades e os detalhes e curiosidades culturais dos três distintos contextos pesquisados.

Para ilustrar o contraste cultural em nossas pesquisas com a etnografia fora do Brasil, o aprender a comer com as mãos como as mulheres andinas equatorianas ou a viver constantemente com o frio e a chuva na Galícia foram aprendizados pessoais e também maneiras de aproximação metodológica nas diferentes realidades sociais.

Incluindo estas peculiaridades, a etnografia é uma técnica descritiva por excelência. Por isso, frequentemente utilizamos notas de campo para a descrição concreta dos processos sociais e seus contextos, como também para deixar registrados nossos sentimentos e sensações pessoais, que são utilizados necessariamente como um recurso analítico e um registro do desenvolvimento da pesquisa. Como confirma a etnografia feminista: “Não somente o pessoal é político, o pessoal também é teórico” (Gregório Gil, 2006, p. 32).

Além disso, utilizamos também outros recursos como a observação direta das práticas e das interações em situação, o uso de conversações informais, o recurso de informadores centrais, consultas a estatísticas, documentos oficiais ou fontes escritas; optando sempre pelo interesse em objetos e sujeitos da mesma maneira que por eles a técnica é legitimada. De fato, resulta muito significativo que esta postura seja comparada com as práticas utilizadas pelos estudos feministas (Cameron, 1997; Wodak, 1997) e o que recentemente se denominaram *pesquisas feministas*.

Dito mais claramente, não existe um método intrinsecamente feminista. Porém, nos métodos qualitativos é interessante destacar como os estudos feministas desenvolvem com maestria questões-chave sobre o poder, a subjetividade e o

comprometimento político em pesquisa, aos quais nos identificamos plenamente neste trabalho.

Conforme as próprias pesquisadoras feministas:

O que faz feminista a pesquisa é o desafio para o cientificismo que recusa direcionar as relações entre o conhecimento (e a prática que gera o conhecimento) e o poder, e uma correspondente atenção às questões reflexivas na maneira de teorizar e transformar o processo de produção acadêmica, incluindo a posição e a responsabilidade do/a pesquisador/a (Banister, 1994, p.124).

O que identifica uma pesquisa feminista, portanto, é o compromisso com uma epistemologia específica, feminista, que é uma análise teórica e política que critica as concepções dominantes do conhecimento e questiona necessariamente uma orientação *generalizada* dentro dos novos critérios de conhecimento.

Portanto, com essa aproximação sublinhamos também as relações opressivas de poder -e as libertadoras, no caso- dentro das práticas sociais em geral, como também as encontradas dentro da nossa própria prática de pesquisa, citando, como exemplo, a influência de estereótipos sexistas e culturais no trabalho de campo que podem, por sua vez, serem tomados como estratégias de pesquisa.

Em nosso caso, essa estratégia funcionava na maioria dos encontros mulher/mulher, mas não em todos. Geralmente, o papel de *pesquisador científico* ainda está muito marcado pelo gênero e por uma postura masculina; especialmente em algumas regiões de comportamento marcadamente machista. E estar atentos/as a estas implicações generalizadas é colocar em manifesto uma posição e uma visão críticas em relação às possíveis manifestações culturais entre gêneros e suas implicações dentro da pesquisa de campo e a acadêmica.

Concluimos, assim, que o reconhecimento da força das práticas discursivas, a forma em que as pessoas se *posicionam* nessas práticas e a maneira em que a subjetividade individual se produz através da aprendizagem e do uso de certas práticas discursivas se medem com diferentes estratégias metodológicas.

Desta maneira, ao contar um fragmento de sua autobiografia, um/a narrador/a estabelece lugares e personagens nos episódios descritos, referindo-se tanto a si

mesmo/a como a outras pessoas incluindo a quem está tomando parte da conversa, ou apenas escutando.

Logo, o sujeito, tal e como o define Iñiguez (1997), é uma posição ou um lugar onde os falantes são deslocados e intercambiados e onde, numa formação discursiva, existe mais de uma posição enunciativa. O/a autor/a do texto é também responsável por ele, mas simultaneamente esse/a autor/a é construído/a pelo texto e ambos são inseparáveis.

Essa estratégia discursiva de posição do/a narrador/a é conceituada como *posicionamento* segundo (Bronwyn e Harré, 1990), e se refere àquele que constrói sua narrativa, e determina a *força ilocutória* dos atos de fala no seu discurso. Entretanto, nos referiremos aqui ao conceito desse posicionamento também em relação com as estratégias tomadas pelo sujeito que pesquisa, pois este/a assume diferentes papéis e posições dentro do campo de pesquisa para atuar junto e dispor-se com o máximo de respeito às vivências de seus/suas informantes para poder compreender e descrever suas distintas linguagens tanto verbais, como corporais.

Desta maneira, além de estarmos atentos/as às estratégias linguísticas e corporais em nossas entrevistas, ressaltamos a importância também das particularidades da *retórica popular*, junto com seus descritivos acerca de valores e comportamentos observados.

Examinar fragmentos orais de informantes reais, considerando estes como representações de uma cultura ou de uma parte da sociedade, requer uma reflexão contínua do/a próprio/a pesquisador/a ou intérprete sobre seu lugar como ser social inserido em um contexto dialógico distinto de sua construção pessoal.

Compreendemos assim que a interpretação destes contextos nos coloca num rotundo lugar de intercâmbio cultural e também de solidariedades, um lugar onde as vivências não podem mais serem guardadas simplesmente em livros ou em contextos herméticos de academias.

É precisamente nesse lugar que reclamamos a liberdade de poder reproduzir e interpretar as narrativas escutadas e vividas em conjunto, com um desejo de manter estas histórias da cultura ordinária, popular, vivas, não somente pelo fato de escutá-las ou transcrevê-las, mas porque elas podem tocar sensivelmente a quem as escuta e as lê.

Em síntese, estamos preocupados também por encontrar maneiras pelas quais essas culturas periféricas ou populares possam entrar em nossas discussões nos seus próprios termos e gêneros para que possamos escutá-las e aprender com elas. Eles/as têm um direito universal de distribuir informação e ideias através de qualquer meio e sem preocupar-se com as fronteiras, e nós temos o dever de escutar e compreendê-los/as através da implicação em novos atos do devir.

Neste sentido, nos comprometemos uma vez mais como pesquisadores/as na contribuição com a criação de projetos para um mundo livre. Não somente em termos de clareza de postura na pesquisa ou no campo, mas também com relação à ampliação de projetos emancipatórios e transformadores dentro das ciências sociais.

Como ressalta Behar: “O que é mesmo valorativo nas etnografias depois que suas teorias se tornam pálidas, são os aspectos de experiência de vida que a teoria do etnógrafo não pôde limitar, não pôde manter numa caixa” (2003, p. 19).

E, como cada jornada etnográfica é reinventada, criada junto com as narradoras e suas histórias, apostamos que “a ficção é tão boa quanto a etnografia em que ela é baseada” (assim como a autora supõe, a etnografia é tão boa como a ficção em que é baseada). Ainda de acordo com Behar:

Uma coisa permanece constante sobre a humanidade - que nós nunca devemos parar de tentar dizer histórias de quem nós achamos que somos. Igualmente, nós nunca devemos parar de querer ouvir a história de cada um. Se um dia pararmos, seria o fim de tudo. Tudo o que nós somos como seres humanos seria reduzido em um livro perdido no universo, com ninguém para lembrar de nós, ninguém para saber que nós existimos um dia” (p. 37).

Finalmente, as narrativas de vida que vamos interpretar são trajetórias; percursos particulares de mulheres de três espaços socioculturais distintos, que revelam a singularidade de suas vidas e suas transformações ao longo do tempo em que estivemos em contato com cada comunidade.

Com o objetivo de pensar criativamente com esses discursos e não somente sobre eles, reconhecemos que o estudo nas comunidades é mais que um estudo sobre as comunidades, e a etnografia respalda o tratamento que damos a estas narrativas, traçando a curva de um discurso social transformado em relato. A transcrição desse relato, portanto, revela-se numa outra construção, uma transformação do ouvido e vivido em texto analítico.

Assim, tentando ser mais observadores/as e menos explicativos/as, aprendendo para depois apresentar, a seguinte *interpretação da interpretação* está embasada na relação de troca e de construção de mundos possíveis que houve no contato com essas mulheres, e que permitiu com respeito ao seu relato verbal e não-verbal, uma aproximação desses discursos numa tentativa de compreendê-los e fazê-los vivos.

Portanto, o trabalho etnográfico que aqui se esboça segue o viés da leitura e da construção de sentidos de Geertz (1989), extrapolando um simples método de interpretação de dados.

Investigar a importância não aparente das falas na análise do discurso oral é reconhecer que nossas interpretações também são ficções, algo construído, modelado pelo padrão cultural que adotamos.

Porquanto, pretendemos com esse enfoque ressaltar a atenção especial que merece o papel do/a investigador/a no âmbito da pesquisa em psicologia social, antes de tudo por sua escuta atenta e interessada sobre o que é dito e o que não é dito no contexto pesquisado, respeitando a perspectiva particular de cada relato produzido dialogicamente.

Nesse ramo de pesquisa, enfatizamos que a eleição de um instrumento se relaciona com os objetivos da própria investigação e, ao mesmo tempo, com os pressupostos teóricos que norteiam as interpretações, tornando-se, assim, imprescindível confirmar a opção da técnica de entrevistas (tratada aqui como atividade/meio) e o sentido das interpretações (como atividade/fim), definindo e esclarecendo o modelo metodológico deste trabalho em narrativas orais, apresentado a seguir.

4.1 Considerações metodológicas

A partir deste ponto, nos referiremos –quando necessário- em feminino ao sujeito desta pesquisa e, por consequência, às informantes, considerando importante ressaltar a implicação pessoal, subjetiva e generizada com que se realizou essa pesquisa, especificamente o trabalho de campo.

4.1.1 Entrevistas Narrativas (o registro atento)

No encontro com as entrevistadas, decidimos registrar as narrativas com um instrumento de fácil aplicação e que não interrompesse o processo de aproximação conseguido a partir da vivência nas comunidades pesquisadas.

Na entrevista, a presença de uma investigadora, que pergunta algo à entrevistada, a posiciona num lugar de interlocução e de construção conjunta de um discurso singular. Em outras palavras, a entrevista não se define como um simples registro de discurso, porém como um importante contrato comunicativo, na verdade como uma forma de interação.

Para isso, recorreremos, como metodologia aplicada, à técnica da Entrevista Narrativa (à continuação E.N.), sistematizada por Schütze (apud Bauer e Jovchelovitch, 2000), que busca reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos/as informantes, tão diretamente quanto possível.

Essa proposta sistemática de abordar narrativas com fins de pesquisa social foi difundida nas últimas décadas. Entre seus objetivos, pretende estudar um fragmento particular da realidade sócio-histórica, compreender como esta funciona e como se transforma, com ênfase nas configurações das relações sociais, nos mecanismos, nos processos e na lógica de ação que a caracteriza.

A escolha da E.N. como técnica se justifica nesta pesquisa, uma vez que atende especialmente à natureza deste trabalho e aos seus objetivos. Com efeito, entre as indicações preferenciais para o uso da técnica, encontram-se os projetos que combinem histórias de vida e contextos sócio-históricos. Como afirma Geertz (1989): “Histórias pessoais expressam contextos sociais e históricos mais amplos, e as narrativas produzidas pelos indivíduos são também constitutivas de fenômenos sócio-históricos específicos, nas quais as biografias se enraízam” (p. 104).

Assim, para começar a entrevista necessitávamos apenas de uma situação encorajadora que animasse a entrevistada a contar algum acontecimento importante da sua vida ou responder a uma pergunta geral. A situação estimuladora podia ser a

sugestão de um tema ou mesmo uma pergunta inicial, como a que usava neste trabalho, por exemplo: “*E se você pudesse me contar a história da sua vida, por onde iniciaria?*”

A técnica da E.N. possui regras que são desenvolvidas dentro de um campo específico de estudo que lida com políticas locais e pesquisa biográfica. Essas regras vão desde a preparação para a entrevista, até os comentários informais que são proferidos quando o gravador é desligado. No entanto, o caráter espontâneo e livre da narração é sempre privilegiado.

Na entrevista, a presença de uma investigadora que pergunta, sem dirigir a entrevistada, remete-a a um lugar de alteridade social, induzindo-a com a palavra, o silêncio e os olhos a dizerem a *si mesma como outra* e fazendo-as tomarem posições – tanto enunciativas como corporais- em cada proposição.

Deduzimos, portanto, que o sujeito discursivo surge da distância marcada entre o que se diz e a forma como se diz. Segundo Foucault (2003) são as condições de produção do discurso que constroem e marcam o lugar do qual se fala; um lugar que condiciona tanto aquilo que se diz, como a forma como se diz, e incluiria aqui também a maneira como se escuta.

Com efeito, tratar o sujeito do discurso como produto e efeito produtivo de sua interpretação é ter em conta a importância dessa etapa de registro em toda a pesquisa, já que se trata de um discurso que é construído através de um trabalho de vínculos (explícitos ou implícitos) sobre as relações disponíveis em um momento sócio-histórico determinado.

Assim, em todos os contatos foram detalhados os objetivos das visitas, o que permitia uma troca genuína de interesses e evitava que nossas entrevistas fossem guiadas por expectativas, ou seja, as expectativas que as narradoras podiam ter das expectativas que nutríamos sobre elas. Segundo Lopes, “não é o sujeito que viveu a vida quem a narra, e sim este que se constrói na situação da entrevista” (2002, p. 56,57).

Na entrevista, as narradoras trazem em sua memória, em sua experiência, sua própria realidade discursiva, para construir e apresentar conceitos de si mesmas, de seus mundos e de seus esquemas teóricos, dando conta destes esquemas identitários para si mesmas e para seus ouvintes através da narração. Neste sentido, a pesquisadora deve reconhecer e acolher o sujeito que se encontra numa construção dialógica de uma

realidade discursiva. E aqui voltamos a ressaltar a importância de uma postura atenta, curiosa e receptiva de qualquer pesquisador/a com metodologias qualitativas em psicologia social.

Gostaríamos de indicar, contudo, que nossas análises sobre identidade enfatizam sua capacidade construtiva, *inventada*, mas não somente por suas representações ou discursos. Acrescentamos, especialmente, a impossibilidade de analisar ou compreender essa construção individual e coletiva sem ter em conta os *itinerários corporais* de cada narradora.

Por itinerários corporais entendemos, junto com Esteban (2004), os “processos vitais individuais, mas que nos remetem sempre a um coletivo, que ocorrem dentro de estruturas sociais dos sujeitos, entendidas estas como práticas corporais” (p.54).

O corpo é visto, neste trabalho, tal como já aprofundamos em seções anteriores, como uma maneira diferente e alternativa de aceder à análise da existência humana e da cultura. Assim sendo, para alguns autores, esta análise do corporal responderia melhor que nenhuma outra à reformulação necessária das distintas teorias sobre a identidade, a experiência e a cultura. Porém, como bem enfatiza a autora: “Um corpo ainda órfão epistemologicamente, que ainda estamos aprendendo a pensar e a escrever” (idem, p. 24).

Assim, levando em conta experiência e linguagem, o contexto das identidades corporais é também orientado nesta análise das histórias de vida, ainda que este não seja o ponto focal de interpretação.

Antes de tudo, o texto é o principal objeto de estudo e de interpretação. Trata-se de uma possível versão sobre a versão das narradoras, sem insistir na crença de que deve existir uma única leitura correta, pois, as propriedades do texto em si realmente oferecem uma pluralidade de interpretações legítimas, já que estas também se situam para além da fala. Em síntese, diversas interpretações podem ser oferecidas, mas é importante ter uma compreensão destas interpretações como provisionais e dirigidas, especificamente, por contextos particulares e por diferentes propostas legítimas de pesquisas.

De todo modo, o processo de interpretação não deveria ser construído *de cima*. Segundo Banister (1994), este processo deveria ser persistentemente considerado como

co-construído, ressaltando a produção articulada de “co-pesquisadores” (p. 138), neste caso, de uma pesquisadora e das informantes.

Assim, tomando o cuidado de não cair na *superinterpretação*, reconhecemos, junto com Eco (1993), que o texto possui uma intenção que é anterior a do/a autor/a e mais ainda ao propósito do/a intérprete:

A superestimação da importância das pistas deve-se muitas vezes à tendência a se considerarem os elementos mais imediatamente aparentes como significativos, enquanto o próprio fato de serem aparentes deveria permitir-nos reconhecer que são explicáveis em termos muito mais econômicos (p.58).

Eco enfatiza o real do texto e o respeita, reconhecendo, numa aposta interpretativa, o seu fundo cultural e linguístico, lugar possível de um olhar cuidadoso. Ele afirma, ainda: “Poder-se-ia dizer que um texto, depois de separado de seu autor (assim como da intenção do autor) e das circunstâncias concretas de sua criação (e, conseqüentemente, de seu referente intencionado), flutua (por assim dizer) no vácuo de um leque potencialmente infinito de interpretações possíveis” (ibidem, p.48).

Portanto, mesmo com o texto em mãos, ainda não se pode apreender o *acontecimento como acontecimento*. Está aqui a dificuldade de reconstruir o significado do acontecimento de falar, pois esse não pode, nem pela escrita, ser fixado.

Examinando com objetividade, a transcrição do real seria tarefa utópica. O real como produção em devir, enquanto se narra, e se mostra, cria sujeito e objeto, narradoras e ouvinte num outro acontecimento não acidental, mas intersubjetivo.

É, portanto, nesse espaço ficcional, intuitivo e interpessoal de criação e análise cultural que se pretende inserir a reprodução e interpretação dessas narrativas, ressaltando sua função e sua capacidade de criação de sentidos e de identidades.

Essa admissão de criação de significados implícitos e não implícitos, segundo Bruner (1994), é característica da narrativa e é tarefa do/a estudioso/a reconhecer a multiplicidade de interpretações.

Assim sendo, a seguinte análise dos discursos não possui um fundo mágico, ela “teoriza sobre as ações simbólicas para colocar essas coisas em uma estrutura compreensiva e significativa” (Geertz, 1989:40). Nem será em definitivo uma análise

psico-cultural completa, mas como já indicado, uma prática implicada, encarnada, contextualizada e contestada.

4.1.2 Análise do discurso (a interpretação crítica)

O passo seguinte consiste em tratar de analisar nessas diferentes narrativas a construção de um discurso sobre a identidade de gênero revelada através de distintas linguagens, com seus efeitos ideológicos e estratégias retóricas.

Porém, nossa opção metodológica e técnica repousa na intenção de compreender, nas narrativas escutadas, os significados existenciais geradores de uma experiência social particular, para além de registrar suas falas e descrever o contato com suas histórias, pretendemos fixar alguns significados da expressão identitária nos textos produzidos na situação da entrevista.

Por isso, a partir de nossa eleição da análise do discurso (à continuação A.D.), se fundamenta criticamente como um esforço transdisciplinar que não só inclui análises, mas também teorias, aplicações, críticas e outras dimensões de investigação no campo acadêmico.

De acordo com Iñiguez (2003), trata-se de um “método que apareceu marcadamente no interior do giro linguístico. Uma etiqueta comum para definir uma grande quantidade de métodos empíricos que são utilizáveis e utilizados para o estudo de uma grande variedade de temas” (p.45).

Deixar-se compreender e ser responsável por sua história de vida singular é a grande intenção das narradoras, pois múltiplas e desunidas subjetividades estão implicadas na produção e compreensão de uma narrativa. Contudo, mais que a atenção a contadoras de histórias e ouvintes, a análise destas narrativas não previsíveis está preocupada também com as formas sociais de organizar a linguagem e a subjetividade.

Assim, tratado como é pela psicologia social discursiva, especialmente com Potter e Wetherell (1987, 1992), esse método não é só uma categoria discreta, mas uma *teoria disfarçada* que reconhece que os repertórios interpretativos das práticas

discursivas se caracterizam por sua variabilidade e inconsistência, característicos da linguagem e não por seu consenso.

À diferença dos movimentos da narrativa humanista dentro das pesquisas sociais, a A.D. está preocupada com a fluidez e contradição das narrativas, com o significado e estratégias inconscientes e conscientes, e com as relações de poder e resistência dentro das quais as narrativas se tornam possíveis.

Portanto, e de acordo com distintos autores, a A.D. procura localizar discursos em determinados contextos sociais e psicológicos, encontrando nas questões da identidade uma realidade descritiva e representativa dos discursos, revelando assim seu status constitutivo dos fatos pessoais e sociais. Por meio da constatação entre representação e realidade e com suas correspondências, a A.D. permite que estas práticas discursivas nos informem sobre a formação do sujeito assim como a construção e a reconstrução da estrutura social na qual está inserido.

Especificamente, a análise consiste em examinar detidamente os textos, buscando todas as possíveis leituras e identificar os efeitos mais concretos com a relação social que se deve elucidar. Isso pode se dar através do passado da primeira pessoa como também incluir histórias do presente ou do futuro de si mesmas ou de outras pessoas.

Como já indicamos, Ricoeur explica que a escrita de uma pesquisadora fixa do discurso social:

Não o acontecimento de falar, mas o que foi “dito”, onde compreendemos, pelo que foi “dito” no falar, essa exteriorização intencional constitutiva do objetivo do discurso graças ao qual o *sagen* - o dito - torna-se *Aus-sage* - a enunciação, o enunciado. Resumindo, o que escrevemos é o noema (“pensamento”, “conteúdo”, “substância”) do falar. É o significado do acontecimento de falar, não o acontecimento como acontecimento (apud Geertz, 1989, p. 29).

Revela-se aqui o significado dinâmico da narrativa, pois, no vínculo entre a narrativa e o contexto de interlocução, é incluído e apresentado um sujeito que se dirige para alguém e cuja fala leva, em si mesma, o significado de relações desta narradora com eventos, experiências, pessoas e outras falas compreendidas em sua experiência de vida. Logo, uma outra experiência surge do próprio de narrar: o encontro informal com outra pessoa que ouve e que vive também esse ato.

Reconhecemos distintos momentos em cada entrevista e em cada comunidade. Porém, a oportunidade de falar, o fato discursivo, é avaliado tanto pela narradora como pela entrevistadora, que o valora através do simples poder que a fala teve e tem em todas as épocas. As informantes têm então, a possibilidade de construir narrativamente diferentes discursos ou versões de si mesmas.

De fato, o encontro interativo é vivido por duas ou mais participantes -às vezes estavam seus filhos ou parentes junto à entrevista- nessa experiência entre narradora e ouvintes. Goffman traduz a dimensão ativa das narrações quando afirma que:

(...) pensar a fala como mero ato de produzir informações sobre o passado é simplificar um processo em que está em jogo mais do que a disposição do ator para ser sincero ou falso com relação aos eventos ocorridos: as falas constituem ações sociais por excelência, e não apenas descrições de segunda mão (Goffman apud Rabelo, 1999, p. 78).

Pode-se afirmar, portanto, que a análise como tarefa começa muito cedo e se desenvolve simultaneamente à recopilação das narrativas. Reconhecemos ainda que a comunicação passa por vários canais simultâneos: o não-verbal, a entonação da voz e as palavras mesmas. Ou seja, que “a re-transcrição é um trabalho em si mesmo” (Berteux, 1997, p.74).

Por isso, ainda dentro do que chamamos itinerários corporais, tentaremos também examinar o que se denomina *paralinguagens*. Estas são difíceis de definir e medir assim como grande parte da estrutura da linguagem e conteúdo, pois variam através de situações culturais e sociais. Tais são: “o tom da voz, as pausas, risos, bem como elementos visuais como movimentos de olho, expressões faciais, postura corporal e gestos, e mais amplamente, aspectos emocionais personificados nas narrativas” (Andrews et al., 2008, p. 10).

A partir daqui nos aproximaremos da intenção crítica das teorias da A.D., compreendendo suas particularidades e extraíndo delas somente o que nos seja útil ao atual enfoque. A análise crítica do discurso (à continuação A.C.D.) é uma perspectiva diferente de encarar a teoria e a análise que têm as mesmas raízes que a psicologia social crítica: um movimento contrário aos métodos, teorias e análises de uma ciência descontextualizada de suas condições e consequências sociais e políticas.

Essa disciplina pressupõe as relações entre discurso e sociedade, mas vai mais além de uma sociologia ou psicologia social do discurso. “A teoria se utiliza como uma caixa de ferramentas que permite forjar e abrir novas formas de indagar, novas formas de enfocar os objetos de estudo, e novos enfoques, onde o/a analista se converte em artífice através da implicação com aquilo que estuda” (Iñiguez, 2003).

Este modelo de análise se centra no estudo daquelas ações sociais que põem em prática, através do discurso, temas como o abuso de poder, o controle social, a dominação, as desigualdades sociais, a marginalização ou a exclusão social (Van Dijk).

Dito de outro modo, tal modelo é uma mudança de perspectiva no questionamento, assumindo um olhar problematizador, que permite abrir novas perspectivas de estudo e fazer surgir novos objetos de investigação, problematizando, desse modo, a relação dialética que existe entre as estruturas e relações sociais, que, por um lado conformam o discurso, enquanto que este incide sobre aquelas (consolidando-as ou questionando-as).

Na A.C.D. há um claro interesse em intervir na ordem discursiva do/a autor/a do texto, incrementando a consciência crítica dos/as falantes e proporcionando instrumentos para a análise dos discursos próprios e alheios. Estes autores compreendem que vivemos em sociedades reflexivas, em que os/as falantes observam e atuam sobre suas próprias práticas discursivas. De maneira que estes/as não só controlam reflexivamente o que dizem e fazem, mas também que esta tarefa é parte intrínseca do que fazem e dizem.

Segundo Van Dijk (2003), a reflexividade é uma ferramenta usada pelo sujeito que constrói seu discurso, pois intervém na ação do/a narrador/a já que são guiados/as pelo conhecimento que sobre estas práticas produziram as ciências sociais: “A reflexividade social incrementa seu interesse pelos efeitos de sua pesquisa e abre a porta aos intentos de intervir ou modificar as práticas discursivas em nome de tais efeitos” (p. 166).

A análise neste caso atende à regulação social da produção, recepção e circulação dos discursos em função de um contexto sócio-político, o que supõe considerar e questionar quais são as implicações sociais e políticas das ideologias e das

representações dos acontecimentos e dos/as atores/as sociais que emanam do discurso, implicados necessariamente com sua reprodução.

Reconhecemos aqui os limites entre as teorias de análises apresentadas já que neste trabalho focalizaremos, sim, o processo de tomada de consciência de si mesma como um processo particular, natural, consequência de sua auto-escuta, e analisaremos suas histórias de vida como um instrumento pontual para isso. Não é parte de nossa proposta o empenho em atuar na transformação das narradoras conscientizando-as de suas ideologias no momento em que produzem seus discursos. Isto serve perfeitamente para as análises que faz a A.C.D. com discursos vigentes e circulantes das redes de comunicação de massa com todas as suas estratégias e contradições. Entretanto, esta ferramenta reflexiva será dirigida intencionalmente sobre o aparato reflexivo dos/as ouvintes e leitores/as dessas histórias, implicados/as necessariamente com sua forma de reprodução.

Na verdade, tanto os discursos como a própria tarefa do/a analista são considerados socialmente situados e atribui-se a eles um papel na (re)construção e reprodução recursiva e recorrente das estruturas de organização social.

Portanto, este trabalho propõe o desafio de reconhecer e interpretar esses discursos como práticas, e essas práticas como táticas, numa criação de espaços para microrresistências da maioria silenciosa que produz, através das experiências particulares, práticas comuns, criativas e esclarecedoras de si mesma e da sociedade.

Com todo esse referencial esclarecido, apresentamos nossa proposta.

O processo de vivência nas comunidades estudadas nos deu a oportunidade de entrevistar diferentes mulheres com diferentes práticas e perspectivas, porém, escolhemos trabalhar apenas com nove narrativas, três de cada região, com o intuito de ter um exemplo de análise e de certa representação de nossa proposta com esse estudo, relacionando uma vez mais aos nossos objetivos mais específicos nessa pesquisa.

Como já ressaltamos, nossa ideia de representação não encaixa com os conceitos estatísticos do qual surge, mas com as análises etno-sociológicas que preveem que as lógicas que regem o conjunto do mundo social ou macrocosmo se dão igualmente em cada um dos microcosmos, e por pouco que se procure identificar as lógicas de ação, os mecanismos sociais, os processos de reprodução e de transformação, deveriam poder

captar pelo menos algumas das lógicas sociais do macrocosmos mesmo (Berteaux, 1997).

Assim, “as categorias de situação e sua lógica de comparação –o fenômeno de *situação particular*- não implica necessariamente a formação de um mundo social (mães solteiras, rurais). É a situação mesma o que é comum pra elas” (idem, p. 19).

Portanto, esta distribuição estatística numa população e no nosso trabalho é por si mesma significativa, já que o que tentamos com isso é aceder a uma particular construção da identidade e de determinados modelos de subjetivação, incluindo as implicações sociais neste processo de construção discursiva, considerada uma prática social por excelência, para assim contribuir de maneira efetiva para a resistência e a liberdade de estereótipos discursivos e corporais.

Desta forma, tomamos, junto com Ibañez (1997), a A.D. como uma opção que adota uma posição antifundamentalista, acreditando que esta é uma alternativa para a leitura dessas vozes sem pretender ser simplesmente uma interpretação. “A Análise do Discurso é também uma prática, não somente para revelar ou identificar outras práticas discursivas, mas também para transformá-las” (p. 252).

A partir desse argumento, analisaremos nestas entrevistas os efeitos reguladores que se produzem ou se transformam desde estas práticas discursivas. Utilizadas para pesquisar essas histórias, nossa escolha da A.D. tratará de reproduzir criativamente através da voz da mulher sua própria ação social, definindo a indeterminação dos conceitos de sexo, gênero e corpo, social e culturalmente produzidos, a partir da compreensão vivencial do feminino, compreendendo também os aspectos não ditos ou não revelados na sua fala.

Passamos, então, aos passos do método de análise empregado no caso específico deste trabalho de encontro com a construção do feminino nos seus textos.

4.1.3 Passos da análise (esquema)

Num primeiro momento, realizou-se a transcrição das narrativas conforme a fala original das narradoras, separando cada texto em dois conjuntos, correspondendo ao material indexado (cronológico) e o não-indexado (não-cronológico)⁷

Seguindo as orientações de Bauer e Jovchelovitch (2000) as proposições indexadas têm uma referência concreta a “quem fez o quê, quando, onde e porquê” (p. 106), enquanto as proposições não-indexadas vão além dos acontecimentos, revelando o âmbito reflexivo e retórico das histórias quando expressam valores, juízos, ideologias e contradições, Enfim, de uma forma generalizada, trata-se de sua “sabedoria de vida” (idem, p. 106).

Faremos coincidir esta mesma estratégia com outra teoria similar aplicada por Pujal (1993) à análise discursiva. Esta autora distingue duas famílias de enunciados que esboçam diferentes produções sócio-históricas de abordagens: as formações discursivas naturalizadoras e as desnaturalizadoras.

Quem fala através das posições naturalizadoras não o faz a partir de um propósito, vontade ou mundo próprios, mas a partir da sujeição a normas sociais e linguísticas pré-definidas, como um discurso empirista, modelo, podendo reproduzir inclusive relações desiguais entre os gêneros.

Por sua vez, as posições desnaturalizadoras determinam um lugar flexível do sujeito falante, capaz de mostrar intenções e propósitos próprios do mundo plural e heterogêneo no qual o sujeito discursivo é seu próprio protagonista e que nele também intervém.

Assim esclarecido, analisaremos dentro do material *cronológico/naturalizador* quatro aspectos que consideramos pertinentes ao objetivo desta interpretação:

Núcleos narrativos

Referem-se a segmentos da narrativa relativos a cenas ou episódios específicos que estruturam o enredo. São obtidos por “redução” das sequências das ações e permitem uma visualização da ordem cronológica e da relevância dos episódios que compõem sua narrativa.

⁷ Apresentados numa tabela ao final deste capítulo.

Numa análise sobre como o “eu” é modelado linguisticamente, parece-nos que ao relatar episódios da vida, valemo-nos de características seletivas, incompletas que se assemelham à construção ficcional da narrativa e que implica necessariamente a um *habitus* (Bourdieu, 2000).

O conceito de *habitus*, que se define como um conjunto de disposições duráveis, resultado da internalização da estrutura social, estrutura nossas práticas e representações. Como produto da história, o *habitus* dá lugar a práticas individuais e coletivas. Funciona como um estilo de vida; é o que nos leva a pensar, sentir e atuar segundo as condições em que vivemos.

Deste modo a identidade será vista e investigada aqui como um produto da interação social, um *habitus*, que remete, necessariamente, à importância do contexto de produção dos discursos e núcleos narrativos. Estes núcleos narrativos estão compreendidos na trajetória de vida das narradoras e fazem referência inevitavelmente à sua construção identitária de gênero, sexual e corporal.

Ressaltaremos, assim, alguns núcleos narrativos que estruturam os discursos, já que nosso conceito de gênero está baseado no que nos foi ensinado a respeito, no que experimentamos cotidianamente, e claro, no que recorrentemente construímos ao falar.

Personagens

Estes serão marcados em cada texto segundo a percepção da narradora, a partir de seus próprios argumentos qualitativos, para daí estabelecer recorrências de análises inter-relacional. Além disso, nos servirão de guia para revelar suas relações entre a identidade pessoal, a coletiva e a narrativa ao pontuar “os/as outro/as” que se desenham na narrativa.

Segundo Eckert e Rocha (1999), “na descrição narrativa de si mesmo há uma construção de um personagem. O sujeito se refaz na narrativa, tanto individualmente como no coletivo, num referente real ou fictício de um nome próprio” (p. 39).

Deste modo, a identidade apresentada nas narrativas não pode ser vista como previsível, com seu significado literal, mas como interlocução, posto que é feita por participantes em relação; em interação. Os personagens, portanto, nos servirão de pistas para revelar sua própria construção identitária.

Tempo

A análise temporal será realizada em seguida e utilizada para compreender o modo particular como a narradora lida com o tempo vivido e como comunica a passagem dos dias e anos, “acelerando” ou “retardando” intervalos de tempo em função da significação subjetiva desses momentos.

Com efeito, o texto narrativo possui um encadeamento de ordem temporal. Segundo Ricoeur (1994), a sucessão de fatos corresponde à dimensão episódica da narrativa, enquanto o enredo é a dimensão configurante, que dos diversos acontecimentos extrai a unidade do texto. O discurso configura os enunciados, expressando a história em sua ordem temporal discursiva.

Reconhecemos a diferença entre o tempo real e o tempo do discurso em Nunes (1995), onde “mesmo que o tempo seja apresentado na narrativa, ele jamais se reveste da continuidade do tempo real” (p.25). Portanto, essa seção permite analisar o tempo como uma das categorias eixo do discurso, revelando inclusive, a condição intersubjetiva da comunicação, pois, a enunciação é o ponto de emergência do presente e é a emergência do presente o próprio tempo da linguagem: “o único tempo inerente à língua é o presente axial do discurso, e que esse presente é implícito” (Benveniste apud Nunes, 1995, p. 22).

Assim, analisando a pluralidade do tempo presente nas narrativas será possível avaliar que as experiências -individual, social ou cultural-, interferem na concepção do tempo e da memória individual e coletiva e que este possui seu centro no presente da instância da palavra enunciada.

Espaço e ambiente: contextos socioculturais

Logo, procederemos à caracterização do espaço e do ambiente nas narrativas interpretando a significação do meio para a narradora nos seus mais distintos aspectos, marcadores dos episódios de sua autobiografia, identificando os principais cenários reais ou fictícios de sua narrativa, com a expressão subjetiva geralmente associada. Esses espaços intervêm também nos seus itinerários corporais, sendo o relato destes lugares repletos de materialidade.

Esta análise aportará também pontos para a construção discursiva de sua condição *popular, rural ou periférica*, analisando as estratégias de corroboração ou

consenso na sua própria identificação, pois estes temas são revelados dentro de seus contextos culturais específicos de onde estas mulheres narram.

Porque o texto tem uma posição condicionada, num campo discursivo e faz parte de uma instituição reconhecida, na qual cumpre as funções de comunicação e de representação, a linguagem passa a ser, sobretudo, “um dispositivo, um conjunto de práticas sociais com as que estabelecemos nosso papel na sociedade, com as que regulamos nossa intervenção e exercemos o poder de modificar a realidade” (Moure, 2005, p. 64).

A linguagem situada, portanto, constitui o elemento de mediação entre o ser humano e sua realidade, representando esse conflito e reclamando um estudo vinculado às condições de sua produção. Inclusive a ideia de realidade é definida a partir de uma posição social particular, que configura uma representação e criação do mundo com um determinado sistema de interpretação, que reproduz e favorece as relações de poder existentes. A realidade pode ser, portanto, *inventada* tanto pelos discursos vigentes quanto pelos ordinários.

Na segunda parte do nosso esquema de análise, analisaremos o material *não-cronológico/desnaturalizador*, uma etapa mais detalhada de análise que compõe o exame dos aspectos axiológicos das narrativas, ou seja, do auto-conhecimento da protagonista, sua cosmovisão, a consciência de si e da realidade em que vive, sua reflexão geral sobre sua biografia (opiniões, valores, juízos, argumentos), tudo isso, enfatizando o compromisso com a própria voz dessas autoras e atrizes de sua própria história.

Nesta parte, identificaremos as construções ideológicas do texto através da análise retórica (Billig, 1987) dos códigos do discurso, suas formas de argumentar, atitudes cristalizadas, ritos de obediência, poder e dominação, decifrando as práticas discursivas e suas estratégias linguísticas de construção de si, a partir de lentes como a resistência e a liberdade na narração de um feminino em construção.

Por fim, e implicados/as com a corporeidade desses discursos e sua encarnação textual, descreveremos os itinerários corporais das narradoras.

Este aspecto de análise é, seguramente, o mais subjetivo, já que nos deteremos aos registros de campo pessoais que fizemos depois de cada entrevista, como também de nossa extraordinária vivência cotidiana com cada narradora em sua própria

comunidade e no momento específico da entrevista, por isso, justificando assim sua escritura em primeira pessoa.

O objetivo dessa parte do trabalho é deixar clara a importância que uma análise da identidade construída discursivamente deve levar em consideração, inevitavelmente, os aspectos não verbais, ou corporais.

Para ajudar neste tópico contamos com as categorias propostas por Davis (1985) dentro da análise da comunicação não verbal, a partir de impressões de cada entrevista como: posturas, sinais vocais, movimentos de aproximação ou de afastamento, expressões faciais, e o toque.

A partir do exposto, damos como suposto que a identidade de gênero é também sempre uma identidade corporal, e que devemos analisar este aspecto dinâmico também através de uma vivência e uma percepção de nós mesmos/as. Enfatizamos estes registros com a intenção de ressaltar uma prática pessoal e profissional de apreensão de respostas corporais e escuta destes códigos não verbais.

Respaldados/as por uma implicada atenção ao corpo, devemos, como pesquisadores/as, entender que a atenção aos registros dos códigos não verbais

passa de considerar o corpo como um objeto e considerá-lo como um sujeito, a identificar *eus* e corpos, a ler e escrever também de outra maneira as trajetórias vitais, sem deixar de uma lado sua materialidade nem observar os corpos de fora, e assumindo, portanto, as consequências que isso acarreta (Esteban, 2004, p. 11).

A partir desses quadros apresentamos, finalmente, a análise da construção da identidade de gênero em cada narrativa para aportar as considerações analíticas pertinentes a estes discursos, buscando traçar uma linha interpretativa inerente ao nosso tema central: como as narradoras constroem uma identidade de gênero, ou o próprio feminino através de suas autobiografias.

TABELA

Aspectos cronológicos/ Naturalizadores	Núcleo Narrativo Personagens Tempo Espaço e Ambiente
Aspectos não-cronológicos/ Desnaturalizadores	
Itinerários Corporais	

5. CONTEXTOS SOCIOCULTURAIS

Antes de apresentar e analisar as histórias de vida é necessário contextualizar um pouco o ambiente no qual foram realizadas cada entrevista. Compreendemos de antemão o contexto como espaços, lugares e ambientes que conformam e compõem a linguagem e os corpos.

As entrevistas foram realizadas em períodos distintos, a partir de 2004 em Brasil, em Galícia (estado espanhol) em 2006 e finalizando com a temporada no Equador em 2010. Em cada povoado, lugarejo, comunidade, as vivências eram únicas e não cabia uma postura comparativa, mas com o valor na situação presente, insubstituível, pois cada contexto marca e constrói um modo de vida, um modo de falar e de construir o próprio corpo.

Deste modo, fazer um estudo atravessando três contextos tão distintos supõe, para além de reconhecermos as diferenças culturais, examinarmos suas peculiaridades e captarmos o discurso do feminino que está sendo construído no cotidiano. Este, contudo, está marcado por experiências de vida singulares e expressadas por um gênero que ainda está em construção.

O passo seguinte consiste em tratar de estudar as narrativas dentro dos seus contextos particulares de expressão, pois cada discurso assinala traços reais e imaginários de sua identidade, com seus efeitos ideológicos e estratégias retóricas, porém todos implicados efetivamente com o lugar de formação dessa fala, para poder, a partir daí o alcance desse discurso. A linguagem aqui estudada, portanto, é situada, marca desse elo entre as histórias, o ambiente, os corpos e a vida de cada mulher narradora de sua própria vida. Por isso, escolhemos apresentar esse primeiro contato com cada comunidade em primeira pessoa, para enriquecer o matiz etnográfico da pesquisa e manter a originalidade desse processo.

- ***Brasil***

No Brasil, a comunidade de contato foi a Maria da Paz, localizada a aproximadamente oito km de Fortaleza, capital do Ceará, no nordeste do país. Essa região está entre as mais pobres de um país com média da esperança de vida da população correspondendo entre 75,8 anos para as mulheres e 68,1 anos para os homens. Além disso, o Brasil apresenta uma grande concentração de renda, com um dos maiores níveis de desigualdade social e econômica no mundo. Nesse cenário, as grandes cidades brasileiras, cada vez mais ricas, escondem em suas periferias a enorme pobreza daquelas pessoas que as habitam, sendo a maior parte da população residente em áreas urbanas (83,3%), com grande concentração nas regiões metropolitanas (IBGE/2006, apud Pasinato e Santos, 2008).

O conjunto Maria da Paz caracteriza-se por estar circundado por uma área de casas maiores, mais abastadas, que representam um modelo típico da divisão do espaço urbano da região, onde é comum encontrarmos casas de diferentes classes sociais dividindo o mesmo bairro. Nesse caso a diferença social é bastante acentuada. Essa comunidade, que faz parte da periferia de Messejana, é uma comunidade pobre do município que conseguiu transformar os barracos de lona e plástico em casas de alvenaria por mérito e luta próprios, ou seja, invasão de terrenos ociosos e mutirão popular com apoio de movimentos sociais e ONG's locais.

Ocupar terras e nelas montar acampamentos, ou barracos tornou-se, nos últimos trinta anos, a forma comum de reivindicar a reforma agrária no Brasil na zona rural (MST) e na zona urbana (MTST - movimento dos trabalhadores sem-teto). De acordo com Sigaud (2005) o Estado brasileiro “tem conferido legitimidade à pretensão dos movimentos ao desapropriar terrenos ocupados e redistribuir as terras entre os que se encontram nos acampamentos ou barracos” (p. 255). Sendo ainda comum nas comunidades de baixa renda uma migração interna para outras regiões, cidades, bairros, um aventurar-se num novo destino, novos sonhos, um movimento pouco estável, perpetuando-se uma tendência de fuga, causada muitas vezes pela dor.

As ocupações generalizaram-se em todo o país, promovidas não apenas pelo MST, mas também pelos sindicatos de trabalhadores rurais e por dezenas de outras organizações criadas com o objetivo precípua de ocupar terras. O MST surge em âmbito urbano depois, lutando contra a especulação imobiliária, trabalhando junto à

organização popular. O MTST defende uma transformação profunda da forma de organização da sociedade brasileira, como única maneira de atender aos interesses dos trabalhadores. Aposta na luta direta, em especial através das ocupações de terrenos urbanos ociosos, orientada no sentido da construção de poder popular.

A comunidade apresenta a imagem corriqueira de mulheres e crianças ruidosas nas ruas sem calçamento, com poucas árvores, nenhuma praça, somente um campo de futebol que é utilizado principalmente pelos homens em fins de semana. As mulheres diariamente perfazem os movimentos rotineiros de organização das tarefas domésticas, frequentemente ultrapassando os limites privados de sua casa, percorrendo espaços vizinhos, recriando a visão popular do termo comunitário, onde “todo mundo se ajuda” e vizinhos/as são tratados/as como parentes.

As mulheres são tidas como as “faladoras” do local. Reunindo as percepções e as ações de um bairro marcado pela rotatividade de seus moradores/as e provisoriedade dos agrupamentos familiares, organizam sua vida cotidiana por via da palavra. Esta é o fio com que tecem suas vidas. Portanto, a essas mulheres é reservado um lugar muito especial na circulação e produção de informações.

Sem querer estabelecer traços caracterizadores das falas das mulheres, estamos propondo que nesse contexto específico, a relação gênero e classe promove uma socialização linguística diferente, feita como nos guetos (Moure, 2012). Assim, a “faladora” pode referir-se também àquela mulher que, a partir de seu silêncio público, violentado, aprendido, se revele nos espaços privados, ou locais, com mais ênfase, ou que sua fala nos pareça mais “sonora”, mais abrangente.

De fato, a comunidade passou dois anos vivendo em barracos de lona, até conseguir apoio para construir suas casas. Essa luta foi principalmente acompanhada pela irmã e missionária católica Maria da Paz, motivo do nome da comunidade.

Na época do levantamento das casas, nos anos de 1995 e 1996, os/as moradores/as conseguiram também ajuda da ONG Ceará Periferia, para se estabelecerem e na época da pesquisa havia cerca de 160 famílias distribuídas em 43 casas de alvenaria, além de um galpão onde fica a sede de uma pequena associação da comunidade: a Associação de Moradores Comunidade Maria da Paz – AMCMP.

Essa associação funciona como um núcleo de mulheres que tomam a frente das principais decisões da comunidade. Essas decisões geralmente dizem respeito à melhoria das condições de vida para a comunidade, como: saneamento básico, construção de mais casas e reivindicações por escolas e postos de saúde. Essa comunidade caracteriza-se principalmente por uma luta constante por condições de vida saudável e de qualidade, apesar de essa ser uma luta sem um fim previsto.

Há muitos problemas materiais e sociais que atravessam o ambiente familiar, deixando essas mulheres expostas às mais variadas situações de risco e obrigadas a desenvolverem estratégias de união e solidariedade dentro da comunidade. E foi exatamente dentro desse contexto que iniciei meu percurso de investigação no O Semeador.

A Associação “O Semeador” possui um trabalho educativo com crianças de cinco a dez anos na comunidade Maria da Paz, estabelecida desde 1994 à base de invasão e primeiros assentamentos, e há 17 anos, por mutirão de construção de casas na periferia de Messejana.

Na referida instituição o trabalho dedicado à psicologia na época centrava-se nas intervenções psico-educativas, particularmente junto aos professores da equipe, que trabalhavam com crianças da comunidade. Também era desenvolvido um trabalho direto com as próprias crianças, com atendimentos psicológicos individuais e de grupo.

Além disso, foi criado um projeto de visita à comunidade atendida com o objetivo de estreitar o diálogo com as mães das crianças assistidas pela associação, o que permitia o encontro direto com suas famílias e suas histórias, no seu próprio ambiente.

Esses encontros eram marcados principalmente pelas mães de crianças atendidas pelo projeto e nesse período teve início também meu contato com as diferentes mulheres relacionadas diretamente com minha pesquisa.

Durante a pesquisa, minha principal atividade com a associação eram as visitas domiciliares. Logo me fiz “visível” no bairro e através da líder comunitária, uma senhora magrinha e sorridente, conheci outras interessante “personagens” da comunidade. Nessas ocasiões era comum ver como pequenos espaços de moradia eram compartilhados com muitos membros ou “agregados” familiares.

O calor era muito forte durante o dia, e sempre que podíamos estávamos “refugiadas” dentro de alguma casa, participando diretamente da intimidade daquelas famílias chefiadas por mulheres.

A pesquisa de Scott (2007) revela que as MRD (Mulheres Responsáveis por Domicílio) de todo país recorrem, mais intensivamente que homens, às suas redes de relações ampliadas para inclusão de outros nas suas casas e têm mais instrução e menos renda que os homens responsáveis por domicílios. No Nordeste, com uma história de emigração forte, as mulheres responsáveis são muito mais numerosas e no Ceará, (Estado de realização da pesquisa) a quantidade de domicílios com mulheres responsáveis é de 28,6% na zona urbana, o dobro que na zona rural (13,3%) e elas assumem a chefia em todas as faixas etárias em comparação com os homens da família.

Curiosamente, em se tratando de uma comunidade localizada na mesma região onde vivo, meu olhar situado, localizado, deixou em minha memória marcas profundas durante a pesquisa. Especialmente pelo contato tão perto com aquela realidade da periferia, com a força e a dor de mulheres que me colocavam constantemente no lugar de estranhamento, de distanciamento, de respeito e aprendizagem. Enquanto pesquisadora, eu questionava meu papel dentro daquele entorno, esperando encontrar a forma de deixar falar outras vozes sem tomar partido, com a difícil tarefa de esperar que a realidade explicasse a si mesma.

Reconhecer essa dificuldade de “copiar o real” tentando não dar um significado específico a cada encontro era uma tarefa metodológica constante que eu utilizava e por isso a capacidade de aproximar-se sem perder o intuito da pesquisa. E essa aproximação também era física, pois era comum o toque de mãos ou de corpo enquanto se falava, além dos cumprimentos que também requerem uma aproximação natural.

Por um lado, ver as condições extremas de pobreza, estar junto às desigualdades, conviver com a falta e questionar o instrumento de apoio adequado me fazia encontrar estratégias de ouvinte, de empatia constante, de distância responsável e uma saudável aproximação. O caminho da comunidade geralmente era ilustrado por lixo nas ruas e uma impressão de descaso, e grande abandono. Por outro lado o espaço íntimo dentro das casas simples podia representar um “oasis” no meio dessa realidade (dependendo da situação familiar) ou seu mero espelho.

Nesse contexto, foram realizadas vinte visitas à comunidade Maria da Paz, no período de seis meses e catalogadas cinco entrevistas, sendo três analisadas a seguir.

Nomeamos as entrevistadas por Narradoras B1, B2 e B3, respeitando seu direito de não serem identificadas na análise. E com o privilégio de reproduzi-las, apresento em breves dados as três narradoras, referentes à época da entrevista:

B1. A narradora tem 48 anos e três filhos/as. Mora na comunidade numa casa construída e mantida pelo marido, com quem mora junto desde que saiu da casa dos pais. O marido está empregado e ela nunca trabalhou.

B2. A narradora tem 32 anos e cinco filhos/as. É dona-de-casa e mora com o pai dos seus/suas filhos/as. O companheiro está desempregado e sua situação financeira é muito precária, e não mudou desde que foi morar na comunidade, há nove anos.

B3. Tem 31 anos e é mãe de sete filhos/as. Mora também com o marido na comunidade desde a época da construção das casas, em mutirão. O marido trabalha como pedreiro e ela trabalha como faxineira quando há serviço nas “casas de família” da vizinhança.

- ***Galícia***

Por sua parte, na Galícia, estando em um projeto de recompilação de histórias orais no Centro Ramón Piñeiro para Investigação em Humanidades, entrei em contato com uma comunidade perto de Santiago de Compostela através de uma senhora que trabalhava no instituto. A partir deste contato, estive visitando o povoado de Vilvestro durante mais ou menos três meses.

Vilvestro é um dos povoados de Ameixenda, distrito que se localiza a nordeste do município de Ames. Segundo o censo municipal de 2011 tinha 381 habitantes distribuídos em oito povoados. O de Riboredo tinha apenas seis famílias localizadas numa zona de vegetação verde e abundante. O povoado tem também um centro sociocultural mantido pela Deputação Provincial de A Coruña, uma igreja e uma escola.

Essa zona, como a maioria dos povoados locais, possui um componente rural muito arraigado de minifúndios de autossuficiência. De acordo com o sociólogo Camerero (2009) ao redor da quinta parte da população espanhola vive em áreas rurais,

pois 21% vive em municípios menores de 10.000 habitantes. Segundo a nova sociologia rural esse é o limite estabelecido habitualmente em Espanha para definir o espaço rural, uma vez que se prevê que o rural se diferencia do urbano a partir de um critério mais pragmático que é o tamanho do hábitat, supondo que esse tamanho pode ir associado a “diferentes formas de sociabilidade” (p.11).

Dentro desses termos, Galícia, um território tradicionalmente rural passa hoje em dia por um processo intenso de urbanização, ou de *desagrarização*, termo usado por este autor, que significa a “perda da importância econômica da atividade agrícola num território e o conseqüente enfraquecimento das instituições sociais ligadas a essa atividade que organizam diferentes aspectos da vida social” (Camarero, 2009, p. 9).

A perda da importância da agricultura como eixo da organização social das áreas rurais leva ao abandono do caráter familiar da atividade agrária, convertida frequentemente em uma parte da atividade econômica de alguns membros da família, valorizando-se atualmente a qualidade e a segurança alimentar frente à produtividade.

Essa transição rural, segundo alguns estudiosos, se intensifica com a entrada da Espanha na comunidade europeia, em 1986, e nos últimos vinte anos se destaca um elevado grau de urbanização, apoiado em processos sociais conjuntos como o envelhecimento demográfico e o despovoamento da zona rural (Precedo, Míguez e Fernández, 2008).

Esses dados se concretizam quando, antes de chegar no povoado em questão, a paisagem é invadida por distintos condomínios de casa iguais, ou urbanizações, que transformam a zona num espaço distinto de conceber a *zona rural*.

Não obstante, mesmo com a perda da maior parte de sua população ativa, essas áreas rurais costumam caracterizar-se por uma baixa densidade de população e por um peso alto da agricultura, ainda um componente fundamental da vida econômica distrital, marcando, por exemplo, as comunicações, a gastronomia, a arquitetura popular, grande parte da paisagem, das festas e dos costumes laborais (Navarro e García, 2005).

Caracteristicamente, a comunidade estudada possui ainda essas particularidades de zona de transição com cultivos familiares de cereais, vinhedos, frutas e hortaliças, utilizando a terra úmida e fértil do local, mas também com frequentes familiares trabalhando na cidade, contribuindo para a economia local, sendo a principal atividade na zona, a pesca na costa e o turismo “verde” em geral e a agricultura, nas áreas de interior.

Nesse caso, a vida rural da Galícia tem o componente da terra e da chuva muito presentes e é comum observar o trabalho de homens e mulheres no campo, em meio a uma chuva fina constante. Conheci muitas mulheres que ainda permanecem no campo, atrelada às tradições, outras que -acompanhando o processo de urbanização- mantêm jornadas duplas e triplas de trabalho, com o emprego principal na cidade mais próxima, porém com as mãos ainda no campo, ajudando os companheiros, ou se mantendo por si mesmas. E ainda outro grupo de mulheres que vêm ao campo somente para visitar a família, emigradas no processo massivo de êxodo rural na década de 50 e 60.

Além disso, frente aos tempos de crise econômica que vive atualmente o país, é comum encontrar também um retorno da população jovem reabitando o ambiente rural.

Assim, ao chegar nessa galega, o corpo todo estranhou. Por pertencer originalmente a uma zona de constantes períodos de seca e calor, o ambiente úmido e verde me trazia inúmeros e ricos contrastes. Além disso, estar dentro de uma cultura com um aspecto linguístico tão próximo e uns costumes tão diferentes dos meus me fez admirar esses traços singulares de uma gente com um contato mais íntimo com a terra e uma simplicidade admirável.

O galego, idioma oficial da comunidade, me aproximava prazenteiramente das vozes mais antigas dessa gente de aspecto, comportamentos e ideias tradicionais. Uma tradição que fui aprendendo a viver, para usufruir de todo o seu sabor.

De repente Galícia e todos os seus mistérios já faziam parte do meu cotidiano, com uma espécie de desfrute de uma realidade tão antiga, cheia de histórias de força, de reclusão, de emigração e de resistência.

Estive assim, no ano 2006 com visitas contínuas ao povoado em questão, observando o comportamento habitual das pessoas da comunidade, participando de seu cotidiano comum, como as colheitas do milho e do ambiente rotineiro das famílias. Também em momentos mais íntimos, junto de refeições ou horários de descanso dentro de algumas dessas dinâmicas até que encontrar o momento de realizar as entrevistas. Portanto, essas três mulheres foram as escolhidas dentre todas que as conhecemos:

G1. A informante tem 48 anos, nasceu e viveu nessa comunidade. Está casada e mora com seu marido, seus dois filhos e a sogra. Um de seus filhos vive em

Madrid. Ela até muito pouco tempo não trabalhava fora de casa, e junto com seu marido mantém cultivos e animais para criar.

G2. A informante tem 75 anos e quatro filhos. Mora com dois filhos e ainda cuida da casa e dos animais.

G3. A narradora tem 69 anos e estava passando uma temporada na comunidade visitando a família. Emigrou a Uruguai ainda bem jovem, com 25 anos. É tia da narradora Ga1 e tem duas filhas que vivem com ela em Montevideú.

- *Equador*

O contato com a comunidade equatoriana se deu a partir de um projeto auspiciado pelas Nações Unidas de colaboração internacional. Junto com a área da prefeitura do município entrei para acompanhar um projeto de visibilidade e apoio às pessoas idosas do cantão⁸ Nabón o que propiciamente me levou a conhecer em profundidade algumas famílias localizadas em lugares de difícil acesso na comunidade.

Nabón, de ancestral cañari, está ao pé da colina Calvário ao sudeste da província de Azuay, em uma ladeira irregular, com pequenos espaços planos. Segundo dados do Censo de População e Moradia do Equador, esta é uma das zonas mais marginalizadas da província, profundamente rural (93% da população mora no campo) e tem os mais altos índices de pobreza e extrema pobreza, porém com a particularidade de ter também o maior índice de população indígena em 32%, comparado ao índice nacional de 7% (INEC, 2010).

Segundo Herrera, “O indígena se constituiu num marco ideológico pejorativo ou num imaginário simbólico no qual não queremos reconhecer e do qual todos querem fugir ou esquecer” (2009, p. 39). Aqui as diferenças étnicas (índios e mestiços) se construíram como identidades em oposições não complementares. O mestiço e indígena é uma relação conflituosa marcada pelo racismo que sobrevive nas práticas cotidianas e que continua sendo difícil superar, porém construíram uma sociedade dividida etnicamente que coloca as mulheres indígenas num lugar e as mestiças noutra.

⁸ Os cantões do Equador são as divisões de segundo nível. O país está dividido em 24 províncias, as quais por sua vez estão divididas em cantões e estes em paróquias e comunidades.

Nesse sentido, a investigadora afro dominicana Ochy Curiel (2007) defende que a ideia da mestiçagem na América Latina assume um significado diferente da norte americana. “Aqui, ser mestiça responde a uma ideologia racista na construção do Estado-nação, é uma identidade dominante. Foi um dos mecanismos ideológicos para lograr uma nação homogênea, cujos referentes legítimos eram uma herança fundamentalmente europeia, onde a genealogia indígena e africana desaparece. Nos Estados Unidos, ser mestiço supõe reconhecer-se subalterna e reivindicar-se latina: é um ato de resistência” (p. 97).

Nestes termos, a autora ressalta que a ideologia da mestiçagem trata especialmente de invisibilizar o racismo e seus efeitos sobre as mulheres, denunciando, finalmente, que a democracia racial é um mito que sustenta o racismo estrutural das repúblicas latino-americanas e que se expressa hoje em âmbitos econômicos, políticos, sociais e culturais.

Nos contextos de Nabón, os mestiços e os indígenas possuem uma clara separação física, simbólica e conceitual. Moram em comunidades distintas, levam um chapéu de cor distinta (o mais escuro para os indígenas) e nitidamente mantêm relações sociais, econômicas e comunitárias distintas.

Em termos econômicos, a agricultura é a ocupação preponderante desta gente da zona erodida. Hoje florescem principalmente milho, trigo, batatas, feijão, cevada e hortaliças. A tecnologia chegou aos às estufas, e ali, com a presença de especialistas, se produz uma abundante colheita de morangos e tomates orgânicos. Além disso, porém com menos suporte, estão as atividades de criação de gado, artesanato e mineração.

Nos primeiros contatos com a população local era nítida a percepção de que não estava claro quem era o/a observado/a. Em tudo havia uma infinita curiosidade e éramos, eu e aquela gente, sujeitos da observação. Um brilho de estranheza e surpresa nos olhares que se cruzavam e se permitiam, se aceitavam, já que observar é também deixar-se ver.

À parte das constantes visitas domiciliares com o projeto, preparávamos reuniões em cada comunidade, junto com coordenadores locais, de lazer e arte aos idosos que tinham saúde e disposição para vir a estas reuniões.

Em 2005, Nabón foi considerada “Patrimônio Cultural do Equador” por sua relevante história e intercultural (grupos brancos, mestiços e indígenas *kichua-cañaris*). Sem dúvida, somam-se a estas características específicas os fortes processos de expulsão da força de trabalho (migração temporal e definitiva) e um grande processo de feminização, um dos índices mais altos do país.

A migração temporal se direciona do campo para as cidades fundamentalmente para trabalhar em minas, petroleiras e na área da construção. Com efeito, durante os anos 80 e 90 até os nossos dias, começa e cresce sem freios a migração definitiva para os Estados Unidos (maioria) e Espanha.

Por estas qualidades, em Nabón os processos de migração e feminização vão juntos. A partir dos anos 70, a reforma agrária (compra e venda de terra e posterior legalização das comunidades), ao não lograr democratizar completamente a terra, condicionou a reprodução das famílias a escassos meios produtivos, com o qual complementam sua renda com a migração sobrecarregando o trabalho da mulher como resultado da ausência dos homens.

A migração definitiva e as remessas dos emigrantes é um fenômeno que impacta a ordem familiar, aprofunda as desigualdades e diferenças entre as famílias e pressiona e quebra a ordem comunitária, compreende Herrera (2009). Assim mesmo, segundo este mesmo autor, devido à herança colonial de Nabón, os papéis designados a mulheres e homens, assim como o racismo, têm raízes nas fazendas e nas formas de socialização que se impôs aos homens e mulheres durante o período colonial, contrariando a teoria do feminismo comunitário de Paredes (2010) quando afirma que a ideia de que a colônia veio trazer o machismo é um indigenismo perigoso, que mantém as formas “tradicionais” de exploração às indígenas, exaltando e convertendo em exótico um passado sem memória duvidosa.

Com isso, a autora quer dizer que as diferenças de gênero condicionam as oportunidades para homens e mulheres, e no caso das comunidades indígenas, está codificado também em sua cosmovisão indígena. Dentro desse debate, recordamos que o *huasipungo*⁹ -forma de trabalho mais importante da fazenda-, foi o principal

⁹ Em kichua: *huasi*= casa; *pungo*=porta. Lote de terreno que o proprietário entrega ao lavrador por conta de seu trabalho e como adiantamento do salário e o mantém atrelado o resto da vida.

instrumento de dominação nestas propriedades, sistema colonial que persistiu até as primeiras décadas do século anterior. Este sistema ordenava as relações sociais da época e dominou a sociedade desde o século XVI até os anos da reforma agrária. De fato, ao ler a clássica novela equatoriana de Jorge Icaza, “Huasipungo” de 1934, pode-se facilmente reconhecer no sistema atual, esquecido entre estes altos muros, um processo não tão distante do tempo dos trabalhos desiguais, forçados e dos serviços discriminatórios.

Assim, em Nabón, a história com a fazenda e o desenvolvimento do colonialismo interno, traduzido em práticas racistas, divide a sociedade e segrega uma parte da população. Este processo de segregação e exploração baseado na pele, é um processo que instituiu relações sociais, subjetividades e imaginários; que se mantém na sociedade e que limitam o desenvolvimento das mulheres indígenas, sobretudo impactam em sua autoestima as identidades de gênero e classe.

É muito comum ver hoje em dia mulheres indígenas trabalhando para as casas dos mestiços em regime de favores e dívidas familiares ancestrais (materiais ou simbólicas). Aliás, dentro de uma cultura machista, em sua maioria, o adultério e a violência doméstica, ainda continuam sendo vivências “tradicionais”.

Por tudo isso, a experiência de viver em comunidades que se distanciam (fisicamente) e são distanciadas (simbolicamente) do espaço de crescimento e desenvolvimento atual, me permitiram perceber como este “isolamento” reproduz antigos paradigmas e naturalizações de comportamentos tradicionais.

Passados seis meses de vivências cotidianas em Nabón, um povoado do sul do Equador, de altitude média de 3000m e densidade de quase 1.500 habitantes, depois de um difícil processo de adaptação ao frio e a elevadas altitudes, reconheço a característica desta experiência e sua determinante condição rural, com altos índices de pobreza e uma sociedade feminizada, produto dos processos migratórios temporais e definitivos da população masculina efeito das poucas ofertas laborais da zona.

Por ser a única estrangeira em todo o povoado, minha presença ao final era inclusiva, com laços fraternos construídos entre várias famílias. Além disso, a parte do projeto estava implicada também em atividades do asilo da cidade, e um programa de novos talentos para jovens. Em meio de todo esse aspecto intercultural, apresento por

fim as três amáveis senhoras que me permitiram compartilhar e analisar suas histórias de vida das quais aprendi muito:

EC1. Camponesa ainda aos 65 anos, órfã e viúva. Mora só na cidade, vendendo empanadas. Sempre participava alegremente das reuniões que fazíamos.

EC2. Mora no asilo há sete anos. Possui um filho nos EEUU e outro em Quito. Tem dificuldades para ver e lhe encanta receber visitas e contar suas histórias.

EC3. Mora numa bonita casa com seu marido, três filhas e dois netos. Tem problemas nas pernas e quase nunca sai de casa. Também tem um filho nos EEUU, que fugiu de dívidas de brigas de galos.

Entrevistas Narrativas
BRASIL

6. HISTÓRIAS DE VIDA

6.1 Transcrição da E.N. da narradora B1.

l.	Material Cronológico/naturalizador	Não Cronológico/desnaturalizador
1		A história da minha vida é tão difí... Assim, difícil assim,
2		porque eu fui criada sem mãe,
3	perdi minha mãe muito nova, né? E fui morar com minha irmã.	
4		E meu sofrimento já partiu da casa da minha irmã.
5	Foi lá no Pio XII, ainda me lembro... Lá eu fui criada com ela	
6		ela sofria muito por causa do marido dela. E aquele
7		sofrimento que ela tinha com o marido, ela descarregava
8	Ela me batia, me judiava muito, me maltratava muito... Ela me botou	todo em mim
9	pra estudar,	
10		só que eu não tive cabeça pra estudar, o que eu aprendia era
11		da minha vida. Eu perdi a oportunidade de aprender.
12	Aí eu fugi da casa dela e fui trabalhar nas casas, eu tinha mais ou menos	
13	uns 12 pra 13 anos. Comecei a trabalhar nas casas alheias, trabalhei 11	
14	anos pra ficar lá, não ganhava nada, era só pra morar.	
15	Aí tinha um rapaz lá, era um namoradinho que eu arranjei com 14 anos,	
16	e a mulher não gostava que eu namorasse, aí eu fugi de lá.	
17	Aí, saí de lá e fui trabalhar noutra casa. Nessa outra casa, tinha o filho	
18	dela que ele olhava muito pra mim, mas eu não queria, e tive que sair de	

19 lá, mas saí fugida com um outro rapaz que hoje é o meu marido. Fui
20 morar na casa do pai dele, passei um tempão na casa do pai dele.
21 Mas aí eu saí de lá pra casa de antes, mas ele alugou um quarto e foi me
22 buscar, aí me botou dentro do quarto, aí eu engravidei logo da minha
23 menina mais velha. Eu ia fazer 17. Fiquei com ele e essa dita minha
24 irmã disse pra ele, disse pra ele fazer o casamento e ele disse que tava
25 certo.
26
27
28 Mas aí ele começou a me judiar, começou a me bater, me batia demais.
29 Só vivia me batendo, mas eu não tinha coragem de abandonar...
30
31
32
33
34
35 Aí ele alugou outro lugar, porque até essa época ele trabalhava numa
36 farmácia, ele era moço, cheio de disposição,
37
38
39
40 Aí eu peguei e fiquei nessa casa que a gente tava e ele foi pra outra, mas
41 a minha irmã foi e disse que ia ajeitar os papéis pra gente casar, tá
42 certo... Casamos.
43
44 Saía, chegava de manhã, me batia,
45
46
47
48

Nesse tempo eu gostava dele, eu amava ele, eu era louca por ele, alucinada. Mas hoje eu não tenho mais aquele amor...

Talvez, se eu tivesse tido coragem de abandonar, eu não teria nem tido tanto filho pra sofrerem como sofrem hoje... Sem eu ter condições de manter.. Aí eu fiquei sempre aguentando, né, porque um dia ele pode mudar, mas ele nunca mudou...continua do mesmo jeito.

a gente tinha uma vida até razoável, né, não era como hoje que estamos bem dizer sem nada, mas...se for coisa de Deus, Deus vai iluminar.

Mas quando era junto era melhor do que casado, depois piorou tudo, aí é que ele começou a judiar mesmo

agora só o que ele nunca deixou faltar, foi na parte de alimentação. Ele foi muito bom, na época que ele trabalhava. Ele hoje vive deitado, e nós não temos convivência de marido e mulher não, é ele num canto e eu noutro. Aí nós

49
50
51
52
53 Os dois mais novos, eu tive lá na leste-oeste, perto da barra do Ceará, eu
54 morei na rua do Grêmio dos Ferroviários, que é esse de 17 anos e o de
55 13.
56 Aí eu fui pra essa casa, quando ele se desempregou, a gente tinha o
57 dinheiro só do meu mais velho.
58 Ele depois me deixou e foi trabalhar numa construção numa mulher.
59
60
61
62 Às vezes era que ele vinha, aí esse meu menino mais velho que
63 trabalhava, que pagava o quarto
64 Aí eu fui lá, descobri a casa dessa mulher e fui lá. Pedir a ele pra ele me
65 ajudar, que eu não trabalhava, que era 60 reais o quarto, que o menino
66 ganhava pouco, que ele me desse uma ajuda, mesmo que ele não
67 quisesse voltar. Aí ficou assim, todo mês ele me dava trinta e o menino
68 me dava trinta. Assim eu ia levando..
69 mas o menino saiu do trabalho, minha mais velha casou, a outra se
70 juntou e não tinha quem pagasse, e o homem pediu o quartinho de volta.
71
72
73 Vim pedir na casa de uma irmã minha, numa casa separada assim da
74 dele, e ela deixou eu ficar lá até eu arrumar um canto pra mim. Eu disse
75 que ia morar mas não tinha como pagar, meu menino vendia jornal e
76 disse que ia ajeitar um canto pra ele ir embora. Ai eu fiquei lá, passei
77 um tempo na casa dela
78 aí de vez e quando ele (o marido) vinha, deixava alguma coisa e

casamos e tudo e o sofrimento rendeu...
E eu dizia não, não vou deixar porque eu não tenho pra onde
eu ir, outra que eu sabia que ele era o pai dos meus filhos.
Porque eu já tinha duas meninas e um menino.

Ela não pagava ele, mantinha ele de coisa, de alimento, de
tudo né? Numa casa muito boa... mas ele morava com ela lá.
Aí me deixou sozinha, né?

Eu peguei e agora pra onde é que eu vou?

79 voltava, de vez em quando ele dormia lá e depois voltava pra casa dessa
80 mulher. Aí nessa época o meu cunhado bebia e dizia muita coisa
81 comigo, a filha dele também dizia... Que eu morava de favor, cadê meu
82 marido... Aí eu disse - menino quer saber de uma coisa, eu vou arranjar
83 é um canto pra mim sair daqui, que não dá mais, nem que seja pra
84 debaixo de um pé-de-pau, mas eu vou ter que sair, é o jeito.
85 Aí eu fui na casa da minha cunhada, pra ela arranjar um canto pra mim.
86 E ela disse, “acolá tem uns barracos de lona, você quer ir pra lá,” eu
87 disse - “eu quero”.
88
89
90
91
92
93
94
95 Aí ele falou com meu irmão pra ir lá, mas os barracos eram pra
96 comprar, e o homem disse que o barraco era 60 reais, e ele comprou.
97 Aí eu vim...
98 quando chovia era a água alta, eu e os três meninos. Aí quando já tava
99 com uma semana, ele (marido) chegou com as coisas dele pro barraco.
100 A mulher botou ele pra correr de lá, porque ele bebia muito e a mulher
101 mandou ele sair.
102
103 Eu disse um monte de coisa com ele:
104
105
106
107
108

E isso eu operada, tava com quinze dias de operada, tinha tirado o útero. Aí eu disse, menino eu vou ter que ir, é o jeito, porque o meu cunhado ficava dizendo as coisas, chamava meu menino de mendigo, chamava eu de uma ruma de coisas, mandava eu ir atrás dele, a filha da minha irmã também falava coisas... aí eu me sentia triste né, e só tinha essa solução. “Eu vou que é melhor que eu ficar lá, eu não tenho como ajudar nada lá.”

Mas eu sofri tanto...

Ele tinha tudo do bom e do melhor lá.
“como é que vc abandona seus filhos e a sua mulher também, não dói o seu coração? Abandonar nós passando necessidade. Trocar seus filhos por uma mulher que nem lhe quer,” porque ela tinha o homem dela. Ela era bonita... Eu não sei se ele tinha um caso com ela, ou se morava só de favor...

109 Aí ele pegou e veio me bater, pegou o pau pra me bater, aí eu corri, e
110 nisso o meu menino ainda desmaiou, aí foi aí eu entrei num barraco, ele
111 pegou uma ripa de pau grande e jogou pra tacar em mim, mas caiu
112 longe. Aí uma vizinha disse que ia chamar a polícia porque a gente tava
113 fazendo confusão.
114 “Eu vim desacomodar ele, não foi você não. Pode chamar, eu vou presa,
115 mas digo o motivo.” Aí chamou o senhor de uma bodega e disse: “olha
116 não vá atrás dele não, deixe ele aí.” E outra mulher disse pra eu me
117 acalmar...
118
119 E ele veio morar comigo nesses barracos.
120 Meu filho saía bem cedinho pra granja, perdia os estudos, pegava muito
121 pesado, e ele vivia cansado, chegava de madrugada. “Mãe eu tô muito
122 cansado, não aguento mais”,
123 aí ele arranhou uns pintinhos e ficou um monte de galinha, e vendeu, e
124 me deu um dinheiro que a gente entrou no mutirão pra construir esse
125 quartinho, que meus filhos ajudaram a construir. E ele também
126 Mas hoje ele não trabalha mais, vive em casa... A comida, são os
127 vizinhos que dão. Às vezes dão um quilo de arroz, às vezes de feijão.
128 Ultimamente agora eu tô sem gás, e temos que procurar lenha,
129
130
131
132
133
134
135
136
137 Esse outro, não fala com ninguém aqui de dentro de casa, (se referindo
138 ao marido) o meu do meio não dá mais satisfação, sai e não tem hora

Mas Deus tá em primeiro lugar.

e a situação tá muito difícil, e ele nem fala comigo, nem com o menino mais velho. Porque eu acho que se fosse assim, tudo reunido, eu acho que as coisas iam caminhar assim, mais pra frente, mas eu não tenho como obrigar ninguém, né?

Eu já passei o dia na casa da minha irmã, mas ela também tá carente. E aí já fica mais abandonada.. Aí hoje o meu menino mais velho tava me dizendo. “Eu tô doido pra arrumar um canto, pra eu sair daqui, porque eu não aguento a vida daqui de dentro.”

139 pra chegar.

140

141

142

143

144 Mas aí, depois desses barracos, eu resolvi ficar só em casa, decidi parar

145

146

147

148

149

150

151

152

153

154

155

156

E eu noto que ele tá assim, quase desnortado, esse mais novo, eu noto que ele tá assim... , assim, sem rumo, eu não sei se é a dificuldade que ele vê dentro de casa, ou se é por causa dessa namorada...

e seja o que Deus quiser, ou com fome ou com barriga cheia. Tem hora que eu saio e eu vou por aí na casa das pessoas, pra ver se eu me distraio, pra ver se eu melhora mais, se tiro essas coisas da cabeça, eu sempre me senti só, nem quando a vida tá boa, eu não tenho apoio de marido, eu não tenho ninguém pra dizer que tá aqui pra me ajudar não tenho.. nem o apoio de uma família.. meus filhos querem ir embora.... Eu vou ficar por aí.

Eu dou conselho pros meus filhos pra eles se juntarem com pessoas boas, pra cuidarem deles.

Aqui acolá tem um que ainda me ajuda. Eles não são ruins...

Eu peço muito a Deus, pra me dar força pra ver se eu consigo viver mais uns tempos... (choro)

6.1.1 - Núcleos Narrativos

Núcleos principais	Sequência narrativa (linhas)
Família	Orfandade precoce (3); dependência da irmã (9); abandono (12); fuga para trabalhar (19); favores da outra irmã (73); degradação das relações familiares (81); apoio financeiro do irmão (96).
Sexualidade	Namorado jovem (15); fuga para ficar com o namorado (16); fuga com namorado/marido (19); amor e sofrimento (26); casamento (42); em convivência marido-mulher (47); abandono do marido (61); visitas esporádicas noturnas do marido (para dormir) (79); tirou útero (89).
Trabalho/Estudo	Perde a oportunidade de estudar (11); sobrevivência dura/ trabalha pra morar(14); falta autonomia/depende do marido (32), dependência dos vizinhos (126), dependência dos familiares (3, 73); dependência do marido (35, 60); desiste de trabalhar pra ficar em casa (143).
Violência	Irmã/física (8), marido (física, sexual, emocional) (29, 44, 59, 109); cunhado (psicológica) (81).
Afirmação/Resistência	Fugas por liberdade (12, 16, 19, 84); enfrenta marido para pedir dinheiro para filhos (64); pede ajuda à outra irmã (73); busca sozinha outra casa para sair do sofrimento (87).

Comentário

A partir desse esquema extraímos os núcleos principais, colaborados pelas sequências de ações na história, linear e recorrente que são reiteradamente marcados na narrativa, compondo seu *habitus* enquanto mulher, mãe e filha.

Esses núcleos são *Família*: marcada pelo abandono; *Sexualidade*: marcada pela linha da degradação e do desejo, até o momento de tirar o útero (manobra comum sinônima de esterilização); *Trabalho/estudo*: onde a narradora oculta os temas de seu próprio trabalho doméstico, reprodutivo, solitário e permanente, durante toda sua história, destacando somente seus logros e conquistas públicas, e também

suas frustrações relacionadas principalmente com as ações do marido; *Violência*: presente praticamente em todas as suas relações; *Afirmção/Resistência*: a narradora afirma sua própria vida a cada novo e significativo núcleo discursivo. O *habitus* da guerreira que enfrenta e foge dos maus-tratos é apontado diversas vezes, mesmo em situações difíceis como estando operada, sozinha ou sem apoio.

Destacamos também temas transversais no seu discurso, que atravessam toda a história: sofrimento, carência (afetiva e econômica) e estratégias de resistência.

6.1.2 Análise das Personagens

Qualificativos	Responsabilidade (Perseverança, trabalho, valentia)	Solidariedade (Lealdade, bondade, solidariedade, ética)	Violência/ Assédio (Agressividade)	Sociabilidade (Conciliação, Tolerância, paz)	Egoísmo (Intolerância, mesquinhez, individualismo)	Beleza (Sedução)	Submissão (Sofrimento, sacrifício, obediência, resignação)	Neutralidade (sem caracterização especial)
Personagens/ Atores/as								
A irmã (1)	x		x				x	
A patroa					x			
O filho da patroa			x			x		
Marido			x		x			
Sogra								x
“patroa” do marido		x				x		
Filho mais velho		x						
A irmã (2)		x		x				
Cunhado					x			
Sobrinha					x			
Cunhada		x						
Irmão		x						
Filhos mais novos							x	x
Filhas							x	x
Vizinha					x			
Vizinhos		x		x				
A narradora		x		x			x	

Comentário

Seu discurso é permeado de personagens. Cada ação é apresentada por seu responsável e assim a autora vai expondo os/as outros/as na sua história, carregados de valores e qualidades diversas. Percebe-se a presença constante da família (ainda que infravalorizada: “essa *dita* minha irmã” (23), vizinhos solidários (que recorrentemente servem de apoio), e principalmente seu marido como o personagem principal do enredo, trazido muitas vezes à cena. A narradora vai construindo assim seu próprio enredo a partir dos fatos implicados com o marido (mesmo quando este é ausente). Essa construção narrativa de sua identidade revela um caráter *generizado*, pois implica diretamente suas relações mais íntimas e suas carências afetivas. Também são relevantes os personagens da patroa (dela ou do marido) como uma figura de autoridade que deve ser respeitada, ou abandonada/enfrentada.

6.1.3. Espaço e ambiente - identificação dos principais cenários da narrativa

Espaço dimensional (físico)	Local de menção na E.N. (linhas)	Ambientação	Expressão subjetiva associada
Casa da irmã (1)	3	Pobreza e violência	Zona de conflito. Vitimização.
Casas de família	12	Primeiro contato com a sexualidade; pobreza, trabalho infantil sem salário/exploração, regras rígidas.	Vitimização, injustiça, enfrentamento/fuga
Casa do sogro	20	-	-
Quarto alugado onde engravidou	21	Pobreza, mas com alimentação assegurada, violências	Desilusão amorosa
Casa da leste-oeste onde teve os outros dois filhos	53	Pobreza, sem salário do marido; violência.	Estado de carência e abandono.
Casa da patroa do marido	58, 61	Lugar de relativa abundância (para o marido) - assegurados alimentação e outros benefícios	Casa “muito boa” Narradora vê como vantajosa para o marido Marido com outra relação?
Casa da irmã (2)- de favor	73	Pobreza; violência psicológica do cunhado e sobrinha e	Vitimização: carência, humilhação

		visitas noturnas ocasionais do marido	
Barracos de lona	86, 95	Barracos de lona, quando chovia, alagava, pobreza, péssima qualidade de vida.	Auto-afirmação seguida de carência e conflito com o marido- sofrimento
Quarto construído por mutirão	125	Pobreza, sem gás, comida providenciada por vizinhos, procurar lenha, carência.	Autonomia e desarmonia familiar. Filho insatisfeito. Carência pessoal. Futuro incerto
Casa dos outros	145	-	Distração, melhoria.

Comentário

Observa-se grande circulação espacial na trajetória da narradora, típico dos segmentos sem-teto que habitam as periferias das grandes cidades brasileiras. Mudam-se os cenários, mas a caracterização de base é a mesma: instalações precárias, sem saneamento, espaço exíguo para família numerosa; aluguéis caros, lar ameaçado por constante desemprego do provedor, tendência à reprodução desse estilo de vida e moradia pelos filhos (por falta de mecanismos de inclusão social). Esse cenário de exclusão favorece a opressão da mãe de família, como a narradora, com situações de sofrimento recorrentes, como a do marido desempregado que bebe e bate e/ou que abandona o lar. Sua situação ou posição não muda muito a cada mudança de casa, é apenas uma nova tentativa, uma fuga de maus-tratos, sozinha ou com os filhos.

Destacamos também que seu ambiente privado representa sempre um lugar de maus-tratos e de violência. Quando finalmente tem uma casa sua, construída com a ajuda do mutirão, não possui mais contato com o marido, que passa o tempo dormindo, pontuando assim, a casa dos outros como seu único espaço de distração. Nem o filho se sente bem na própria casa atual (sintoma de dificuldades), ou seja, um lar, como espaço simbólico não conseguiu construir. Confirmamos aqui que o controle exercido pelo contexto/ambiente também aos corpos, estabelecendo limitações para organizar-se e direcionando opções de fuga específica para os homens (bares, campo de futebol, boates).

6.1.4. Tempo

Narrativa acelerada com predomínio dos incidentes da ação, apresentados em constante sucessão e fatos, com ênfase nos eventos vinculados à vida adulta, a partir de quando era adolescente. O tempo é predominantemente subjetivo, de avaliação pessoal, normalmente atualizando ou dando valor ao mesmo. Ex: “passei um tempão na casa do pai dele” (20).

A narradora contrasta uma época passada, “na época ele (o marido) trabalhava”, com o presente: “Ele hoje vive deitado” (46); ou “a gente tinha uma vida até razoável, né, não era como hoje que estamos bem dizer sem nada” (37). Essas idas e voltas temporais aparecem diversas vezes e assinalam uma memória reconstruída entre o passado e o presente, mas sem projeções de futuro.

A narradora também não se vale de fórmulas de suspense e sua narrativa tende ao desfiar monotônico das várias situações/momentos penosos de vida.

Não há indicadores cronológicos objetivos (ex. datas, épocas do ano). Os indicadores temporais mais precisos referem-se a episódios pessoais: “aí eu engravidei logo da minha menina mais velha. Eu ia fazer 17” (22); “trabalhei 11 anos pra ficar lá” (14).

Há poucos “flash-backs” - só intervêm como explicação adicional ao narratário:

“Porque eu já tinha 2 meninas e um menino... que é esse de 17 anos e o de 13” (54).

De modo geral sua sequência temporal é construída por fatos específicos e assinalam sempre o movimento da narradora por uma melhora da sua condição de vida. O tempo atual da narração é analisado intercorrentemente e com pouca profundidade emocional. Também não relaciona suas fases da vida com quase nenhum fato coletivo, a não ser a construção em mutirão dos barracos, carregando assim sua narrativa de um caráter pessoal, pausado e fixo.

6.1.5. Material não indexado (não cronológico/desnaturalizador)

Linhas	Transcrição	Análise retórica
1	A história da minha vida é tão difi... Assim, difícil assim, porque eu fui criada sem mãe, não	Compreensão dos efeitos da orfandade sobre a qualidade de sua vida (criada sem afeto da mãe)
4	E meu sofrimento já partiu da casa da minha irmã.	Consciência do início precoce de seu sofrimento
6	ela sofria muito por causa do marido dela. E aquele sofrimento que ela tinha com o marido, ela descarregava todo em mim	Teoria sobre as agressões da irmã, conforme esquema frustração - agressão.
10	só que eu não tive cabeça pra estudar, o que eu aprendia era da minha vida. Eu perdi a oportunidade de aprender	Compreensão da perda da oportunidade da educação e justificada por incapacidade ou impossibilidade pessoal. Mas também a afirmação da sua capacidade de aprender com a vida.
26	Nesse tempo eu gostava dele, eu amava ele, eu era louca por ele, alucinada. Mas hoje eu não tenho mais aquele amor...	Avaliação de seus sentimentos em relação ao marido no passado e hoje: degradação do sentimento amoroso.
30	Talvez, se eu tivesse tido coragem de abandonar, eu não teria nem tido tanto filho pra sofrerem como sofrem hoje... Sem eu ter condições de manter.. Ai eu fiquei sempre aguentando, né, porque um dia ele pode mudar, mas ele nunca mudou...continua do mesmo jeito.	Teoria sobre o estado atual do sofrimento dos filhos: medo de deixar o marido e esperança na mudança de suas atitudes- manutenção do casamento - reprodução do sofrimento nos filhos (autoconsciência atual, compreende, confirma no fim da frase) Sentimento de culpa, auto avaliação e falta de perspectiva
37	a gente tinha uma vida até razoável, né, não era como hoje que estamos bem dizer sem nada,	Juízo sobre o perfil do marido e a situação financeira no passado. Consciência da degradação do marido e portanto da situação familiar. Relaciona vida “razoável” com estado de ânimo do marido.
38	mas...se for coisa de Deus, Deus vai iluminar.	Expressão de valor religioso: esperança no futuro
42,55	Mas quando era junto era melhor do que casado, depois piorou tudo, aí é que ele começou a judiar mesmo agora só o que ele nunca deixou faltar, foi na parte de alimentação. Ele foi muito bom, na época que ele trabalhava. Ele hoje vive deitado, e nós não temos convivência de marido e mulher não, é ele num canto e eu noutro. Ai nós casamos e tudo e o sofrimento rendeu...	Juízo sobre a degradação na relação conjugal: após casamento, pioram as agressões físicas e cessam gradativamente as relações sexuais. Mas a vida era suportável enquanto o marido podia prover o sustento. Obs. “muito bom”: enfatiza o caráter da reação machista; implícito o controle do poder
50	E eu dizia não, não vou deixar porque eu não tenho pra onde eu ir, outra que eu sabia que ele era o pai dos meus filhos. Porque eu já tinha duas meninas e um menino.	Teoria sobre a permanência do casamento: falta de alternativa de sobrevivência viável e valorização do marido como legítimo pai de seus filhos. (pena?)
59	Ela não pagava ele, mantinha ele de coisa, de alimento, de tudo né? Numa casa muito boa...	Expressão de valor: já que a “patroa” fornece produtos/bens variados – recompensa

61	Aí me deixou sozinha, né? mas ele morava com ela lá.	Confirmação do abandono (auto-análise)
72	Eu peguei e agora pra onde é que eu vou?	Momento crise, questionamento antes de uma atitude afirmativa.
88	E isso eu operada, tava com quinze dias de operada, tinha tirado o útero. Aí eu disse, menino eu vou ter que ir, é o jeito, porque o meu cunhado ficava dizendo as coisas, chamava meu menino de mendigo, chamava eu de uma ruma de coisas, mandava eu ir atrás dele, a filha da minha irmã também falava coisas... aí eu me sentia triste né, e só tinha essa solução.	Auto-reflexão sobre o processo de decisão pessoal de resolver o problema - Auto-análise: coragem e afirmação.
93	“Eu vou que é melhor que eu ficar lá, eu não tenho como ajudar nada lá.”	Atitude afirmativa depois da auto-reflexão. Autoconsciência da impossibilidade de trabalho naquele momento (pós operatório), valentia; resolução.
97	Mas eu sofri tanto...	Consciência e expressão de todo sofrimento vivido.
102	Ele tinha tudo do bom e do melhor lá.	Juízo de valor: consciência das vantagens recebidas pelo marido na antiga situação trabalhista (sem salário, mas com outros benefícios) Análise da escolha do marido.
104	“como é que vc abandona seus filhos e a sua mulher também, não dói o seu coração? Abandonar nós passando necessidade. Trocar seus filhos por uma mulher que nem lhe quer,” porque ela tinha o homem dela. Ela era bonita... Eu não sei se ele tinha um caso com ela, ou se morava só de favor...	Desabafo, enfrentamento do marido. E logo a dúvida reflexiva sobre uma possível traição.
118	Mas Deus tá em primeiro lugar.	Expressão de valor religioso. No contexto, Deus trouxe serenidade para aceitar a situação (a vinda do marido para o barraco)
129	e a situação tá muito difícil, e ele nem fala comigo, nem com o menino mais velho. Porque eu acho que se fosse assim, tudo reunido, eu acho que as coisas iam caminhar assim, mais pra frente, mas eu não tenho como obrigar ninguém, né?	Avaliação atual da situação conjugal e familiar. Teoria sobre um futuro condicionado pelo grau de união familiar. Desalento pela falta de perspectiva; impossibilidade de mudança; falta de opção; exercício de paciência.
133	Eu já passei o dia na casa da minha irmã, mas ela também tá carente. E aí já fica mais abandonada.. Aí hoje o meu menino mais velho tava me dizendo. “Eu tô doido pra arrumar um canto, pra eu sair daqui, porque eu não aguento a vida daqui de dentro.”	Assume sua própria carência. Justificativa da impotência ou do seu papel insignificante no logro da harmonia familiar; marca do estabelecimento de cumplicidade com o narratário.
140	E eu noto que ele tá assim, quase desnutrido, esse mais novo, eu noto que ele tá assim... , assim, sem rumo, eu não sei se é a dificuldade que ele vê dentro de casa, ou se é por causa dessa namorada...	Expressão de vivência dolorosa da desarmonia familiar e da iminência (ou atualidade) da desagregação familiar. Teoria das dificuldades do lar e sobre o destino do filho
144	e seja o que Deus quiser, ou com fome ou com barriga cheia.	Expressão de valor religioso: Deus proverá
145	Tem hora que eu saio e eu vou por aí na casa das pessoas, pra ver se eu me distraio, pra ver se eu melhora mais, se tiro essas coisas da cabeça, eu sempre me senti só, nem	Estratégias. Consciência e autoanálise. Recapitulação da solidão contínua. – Logo, decisão.

	quando a vida tá boa, eu não tenho apoio de marido, eu não tenho ninguém pra dizer que tá aqui pra me ajudar não tenho.. nem o apoio de uma família.. meus filhos querem ir embora.... Eu vou ficar por aí.	
148 152	Eu dou conselho pros meus filhos pra eles se juntarem com pessoas boas, pra cuidarem deles. Aqui acolá tem um que ainda me ajuda. Eles não são ruins...	Opinião sobre o valor das relações afetivas: evita-se o sofrimento ao escolher “pessoas boas” que assumem a responsabilidade sobre o/a outro/a. Juízo de valor: os filhos não são ruins por cuidarem dela ocasionalmente.
156	Eu peço muito a Deus, pra me dar força pra ver se eu consigo viver mais uns tempos... (choro)	Expressão de valor religioso: Deus proverá, fé e autodomínio.

Comentário

A narradora revela um discurso muito “espacial”. Já que não possuía um lar “base” de direito, pois ficou órfã cedo e morava com a irmã mais velha, desde cedo começou a fugir das casas onde morava, fugindo do sofrimento infligido em cada uma delas. Entre as fórmulas estereotipadas de expressão e pensamento de pessoas situadas “abaixo do limiar da escrita” (conforme expressão de Bosi, 2003) encontram-se algumas frases enunciadas pela narradora, como os códigos religiosos ou outros códigos socioculturais, utilizando ainda como figuras retóricas de seu discurso, termos que sugerem um pedido de auxílio e proteção. Reclama um interlocutor, lamentando a falta de cuidados e de atenção: “não tenho ninguém pra dizer que tá aqui pra me ajudar, não tenho..” (148).

Sob condição oprimida, onde os direitos trabalhistas nem sempre são observados (ex. o não pagamento do salário), a narradora chega a afirmar que o marido mora “numa casa muito boa”, entendendo a situação como vantajosa e interessante, mesmo quando isso implicava um abandono da família ou uma provável traição.

Do mesmo modo, a narradora pode afirmar que o marido foi “muito bom” na época em que trabalhava, apesar de sofrer dele abusos constantes. O léxico “bom” conota o fato/atitude de o marido ter assegurado a alimentação e moradia dela e dos filhos, mesmo agredindo-a frequentemente. Isso demonstra outra vez a típica valoração dentro da situação de pobreza extrema e submissão vivida pelas mulheres da

região, que na maioria das vezes, não podem contar com o apoio financeiro do pai das crianças, tendo elas mesmas de cuidá-las e prover seu sustento a qualquer custo, na ausência de seus companheiros. Aqui se desprende a ideologia do sustento = felicidade, muito comum nas periferias brasileiras.

Saber que o marido “era o pai dos seus filhos” é outra constante associada ao universo da mulher dependente, deixando implícita a supervalorização do chefe da família. Expressa a valorização do conhecimento da paternidade (mesmo em circunstâncias que estimulam a desestruturação familiar) e portanto, as razões para manter uma união infeliz, mesmo com uma constante carência.

A narradora possui ainda, em seus termos *desnaturalizadores*, muitas expressões de carência, esperando sempre a ajuda de Deus, das irmãs, dos vizinhos ou do marido, algo que diminua seu sofrimento, de alguém que precisasse intervir, contudo, permanece sempre “aceitando” o marido, o que reflete a falta de perspectiva pelo fato de viver sem opção.

Mas quando isso acontece, é para corroborar com a situação de desamparo e violência. A cada nova fuga, uma esperança de mudar, um novo guia. Essas atitudes também são suas auto-afirmações mais poderosas, estratégias de liberdade dentro da sua realidade. Cada novo movimento de resistência, de mudança, a autora tem a oportunidade de reconstruir sua vida, mesmo caindo outra vez na estática da “sofredora”.

Por não ter aprendido a ler, alega que “perdeu” a oportunidade de estudar pois: “Não tinha cabeça pra isso”, representando uma fuga a mais. É muito comum ouvir pessoas na comunidade dizerem que “desistiram” dos estudos, como se reclamassem um sacrifício vinculado à aprendizagem, tanto financeiro, como mental. Porém a autora afirma sua capacidade de “aprender com a vida”.

De fato, no seu discurso aparecem diversas expressões de confirmação de fatos e ideias próprias a partir de sua auto-análise constante, firme, porém fria. Essa frieza em relatar os episódios é demonstrada também no seu estilo de vida, e exemplificada com a narração do episódio de tirar o útero -órgão exclusivo das mulheres e intimamente relacionado com a maternidade e a feminilidade-, como algo simples, um episódio natural, em que traz subjacente a subvalorização da condição de mulher.

Ao longo da narração de suas fugas utiliza termos frequentes de deslocamento e de movimento. Sua narrativa é progressiva e sequencial, assim como seu caminhar. Sua busca ainda não findou com a casa atual, pois não se trata do seu lar. Seus filhos também entram na lógica do sacrifício pela sobrevivência, até resolverem fugir também. Há aí uma repetição do movimento de fuga, como solução para os problemas: “Aí hoje o meu menino mais velho tava me dizendo. - Eu tô doido pra arrumar um canto, pra eu sair daqui, porque eu não aguento a vida daqui de dentro” (145).

A narradora atribui à falta de “rumo” esse constante desejo de sair do lugar, criando um comportamento nômade. Hoje a narradora mora na casa de uma das filhas, situação oriunda da falta de recursos e da falta de perspectivas.

Destacamos também a reflexão final da narradora sobre o filho “desnortado”. A falta de apoio/estrutura familiar pode estar causando este estado emocional ou também “por causa de sua namorada”, ou seja, os aspectos emocionais na vida podem influir muito na estrutura inteira de uma pessoa, como ela também viveu.

6.1.6 Itinerários Corporais

Sempre quando recorria a comunidade à pé, no período de convivência com seus/suas moradores/as, sua casa estava fechada. Sabia que tinha alguém na casa porque se escutava música, às vezes. Eu a conheci quando foi pegar sua filha na associação, certa vez, depois do estudo dirigido que acontecia pelas tardes. Logo me chamou a atenção seu olhar interrogador, seus passos lentos, cansados, mas ainda assim firmes. Quando uma das líderes da comunidade nos apresentou formalmente e pude falar da minha pesquisa, ela me disse que quando quisesse eu podia passar por sua casa. E mesmo com a porta fechada, e algumas tentativas fracassadas, encontrei-me com ela numa manhã quente.

Ela estava com seu filho menor em casa, com roupas comuns, sem nenhum adorno especial. O ambiente cheirava a feijão novo cozinhando; era quase hora de almoçar. Pediu-me que entrasse, sem muito ânimo nem na voz nem no corpo, e seguiu para a cozinha, deixando que eu a acompanhasse.

De fato, a entrevista foi toda na cozinha. Fazia calor, mas percebi que não havia nenhuma janela aberta, somente a portinha que dava para o quintal. Bem no início da entrevista, nos momentos informais antes de ligar o gravador, percebia-se que sua expressão era de estranheza: “o que será que quer essa garota?”. Assim, com um olhar ao mesmo tempo afetuoso e questionador, começamos. Observava como falava e cozinhava ao mesmo tempo e, sentada à mesa da cozinha, a acompanhava com atenção. Com o filho pequeno todo tempo no colo, conferia a hora pra ver se terminaria de preparar a comida antes dos outros filhos chegarem da escola. O marido, não sabia se viria.

Sua voz era clara, doce. Eu notava que se sentia plenamente confortável com minha presença. Logo depois de me apresentar sua própria casa, e até o finalzinho da entrevista me focalizava com atenção. Eu procurava projetar-me com leveza em direção a ela e às suas palavras, mostrando minha atenção e empatia.

Não nos tocamos nenhuma vez. Além do filho, que mesmo dormindo, não saía dos seus braços, havia a mesa entre a gente e seu avental cobrindo suas roupas. Mesmo com essas “barreiras” físicas, sorria fácil entre os episódios narrados. Suas lembranças eram na maioria tristes e faziam-na ter pausas recorrentes e muitas perguntas na narração. Perguntas que eu não respondia e que ela mesma tratava de responder, ao manejar seu diálogo consigo mesma. Em cada pausa, dirigia-se ao fogão, com suas largas mãos, ou voltava a atenção ao menino no colo.

O tom de voz no decorrer da entrevista muda somente no fim desta, ficando mais forte, com mais atenção. Percebo uma atitude ainda mais acolhedora à minha presença (com uma postura mais relaxada, quase debruçando-se na mesa) e também com sua própria história. Foi aí que levou o filho pra cama e eu desliguei o gravador. Na volta, ainda houve tempo para uma última pergunta:

“-Se alguém fosse escrever a história da tua vida, ou se fossem fazer uma novela, como seria o nome?

-A novela da minha vida? ... A mulher sofredora (risos) esse título era bom mesmo....

- E o fim da novela, como era?

O fim da novela, a sofredora vencia, eu tenho muita força que um dia eu vou vencer, eu vou conseguir tudo o que eu quero, pra mim e pros meus filhos. Eu tenho paciência...”.

Despedimo-nos sem nenhum contato – é comum no Nordeste do Brasil, apertar as mãos, um abraço ou um beijinho-, mas com um sorriso cúmplice. Pediu-me que voltasse quando quisesse, se desculpou por qualquer coisa (normalmente existe essa atitude de “respeito”) e fechou a porta depois de minha saída. De longe ouvia-se que em seguida subia um pouco o volume do rádio.

Encontramo-nos outras vezes pela vizinhança, e na associação. Sempre com os filhos do lado, me lembrava que eu estava “devendo” uma visita a sua casa. E apesar de passar por ali algumas vezes, a porta fechada dizia sempre mais.

6.2. Transcrição da E.N. Narradora B2

I.	Material Cronológico / naturalizador	Material Não Cronológico / desnaturalizador
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27	<p>Eu ia começar quando eu vivia com a minha mãe, né?</p> <p>o meu pai ele era da polícia, ele era muito violento e dava nela, queria dar nela...</p> <p>Chegava dentro de casa quebrava as coisas, tudo dentro de casa, quebrava televisão, quebrava tudo.</p> <p>Aí ela pegava a gente...tudo pequenininho assim, eu acho que eu tinha uns nove anos, pegava a gente, eram seis irmãos, e ia tudo pro quintal, o quintal era grande...cheio de mato, um matagal medonho.</p> <p>E a gente ia lá pro quintal pra se esconder dele , quando ele chegava dentro de casa bêbado, quebrava tudo, queria matar ela, aí era muita confusão.</p> <p>Ela já morreu, ela, ele foi morar com outra mulher... essa mulher que vive com ele até hoje</p> <p>Aí ela ficou sofrendo pra criar a gente, Ele dava o dinheiro do jeito que ele queria... Ela era costureira, trabalhava fazendo costura pra fora,</p> <p>A gente morava lá na Aerolândia, e eu ainda tenho duas irmãs que inda moram lá - não se casaram, o resto se casou tudinho e foram embora. Eu tinha uns nove pra dez anos...</p> <p>Depois disso eu fiquei maior assim né, tinha uns dezessete anos e já tive meu menino mais velho quando eu</p>	<p>Eu via o sofrimento dela, e ele se achava o maior... aí, a gente ficava com medo,</p> <p>Até hoje eu não falo com ele, ele me marcou muito, faz uns três anos que eu não vejo ele, eu tenho uma mágoa muito grande dele, porque ele fazia isso com ela.</p> <p>ela nunca foi atrás dos direitos dela que ela tinha, aí pronto.</p> <p>aí eu me lembro muito disso... assim, da minha infância mesmo foi só isso. A lembrança dele judiar muito com ela e com a gente.</p> <p>me juntei... muito nova,</p>

28	ia fazer dezoito anos, eu tive ele e um mês depois eu fiz dezoito anos,	
29	que é o J.N. aí pronto, aí por diante eu fui viver a minha vida,	
30		o mesmo sofrimento,...
31		aí comecei a sofrer também do marido, que bebe, e fica naquela
32		coisa também.
33		Mas ele é muito bom pra dentro de casa, quando ele tá
34		trabalhando ele não deixa faltar nada, pros meninos tudo..
35		O único defeito dele é a cachaça, que ele não pára, de jeito
36	Fez tratamento, já passou oito meses no A.A., aí depois de ir,	nenhum.
37	começou a beber de novo.	
38		Eu acho assim, que se ele tivesse um empurrão assim, uma
39		peessoa pra ajudar, ele conseguia parar, que ele já parou uma
40		vez...
41		Eu acho que se tivesse isso ele conseguia...
42		Aí às vezes fica ruim de viver assim com ele, porque eu me
43		lembro das coisas do meu pai...porque, já passei tanta coisa por
44		causa do meu pai, e voltar tudo de novo....
45		Essas coisas dele beber, botar boneco, querer matar a minha
46		mãe...
47	fica gritando...	Só que ele não faz isso comigo, não. Graças a Deus, até hoje...
48		eu sei que é ruim às vezes,
49		Aí eu acho que não dá não, aguentando as mesmas coisas que eu
50		aguentava do meu pai...
51		Mas graças a Deus, até..fez, vai fazer 15 anos agora que eu tô
52		com ele. Foi quando eu tava grávida do J.N....
53		aí a gente vai vivendo, né? Empurrando com a barriga como
54		pode (risos).
55		Meu maior sonho assim é eu terminar minha casa, e ajudar
56		minhas irmãs
57		Assim, elas não têm marido... têm filho mas o homem não ajuda,

58		são separadas.
59		Elas vivem na casa que era da minha avó, lá na Aerolândia,
60	Só que a minha vó morreu, fez um ano agora, aí a casa ficou pra	
61	todos os filhos, mas nem é das minhas irmãs, nem vende, nem nada,	
62	aí elas vivem lá, emprestado.	
63		Eu tenho muita pena delas, delas duas. Eu acho que o meu maior
64		sonho mesmo, se eu pudesse, era ajudar elas duas, comprar uma
65		casa, pra elas viverem sem precisar de favor, né?
66		Porque eu, graças a Deus já tenho a minha,
67		mas elas não querem morar comigo; querem morar na
68		Aerolândia....
69		Aí fica assim, morando de favor, se elas quisessem eu repartia
70		minha casa com elas na hora, mas elas não querem sair de lá...
71		Faz muito tempo que elas moram lá, mas de 30 anos e eu não
72		quero sair daqui, que eu já tô acostumada, né? Não quero sair
73		daqui pra ir pra lá.
74	Eu vim pra cá eu tava grávida do J., faz oito anos já, ele vai fazer	
75	oito... Eu tenho cinco filhos. Cheguei aqui na época dos barracos, da	
76	invasão....	
77		Eu vivo bem assim, dá pra viver, né?
78		É muito menino, se a gente pensasse assim, é muito menino.
79		Depois que vai crescendo é que a gente vai ver as necessidades..
80		Quando é pequenininho é bom, mas quando vai crescendo...
81		quer uma coisa, quer outra, pede uma coisa e a gente não pode
82		dar... É mais difícil quando eles crescem.
83		O mais velho vai terminar a oitava, aí vou botar ele pra fazer
84		alguma coisa,
85	de vez em quando ele trabalha com a pai, ajuda, de pedreiro, sabe?	
86	E aí ele quer me dar dinheiro,	mas ele precisa comprar as coisinhas dele, um xampu, uma
87		bermuda, eu não posso dar. O pai, o que ganha é só pra comer e

88		pagar as contas, né? Aí eu deixo esse dinheiro mais pra ele mesmo.
89		ele é esforçado ele.
90	Ele estuda à noite, e passa o dia sem fazer nada,	Eu queria que ele fizesse assim, trabalhasse no mercantil, né?
91		Seria legal
92		
93	Lá na regional faz curso também, só porque ele ainda não atingiu a	
94	idade de dezesseis, pra começar lá.	Mas vai fazer ano que vem,.. mas ele é muito revoltado com o pai dele, por causa das cachaças
95		Aí eu tô tendo um problema muito grande aqui com ele, porque ele deu pra brigar com o pai dela agora.
96		
97	Fala alto, assim, quando o pai dele tá bebendo, se altera, fica falando	
98	alto.	
99	Sábado eu fui lá pra minha irmã, quando eu cheguei eles estavam	
100	aqui, brigando um com o outro, discutiam...	aí eu tô tendo um problema muito grande, eu não sei o que é que eu faça, o que eu digo pra ele... porque ele não pode destratar uma pessoa assim que é o pai dele. Mesmo ele bebendo, porque eu sei que ele tá errado também.
101		
102		
103		
104	Ele quer passar por cima dele, falar mais alto que ele..	aí eu fico no meio dos dois, sem saber o que faço, se eu vou prum lado ou se vou pro outro. Se eu dou razão a um ou se eu dou razão a outro...
105		
106		
107	Por causa de volume de rádio, aumentam... eles não conversam	
108	normalmente quando ele está bêbado... mas nem um fala com o	
109	outro, só quando ele arranja um trabalho que é pro menino ir, aí	
110	pronto, até que se falam, mas quando eles tão assim, parado, nem	
111	fala nem olha pro outro, nem nada...	
112		É difícil, viver desse jeito.
113		Ele é alegre, conversa com os outros filhos, brinca com eles, mas com o J.N. não, ele se fecha, ... não sei por que...
114		A R.... eu mudei muito... eu era muito danada assim, pra brincar, essas coisas... e eu me fechei, a R. agora é mais fechada, mais calma, sabe... o que eu tenho assim, as minhas dificuldades,
115		
116		
117		

118		minhas preocupações, eu não falo pra ninguém, eu guardo
119		comigo mesmo... Eu não gosto mais de conversar assim, eu sou
120		mais fechada aqui por dentro... calada.
121		Eu acho que começou quando eu me juntei assim, e vi as
122		dificuldades, que foram aparecendo...e aí eu guardei tudo pra
123		mim...
124		Eu não acho bom, não, às vezes eu tenho vontade de conversar
125		com uma pessoa, falar dos meus problemas, né? Eu gostava
126		muito de conversar com a minha irmã mais velha, mas eu me
127		fechei até pra ela mesma eu me fechei...
128		não sei porque aconteceu isso comigo
129	Às vezes eu ando lá, ela pergunta as coisas... eu não conto mais, os	
130	meus problemas assim,	
131		eu acho assim, que ela já vive tão sofrida, e eu não quero contar
132		minhas coisas pra ela ficar mais preocupada ainda...
133		Aí eu não tenho com quem conversar... O marido é só assim,
134		pra negócio de casa mesmo. Às vezes eu tenho vontade de sentar
135		e conversar com ele, mas eu não tenho coragem, fico assim
136		desanimada...
137		Ele com essas bebidas dele eu me desanimo total. Fico sem
138		ação, sem nada,
139	faço só as coisas de casa mesmo...	agora...no momento, eu não tenho animação pra nada...
140		
141	brinco com os meninos,	por que tem que fazer mesmo,
142		
143		mas fica uma coisa aqui dentro de mim, querendo se soltar e não
144		consigo, uma coisa presa, como se tivesse presa...
145		Eu não me arrependi de ter meus filhos, mas se eu pudesse, eu
146		não tinha nenhum.... por que as dificuldades que a gente passa é
147		muito pesada... eu não fui preparada pra isso, né, pra construir uma família, e

148		viver...
149		eu acho que eu saí de casa por necessidade, pra me afastar, dos
150		problemas de casa, né?
151		Eu achava que eu me juntando, se eu me casasse, eu achava que
152		a minha vida ia ser uma coisa boa, mas eu vi que não, é a mesma
153		coisa, os mesmos problemas que a minha mãe passava, as
154		mesmas coisas que eu vi ela passando, eu passo também, do
155		mesmo jeito, quer dizer não teve melhora na minha vida...
156		Quer dizer, melhora assim, que eu tive meus filhos, agradeço
157		muito a Deus que eles são meninos bons, perfeitos, né? Não têm
158		nenhuma doença graças a Deus... Mas é só isso mesmo, porque
159		os problemas... é demais pra mim...
160		Também eu acho, que quando que era mocinha assim, tudo o
161		que eu queria a minha mãe fazia,
162	se eu queria uma roupa, ela me dava, se queria um calçado novo ela	
163	fazia de tudo, costurava, pra no outro dia ela me dá...	ela criou a gente muito bem, eu não tenho o que dizer dela não,
164	trabalhava, meu irmão mais velho, que trabalhava na Telemar, ela	
165	passava dia e noite costurando, pra ele terminar os estudos dele ... foi	
166	tudo ela que fez, ela lutou bastante por nós,	tenho uma irmã mais velha, formada, tudo às custas dela...
167	Faz 12 anos que ela morreu.	
168		Às vezes eu acho a minha vida boa quando eu comparo com a
169		das minhas irmãs, porque elas vivem sem marido...tem uma que
170		tem três meninos e a outra tem dois. Nunca tiveram sorte de
171		arranjar um marido, pra botar dentro de uma casa...
172		Mas às vezes eu acho melhor a vida dela do que a minha, porque
173		pelo menos elas não têm marido pra ficar perturbando
174		Eu vou ver do outro lado já é diferente...
175	meu marido me sustenta, sustenta os meninos e eu já tenho a minha	
176	casa...	
177		Eu não sei o que pensar. Às vezes eu tenho vontade de desistir,

178	eu acho que não dá mais, e aí eu me arrependo. Será que é bom
179	eu viver só, com os meus filhos?
180	Mas aí eu me lembro da minha mãe, o que ela passava pra criar
181	a gente, e aí eu volto atrás.
182	Eu quero que os meus filhos tenham muita saúde, um trabalho e
183	vão viver a vida deles
184	pro mais velho eu queria que ele não dependesse mais do pai,
185	assim, que ele trabalhasse independente mesmo. Só pra ele.
186	Tenho vontade de ver isso, digo pra ele estudar... Quem já tem
187	estudo ainda é difícil, eu digo muito pra ele... Mas graças à Deus
188	ele é muito estudioso, esforçado que só! Ele é um menino bom,
189	é calmo, chega do colégio e fica em casa... Só sai pro vídeo
190	game e pronto... Isso quando o pai dele não leva ele pra ir
191	trabalhar, né? Porque quando leva ele passa o dia lá e chega pra
192	tomar banho e ir pro colégio...
193	Pra minha filha eu quero que ela estude também, vá ser alguma
194	coisa, pra ela não ter o mesmo futuro que eu tive, assim, me
195	encher de filho logo e ficar dependente do marido. Não quero
196	isso pra ela...
197	Pra mim, eu espero criar eles, terminar de criar, e depois eu
198	arranjar um emprego. Trabalhar pra me sustentar
199	Eu acho que é a coisa mais ruim do mundo é você ser sustentada
200	por homens, sem ter uma renda pra vc mesmo.
201	Até hoje mesmo, se eu arranjasse uma coisa. A mais velha cuida
202	dos meninos, ela faz tudo: banha os meninos, faz mingau, faz de
203	comer...
204	Aprendeu comigo, eu sempre ensinei a ela a fazer as coisas..
205	Eu acho que se eu trabalhasse a vida melhorava, eu sou tão
206	estressada, dentro de casa eu fico assim, faltam as coisas pra eles
207	e eu não posso dar. Não sei, eu nunca trabalhei... Eu tenho um

208	curso de corte e costura na regional, sei fazer algumas coisas..
209	Qualquer coisa que aparecer...

6.2.1 Núcleos Narrativos

Núcleos principais	Sequência narrativa (linhas)
Família	Infância com a mãe (1); união com marido e gravidez (28); marido alcoólatra (36); Esforço do filho maior (85); Relação distante com irmãs (129).
Trabalho/Estudo	Mãe costurava para educar os filhos (20,165); filho estuda de noite (90); trabalho doméstico próprio (139); valoriza o sustento do marido (175)
Violência	Maus-tratos e medo do pai policial (7); marido grita em casa (47); Conflitos pai e filho (97, 104, 107).
Passado/Lembranças	Sofrimento causado pelo pai (10); pai mora com outra mulher (15); sofrimento da mãe (16); morte da mãe (162).

Comentários

A narradora expõe através dos grandes núcleos de sua narrativa: Família, Trabalho/Estudo, Violência e Passado/Lembranças, os grandes temas de sua vida. Esses núcleos são apresentados em episódios pontuais e marcantes, sendo analisados também através de sua perspectiva valorativa.

De fato, o tema transversal a todos os núcleos do seu enredo é o valor agregado que a narradora constrói e expressa do trabalho e do estudo, ou seja das conquistas pessoais. Valores aprendidos com a experiência, com o passado e que permeiam inclusive seus sonhos futuros. Exemplo do poder que o trabalho tem de construir a felicidade é quando pode unir inclusive pai e filho conflituosos: “só quando ele arranja um trabalho que é pro menino ir, aí pronto, até que se falam” (109), ou quando assume o que quer para ela mesma.

6.2.2 Análise das Personagens

Qualificativos	Responsável (Perseverante, trabalhador)	Solidariedade (Leal, bom, solidário, ético)	Violência/ Assédio (Agressividade)	Sociabilidade (Conciliador, Tolerante, pacífico)	Egoísmo (Intolerante, mesquinho)	Submissão (Sofredor, sacrificado, obediente)	Beleza (Sedução)	Neutralidade (Sem caracterização especial)
Personagens/ Atores/as								
A mãe	x	x				x		
O pai			x					
A mulher do pai								x
Filho mais velho	x			x				
O marido			x		X			
As irmãs						x		
A avó		x						
A narradora	x	x		x		x		
A filha	x							

Comentário

Neste ciclo, a narradora entende a trajetória de sua vida como uma repetição dos modelos de sua mãe, e reconhece aí todo seu sofrimento. De fato só os personagens familiares aparecem em sua narrativa. Seus valores familiares são mesclados com os personagens, entre os “bons” e os “maus”. A narradora cria uma espécie de desenho familiar intergeracional entre seus pais e seus filhos, analisando-se a si mesma também como uma personagem a mais (155). Os personagens principais de sua narrativa - pai, marido e filhos - representam os grandes personagens de sua vida.

Sua identidade narrativa, portanto, parece ser intrinsecamente e exclusivamente construída a partir dos personagens de sua família. Entre exemplos passados e sonhos futuros se constrói a si mesma diante do próprio espelho familiar. Dentro destes modelos de degradação, a narradora constrói sua trama entre seus personagens mais “caseiros”, representando o caráter também intimista de toda sua entrevista.

6.2.3 Espaço e ambiente - identificação dos principais cenários da narrativa

Espaço dimensional (físico)	Local de menção na E.N.	Ambientação	Expressão subjetiva associada
Casa da mãe	4, 162	Pobreza e sofrimento. Maus-tratos do pai e cuidados da mãe.	Sufrimento e recordações familiares.
Casa da avó (Aerolândia) que é a casa das irmãs	23 60, 129, 139	Dificuldades financeiras	Incapacidade de ajudá-las e de ser ajudada.
Sua casa (Barraco - casa)	74, 99, 176	Comunidade solidária, abrigo, discussão familiar	Refúgio, submissão
Mercantil	88	Possibilidade de trabalho para o filho	Planos futuros para o filho
Trabalho do marido	85, 109	-	Oportunidade de trégua de conflito com filho e aporte financeiro.
Regional	93	Aprende um ofício	Perspectivas próprias

Comentário

Observa-se a casa como um lugar de salvação, um refúgio e um espaço de sofrimento ao mesmo tempo. Tem a recordação da casa da mãe e assim apresenta a sua também. Pretendia comprar uma casa para as irmãs, como sinônimo de independência para elas. Busca “salvar” as irmãs, ainda quando oferece para dividir sua casa entre elas. No entanto, possuir casa própria não a impede de ser resignada e aceitar os desígnios da vida. Saiu da casa dos pais e mudou-se para os barracos, e nesse mesmo lugar construiu sua casa, de onde não menciona sair. Essa ideia de conquista da casa própria é corroborada pelas condições de vida difíceis dos moradores daquela comunidade. Especialmente sua casa possuía uma estrutura maior, mais firme fisicamente. Sob este aspecto, nota-se claramente o calor da casa muito mais simbólico e sua intenção de transformá-lo num lar. Não é fácil para a narradora abandonar esse espaço “seguro”, ainda que de “sofrimento”, especialmente num bairro condicionado por movimentos de ocupação constante.

6.2.4 Tempo

A narrativa apresenta um discurso pausado, reflexivo, com ênfase nos juízos e teorias sobre a situação presente e pouco em ações e episódios específicos. O passado, o presente e o futuro mesclam-se durante a narração numa clara função de ordenação de questionamentos e reflexões produzidas durante a entrevista. Como exemplo, o trecho em que fala de seu pai na sua infância:

“quando ele chegava dentro de casa bêbado, quebrava tudo, queria matar ela, aí era muita confusão... Até hoje eu não falo com ele, ele me marcou muito, faz uns três anos que eu não vejo ele” (13).

A narrativa interrompe a sucessão temporal linear com “flashback” e flashforward” sempre com o intuito de refletir sobre os desdobramentos dos fatos no tempo presente. Esse procedimento ajuda a manter a interlocutora informada dos efeitos de certos episódios sobre a sua vida e à de sua família e também autovalorizando a situação atual: “Ela já morreu, ela, ele foi morar com outra mulher... essa mulher que vive com ele até hoje.” (15); “só que a minha vó morreu, fez um ano agora, aí a casa ficou pra todos os filhos” (60).

Suas poucas marcas temporais são frequentemente apresentadas com os acontecimentos de sua própria vida, com o tempo recordado de sua idade: “tinha uns dezessete anos e já tive meu menino mais velho quando eu ia fazer dezoito anos, eu tive ele e um mês depois eu fiz dezoito anos (27); ou de algum estado importante de sua vida: “Eu vim pra cá eu tava grávida do J., faz oito anos já, ele vai fazer oito...” (74).

A narradora usa boa parte do tempo da narrativa oral para o trabalho da memória. As lembranças do passado se entrelaçam com o presente do discurso para avaliá-lo e dar-lhe sentido. O passado aqui é precioso, um verdadeiro “presente”.

Assim, tempo real do discurso se confunde com o tempo imaginário da história. Ao contar sua história, também se utiliza de expressões futuras, antecipando desejos e sonhos, porém colocando no presente todas as reflexões e questionamentos. Como no exemplo quando prevê um futuro para sua filha: “Pra minha filha eu quero que ela estude também, vá ser alguma coisa, pra ela não ter o mesmo futuro que eu tive, assim, me encher de filho logo e ficar dependente do marido. Não quero isso pra ela...” (193).

Assim, reagrupando os episódios passados e futuros numa ordem lógica, a narradora compõe um relato pausado, utilizando-se de muitos “aí” marcando a sucessão dos acontecimentos narrados, sem perder a dimensão simultânea do tempo vivido: “O tempo do discurso é um tempo linear, enquanto o da história é pluridimensional” (Todorov apud Nunes, 1995, p.27).

6.2.5 Material Não cronológico/ Desnaturalizador

I.	Transcrição	Significado (análise retórica)
2	Eu via o sofrimento dela,	Reconhecendo a dor da mãe
3	e ele se achava o maior... aí a gente ficava com medo,	Tentativa de compreender a superioridade do pai
12	Até hoje eu não falo com ele, ele me marcou muito, faz uns três anos que eu não vejo ele, eu tenho uma mágoa muito grande dele, porque ele fazia isso com ela.	Mágoa atual do pai pelo sofrimento antigo da mãe
17	ela nunca foi atrás dos direitos dela que ela tinha, aí pronto	Análise dos direitos da mãe
20	aí eu me lembro muito disso... assim, da minha infância mesmo foi só isso. A lembrança dele judiar muito com ela e com a gente.	Redução do período da infância aos maus-tratos do pai
26	me juntei... muito nova,	Auto-análise sobre sua atitude de casar-se cedo
30	o mesmo sofrimento... aí comecei a sofrer também do marido, que bebe, e fica naquela coisa também.	Teoria da repetição do sofrimento da mãe e avaliação do sofrimento causado pelo marido (vidas parecidas).
31	Mas ele é muito bom pra dentro de casa, quando ele tá trabalhando ele não deixa faltar nada, pros meninos tudo..	Gratidão pelo compromisso do marido com a sobrevivência de sua família
33	O único defeito dele é a cachaça, que ele não pára, de jeito nenhum.	Marido com o mesmo “defeito” do pai
38	Eu acho assim, que se ele tivesse um empurrão assim, uma pessoa pra ajudar, ele conseguia parar, que ele já parou uma vez... Eu acho que se tivesse isso ele conseguia...	Esperança do marido e argumento retórico pedindo ajuda para o marido parar de beber.
41	Aí às vezes fica ruim de viver assim com ele, porque eu me lembro das coisas do meu pai...porque, já passei tanta coisa por causa do meu pai, e voltar tudo de novo.... Essas coisas dele beber, botar boneco, querer matar a minha mãe...	Reflexão sobre sua qualidade de vida, relembrando o sofrimento que passava com seu pai.
47	Só que ele não faz isso comigo, não. Graças à Deus, até hoje... eu sei que é ruim às vezes, fica gritando...	Juízos de valor: o marido bebe mas não agride, “menos mal”.
50	Aí eu acho que não dá não, aguentando as mesmas coisas que eu aguentava do meu pai...	Avalia a repetição do sofrimento da mãe
51	Mas graças a Deus, até..fez, vai fazer 15 anos agora que eu tô com ele. Foi quando eu tava grávida do J.N....	Recurso da fé para sustentar a situação
53	aí a gente vai vivendo, né? Empurrando com a barriga como pode (risos).	Consciência da degradação e expressão irônica de sua situação

		estática. (assume a inércia)
55	Meu maior sonho assim é eu terminar minha casa, e ajudar minhas irmãs	Expressão de um sonho: a moradia é sempre vinculada a um possível estado de melhoramento ou mesmo salvação
57	Assim, elas não têm marido... têm filho mais o homem não ajuda, são separadas, elas vivem na casa que era da minha avó, lá na Aerolândia,	Avaliação da situação das irmãs, comum na região, juízo de valor - morar de favor é pior que não ter marido.
63	Eu tenho muita pena delas, delas duas, eu acho que o meu maior sonho mesmo, se eu pudesse era ajudar elas duas, comprar uma casa, pra elas viverem sem precisar de favor, né?	Expressa solidariedade com as irmãs
66	Porque eu, graças a Deus já tenho a minha, mas elas não querem morar comigo, querem morar na Aerolândia... Aí fica assim, morando de favor, se elas quisessem eu repartia minha casa com elas na hora, mas elas não querem sair de lá... Faz muito tempo que elas moram lá, mas de 30 anos e eu não quero sair daqui, que eu já tô acostumada, né? Não quero sair daqui pra ir pra lá.	Resigna-se junto com a fé sobre a teoria da moradia, e justifica a dificuldade das irmãs de saírem de casa e a sua. Afirma sua intenção de ajudar, reconhecendo que é difícil mudar depois de se estabelecer.
77	Eu vivo bem assim, dá pra viver, né?	Avaliação contraditória da situação. Os vários “né” que aparecem na narrativa esboçam uma constante tentativa de convencimento. Tanto para si quanto para o ouvinte
78	É muito menino, se a gente pensasse assim, é muito menino. Depois que vai crescendo é que a gente vai ver as necessidades.. Quando é pequenininho é bom, mas quando vai crescendo... quer uma coisa, quer outra, pede uma coisa e a gente não pode dar... É mais difícil quando eles crescem	Teoria sobre a quantidade de filhos: não sabe se foi bom ter cinco filhos, reflete.
83	o mais velho vai terminar a oitava, aí vou botar ele pra fazer alguma coisa, de vez em quando ele trabalha com a pai, ajuda, de pedreiro, sabe?	Expressa preocupação com o futuro do filho
86	mas ele precisa comprar as coisinhas dele, um xampu, uma bermuda, eu não posso dar, o pai, o que ganha é só pra comer e pagar as contas, né? Aí eu deixo esse dinheiro mais pra ele mesmo.	Reconhece suas necessidades e recusa sua ajuda financeira, dá assim confiança para o filho ser independente.
90	ele é esforçado ele.	Análise do esforço do filho para estudar.
91	Eu queria que ele fizesse assim, trabalhasse no mercantil, né? Seria legal	Expressão de seus valores com a possibilidade do filho trabalhar .
94	mas ele é muito revoltado com o pai dele, por causa das cachaças	Avaliação do mau relacionamento pai e filho - culpa da bebida
96	Aí eu tô tendo um problema muito grande aqui com ele, porque ele deu pra brigar com o pai dela agora.	Ênfase na oportunidade de ser ouvida. (discurso = denúncia). Aproveita para enumerar seus problemas
99	Mas vai fazer ano que vem,..	O filho cresce - possibilidade de ganhar dinheiro
100	aí eu tô tendo um problema muito grande, eu não sei o que é que eu faça, o que eu digo pra ele... porque ele não pode destratar uma pessoa assim que é o pai dele. Mesmo ele bebendo,	Avalia e repete seu problema e tem consciência de que não possui uma posição definida dentro de casa, perante o marido e os filhos

	porque eu sei que ele tá errado também.	(nem física nem emocional).
104	aí eu fico no meio dos dois, sem saber o que faço, se eu vou prum lado ou se vou pro outro. Se eu dou razão a um ou se eu dou razão a outro...	Expressa indecisão e falta de atitude em relação aos problemas que possui
112	É difícil, viver desse jeito.	Conclui com resignação (auto-análise).
113	Ele é alegre, conversa com os outros filhos, brinca com eles, mas com o J.N. não, ele se fecha, ... não sei por que...	Juízos de valor sobre o marido, encontrando pontos positivos e buscando respostas às questões com o filho mais velho
115	A R... eu mudei muito... eu era muito danada assim, pra brincar, essas coisas... e eu me fechei, a Rose agora é mais fechada, mais calma, sabe... o que eu tenho assim, as minhas dificuldades, minhas preocupações, eu não falo pra ninguém, eu guardo comigo mesmo... Eu não gosto mais de conversar assim, eu sou mais fechada aqui por dentro... calada.	Auto-reflexão sobre seu comportamento submisso. Se remete ao passado e conclui calada.
121	Eu acho que começou quando eu me juntei assim, e vi as dificuldades, que foram aparecendo...e aí eu guardei tudo pra mim...	Teoria sobre o início de sua reclusão. Guarda seus sentimentos por causa também das dificuldades que apareceram.
124	Eu não acho bom, não, às vezes eu tenho vontade de conversar com uma pessoa, falar dos meus problemas, né? Eu gostava muito de conversar com a minha irmã mais velha, mas eu me fechei até pra ela mesma eu me fechei...	Reconhece a necessidade de falar com as pessoas sobre sua vida.
128	não sei porque aconteceu isso comigo	Expressão de dúvida sobre seu comportamento. A narradora avalia suas questões.
130	eu acho assim, que ela já vive tão sofrida, e eu não quero contar minhas coisas pra ela ficar mais preocupada ainda...	Encontra uma saída para não falar dos problemas para a irmã
132	aí eu não tenho com quem conversar... O marido é só assim, pra negócio de casa mesmo. Às vezes eu tenho vontade de sentar e conversar com ele mas, eu não tenho coragem, fico assim desanimada...	Avalia sua relação com o marido e conclui que não “serve” pra conversar, fica desanimada. Estereótipo reforçado do “provedor”.
136	Ele com essas bebidas dele eu me desanimo total. Fico sem ação, sem nada, agora...no momento, eu não tenho animação pra nada...	Delega a sua falta de ação à bebida do marido
140	por que tem que fazer mesmo,	Expressa insatisfação sobre as tarefas domésticas obrigatórias
142	mas fica uma coisa aqui dentro de mim, querendo se soltar e não consigo, uma coisa presa, como se tivesse presa...	Expressa mais uma vez a dificuldade de falar e de soltar-se. (angústia)
144	Eu não me arrependi de ter meus filhos, mas se eu pudesse, eu não tinha nenhum.... por que as dificuldades que a gente passa é muito pesada...	Avaliação sobre a dificuldade de ser mãe, com contradição.
147	eu não fui preparada pra isso, né, pra construir uma família, e viver...	Analisa sua falta de preparo para a vida.
149	eu acho que eu saí de casa por necessidade, pra me afastar, dos problemas de casa, né?	Auto-reflexão sobre seus comportamentos no passado. Dialoga: “né?”
151	Eu achava que eu me juntando, se eu me casasse, eu achava que a minha vida ia ser uma coisa boa, mas eu vi que não, é a mesma coisa, os mesmos problemas que a minha mãe passava, as mesmas coisas que eu vi ela passando, eu passo também, do mesmo jeito, quer dizer não teve melhora na minha vida...	Avaliação sobre seu casamento e suas decisões de vida: repetição dos passos da mãe. Comum nessa região. Fugir do sofrimento da casa dos pais para “cair” num outro modelo parecido.

156	Quer dizer, melhora assim, que eu tive meus filhos, agradeço muito a Deus que eles são meninos bons, perfeitos, né? Não têm nenhuma doença graças a Deus... Mas é só isso mesmo, porque os problemas... é demais pra mim...	Questionamentos sobre a condição dos filhos. Juízos de valor sobre a saúde e a fé. (frase forte no final)
160	Também eu acho, que quando que era mocinha assim, tudo o que eu queria a minha mãe fazia, ela criou a gente muito bem, eu não tenho o que dizer dela não, tenho uma irmã mais velha, formada, tudo às custas dela...	Lembranças da facilidade que possuía quando tinha mãe. Juízos de valor: mãe boa, ajudava aos filhos.
168	Às vezes eu acho a minha vida boa quando eu comparo com a das minhas irmãs, porque elas vivem sem marido...tem uma que tem três meninos e a outra tem dois. Nunca tiveram sorte de arranjar um marido, pra botar dentro de uma casa...	Expressão de dúvida - às vezes. Juízos de valor: é melhor ter marido dentro de casa.
172	Mas às vezes eu acho melhor a vida dela do que a minha, porque pelo menos elas não têm marido pra ficar perturbando Eu vou ver do outro lado já é diferente...	Questiona seu próprio argumento, comparando sua situação com a das irmãs. Os dois lados da análise.
177	eu não sei o que pensar .Às vezes eu tenho vontade de desistir, eu acho que não dá mais, e aí eu me arrependo, -será que é bom eu viver só, com os meus filhos?	Conclui com um questionamento ainda. Ter ou não ter marido? Expressão de insatisfação. Apesar do sofrimento, o marido ainda é uma "sorte".
180	Mas aí eu me lembro da minha mãe, o que ela passava pra criar a gente,e aí eu volto atrás.	Recorre ao exemplo de sua mãe (solteira) e resigna-se (exemplo da mãe)
182	Eu quero que os meus filhos tenham muita saúde, um trabalho e vão viver a vida deles	Expressa seu desejo para o futuro dos filhos - trabalho e independência
184	pro mais velho eu queria que ele não dependesse mais do pai, assim, que ele trabalhasse independente mesmo. Só pra ele.	Deseja primeiramente a independência do mais velho
186	Tenho vontade de ver isso, digo pra ele estudar... quem já tem estudo ainda é difícil, eu digo muito pra ele... mas graças à Deus ele é muito estudioso, esforçado que só. Ele é um menino bom, é calmo, chega do colégio e fica em casa... só sai pro vídeo game e pronto... Isso quando o pai dele não leva ele pra ir trabalhar, né? Porque quando leva ele passa o dia lá e chega pra tomar banho e ir pro colégio...	Juízos de valor: educação ainda é a esperança. Avaliação sobre o comportamento do filho, calmo e estudioso = bom. Resignado também?
193	Pra minha filha eu quero que ela estude também, vá ser alguma coisa, pra ela não ter o mesmo futuro que eu tive, assim, me encher de filho logo e ficar dependente do marido. Não quero isso pra ela... Eu acho que é a coisa mais ruim do mundo é você ser sustentada por homens, sem tem uma renda pra vc mesmo.	Expressão do desejo de diferença para a filha. Não recomenda seus passos. Arrepende-se e resigna-se. Juízos de valor: dependência do marido.
197	Pra mim, eu espero criar eles, terminar de criar, e depois eu arranjar um emprego. Trabalhar pra me sustentar	Expressão de desejo de mudanças pessoais. Trabalho e independência financeira (do marido). Criar os filhos é incompatível com algum trabalho. (?)
201	Até hoje mesmo, se eu arranjasse uma coisa, a mais velha cuida dos meninos, ela faz tudo,	Reconhece a destreza de sua filha, que pode lhe ajudar.

	banha os meninos, faz mingau, faz de comer...	
204	aprendeu comigo, eu sempre ensinei a ela a fazer as coisas..	Expressa satisfação em poder transmitir algum conhecimento à filha. Afirmação pessoal.
205	Eu acho que se eu trabalhasse a vida melhorava, eu sou tão estressada, dentro de casa eu fico assim, faltam as coisas pra eles e eu não posso dar. Não sei, eu nunca trabalhei... eu tenho um curso de corte e costura na regional, sei fazer algumas coisas.. Qualquer coisa que aparecer...	Consciência sobre a condição atual Juízos de valor: o trabalho melhora a vida.

Comentário

A narradora marca sua história com reflexões de valor e não-cronológicas, de conteúdo bastante retórico, o que sugere, no texto, mais reflexividade por meio de teorias, avaliações e argumentos, do que preocupação em relatar ações e comportamentos concretos. Essa linguagem retórica permite ainda uma auto-avaliação e um compartilhar de seus questionamentos e suas dúvidas.

Na sua fala, aspectos paradoxais ou mesmo incoerentes revelam-se através dos modelos que constrói, em que estão revelados seus padrões de reflexão, julgamento e comportamento a partir de suas constantes dúvidas e contradições.

Além disso, elenca os tópicos de reflexão que, entremeados num discurso sem tempo definido, que, com muitos verbos de ligação, representativos de “estado” - expressando sentimentos, pensamentos, intenções, crenças e anseios. Estes revelam situações sem solução para as quais a narradora busca as respostas coerentes: “eu acho assim, que ela já vive tão sofrida,” (130); “Às vezes eu tenho vontade de desistir, eu acho que não dá mais, e aí eu me arrependo,” (177) “Às vezes eu acho a minha vida boa, quando eu comparo com a das minhas irmãs, (168); “Mas às vezes eu acho melhor a vida dela do que a minha” (172); “não sei porque aconteceu isso comigo” (128).

Ainda corroborando com sua atitude “paciente” perante à vida, reconhecemos formações verbais condicionais, representativas de uma esperança distante: “se eu pudesse era ajudar elas duas” (64) “se a gente pensasse assim, é muito menino” (78) “se eu me casasse” (151) “se eu arranjasse uma coisa” (201) “se eu trabalhasse a vida melhorava” (205).

Reconhece na repetição um fator recorrente em sua vida e teme que sua filha herde o mesmo caminho de sofrimento. Aqui a importância do passado é marcada com a possibilidade de vivê-lo de novo. Ao narrar é permitido configurar uma experiência nova: “Aí, às vezes fica ruim de viver assim com ele, ... aí eu acho que não dá não, aguentando as mesmas coisas que eu aguentava do meu pai...” (42); “os mesmos problemas que a minha mãe passava, as mesmas coisas que eu vi ela passando, eu passo também, do mesmo jeito, quer dizer não teve melhora na minha vida”(153); “pra ela não ter o mesmo futuro que eu tive, assim, me encher de filho logo e ficar dependente do marido. Não quero isso pra ela...”(194).

Refletimos, também, sobre a maneira com que utilizava a relação de interlocução para reclamar sua carência e atenção. Aqui revela-se a dimensão de alteridade da narrativa e seu caráter reflexivo. A direção do discurso a um interlocutor expõe a partilha de uma nova experiência. Como no seguinte trecho: “às vezes eu tenho vontade de conversar com uma pessoa, falar dos meus problemas, né? Eu gostava muito de conversar com a minha irmã mais velha, mas eu me fechei até pra ela mesma eu me fechei... não sei porque aconteceu isso comigo. Às vezes eu ando lá, ela pergunta as coisas... eu não conto mais, os meus problemas... assim, eu acho assim, que ela já vive tão sofrida, e eu não quero contar minhas coisas pra ela ficar mais preocupada ainda... aí eu não tenho com quem conversar...” (124).

E no meio do seu texto, encontra e declara soluções, descreve e analisa, mesmo sem muita convicção: “eu não fui preparada pra isso, né” (147). E às vezes ainda é capaz de ironia, ao figurar sua situação atual: “aí a gente vai vivendo, né? Empurrando com a barriga como pode (risos)” (53).

Numa análise de seus processos mais íntimos a narradora, através de sua fala, declara sua dificuldade em desvencilhar-se da cadeia de sofrimento que começa em sua infância, desde o início de seu discurso e permanece sem solução até o fim do mesmo.

Em vários momentos da narrativa, a autora vai apontando seus valores, que percebemos que são atribuídos ora por circunstâncias da experiência, ora por circunstâncias da narração. São valores pessoais construídos e representados pelos sociais.

Quando ao se descrever reflete sobre sua condição “mais fechada, mais calma”, apresenta sua personagem na narrativa assim como se revela com o corpo na entrevista, uma mulher de movimentos lentos, resignada, que deixa o tempo correr a favor do próprio destino.

Mesmo quando declara a impotência de sua mãe para reclamar seus direitos, reconhece sua dificuldade de empregar-se, acreditando e reproduzindo o modelo do trabalho como representativo de uma possível mudança (futura) de sua vida. Os únicos exemplos de mudanças efetivas são pelo relato sobre o casamento e os filhos. Ambos referem-se às verdadeiras e muitas vezes frustradas tentativas de modificação, de re colocação de si, de reposicionamento perante a vida.

Porém, a dificuldade de ‘despregar-se’ de relações claramente repetidas revela um modelo característico das mulheres daquela comunidade. Em outras palavras, características da mulher que se casa cedo, que nutre a esperança de mudança, numa tentativa de buscar um caminho próprio, mas que muitas vezes costuma ser o mesmo caminho de sua mãe; repetindo a dependência do marido, representado pelo grande provedor, e a passividade perante sua condição. O sofrimento é o seu tema base e a sobrevivência, sua grande justificativa.

Porém, elas não prescindem da fala. São mulheres, como R., que estão engajadas e algum movimento comunitário, que reconhecem o poder da educação e criação dos filhos e das relações estreitas dentro do cotidiano da comunidade e que não deixam de sonhar.

Os obstáculos a eliminar - que poderiam levar a um processo de melhoramento, não são removidos. Porém ela possui sonhos de mudança para sua família (quase sempre ligada a trabalho) e para si também. Resigna-se sem deixar de sonhar. Os sonhos permeiam a narrativa como tarefas ainda não realizadas. E talvez não realizáveis, porém, nunca abandonados.

“Toda história de sofrimento clama por vingança e exige narração” Ricoeur (1997, p. 116)

6.2.6 Itinerário corporal

Sempre quando recorria a comunidade à pé, no período de convivência com seus/suas moradores/as, sua casa estava fechada. Sabia que tinha alguém na casa porque se escutava música, às vezes. Eu a conheci quando foi pegar sua filha na associação, certa vez, depois do

estudo dirigido que acontecia pelas tardes. Logo me chamou a atenção seu olhar interrogador, seus passos lentos, cansados, mas ainda assim firmes. Quando uma das líderes da comunidade nos apresentou formalmente e pude falar da minha pesquisa, ela me disse que quando quisesse eu podia passar por sua casa. E mesmo com a porta fechada, e algumas tentativas fracassadas, encontrei-me com ela numa manhã quente.

Ela estava com seu filho menor em casa, com roupas comuns, sem nenhum adorno especial. O ambiente cheirava a feijão novo cozinhando; era quase hora de almoçar. Pedi-me que entrasse, sem muito ânimo nem na voz nem no corpo, e seguiu para a cozinha, deixando que eu a acompanhasse.

Que difícil foi realizar aquela entrevista. Havíamos já combinado várias vezes que eu passaria pela sua casa, mas a narradora nunca me indicava diretamente onde estava. Eu a conheci numa das reuniões de pais da comunidade, tinha o olhar firme, era risonha e rápida, porém sem muita implicação com os problemas que contavam dos seus filhos na associação. Parecia jovem demais para ter já cinco filhos.

Um dia, fazendo outras visitas na comunidade, encontrei-me com ela na porta de casa, um barraco escuro, pequeno, sem cor. Sorriu com minha presença e disse: “quer me entrevistar agora?” Aproveitei e confirmei. Fez um sinal pra eu entrar na casa e começou rapidamente a arrumar um pouco o local, gritando com a filha menor, um pouco nervosa. Pedi que não se preocupasse por mim, que eu podia me sentar em qualquer lugar. E o único lugar disponível no local era uma cama. A casa estava dividida entre esse quarto e a cozinha. Feita de madeira de construção (taipa), a casa parecia extremamente frágil. Pouca luz entrava no recinto, apesar de estarmos numa região constantemente ensolarada.

Parecia feliz com minha presença, ainda que um pouco nervosa. Sentou-se numa caixa perto da cama e começamos a entrevista. Avisou que o marido não estava, por isso era uma hora boa para entrevistá-la.

Sua narrativa era acelerada, contava os fatos lembrados de forma simples e suas recordações faziam-na mover-se muito da cadeira. Tomava a menina (filha, que nos assistia) no colo e a tirava, diversas vezes. Tocava minha perna, como confirmando coisas (sinal comum na

região entre pessoas que se conhecem) e continuava falando. Olhava para o alto, para o teto, como que reflexiva, no meio da narrativa, ou quando fazia referência a Deus.

Sorria entre pausas, apesar de ser uma narrativa bastante triste, cheia de violência. Parecia não implicada com o que contava. Vestia um camisão frouxo e um shortinho bem curto. Tinha um olhar firme e ao mesmo tempo carente. Seguiu a conversa com um ritmo intenso, sua filha a admirava com o olhar. De vez em quando se levantava pra olhar pra fora (acho que para comprovar se o marido chegava).

Com o decorrer da entrevista se pôs mais “dentro” da sua história, olhando mais pra baixo, como que escutando suas próprias análises. Ao final da entrevista se emocionou e abraçou a filha. Logo, se levantou rápido, se recompôs, e disse: “pronto”?, dando por encerrada sua história. Me levantei, perguntei se queria dizer alguma coisa mais e me disse: “Nos vemos na escola, né?” confirmando que eu já podia ir. Despediu-se com um beijo e acenou com a filha no colo.

Depois disso encontrei-me com ela pela comunidade em diversas outras ocasiões, e uma vez ela me perguntou baixinho “funcionou a entrevista? Se quiser eu faço de novo!” com o mesmo brilho carente no olhar.

6.3 Transcrição da E.N. da narradora B3

Linha	Material Cronológico/naturalizador	Material Não Cronológico/desnaturalizador
1		De vez em quando me bate uma depressão, uma vontade de chorar, e eu não sei o por que.
2		
3	Eu sou separada do meu ex-marido – com ele eu tenho 5 filhos-, e	
4	quando eu me separei dele eu não tinha onde ficar com os 5.	
5	Minha mãe não aceitou, né?! Ela disse que só aceitava as meninas, e	
6	fez eu entregar os meninos pra ele, os outros três, faz é tempo...	
7	Aí eu vim embora, com eles, porque não tinha como eu ficar onde eu	
8	estava, porque a casa de lá, foi tomada pelo pai dele.	
9	Aí a minha mãe disse que se fosse pra eu perder a minha vida por causa	
10	de um par de telha, jamais, aí ela disse isso pra eu ir trabalhar e	
11	encontrei essa casinha.	
12	Mas ainda hoje meus filhos homens estão com ele.	
13		
14		
15		
16	Já tenho um outro homem, e que também não quer a minha filha mais	
17	velha com a gente,	
18	Ele já foi embora uma vez por causa dela, e ela passou uns tempos	
19	morando com a mãe. Ele me perguntou uma vez pra escolher	
20	entre ele e ela, e eu escolhi ela, jamais!	
21	E ele foi... Quando foi com dois dias aí ele veio, e voltou, mas só que os	
22	dois não se falam, ela diz que tem ódio dele, eles não se falam,	
23		
24		
25		
26	Um dia, me chamaram do colégio dos meninos porque eles estavam	
27	passando mal – por causa da necessidade, né? Eles iam com fome, aí eu	

28 contei pra diretora e ela ficou dando merenda pra eles...

29

30

31

32

33

34

35

36 No momento que eu parei de gostar, eu saí.

37

38

39

40 Eles dois não se falam dentro de casa

41

42 e ela tem a cabeça muito dura, e da vida dela ela não me conta nada –
43 todo mundo sabe o que passa e o que não passa, mas ela não me conta
44 nada.

45 Eu já me sentei aqui com ela... “filha, a gente não tem amiga não, amiga
46 é só a mãe, pros segredos, com amiga todo mundo fica sabendo...”

47

48

49

50

51

52

53 Um dia eu fui pegar ela numa festa que ela não tinha me avisado, e eu
54 vim trazendo ela apanhando até em casa. “Me avise quando você for
55 sair e a hora que você chegar.” Tem dia que ela chega aqui no outro
56 dia... E aí arranjou um tal de namorado que não é boa-fama. Só vem
57 atrás dela quando tá bêbado e drogado

Hoje eu conto pra eles, pra eles se lembrarem, o que era sofrimento de verdade..

Eu sei que não é pra se lembrar todo tempo do passado, mas hoje você tem, mas ninguém sabe o dia de amanhã da gente não – eu digo é muito a ela ...

Eu não sei falar do sofrimento que eu passava não, mas era porque eu gostava dele...

Eu acho que eu fico assim é por causa disso, sei que meus filhos não passam necessidade como eles passavam não, mas fico com medo deles soltos...

e é difícil, porque eu gosto dos dois... Mas tá é melhorando, mas eu me sinto tão mal com isso.

Hoje eu sei, porque eu também nunca contava nada pra minha mãe, ela pedia... mas quando eu tava no meio da rua foi ela que me ajudou... E hoje eu sei dar valor a ela... mas é que agora eu tô passando por isso.

Ela já me insultou tanto... (a filha) Já me conformei, converso, converso... mas nada

57		Ela só tem 15 anos, e não dá satisfação, se até ele dá
58		satisfação pra mim...
59		E eu já falei um monte de coisa pra ele. E pra ela também,
60		parece mais cachorra velha atrás dele... E tem um outro que
61		gosta dela mas ela não quer...
62		A vida da gente é essa, é um jogo a vida da gente. Morro de
63		medo dela entrar nesse mundo das drogas, ou então
64		engravidar...
65	Eu tive muitos namorados, o primeiro foi com 15 anos... Engravidei	
66	com 16.	
67		
68		Aí eu digo pra ela “filha, o que eu já passei nessa minha vida,
69		eu não quero pra você, jamais. Coisa ruim que eu já passei na
70		minha vida eu não quero pra nenhum, pra nenhum de vocês.”
71		Mas ela não entende.
72		Se ela engravidar vai ser um outro inferno na minha vida,
73		porque o N. não vai aceitar, aí com menino, eu vou querer?
74	Digo pra ela: “Se algum dia você engravidar, você peça a ele pra lhe	Quero não!
75	botar na casa dele, ou pra arrumar um canto pra vocês”	
76		E eu já digo isso pra ver se ela tem medo, sabe? Às vezes ela
77		parece que vive é no mundo da lua...
78	As amizades são todas com os grandes... Aí pronto, se mistura com eles	Sei não, eu tenho muito medo dela.... Dela engravidar.
79	e mete o pau a beber.	
80		
81		Eu já disse – Se fosse pra você beber eu mesmo botava
82		cachaça em casa! Eu não admito uma menina de 15 anos
83	Outra coisa é a minha mãe que quer morar aqui perto, bem aí	chegando embriagada em casa!
84		Nenhum dos dois se gosta, né? (se referindo ao companheiro
85	Ela já falou um monte de coisa pra ele na frente de todo mundo,	e à mãe). Eu não vou dizer que ele gosta dela...
		e ele não gostou. Aí se ela vier ela vai ficar se metendo na

86
87
88
89
90
91
92
93
94 que às vezes ligam pra mim, sabe?
95 Um dia desse a gente tava aqui comentando, eu sentada aqui mais ele:
96 “S. ainda bem que acabaram, né? Mas é que vinha era carta, do correio e
97 tudo, pra ele, falando de mim, sabe? Dizendo que eu não prestava que
98 era isso ou aquilo...
99 Aí depois começou os telefonemas.
100 Mas na época do outro barraco, que eu fui lá com os meus filhos, se não
101 fosse ele aparecer por lá nós tinha era morrido de fome.
102 Eu era seca igual à Maria (uma vizinha) E as pessoas vêm: “tu mudou
103 muito.”
104 porque a gente amanhecia o dia, a gente só tinha água no pote. Às vezes
105 quem aliviava era uma vizinha minha “Mulher toma aqui” aí eu dividia
106 pelos três.
107 Aí na época, que o N. me conheceu eu era magra, aí hoje ele diz: “uma
108 baleia dessa ainda fica botando banca pra comer...”
109
110
111 Desde criança que eu conhecia o N, eu cuidei do filho dele quando eu
112 tinha dez anos, e depois ele achou a casa que eu morava.
113 Amanhã vai fazer 6 anos que nós estamos juntos.
114
115 Mas ele só faz o que os meninos querem, e aí eu brigo com ele - não é

vida de todo mundo...
Eu já entreguei nas mãos de Deus, se for pro meu bem, Deus mande ela...
Agora se não for...não adianta a gente viver aqui... Eu, graças a Deus, nós não vivemos aqui brigando, todo casal tem suas diferenças, né, mas nem isso. É raro a gente ter. É muito raro a gente ter essas coisas, só tem mais assim, quando eu escuto alguma coisa...

Mas era de tanto passar necessidade, não era outra coisa,

Pois é, pois aí, ele me dava compra, mais coisa que o pai dos meninos!

Mas até hoje, graças a Deus...

116	pra ser assim.	Você passa o dia trabalhando e você passa o dia com eles. Eu
117		faço alguma coisa e você vem e desmancha, que moral eu
118		tenho?
119	Os meninos querem bater nele.	
120		Pois é, mas nós vive assim, agora eu não tenho muito o que
121		reclamar não, acho até que posso ter outro filho com ele.
122		Agora eu posso!

6.3.1 Núcleos narrativos

Núcleos principais	Sequência Narrativa (linhas)
Família	Separação do ex-marido (3); mãe oferece ajuda limitada (5); filhos homens com ex-marido (12); conflito entre a filha mais velha e novo companheiro (17, 22, 40); filha mora com a mãe (19); filha rebelde (42,45); companheiro tira da miséria (100); companheiro permissivo com as crianças (106)
Sexualidade	Outro relacionamento (16); filha com “mau” namorado (57); primeiro filho com 16 anos (65); novo companheiro com relação antiga com a narradora (112); seis anos juntos (116); corpo mais farto depois da estabilidade (107)
Intrigas/conflitos	Sogro toma a casa (8); mãe cuida só das meninas (5); companheiro pede pra escolher entre ele e a filha (19); filha com más amigas (78); aproximação da mãe mesmo em conflito com companheiro (83, 85); cartas e ligações anônimas (94, 96).
Afirmação/ resistência	Diante do dilema, escolhe a filha (20); conta para a diretora do colégio sua situação e consegue ajuda (27); sai de casa quando acaba afeto (36)

Comentário

A narradora centra o relato de sua vida na fase adulta, enumerando os episódios com seus respectivos conflitos relacionados, começando assim a narração pelo grande rompimento com seu ex-marido. Submete-se ainda a algumas condições indesejadas - como a separação e distância dos seus filhos e a falta de comunicação entre seu companheiro e sua filha. Seus núcleos narrativos são atravessados,

portanto, pelo tema da intriga e dos conflitos, compreendendo a narradora sua própria trajetória como um processo ascendente de melhoramento, recuperando-se repetidamente de suas dificuldades e obtendo êxito no enfrentamento de seus obstáculos, dotando assim a narrativa de um caráter reivindicativo, declaratório, atual e coerente.

6.3.2 Análise das Personagens

Qualificativos	Responsável (Perseverança, trabalho)	Solidariedade (Bondade, solidariedade, conselho)	Violência/ Assédio (Agressividade)	Imprudência (Irreflexão, Indiscrição)	Egoísmo/ maldade (Intolerante, Mesquinhez)	Beleza (Sedução)	Submissão (Sofredor, sacrificado, obediente)	Neutralidade (Sem caracterização especial)
Personagens/ Atores/as								
Ex-marido					X			
Ex-sogro					X			
Filhos							x	
Mãe		x			X			
Seu “homem”	x	x						
Filha			x	x	X			
Diretora do colégio		x						
Namorado da filha				x				
Vizinhos		x						
Narradora	x		x				x	

Comentário

A autora percebe-se como tendo um marido bom, uma mãe presente (às vezes demais) e uma filha rebelde que insiste em hábitos impróprios para a sua idade. Acima de tudo, a família. Entre a mãe e a filha, o marido e os filhos, uma questão de gênero se apresenta. Porque a mãe aceitou cuidar somente das filhas mulher? O que isso representa? A narradora não entra nessas questões. Aceita e vai em frente,

enfrentando os conflitos adjacentes. O novo “homem” é um símbolo de “rara” estabilidade, mesmo em conflito com a mãe e a filha da narradora.

Parece que as personagens mulheres de sua história (e de sua vida) são as mais conflituosas. Estão em constante desafio e enfrentamento por seus valores e suas ideias, incluindo a própria narradora.

Os vizinhos e a diretora do colégio aparecem como traços/figuras da sociedade solidários e com caráter por vezes familiar, típico de modelos comunitários de vida.

6.3.3 Espaço e ambiente - identificação dos principais cenários da narrativa

Espaço dimensional (físico)	Local de menção na E.N.	Ambientação	Expressão subjetiva associada
Casa do ex-sogro	7	Moradia de favor.	Antiga estabilidade. Expulsão e separação dos filhos
Casa da mãe	9, 19	Precária, não pode ser lar para todos os filhos, apoio para a filha mais velha.	Apoio parcial, Incentivo
Casa pequena (barraco)	11	Casa própria, precária, vizinhança solidária.	Conquista. Posse de um teto próprio; risco de sobrevivência.
Colégio dos filhos	26	Necessidades. Fome dos filhos	Época de miséria
Nova casa (outro barraco)	101	Estabilidade financeira e paz. Apoio do novo companheiro.	Dificuldades com a filha. União conjugal, alegrias domésticas.

Comentário

A cada casa, uma nova possibilidade. Seu deslocamento é regido pelas oportunidades que encontra e aproveita. Ao ser primeiramente expulsa, enfrenta a situação mesmo sem o apoio completo da mãe e sai em busca de um novo lar enfrentando muitas dificuldades no novo barraco, onde, sozinha com seus filhos, encontra seu novo companheiro que lhe tira de lá. Percebe-se, ainda assim, em outra luta nos barracos

para o mutirão de casas. Persiste na tentativa de manter certa qualidade de vida para sua família, com muita astúcia e resistência, afirmando sua vida atual mais tranquila, mais estável, porém não menos precavida.

6.3.4 Tempo

Rápida nos gestos e na mudança de temas e tempos da narrativa, ela relata seus episódios como numa sequência de dificuldades e de superação. O passado e o futuro são rapidamente atravessados em sua narrativa, “avança” e “recua” de modo a esclarecer o presente. Refere-se sempre ao momento atual, fruto da luta passada, reconhecendo suas conquistas e, desde já, preparada para outras.

A narradora se utiliza de marcadores temporais, como “outra coisa”, “aí”, “um dia” marcando a sequência e a lógica de seu discurso. Retoma o fôlego e segue narrando, como se essa construção tivesse sendo costurada ali mesmo, - em tempo real, vivido na frente de seus filhos. O ritmo da narrativa enriquece as variações ao longo da fala, relativos ao tempo da narrativa e ao tempo contado.

Ricoeur apresenta a tese de que a experiência temporal, fenomenologicamente descrita, apresenta dificuldades lógicas insuperáveis (aporias), que “só poeticamente se resolvem, no plano da ficção, dado o caráter narrativo dessa mesma experiência, análogo à estrutura da ação e da existência humana” (apud Nunes, 1995, p. 84).

Para tanto, a narradora se utiliza de figuras de elocução onde não lamentando as memórias do passado, nem espera o futuro; agrupa-os numa configuração ao presente, vivendo-o sequencialmente e com uma postura crítica de quem experimentou e pode repartir essa experiência: “Hoje eu conto pra eles” (29) “Hoje eu sei...” (48).

6.3.5 Material não cronológico/desnaturalizador

linha	Transcrição	Significado (análise retórica)
1	De vez em quando me bate uma depressão, uma vontade de chorar, e eu não sei o por quê.	Expressão de sofrimento. Fica triste mesmo sem encontrar motivos. (anuncia seu desafio/desabafo)
13	Não sei se é por isso que fica esse vazio dentro de mim... acho que sim, que é por isso. Não gosto dele, é por causa dos meus filhos... ele não deixa mais... (chorando).	Busca explicações para a dor lembrando da separação dos filhos. Expressa mágoa do ex-marido que não os deixa ver.
17	porque eles não se dão bem, sabe?	Explica a causa
20	Ela é a minha filha!	Afirmção decisiva e resistência frente à escolha imposta.
22	não sei porque tanto ódio... .. Acho que minha mãe dizia muita coisa pra ela, dele, minha mãe dizia que a gente tinha se separado por causa dele, mas não foi.. A gente passava muita necessidade...	Questionamento sobre a relação da filha e do marido Teoria sobre o conflito entre eles.
29	Hoje eu conto pra eles, pra eles se lembrarem, o que era sofrimento de verdade..	Argumento para os filhos como forma de advertência sobre as dificuldades da vida
31	Eu sei que não é pra se lembrar todo tempo do passado, mas hoje você tem, mas ninguém sabe o dia de amanhã da gente não – eu digo é muito a ela (a filha)...	Reflexão e consciência sobre as dificuldades do passado. Teoria sobre a fugacidade das situações.
34	Eu não sei falar do sofrimento que eu passava não, mas era porque eu gostava dele...	Teoria sobre a submissão sofrida: era por amor
37	Eu acho que eu fico assim é por causa disso, sei que meus filhos não passam necessidade como eles passavam não, mas fico com medo deles soltos...	Avaliação da qualidade de vida que possui. Consciência das dificuldades.
40	e é difícil, porque eu gosto dos dois... Mas tá é melhorando, mas eu me sinto tão mal com isso.	Expressa dificuldade em lidar com o relacionamento da filha com o companheiro.
48	Hoje eu sei, porque eu também nunca contava nada pra minha mãe, ela pedia... mas quando eu tava no meio da rua foi ela que me ajudou...E hoje eu sei dar valor a ela (referindo-se à mãe)... mas é que agora eu tô passando por isso.	Juízo de valor sobre a importância de uma boa relação com a mãe. Tentativa de argumentar com a filha. Experiência pessoal com a mãe repete-se com a filha.
52	Ela já me insultou tanto... (a filha) Já me conformei, converso, converso... mas nada	Ênfase na dificuldade de relacionamento com a filha. Seus argumentos não são suficientes.
57	Ela só tem 15 anos, e não dá satisfação, se até ele dá satisfação pra mim...	Recorre à comparação, para expressar sua indignação com o comportamento da filha.
59	E eu já falei um monte de coisa pra ele. E pra ela também, parece mais cachorra velha atrás dele... E tem um outro que gosta dela mas ela não quer...	Argumenta com a filha sobre o namorado. Juízos de valor sobre seu comportamento

62	A vida da gente é essa, é um jogo a vida da gente. Morro de medo dela entrar nesse mundo das drogas, ou então engravidar...	Juízo de valor sobre as dificuldades/ironia da vida. Vida como “jogo”.
67	Aí eu digo pra ela “filha, o que eu já passei nessa minha vida, eu não quero pra você, jamais. Coisa ruim que eu já passei na minha vida eu não quero pra nenhum, pra nenhum de vocês.” Mas ela não entende.	Compreensão sobre a importância de instruir os filhos sobre as dificuldades da vida. A voz da experiência.
71	Se ela engravidar vai ser um outro inferno na minha vida, porque o N. não vai aceitar, aí com menino, eu vou querer? Quero não!	Expressa comungar mesma opinião que o marido, colocando-se ao seu lado se a filha engravidar.
75	E eu já digo isso pra ver se ela tem medo, sabe? Às vezes ela parece que vive é no mundo da lua...	Advertência sobre os “perigos da vida” Expressa preocupação sobre o comportamento da filha
77	Sei não, eu tenho muito medo dela.... Dela engravidar.	Medo da filha engravidar e piorarem os problemas domésticos.
80	Eu já disse – Se fosse pra você beber eu mesmo botava cachaça em casa! Eu não admito uma menina de 15 anos chegando embriagada em casa !	Expressão dos valores: a idade e o sexo tornam os hábitos da filha mais impróprios.
83	Nenhum dos dois se gosta, né? (se referindo ao companheiro e à mãe). Eu não vou dizer que ele gosta dela... Aí se ela vier ela vai ficar se metendo na vida de todo mundo...	Expectativas de intromissão da mãe na vida familiar. Teoria sobre a dificuldade de relacionamento da mãe com o marido.
88	Eu já entreguei nas mãos de Deus, se for pro meu bem, Deus mande ela... Agora se não for...não adianta a gente viver aqui... ..	Expressão religiosa que indica conformismo quanto à vinda da mãe. Teoria sobre o relacionamento: todo casal tem suas diferenças.
90	Eu, graças a Deus, nós não vivemos aqui brigando, todo casal tem suas diferenças, né, mas nem isso. É raro a gente ter. É muito raro a gente ter essas coisas, só tem mais assim, quando eu escuto alguma coisa...	Analisando e valorizando sua relação harmoniosa e rara com o companheiro.
103	Mas era de tanto passar necessidade, não era outra coisa,	Justificando a magreza do corpo na época da miséria (auto-análise das influências ambientais e emocionais no corpo)
109	Pois é, pois aí, ele me dava compra, mais coisa que o pai dos meninos!	Compara seus dois “homens”, enfatizando o melhor tratamento de seu companheiro.
114	Mas até hoje, graças a Deus...	Referência à Deus como agradecimento
116	“Você passa o dia trabalhando e você passa o dia com eles. Eu faço alguma coisa e você vem e desmancha, que moral eu tenho?” Os meninos querem bater nele.	Argumenta sobre a criação dos filhos, acentuando o caráter permissivo do marido e o clima de cordialidade no lar.
120	Pois é, mas nós vive assim, agora eu não tenho muito o que reclamar não, acho até que posso ter outro filho com ele. Agora eu posso!	Consciência da qualidade da vida atual. Segura com o novo companheiro, pode planejar um filho com ele.

Comentários

O discurso começa com uma expressão do estado de ânimo da narradora. Nota-se uma vontade de explicar sua situação atual, compartilhar, quase um desabafo. Desse modo a narradora vai apresentando explicações e razões, expressas no ato de narrar, que embasam os episódios de sua vida. Encontramos também muitos verbos de ação, num discurso orientado por episódios sequenciais, numa fala rápida e ordenada, que alude à luta diária da narradora. O estilo rápido da narrativa revela a complexa relação entre forma e conteúdo, o modo de narrar dando pistas sobre o que está sendo narrado. Com uma retórica clara e forte, elenca os acontecimentos mais relevantes em termos de dificuldades e conquistas.

Com uma sequência narrativa veloz, seus episódios são por meio de “flashbacks” constantes, que tencionam esclarecer à entrevistadora (e à naradora, talvez) detalhes sobre o seu passado e o seu presente, sempre permeado de lembranças de um passado mais difícil que o presente, que servem de estoque de conhecimento adquirido e parâmetro para seu juízo sobre o presente.

Apesar de não declarar em nenhum momento da entrevista sua situação ou preocupação atual com o trabalho, antes da entrevista, conversa com uma amiga:

“Tô sem trabalho, mas tem quem fique com a menina. Ontem me chamaram (referindo-se a uma casa”de família” onde muitas mulheres do bairro costumam trabalhar para arrumar a casa, lavar e passar as roupas – como diarista) iam ligar de noite, pra eu voltar, sabe... Aí fazem a gente de besta, quando acabar nem me pagou... Mas eu vou voltar lá, não trabalho de graça, só em casa mesmo.”

Com sua postura ativa e atenta, vê-se colaborando dentro e fora da sua narrativa, apesar dos inúmeros conflitos relatados.

E assim, numa situação sempre tensa em casa, fica dividida entre o novo companheiro e a filha mais velha. Tem dificuldade de lidar com o comportamento da filha, por vezes insultando-a “parece mais cachorra velha atrás dele” (61), ou agindo também com agressividade, temendo que ela venha a engravidar cedo e reproduzir alguns erros que ela mesma cometeu quando jovem. Por vezes, analisando, ainda, a

relação com a própria mãe. Tem também medo que a filha enfrente o marido atual e o faça sair de casa. Porém, enfrenta as situações com coragem sem desanimar no primeiro obstáculo.

Está sempre alertando e advertindo os filhos sobre os perigos da vida e suas “peças”. Relatando aos filhos suas lembranças ruins, expressa sua aprendizagem através da experiência de vida. Revela-se apreensiva quanto aos reveses da vida, mas também preparada para esse “jogo da vida”, “hoje você tem, mas ninguém sabe o dia de amanhã da gente.”(32). Por esse contínuo de provas e de lutas, seu discurso revela uma percepção de sua trajetória de vida como uma sequência de provas e de confrontos, onde ela precisa manter a força para não desistir frente aos obstáculos que a vida lhe apresenta.

Sua linguagem do “aqui e agora” revela ainda o pragmatismo e o realismo com que encara as situações diárias, traduzindo uma sabedoria de vida. Precavendo e advertindo os filhos, não deixa de reconhecer a melhoria da qualidade de vida na atualidade, avaliando de forma relativa à sua “carência”: “Agora não tenho muito o que reclamar, não” (109).

Avalia e compara o companheiro pela estabilidade (além da emocional) econômica que gera em casa, avaliando como um “bom” companheiro (valor expressado típico do contexto de abandono que vivem as mães da comunidade), expressando ainda a esperança e aposta numa nova gravidez com ele (pois apesar de não relatar na entrevista, depois dos cinco filhos ainda teve dois com essa nova relação).

6.3.6 Itinerários Corporais

Sempre conversávamos quando visitava a comunidade, ela sempre estava à vista. De caráter alegre e vivo, aparecia nas festinhas da associação e em todas as reuniões de mães e pais. Já nos conhecíamos um bom tempo antes da entrevista (talvez por isso escolheu enfatizar a narração num claro momento do seu presente e reclamo atual).

De baixa estatura e roupas curtas e apertadas, expressava firmeza em suas palavras e em seu caminhar. Com um olhar incrivelmente atento e amável, consentiu nossa entrevista naquela tarde mesmo com os três filhos pequenos em casa, um deles inclusive de colo.

Durante a entrevista realizada na sala, se levantava com frequência para atender ou distrair seus filhos presentes que a escutavam com respeito. Percebi que tinha deixado também a roupa no meio da lavagem para me receber. Fazia muitas coisas ao mesmo tempo, com agilidade e com humor, sem deixar de perguntar e de procurar mais estratégias da vida cotidiana.

Sua voz era firme, como seus braços e pernas. Com humildade ia contando sua história e se colocando com as costas retas, de vez em quando, afirmando sua posição (no discurso e no sofá) em cada pausa, revelando assim uma atenção à relação que o corpo possui com o ambiente e com seus estados emocionais quando se lembrava de como era magra, e de como havia engordado bastante agora, devido à principalmente à estabilidade econômica e afetiva que desfruta.

Assim, com alegria e coragem (apesar dos traços tristes do enredo) terminou a entrevista, enquanto continuávamos conversando informalmente.

Voltou ao monte de roupas para lavar enquanto eu me despedia das crianças no chão da sala. A casa tinha um ambiente saudável e ensolarado.

Ela me acenou de longe, confirmando sua presença na próxima reunião da associação. E encontramos-nos outras vezes e sua presença rápida sempre me transmitia a ideia que estava em pleno do “jogo da vida”, com sua forma guerreira de enfrentá-lo.

6.4 Discussão dos dados

A trajetória coletiva das mulheres da comunidade Maria da Paz

A interpretação das narrativas das três mulheres entrevistadas propõe um deslocamento do que pretende ser uma análise de discurso simples, para ir além, numa construção dialógica permeada de palavras, gestos e olhares, vividos na situação da entrevista e além desta.

Analisaremos primeiramente os grandes temas extraídos dos núcleos narrativos das entrevistas: família, violência/conflitos, trabalho e moradia, apontando pontos convergentes enunciados pelas narradoras, sem ter como objetivo final encontrar significados comuns, porém analisar estes traços como a realidade disponível, numa tentativa de cumprir com pelo menos um único desafio político: falar junto com as narradoras.

A comunidade Maria da Paz é o lugar de vivência comum das três entrevistadas, e sua importância está expressa em todas as trajetórias de vida narradas. Revela-se um espaço de convivência e um símbolo de estabilidade, pois é o lugar onde estão residindo depois de tanto peregrinarem em busca de moradia estável. É também um lugar privilegiado de produção de sentido e de identidades, onde as situações de vida se entrelaçam, sendo produzidas e narradas diariamente, dando a forma e o contorno de seu substrato autobiográfico.

A ideia de que identidades coletivas são construções políticas e sociais e devem ser tratadas como tal, surge a partir de estudos sócio-antropológicos que revelam também que as identidades são construídas e reconstruídas segundo interesses condicionados socialmente.

As três narradoras, mas também estendendo para muitas mulheres que tivemos contato no lugar, têm a casa como um lugar de segurança, um ponto central, uma conquista. Em se tratando da comunidade em questão, esse significado torna-se ainda mais explícito quando se constata a veemência com que tratam a luta pela construção de suas casas, em comunidade, bem como a trajetória singular do movimento em busca desse lar. Esse movimento, que é narrado por cada uma, funde-se com um outro movimento social muito visível nas camadas sociais mais baixas da cidade, a trajetória

de vida confundindo-se com essa trajetória social de busca de uma moradia dos sem-teto.

No Nordeste, o fato de ser uma região historicamente exportadora de trabalho pesa forte na organização familiar. No meio urbano onde, como já vimos na pesquisa de Scott (2007), a concentração de mulheres responsáveis por domicílio é muito maior, os efeitos da expulsão do campo da mulher sem rendimentos, somadas às próprias dificuldades de arrumar trabalho remunerado na cidade, levam a uma inversão geral na condição de “sem rendimento,” lembrando que na cidade as possibilidades de suprir as necessidades através da produção para o próprio consumo, são mais severamente limitadas.

Essas mulheres e suas famílias estão em contínuo movimento, junto com o ambiente estritamente determinante da forma e das condições dessas mudanças. É muito comum nesse contexto social, esse deslocar-se precoce em busca de melhores condições de sobrevivência. Com efeito, o primeiro grande deslocamento espacial pressupõe, nas três entrevistas, uma busca por algo melhor. A narradora B1 desloca-se de uma situação de orfandade e maus-tratos para buscar um bem-estar mínimo; a narradora B2, de uma realidade violenta e também com maus-tratos na expectativa de qualquer estabilidade; e a narradora B3 despede-se da casa do ex-marido, sem recursos, para um novo recomeço. O cenário principal é o “mundo lá fora”; a busca árdua e diária por uma melhor qualidade de vida ocupando grande parte da narrativa e também sua expressão ativa e afirmativa de liberdade, expectativas, sonhos.

De fato, num cenário de carência generalizada - de comida, de dinheiro, de atenção e respeito - o modo de falar de si mesma também revela traços de pedido de atenção e súplica. Uma das maneiras de se expressar era utilizando muito frequentemente o vocábulo ‘né? (contração de: não é?)’, como forma obter cumplicidade e compreensão da entrevistadora.

Ressaltamos a presença de Deus recorrente nas três narrativas. Muitas vezes como o protagonista de suas ações, como no discurso da narradora B1: “Mas Deus tá em primeiro lugar” (118) ou “E seja o que Deus quiser, ou com fome, ou com barriga cheia” (144). Ou como agradecimento, revelando a passividade e a aceitação da narradora B2: “Só que ele não faz isso comigo não. Graças a Deus, até hoje” (47). Deus

ainda aparece na entrevista da narradora B3, permitindo-lhe adaptar-se às circunstâncias: “Eu já entreguei nas mãos de Deus, se for pro meu bem, Deus mande ela. Agora se não for, não adianta a gente viver aqui” (88).

A ideia que propomos é que algo é produzido enquanto se fala. O conteúdo e a forma de suas narrativas são representativos de um percurso de vida marcado por comportamentos de sobrevivência, de quem pede, e de quem vive dentro de uma “prática da adversidade”, lidando diariamente com situações difíceis; às vezes resistindo, às vezes se afirmando ou superando a si mesma.

A resistência, tal como a concebemos é um espaço de experiência da verdade, autoidentificada e vivida com todo o corpo.

O momento de construção dessa fala na relação narradora/ouvinte é permeado de sentimentos trágicos, emocionados, narrados com a força do agora, como se essa exteriorização do vivido permitisse às narradoras criarem coragem para falar mais.

Essas vozes são a expressão do universo simbólico e da subjetividade de suas enunciadoras, onde, em cada entrevista, em cada encontro, repete-se a força do discurso no momento, cuja origem encontra-se na imediatez das relações que elas vivem. Um “discurso da imediatez” é um discurso que privilegia o “agora”, sem concentrar-se nas lembranças do passado nem nas expectativas do futuro, que trata da situação imediata e urgente do hoje.

De fato, através da linguagem as experiências são partilhadas e coletivamente significadas:

A linguagem objetiva as experiências partilhadas e torna-as acessíveis a todos dentro da comunidade linguística, passando a ser assim a base e o instrumento do acervo coletivo do conhecimento. Ainda mais, a linguagem fornece meios para a objetivação de novas experiências, permitindo que sejam incorporadas ao estoque já existente do conhecimento, e é o meio mais importante pelo qual as sedimentações objetivadas são transmitidas na tradição da coletividade em questão. (Luckmann e Berger, 2002, p. 96)

Assim, para essa comunidade, reconhecida aqui como um microcosmo sociocultural, enredam-se através da linguagem, padrões e regras de comportamento com condutas similares, apesar das distintas histórias de vida. Por vezes a narradora era questionada por um filho ou pela vizinha enquanto falava. Nota-se que o acionamento feminino das redes sociais mais ampliadas para sustento e para convivência é, assim, claramente evidenciado, com parentes e amigos convidados a cooperar.

A linguagem oral permite esse compartilhar imediato das construções subjetivas da narradora. Os que ouvem têm a oportunidade de interpretar e transformar aquilo sob a égide de seu próprio repertório sociocultural.

Esse relato era partilhado com alguém da família ou da comunidade que se detinha ouvindo essas histórias, enriquecendo seu repertório de conhecimentos e contribuindo para sua transmissão futura. De fato:

O grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar (Bosi, 1994, p. 31).

Na comunidade Maria da Paz percebe-se que não há espaço público para a cultura letrada ou registros escritos de dívidas, de promessas, de culpas ou mesmo de pedidos. Deslocados, os livros não fazem parte de seu mundo, valem menos que sua sobrevivência. Com efeito, livro significa luxo, um sonho legado muitas vezes somente aos filhos, que ainda podem alcançar, através da educação formal, a “cultura impressa”.

Deste modo, a maior parte das relações é estabelecida pela fala e pelo corpo. Essa fonte de saber oral é ainda o fator eliciador de encontros e de desencontros, de vozes que clamam e cantam diariamente o seu cotidiano.

Sem dúvida, as mulheres atravessam sua rotina costumeiramente utilizando-se da fala como instrumento de poder, meio de defesa e acusação. Sua voz e seus corpos representam seu lugar na comunidade, seu lugar de existência e resistência, seus inúmeros pedidos. Representa ainda sua herança aos filhos, o único bem a ser-lhes transmitido. Essas mulheres percebem a sua voz como legado inalienável, um meio de passar sua sabedoria e seus ensinamentos de vida a seus ‘herdeiros’.

Encontramos nessa pesquisa, narradoras que, através de exemplos de lutas diárias, refaziam seu cotidiano com a ajuda do corpo e da palavra, adotando uma atitude forte, ainda quando oprimidas em relação ao marido ou às suas condições de vida.

E como a família é um dos principais temas comuns, percebemos que nas três entrevistas, as mulheres reservam um espaço privilegiado para tratar dos “companheiros” e do seu papel nas suas trajetórias. As narradoras possuem uma história comum de luta com esses companheiros, mesmo que para isso submetam-se a padrões socioculturais de discriminação de gênero bastante explícitos nessas comunidades.

O papel deste em casa é delegado socialmente como o de “bom” provedor e mantenedor da qualidade de vida, nem que para isso a ele seja permitido beber e alterar a paz em casa (narradora B2).

Ainda em relação ao discurso familiar, o legado mãe-filha era trazido frequentemente como uma forma de aprendizado, de lembranças e heranças, de exemplos e de alternativa de vida. Nota-se como pela linguagem oral e os próprios exemplos, este saber é retransmitido e reinventado. Como confirma a narradora B3 a importância de “ensinar a ser diferente”.

É nesse lugar de partilha que são expressas suas questões e trocadas palavras de solidariedade e incentivo em suas histórias cotidianas, um movimento de se criarem a si mesmas e de perfazerem seus próprios caminhos afirmativos enquanto mulher.

Suas histórias são construídas como ação, não apenas como recordação. As narradoras atuam e se expressam nas suas lembranças e nos seus esquecimentos, produzindo uma transformação desses momentos passados, agora vividos como outra experiência, muitas vezes emocionada, diante de uma interlocutora.

Percebe-se que nas narrativas orais que examinamos, o cotidiano de pobreza, trabalho e luta por melhores condições de existência é o principal cenário e repertório das grandes intrigas, afirmações e resistências de suas vidas.

Nesse espaço, a violência tem uma presença marcante nos seus enredos e nos seus corpos. Tanto a violência física, narrada com angústia ou com insignificância, como os conflitos emocionais que estão relacionados. Segundo uma pesquisa sobre o acesso a justiça para mulheres em situação de violência (Pasinato e Santos, 2008), cerca de uma em cada cinco brasileiras declara espontaneamente ter sofrido algum tipo de violência por parte de algum homem, ressaltando a periferia como o lugar preponderante de ocorrência da violência contra a mulher.

As narradoras expressam por vezes essa característica violenta de seus companheiros ou familiares, ou da vida mesma, e em seguida relatam estratégias (levadas a cabo ou ainda como intenções) de libertarem-se dessa situação que em muitas ocasiões assumem haver sido causadas por elas mesmas.

Uma dessas opções de liberdade é a partir do trabalho, outro tema central de seus repertórios narrados. Serve como catalisador de seus desejos, sonhos e expectativas. Para muitos da comunidade, é a questão fundamental no seu empenho diário em busca de melhoria de vida.

Através do trabalho do marido, dos filhos ou das narradoras concede-se um período de estabilidade à família, ainda que momentâneo. Para algumas mulheres, basta-lhe o trabalho em casa (invisível), enquanto o marido é remunerado por fora, sustentando a família (narradora B2). Contudo, é também visível na comunidade a troca de papéis sociais, cabendo à mulher, além do trabalho doméstico, o trabalho nas “casas de família” estendendo suas atividades para ajudar no sustento da casa (narradora B3). Os serviços prestados nestas casas contribuem para um contingente significativo de trabalhadoras sem direitos legais.

Segundo Camurça (2007) hoje, no Brasil, as mulheres representam mais de 70% das 40 milhões de pessoas na informalidade. Nesta situação estão, portanto, 28 milhões de mulheres trabalhadoras. Tais mulheres são o grupo mais pobre entre as demais mulheres trabalhadoras e a maioria é negra.

A situação é crítica entre: as trabalhadoras domésticas, as que trabalham por conta própria e aquelas que trabalham sem remuneração (as donas de casa ou as que trabalham em regime de economia familiar, especialmente nas cidades).

Além disto, é pouco frequente que elas tenham o controle financeiro da renda familiar, ficando, assim, sem autonomia econômica na grande parte de suas vidas ou por toda a vida.

No seu discurso, suas lembranças sempre remetem à discriminação ou submissão, características comuns nas trajetórias de vida das narradoras na referida comunidade. Tais funções estão associadas à condição de classe, de gênero, raça e de educação, caracterizando assim a fala da mulher na periferia.

É nessa memória que parte do presente, cria sua substância no presente e ainda é sensível às diacronias, onde se destacam as lembranças das narradoras em questão.

Portanto, reconhecemos na memória reconstruída daquela comunidade marcas do sofrimento de cada uma e de todas. O termo sofrimento aparece como recurso retórico e como realidade trágica atravessando todas as entrevistas, e em diferentes expressões. Porém as mulheres, enquanto autoras de sua própria narrativa expõem, às vezes com muita ironia, um enredo de resistência diária. Essa dimensão, além de ser expressa na fala, é clara no gesto, na aparência e no comportamento das mulheres entrevistadas.

Em se tratando de mulheres da periferia de Fortaleza, não é difícil imaginar as reais dificuldades para sobreviver que permeiam o cotidiano e suas estratégias criativas, e por consequência, o tema dessas conversas.

O encontro com as narradoras permitia a construção de um lugar de fala, de narração desse sofrimento humano que era sentido em suas vozes e em suas vidas, atingindo, assim como os ouvintes, e com alguma diferença, a própria narradora, criadora e narradora desse sofrer.

Explica Minkowski:

No cadinho do sofrimento forma-se a pessoa humana; por aí ela se afirma. Mais além ela olha, mais além ela vê. Não é mais uma simples constatação de fatos disponíveis. Nem pessimismo em desacordo com o sentido da vida, nem otimismo beato - no fundo são as posições bem pequenas que ainda não dizem grande coisa -, mas tendência natural à afirmação e à confiança. E é uma coisa completamente diferente. Esse aspecto *pático* da existência - e nós já o fizemos pressentir - atravessa a vida humana e de sua parte, nesse sentido, a fundamenta (2000; p. 164).

Assim, o sofrimento compartilhado, expresso e interpessoal, era delatado no meio das pequenas alegrias do cotidiano expressando uma realidade e ainda uma auto-reflexão. Portanto, pode-se reconhecer claramente na postura e nas narrativas dessas mulheres os traços de *habitus* de classe, de grupo social e de gênero.

Consideramos oportuno avaliar assim a condição que prefigura o lugar da mulher mãe, de periferia, sem teto, como um conjunto de crenças e posturas corporais, conhecimentos, visão de mundo, estilos de vida, formas de julgamentos morais, políticos e estéticos transmitidos pelo meio social e que permitem um repertório estruturado de possíveis respostas ao meio, permitindo uma criação, um movimento de escolhas possíveis dentro dessas estruturas sociais aprendidas.

A vida, portanto, é uma história. E a identidade pode sempre ser inventada e reinventada a cada história que se narra: “qualquer história é melhor entendida considerando outros possíveis meios que ela poderia ser contada” (Bruner, 1994, pgs. 36,37).

**Entrevistas Narrativas
GALICIA**

7. HISTÓRIAS DE VIDA

7.1 Transcrição da E.N. da narradora Ga1.

l.	Material Cronológico/naturalizador	Não Cronológico/desnaturalizador
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19	<p>Pois dende pequena, home! Nacemos nunha casa, case do millo, que vivíamos do campo, traballamos para vivir, pois todo o de comer era collido da terra, na Ameixenda.</p> <p>Pois vamos, ós 10 anos funme a escola ata os 14, a escola primaria, despois non rematei os estudos...</p> <p>Non comiamos esas cousas de hoxe, eran prohibitivas por exemplo – iogures, cousas así que hai mucho aquilo non había para comer. Miña nai pasaba o tempo coas verduras para comer, muxiamos as vacas, para o leite tamén! Eu fun ficando sempre na casa, miñas irmás si foron estudar, traballar, e eu quedabame coa miña nai, o irmán que era maior ca min empezou a traballar con 15 anos, bueno, co butano, sabes? E miña irmá fixo perruquería, eu era a maior, quedaba na casa e coidaba das outras. Sempre traballando na terra, ata que despois caseime...meu pai sempre estivo moi enfermo, entón o traballo tiña o que facer eu...Ata que quixen buscar un traballo distinto, cambiar un pouco, e meu home, sempre traballou fora, pero eu non</p>	<p>Eu era de seis irmás e despois quedámonos así...eu que sei, moi difícil a vida...</p> <p>Entonces que eu necesitaba as miñas cousas, meu, non sei...</p>

20		queríame sentir independente, ter algo, non?, quería ter os
21		meus cartos, non sei. Cartos xa tiña, pero quería ter traballo
22		non? E bueno, estaba feliz,
23	despois naceu a miña filla e así...	
24		Eu hoxe estou ben, mais ou menos ben, vale, ben...
25		Non aspiro a nada máis que ter saúde, porque agora mesmo
22		encóntrome ben, encóntrome, feita como persoa, máis ou
23		menos, as cousas ben, síntome ben, pero bueno... non teño
24		tantas ambición, pero bueno, síntome ben. Home, gustaría
25		mellorar un pouquiño, pero comparado conforme estiven,
26		estou ben...
27	Teño 47 anos, vexo a vida de outra xeito, é unha época bonita para	
28	disfrutala, porque cando se é máis xove nunca estas contenta. Non sabes	
29	o que queres nunha palabra...	
30		eu agora xa estou máis tranquila.
31		Hoxe a familia non se xunta máis... a familia non se acerca
32		máis.
33	Antigamente falabase moito máis na casa, hoxe non... “Eu quero ver a	
34	película... eu quero ver non sei canto” – cada un para o seu lado –	
35	Non hai aquela relación que había antes, se hai algún problema, non	
36	contas, máis...	aquí é tremendo, ves?
37		Non se fala, non entendo...
38		A parte da vida acelerada que temos...
39	E a parte traballar no campo a xente viase, conversaba máis, pero agora	Antes había máis...
40	cada un traballa en lugares distintos, en horas distintas, non nos vemos.	
41		é unha vida así.. bueno...pero bueno, eu hoxe son feliz...o
42		que máis me preocupaba era a guerra, non se lle da valor o
43		home, verdade?...
44	Antigamente a xente maior non se quedaba máis cansada, non	
45	preocupaba os outros,	

46		eu non sei, non quero dar traballo os meus... Non pode ser...
47		É triste, o problema, como imos facer – a vida é así, ti tés
48		que vivir o teu destino, non?
49		E a vida na Galicia virou moitísimo...
50	Antigamente había moita violencia doméstica como se contan – non	
51	mataban, como agora, pero si que había violencia.	
52		
53		Peor, porque antigamente que o marido maltratara era
54		normal, non? Non che pegaba, pero psicoloxicamente e eu
55		creo que agora mesmo, home, mátanse, unha parella o outra.
56		A muller non tiña palabra, no se falaba dixo. E sobre todo na
57		Galicia, que levou a casa, o traballo do campo e os fillos.
58		Eso e así ah.. A muller galega era así, eu creo que, eu non
59	de todas formas, miña tía que vive no Uruguai dixo que aquí non é	
60	como alá. Saíu nos 50 e pico. As galegas eran as que facían o traballo	
61	que as outras non querían facer, quero dicir que,	
62		claro, como aquí as mulleres non traballaban. Porque
63		seguramente a muller era menos forte que os homes, pero
64		facía o traballo igual...Eu polo menos traballei igual cos
65		homes, ía a cabalo, collía unha pedra para facer un muro, o
66		que sexa... entendes? É iso... eu creo que a muller galega
67		traballou moito. E foi moi pouco valorada, sobre todo polo
68		propio marido, a muller era: coidar da casa, parir os fillos,
69		coidar dos fillos... era como si fose un....unha maquina.
70		Lavar, facer comida...
71		Eu creo que agora na Galicia mellorouse moito máis, eu creo
72		que a violencia doméstica.. antes había, pero a xente
73		quedábase calada, ...iso.
74	De todas formas meu avó, a miña avoa... maltratábaa. Non se falaban,	
75	morreu sen lle falar...	

76 E unha cousa, non se pegaban, máis non se querían... unha cousa forte.
77 O fillo maior quedouse coa casa, seguiu coa terra, casouse tivo fillos e
78 seguiu a súa vida. E a muller con el,
79
80 Os irmáns... sempre tiñan que nacer un home.
81
82 Aquí levamos primeiro o apelido do pai! Pois sí. Agora, creo que se
83 pode levar o uno u outro.
84 Acórdome co meu avó, cando naceu miña irmá, avisárono:
85 “Padriño, temos una nena!!!” “Bueno...” Dixo.
86
87 Despois cando naceu o máis vello, home, fixeran unha festa...
88
89
90 E un home non tiña outra muller, eso era moi raro, home, se tiña un fillo
91 xa non quería, pois, se a deixaba embarazada, entendes? Non se casaba
92 con ela, pois casábase con outras, eso si era frecuente, que había muller
93 solteira, pero bueno, de ter varias mulleres era raro.
94 Agora estamos chegando a... separar, cousa que no había, pero aquí xa
95 esta empezando...
96

pero bueno, aos homes sempre estaban os intereses.

Imaxina, ahí naceu unha nena... vale, era así!

como non era grande cosa... o nacemento dunha nena...

Home, eso xa esta cambiado, pero bueno...

Hai que facer moito para chegar a ser un home...

Pois sí, sempre foi así!

7.1.1 - Núcleos Narrativos

Núcleos principais	Sequência narrativa (linhas)
Passado (rural)	Nasce e vive numa casa no campo (1); A comida era diferente da de hoje (8); A mãe cuidava do campo (10); Trabalha sempre na terra (15); Melhor comunicação (33, 39); As relações mudaram (35); Se cansavam menos, davam menos trabalho (44); Violência doméstica (50); Os homens não eram infiéis, mas não casavam com mães solteiras (90); Agora podem separar-se (93).
Trabalho	Permanece em casa com a mãe, cuidando das irmãs pequenas (11,14); Irmão maior trabalha jovem (12); Irmã é cabeleireira (14); Pai sempre doente, ela realiza todo o trabalho (16); Nunca havia trabalhado fora (18); As galegas trabalham mais que as outras mulheres (60).
Família	Mãe cuida do campo (9); Irmãs foram estudar e trabalhar (11); Irmão maior trabalha jovem (12); Casa-se (15); Pai doente (16); Nascimento da filha (23); Família separada (31); Tia emigrada ao Uruguai (59); Avô maltratava a avó (74); Mulher acompanha o marido (78); Filhos/as levam o sobrenome do pai (83); Festa quando nascia um menino (87).
Violência	Ficava sempre em casa trabalhando enquanto os irmãos saíam (15); Violência doméstica naturalizada antigamente (50,52); Violência psicológica (53); A mulher não podia falar (55); A mulher pouco valorizada (67); Avô maltratava a avó (74); Não vibravam com o nascimento de uma menina (81).

Comentário

A narradora percorre seu discurso entre esses quatro grandes núcleos: Passado (rural) / Trabalho /Família e Violência. Dentro desses temas, geralmente aglutina com uma mesma expressão dois ou mais núcleos, como é o caso de Trabalho e Família onde se refere ao mesmo

tempo a esses dois tópicos: “o irmán que era maior ca min empezou a traballar con 15 anos” (12); ou no caso Família e Violência: “De todas formas meu avó, a miña avoa... maltratábaa (74)”. Essas coincidências indicam um discurso com temas alinhados e uma ênfase em ressaltar determinadas experiências. Ressaltamos aqui que as experiências são uma dimensão existencial do viver, sendo aqui abordada e compreendida através da narrativa.

Em referência ao tema do Trabalho, acode a suas próprias vivências do Passado (rural), para mesclar outra vez esses núcleos narrativos e ressaltar determinadas contradições e de sua vida: “Eu fun ficando sempre na casa, miñas irmás si foron estudar, traballar, e eu quedábame coa miña nai” (11).

Essas lembranças familiares são apresentadas sempre com um olhar no passado, expressando sua nostalgia de uma vida mais simples, pero ao mesmo tempo, mais saudável, com relações e vivências travadas ao lado do campo: “E a parte traballar no campo a xente viase, conversaba máis, pero agora cada un traballa en lugares distintos, en horas distintas, non nos vemos” (39). As novas tecnologias, ou formas de vida: “hoxe non... ‘Eu quero ver a película... eu quero ver non sei canto’ – cada un para o seu lado” (33), não trouxeram junto aos cânones atuais, segundo a narradora, a alegria e os benefícios da vida do passado relatado: “E a vida na Galicia virou moitísimo... (49). Deste modo, a ênfase de toda sua história recai sobre essa diferença entre o tempo de *antigamente* -vocábulo repetido três vezes (55, 61, 69), e a vida de agora.

Também faz alusão à guerra, à educação e à emigração, como temas que aparecem no seu discurso sem deter-se mais profundamente. No entanto, a autora realmente revela uma constante nas suas temáticas com críticas e análises das questões de gênero, fazendo-as com o enlace entre todos os temas principais. A violência que a narradora delata, refere-se inclusive aos tipos: física, doméstica e psicológica, situando seu discurso exclusivamente na experiência vivida.

7.1.2 Análise das Personagens

Qualificativos	Responsabilidade (perseverança, trabalho, valentia)	Solidariedade (Lealdade, bondade, solidariedade, ética)	Violência/ Assédio (agressividade)	Sociabilidade (Conciliação, Tolerância, paz)	Egoísmo (intolerância, mesquinhez, individualismo)	Beleza (sedução)	Submissão (Sofrimento, sacrifício, obediência, resignação)	Neutralidade (sem caracterização especial)
Personagens/ Atores/as								
Mãe	x						x	
Irmã	x							
Pai			x					x
Marido	x							
Filha								x
Família					x			
Avô			x					
Avó							x	
Filho maior dos avôs	x							
Mulher do filho maior							x	
As mulheres								
Os homens	x				x			
A narradora	x	x					x	

Comentário

Centrada nos personagens familiares, a narradora traça seu discurso com exemplos de vivências compartilhadas exclusivamente com a família, que chega a ser essa também uma personagem à parte (31).

Sua identidade vai se construindo narrativamente também em relação a essas figuras importantes da sua vida, muitas vezes em forma de comparação: “miña irmá fixo perruquería, eu era a maior, quedaba na casa e coidaba das outras” (14).

Ainda assim, estabelece um discurso crítico bem fundamentado e não deixa de comentar e de expressar-se, inclusive utilizando generalizações, ex: as mulheres, “que quem levou a casa, o traballo do campo e os fillos” (54), sempre situando seu discurso em relação à Galícia, sua experiência pessoal; ou os homens: “E un home non tiña outra muller, eso era moi raro, home “ (90). Dessa maneira engloba com personagens específicos ou gerais os fatos mais significativos do seu conto, para assim poder contar-se também a si mesma.

7.1.3 Espaço e ambiente - identificação dos principais cenários da narrativa

Espaço dimensional (físico)	Local de menção na E.N. (linhas)	Ambientação	Expressão subjetiva associada
Casa no campo	1, 11, 14, 33, 39	Muito trabalho, bom ambiente, união.	Época de vida simples, boa.
Escola	4	Não conseguiu terminar os estudos.	Insatisfação, insuficiência.
Galícia	49, 56, 82, 93	“Outros tempos”, Vida dura; Tradições.	Mudanças e comparação.
Uruguai	59	Migração da tia.	Comparação com o trabalho das mulheres.

Comentário

A referência espacial constante na narrativa é sua casa no campo e o ambiente rural. Com diversas comparações, revela esse entorno como o espaço mais saudável e simples, estendendo essas análises também para o ambiente galego.

Com efeito, quando se refere a “aquí” (82, 93) o faz com a menção de pontuar Galícia e deixa claro que esse conhecimento é situado: “A muller galega era así, eu creo que, eu non sei, fora de España eu non sei...” (55). Além do mais põe ênfase nesses lugares e em como as coisas mudaram com o tempo em sua cultura específica.

Ainda com referência a essas mudanças, traz à tona o ambiente escolar para recordar que não pôde terminar seus estudos, já que passava o tempo em casa cuidando do campo, dos irmãos e do pai, como fazia sua mãe: “Eu fun ficando sempre na casa”(11); “Eu era de seis irmás e despois quedámonos así...eu que sei, moi difícil a vida...” (6); e esse lugar íntimo também é marcado como um espaço importante, com uma experiência subjetiva de pesar.

Efetivamente, também se refere ao fenômeno da migração da década de '50 que viveram seus familiares como um lugar de experiência também compartilhada nas histórias de sua vida do seu entorno familiar.

7.1.4 Tempo

O tempo da narrativa é quase todo limitado ao passado. Em consequência disso utiliza bem a estratégia de comparar suas vivências antigas com o momento atual, aproveitando para fazer análises valorativas dessas mudanças de hábito que o tempo traz.

Em vista disso usa frequentemente advérbios ou pronomes que matizam essa transição, como: “Hoxe” (33, 41); “esas cousas de hoxe” (8); ou “cando se é mais xove” (28).

Marca também algumas lembranças com datas fechadas, mostrando clareza e um registro nítido de suas próprias recordações significativas: “Acórdome” (84); “Pois vamos, ós 10 anos funme a escola ata os 14” (14). Utilizando ainda essa lucidez para fazer uma autocrítica interessante da maneira que o tempo passa e o que podemos aprender disso: “Teño 47 anos, vexo a vida de outra xeito” (27).

Por fim, a narradora marca seu discurso do passado com uma frase paradigmática de sua nostalgia e de sua expressão frente aos tempos presentes, deixando sua narrativa, e sua própria vida, com um tom fechado do poder da tradição: “Pois sí, sempre foi así!” (95).

Recorda ainda o medo da guerra como uma memória coletiva que faz parte do seu discurso, mesmo sem haver participado, retomando esse medo e desenhando, nele também, sua identidade social, como afirma Cabruja, Iñiguez e Vázquez (2000, p. 66):

Nos referimos, por exemplo, às construções da “identidade”, do “eu” e da “outridade”, elaboradas em e através das múltiplas narrações que nos contamos, nos contam e contamos às outras pessoas, sobre nossas vidas e as múltiplas narrações que ouvimos contar das vidas de outras pessoas. O qual conduz ao interesse a formas na que se converte em compreensível ou inteligível uma narração como processo social de inteligibilidade mútua.

7.1.5 Material não indexado (não cronológico/desnaturalizador)

linhas	Transcrição	Análise retórica
6	Eu era de seis irmás e despois quedámonos así...eu que sei, moi difícil a vida...	Análise da sua de vida, com uma família numerosa.
19	Entonces que eu necesitaba as miñas cousas, meu, non sei... queríame sentir independente, ter algo, non?, quería ter os meus cartos, non sei. Cartos xa tiña, pero quería ter traballo non?	Compreensão do seu momento de vida, e dos desejos pessoais. Expressão da vontade de trabalhar.
22	E bueno, estaba feliz,	Avaliação do seu estado passado.
24	Eu hoxe estou ben, mais ou menos ben, vale, ben...	Avaliação duvidosa sobre o seu estado.
25	Non aspiro a nada máis que ter saúde, porque agora mesmo encóntrome ben, encóntrome, feita como persoa, máis ou menos, as cousas ben, síntome ben, pero bueno... non teño tantas ambición, pero bueno, síntome ben. Home, gustaría mellorar un pouquiño, pero comparado conforme estiven, estou ben...	Confirmação do seu estado, porém sem segurança. Análise comparativa com a situação passada. Expressão da vontade de melhorar.
30	eu agora xa estou máis tranquila.	Expressão conclusiva sobre sua situação atual.
31	Hoxe a familia non se xunta máis... a familia non se acerca máis.	Teoria sobre a degradação das relações familiares.
36	Non se fala, non entendo...	Questionamento sobre a falta de diálogo dos seus parentes.

34	aquí é tremendo, ves?	Juízo de valor sobre a falta de aproximación familiar.
37	A parte da vida acelerada que temos... Antes había máis...	Teoria sobre a falta de comunicación actual.
41	é unha vida así.. bueno...pero bueno, eu hoxe son feliz...	Consciência do "que a vida é", outra afirmación sobre seu estado.
42	o que máis me preocupaba era a guerra, non se lle da valor o home, verdade?...	Expressa seu temor (passado) sobre a guerra.
46	eu non sei, non quero dar traballo os meus... Non pode ser... É triste, o problema, como imos facer – a vida é así, ti tés que vivir o teu destino, non?	Análise sobre a velhice e a sina de cada unha. Medo da dependência.
49	E a vida na Galicia virou moitísimo...	Reflexão sobre a mudança dos tempos.
53	Peor, porque antigamente que o marido maltratara era normal, non? Non che pegaba, pero psicolxicamente e eu creo que agora mesmo, home, mátanse, unha parella o outra.	Compreensão sobre a naturalización da violencia doméstica (passada) e análise da violencia psicológica (actual).
55	A muller non tiña palabra, no se falaba dixo. E sobre todo na Galicia, que levou a casa, o traballo do campo e os fillos. Eso e así ah.. A muller galega era así, eu creo que, eu non sei, fora de España eu non sei...	Análise sobre a situación da muller galega. Assume seu valor e reflete sobre essa injustiça.
62	claro, como aquí as mulleres non traballaban. Porque seguramente a muller era menos forte que os homes, pero facía o traballo igual...	Exalta o traballo e a forza da muller galega.
64	Eu polo menos traballei igual cos homes, ía a cabalo, collía unha pedra para facer un muro, o que sexa... entendes?	Assume que trabalhou duro: "igual que os homens".
66	É iso... eu creo que a muller galega traballou moito. E foi moi pouco valorada, sobre todo polo propio marido, a muller era: coidar da casa, parir os fillos, coidar dos fillos... era como si fose un...unha maquina. Lavar, facer comida...	Juízo sobre a desvalorización do traballo da muller galega. Compara a muller com um objeto.
71	Eu creo que agora na Galicia mellorouse moito máis, eu creo que a violencia doméstica.. antes había, pero a xente quedábase calada, ...iso.	Avaliação da situação actual com a anterior sobre a violencia contra a muller.
79	pero bueno, aos homes sempre estaban os intereses.	Refere-se à diferença de interesses entre o nascimento do filho homem e da filha muller.
81	Imaxina, ahí naceu unha nena... vale, era así!	Representa a expresión de pena do momento do nascimento de uma menina.
86	como non era grande cosa... o nacemento dunha nena...	Consciência da forma preconceituosa com que tratavam os nascimentos por questão de gênero na época do seu avô.
88	Home, eso xa esta cambiado, pero bueno... Hai que facer moito para chegar a ser un home...	Confirmação da mudança dos tempos; Afirmación da força que supõe ainda esse tratamento diferente entre os gêneros.
96	Pois sí, sempre foi así!	Ênfase na tradição; expressão de conformismo.

Comentário

Neste discurso, percebemos como a narradora faz uso dessa ferramenta para analisar sua própria vida e relacionar com argumentos que são utilizados também para sua própria compreensão de mundo.

Com efeito, utiliza-a de uma maneira frequente, marcando seu discurso com essa intenção de mostrar propósitos e intervir no mundo de uma forma crítica, construindo, portanto seu relato com uma nítida perspectiva de conhecimento através de seu próprio habitus e revelando a vontade de satisfazer seus desejos pessoais internos. Com essa finalidade, recorre a argumentos simples para compreender e explicar alguns pontos-chave de seu discurso e de sua vida.

De modo que entre esses temas está o desejo de trabalhar, não somente para ganhar dinheiro, mas talvez para dignificá-la, como acontecia com seu marido e irmãos/ãs: “Ata que quixen buscar un traballo distinto, cambiar un pouco, e meu home, sempre traballou fora, pero eu non” (16). Esse desejo de ser independente, a narradora vai tentando traduzir em palavras simples: “queriame sentir independente, ter algo, non?, quería ter os meus cartos, non sei” (19).

Segundo Varela (2004), depois da segunda guerra mundial uma grande *mística da feminilidade* foi batizada na sociedade americana, difundindo-se depois por toda Europa. O “papel” feminino de uma domesticidade obrigatória fruto do poder naturalizado produz a grande onda dos '50. Não havia espaço para a mulher fora desses deveres privados.

E nessa mesma época se inicia o ressurgimento do feminismo, onde então, para enfrentar esses poderes simbólicos, a única missão das mulheres seria a realização de sua própria feminilidade, mas uma feminilidade escolhida por elas mesmas.

A despeito dessas escolhas, a narradora utiliza muitas vezes expressões de confirmação, para validar seu discurso e suas questões. Ex.: “non?” (20, 48); “vés?” (34); interpelando a entrevistadora e ela mesma: “verdade?” (43), “sabes” (13), “entendes?” (66,91).

De igual maneira, recorre a expressões-chave para tentar representar, com a linguagem, seus estados pessoais de dúvida, de raciocínio e de reflexão: “eu que sei” (6); “a vida é así” (47); “Eso é así, ah” (57); “Pero bueno” (79,88); “Quero dicir que” (59). Além disso, o termo que usa com frequência: “Eu creo” (53, 57, 66, 71), cria um espaço para a própria construção de suas análises e deixa ainda margem para suas inquietudes e questionamentos.

Com esse ritmo analítico acelerado, mantém uma crítica sobre a condição da mulher, muito clara e precisa. Recorre ao passado para construir sua opinião e uma mensagem sobre a violência contra as mulheres que sofrem as galegas do passado e do presente.

Assim sendo, usa desde as lembranças quando leva o sobrenome do pai (82), como também o amargo fardo que se carregam seus avós pro leito de morte (72), e ainda da diferença de trato ao nascer um menino ou uma menina (86), todas essas, facetas de um mesmo tema que a narradora vai construindo criticamente, a partir de suas próprias e intransferíveis vivências, revelando sua opinião pesadamente: “Hai que facer moito para chegar a ser un home...” (89).

Ainda com essas reflexões, a narradora apresenta a forma comum que se fazia com o trato ao corpo da mulher. Sobretudo o hábito de engravidar as mulheres e a deixarem com um filho sem pai, que era frequente. Contudo, essas mulheres não encontravam facilmente um novo companheiro, pois o casamento, como uma instituição de maior prestígio, não permitia ao homem relacionar-se com uma mulher já “usada”, confirmando e justificando inclusive que era “raro” que o homem tivesse outras mulheres dentro do casamento (90), não fazendo, porém, nenhuma menção à possibilidade inversa – a que a mulher pudesse tê-las.

Esse pensamento crítico, porém ainda limitado quanto às possibilidades de uma vivência e expressão livre da sexualidade, é demonstrado igualmente na sua forma coloquial de tratar a/o interlocutor/a, comum na linguagem oral galega: “Home!” (34, 64).

Essa característica de representar com a linguagem o mundo tal como se vive é estudado por linguistas feministas como Moure (2012) que compreende que o sexismo linguístico mantém-se ainda bem assentado na atualidade, em distintos campos da linguagem (coloquial, acadêmica, religiosa, comercial) compartilhando o conceito sustentado nesse trabalho de que a linguagem constrói ideias. Assim, quando esse

“home” aparece no estilo, mas também no modelo de vivência comparado (89), reconhecemos a realidade sendo criada pela linguagem, não só a representando: “Essa tática não é uma simples norma de estilo, senão que parte do pressuposto que uma língua onde primam as formas masculinas acaba por dar sustento a uma visão do mundo “em masculino”, à custa de uma visão “em feminino” (idem, p. 21).

Nesse sentido, recorda que a palavra também é poder, e naquela época, falar desses termos era um tabu: “A muller non tiña palabra, non se falaba dixo” (55); “pero a xente quedábase calada...” (72). A voz, então representa uma estratégia pessoal e política, mesmo que fosse óbvio o seu poder físico: “Eu, polo menos traballei igual cos homes” (64), comparando e ressaltando ainda o pouco valor que isso tem até hoje: “era como si fose un... unha máquina. Lavar, facer comida...” (69).

De qualquer modo faz uma autoanálise sobre o tema do envelhecimento, preocupada por não dar trabalho, quando chegar sua vez: “eu non sei, non quero dar traballo os meus... Non pode ser... É triste, o problema, como imos facer” (46). Contudo, retoma o discurso em seguida, com sua força recuperada no tom de voz e na palavra, como quem resiste: “a vida é así, ti tés que vivir o teu destino, non?” (47).

E assim, entremeando reflexões e casos, a autora analisa sua vida, não sem dúvidas ou receios, mas também com a ousadia de produzir um sentido principal, global de seu estado atual, apesar das contradições do seu caminho e de seu relato. Mostra, enfim, um resumo de sua própria vida: “Non aspiro a nada máis que ter saúde, porque agora mesmo encóntrome ben, encóntrome, feita como persoa, máis ou menos, as cousas ben, síntome ben, pero bueno... non teño tantas ambición, pero bueno, síntome ben. Home, gustaría mellorar un pouquiño, pero comparado conforme estiven, estou ben...” (25).

E para finalizar ressaltamos a tentativa da narradora de encontrar um estado que lhe representasse, porém, com pouca segurança nos apresenta: “E bueno, estaba feliz” (22), “Eu hoxe estou ben, mais ou menos ben, vale, ben...” (24); “pero comparado conforme estiven, estou ben...” (25), “eu agora xa estou máis tranquila” (30). Essa tentativa de encontrar uma coerência sobre o que sente e fala caracteriza uma das finalidades do processo narrativo. As diferentes versões que a autora dá de si mesma vão refletindo ao mesmo tempo uma construção do que ela é, ou quer ser, uma identidade instável, incompleta e mutante.

Assim, a narração reconfigura essa possibilidade do real e permite a expressão e a construção de identidades no discurso. A compreensão de si é uma interpretação que passa pela narração. Tal como define Benjamin (1994, p. 205): “a narrativa é uma forma artesanal de comunicação. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dela”.

7.1.6 Itinerários Corporais

Tinha uma risada fácil e o olhar mais curioso e questionador de todo o pessoal do instituto que eu trabalhava. Nos conhecemos aí, já que ela trabalhava como servente, limpando as oficinas e o espaço em geral. Desde o início nos fizemos colegas e na hora do intervalo para o café coincidíamos propositalmente para conversarmos. E nesses encontros de aproximação me convidou para conhecer sua casa e sua família num povoado perto, em Villestro.

A partir desse contato ia frequentemente visitá-la nos finais de semana e durante a semana nos encontrávamos no instituto. Curiosamente, ela conhecia minha mãe e eu a dela e isso fazia uma bonita diferença no nosso trato e na confiança mútua. Decidimos então, marcar um dia para a entrevista, na sua casa.

Geralmente me contava as histórias de sua vida com uma facilidade impressionante durante nossos encontros casuais, e com sua curiosidade particular, também se interessava em saber sobre o que eu e meus/minhas companheiros/as de trabalho estávamos pesquisando, e nos escutava com atenção.

No dia que estive na sua casa estritamente para a entrevista, participei de uma colheita de milho junto com ela e seu marido. Foi uma manhã alegre e de trabalho duro. Logo, almoçamos em sua casa uma tortilha de batatas acompanhada com vinho caseiro, muito típico da região.

Enquanto seu marido e filhos estavam tirando um cochilo depois do almoço fomos pra varanda para gravar sua história. Mantinha uma postura muito relaxada, e alguma relação hierárquica comigo (pelo contato no ambiente de trabalho), apesar de tentarmos desfazer esses padrões.

Tinha um abraço forte, como suas mãos, decididas. Sua voz era clara e forte também, mas com doçura. Suas pausas eram sempre reflexivas, profundas. Porém, seu olhar curioso (até para dentro de si mesma) a faziam manter um bom ritmo na entrevista. Era uma tarde bem agradável e relaxada e não fomos interrompidas por ninguém. Logo que terminamos disse que estava um pouco nervosa, retomando em seguida o ritmo, naturalmente. Mantive uma postura empática e relaxada, tentando ajudá-la a soltar-se mais nesse encontro.

Continuei visitando sua comunidade e cada vez que o fazia era recebida por ela, que me indicava por onde poderia encontrar *boas informantes*. Essa ajuda me facilitou consideravelmente a aproximação com outras mulheres da comunidade.

Ainda hoje trabalha no instituto. É uma alegria cruzar olhares e boas ideias com essa mulher.

7.2. Transcripción da E.N. Narradora Ga2

I.	Material Cronolóxico / naturalizador	Material Não Cronolóxico / desnaturalizador
1	Si nacín aquí noutra aldea máis próxima, pero mama vivía nesta casa,	
2	está moi cerca.	
3	Meus irmáns casáranse un aquí, outro alí e o mais vello tamén...con	
4	25 anos e meu marido tamén – vai facer 14 anos, no 29 deste mes	
5	que morreu. ...	
6	Agora vivimos aquí, eu e mailos meus fillos, é un casal, o mais vello	
7	e a mais nova. Ben, xa teño moitos anos, mais anos aquí que onde eu	
8	nacín. Agora estou máis acostuada aquí, do que ter que ir para ala	
9	outra vez...	
10	Están por aí traballando, e eu tamén e nada mais.	...
11		Cada un ten a súa vida e xa está.
12	Teño dúas fillas en Santiago xa casadas – a mais vella y logo a mais	
13	nova. A mais nova está viúva.	
14		Igual ca min
15	En xullo que se lle morreu o marido. Ora pois..	
16	De aquí para ala de ala para aquí.	
17	Saídas fago poucas, porque...	
18	Fun a pasar onte pola porta santa, fago pouco, porque se saio, saio no	
19	coche! Camiño pouco.	
20	Coido do campo, dos bichos do ganado, das ovellas... dos porcos...	
21		Mas eu en Brasil non vou “aãhn”!
22	Non, non, non. Porque non estou para viaxar, por que teño problemas	
23	na cabeza, entonces, solo me resta andar...	
24	E fun a Santiago e atopei todo cambiado, agora está todo pechado,	
25	os comercios, cambiaron, casas cerradas, todo distinto.	

26	Para facer unha viaxe tardo moito.	
27		E aquí eu non fago nada, coido da casa, da roupa, da comida,
28		pero só.
29		Todos os días eles saen, menos eu...fico aquí, todos os días...
30	Teño oito irmáns pois, estamos na mesma cidade, pero cada uno ten	
31	súa vida, están casados, todos teñen fillos, e en navidades	
32	xuntámonos, veñen todos os que poden vir!	
33		Gústanme as festas, como non podo camiñar moito.... É así,
34	... Xa teño 14 netos!!!	
35	Tomo oito pastillas cada mañá, camiño polo día...	
36	Xa hai pouca xente vivindo aquí – catro casas!	
37		Gustaríame ter saúde e paz. Xa teño paz, saúde tamén..., máis
38		ou menos, quería ter máis si tivera compañía...
39		teño os fillos, pero...
40		Solo sabe o que lle pasa...

7.2.1 Núcleos Narrativos

Núcleos principais	Sequência narrativa (linhas)
Família	Mora na casa que morou a mãe (2); Irmãos se casaram na aldeia (3); Morte do marido (5); Mora com os filhos (6); As filhas vivem em Santiago (12); Morte do marido da filha mais nova (13); Irmãos vivem na mesma cidade (30); Tem 14 netos (34).
Corpo	Estabilidade (8); Restrição de movimentos (17); Visita a Santiago (18,24); Mantém as caminhadas (19, 23, 35).
Trabalho	Trabalha cuidando dos animais (20); Cuida da casa (27).

Comentários

Com uma narrativa resumida, percorre alguns pontos importantes de sua vida sem se deter em nenhum em particular. Logo, os núcleos narrativos mais significativos são a Família e o Corpo. A narradora expressa a grandiosidade de sua família com quantidades específicas, toca nesse assunto com exaltado ânimo: “Xá teño 14 netos!” (34).

Quanto ao Corpo, que vai aparecendo no texto cruzando suas lembranças, ela marca o passo da idade com a consciência de suas limitações. O corpo aqui é um objeto de cuidado que condiciona seus movimentos e até mesmo seu discurso, mas mesmo assim não deixa de mover-se e de trabalhar, e esse tema –o Trabalho-, talvez por ser pouco reconhecido pela narradora, é pouco comentado no seu texto: “E aqui eu non fago nada, coido da casa, da roupa, da comida, pero só” (27).

7.2.2 Análise das Personagens

Qualificativos	Responsabilidade (Perseverança, trabalho, valentia)	Solidariedade (Lealdade, bondade, solidariedade, ética)	Violência/ Assédio (Agressividade)	Sociabilidade (Conciliação, tolerância, paz)	Egoísmo (Intolerância, mesquinhez, individualismo)	Beleza (Sedução)	Submissão (Sofrimento, sacrifício, obediência, resignação)	Neutralidade (sem caracterização especial)
Personagens/ Atores/as								
A mãe							x	
Irmãos							x	
Marido							x	
Filhos							x	
Filhas							x	
Netos							x	
A narradora	x					x		

Comentário

Concentrada nas figuras familiares, a narradora apresenta seus personagens com uma rápida menção, sem se deter especialmente em nenhum deles com qualquer caracterização especial. Essa característica pode mostrar uma dificuldade em aprofundar-se em temas ou sujeitos importantes para sua vida, escapando de emocionar-se ou de encontrar recordações difíceis. Com isso, a narradora prefere não utilizar a narrativa, ou a linguagem oral, para falar de nenhum personagem singular, ou inclusive dela mesma. No entanto, revela estrategicamente sua identidade com o corpo e com seus profundos e misteriosos silêncios, visto que o papel da linguagem, definitivamente, não diz tudo de uma experiência.

Colaborando com essa observação, Benjamin (1994) afirma que “Contar história sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido” (p. 205).

7.2.3. Espaço e ambiente - identificação dos principais cenários da narrativa

Espaço dimensional (físico)	Local de menção na E.N.	Ambientação	Expressão subjetiva associada
Aldeia próxima	1	Lugar de Nascimento.	Cercania.
Casa	1,6,8	A mesma que morou a mãe, ainda mora com os filhos.	Proximidade dos familiares; Tradição.
Santiago de Compostela	12,18,24	Casa das filhas; passeio; Mudanças físicas.	Longe, difícil de chegar, desacostumada.
Quatro casas	36	Pouca gente.	Solidão.

Comentário

Percebe-se que o movimento é uma constante no seu relato. Em vista disso, a narradora utiliza alguns advérbios de lugar marcando esse tema como uma questão crucial na sua vida -a mobilidade e a falta dela: “aquí, alí” (2); “de aquí para ala de ala para aquí” (16).

A despeito disso, recorda com exatidão a proximidade da aldeia que nasceu exaltando e valorando por conseguinte, a cercania das vivências que têm com os filhos e netos por perto: “Temos oito irmáns pois, estamos na mesma cidade” (30).

O percurso pela manhã, feito diariamente, mostra como mover-se é uma questão importante para sua saúde tanto física como a emocional: “Saídas fago poucas, porque...” (17). E mesmo com as contradições do caminho: “Porque non estou para viaxar” (22); “E fun a Santiago” (24), segue seu percurso: “ Camiño pouco” (19); “Tardo moito” (26), pero “Fun pasar onte póla porta santa” (18). Assim, essa vontade de mover-se fica clara no desabafo dessa incongruência: “Todos os dias eles saen, menos eu... fico aqui, todos os dias...” (29).

Por isso mesmo comenta com alegria a reunião em sua casa, que faz toda a família no natal: “veñem todos os que podem vir!” (32), se preocupa, além disso, com a quantidade de gente que ainda mora no entorno, contando quatro casas.

O movimento, em uma ação qualquer, é realizado avançando e estancando ao mesmo tempo, através da voz da narradora, que, de qualquer modo, se inclui na atividade de vida que ela reconhece como dinâmica, dando como exemplo o trabalho dos filhos: “Están por aí trabalhando, e eu tamén” (10).

7.2.4 Tempo

O tempo do discurso é principalmente o do presente. Uma ou outra vez faz referência a um evento do passado, porém volta ao presente como que tentando manter-se nele. Como exemplo disso utiliza o advérbio “agora” três vezes (6, 8, 24), ou outras expressões similares para ressaltá-lo: “todos os dias” (29) e “cada maña” (35), revelando também suas recordações com datas precisas: “vai facer 14 anos, no 29 deste mês que morreu...” (4).

Faz também uma boa análise da sua atual condição: “bem, xá teño moitos anos, mas anos aquí que onde eu nascín” (7), para afirmar seus comportamentos presentes. Contudo, abandona o relato do presente por um momento para enfatizar as mudanças físicas que percebeu em sua visita a Santiago, conquanto, sem se deter no passado, já que as menções são focalizadas na mudança. Assim, pontua efetivamente o processo, sem lamentar ou ressaltar o que foi: “atopei todo cambiado, agora está todo cerrado, os comercios, cambiaron, casas cerradas, todo distinto” (24).

7.2.5. Material Não cronológico/ Desnaturalizador

I.	Transcrição	Significado (análise retórica)
10	...	Pausa larga, hesitando em seguir.
11	Cada un ten a súa vida e xa está.	Juízo sobre a vida e seu aspecto pessoal e intransferível.
14	Igual ca min	Comparação do estado de viuvez com a filha.
21	Mas eu en Brasil non vou “aãhn”!	Reflete sobre a distância do Brasil, com sentido de humor.
27	E aquí eu non fago nada, coido da casa, da roupa, da comida, pero só.	Expressa um discurso contraditório sobre seu trabalho.
29	Todos os días eles saen, menos eu...fico aquí, todos os días...	Reflexão sobre sua própria situação “estancada”.
33	Gústame as festas, como non podó camiñar moito.... É así,	Assume suas vontades, apesar de suas limitações.
37	Gustárame ter saúde e paz. Xa teño paz, saúde tamén..., máis ou menos, quería ter máis si tivera compañía... teño os fillos, pero...	Reflexão sobre seus desejos e sonhos; Reconhecimento da solidão.
40	Solo sabe ao que lle pasa...	Expressão de cunho popular, ressaltando a qualidade pessoal das vivências.

Comentário

O uso do material não-cronológico pela narradora é escasso e pontual. Logo da primeira vez que faz uma pausa larga, quase desistindo de seguir a narrativa, utiliza termos que denotam conclusão, encerramento: “e nada mais” (10); “e xá está” (11); “É así” (33).

Nessa direção apresenta um discurso simples, fechado, sem necessidade de aprofundar-se neles, com expressões fixas de quem “já viveu e já sabe”.

Assim, as pausas que mantém no texto, simbolizadas com reticências “...”, são feitas para dar o tempo necessário de suas lembranças, mantendo esse ritmo cadente até o final. De maneira que não aborda a entrevistadora para confirmar nenhum argumento, fazendo-o uma única vez com caráter de humor quando se refere ao Brasil e às suas dificuldades com viagens longas, pela idade: “Mas eu en Brasil non vou “aãhn”!” (21).

É interessante notar também como utiliza o seu discurso para reclamar, mesmo com algumas contradições, como quando revela que não “está para viajar” e em seguida conta da visita a Santiago (22), ou quando “cuida da casa”, mas não faz “nada” (27), e com essa justificativa analisa boa parte de suas falas: “Gústanme as festas, como non podo camiñar moito” (33). Esses paradoxos fazem que seu discurso possa ser interpretado como pouco claro, deixando um ar de mistério em cada pausa.

Numa outra perspectiva, a narradora não revela a experiência como se ela fosse um tipo de “massa”, pois ela é sempre organizada pela história do corpo e também por sua cultura e situações organizadas parcialmente pela linguagem.

De todo modo, o lugar do corpo e sua atenção revela um ponto interessante e justifica também nossa escolha por analisar essa entrevista, a parte de reconhecer que a escuta e o silêncio pertencem à linguagem discursiva como possibilidades intrínsecas.

Assim, os eloquentes silêncios da narradora contrariam ainda nossa expectativa de uma senhora idosa que gosta de falar mais do que “esperamos”, porém, revela também sua capacidade sintética, abreviada e de certo modo decidida de contar (ou não) sua história. Capacidades que quase nunca são referidas a um discurso dito feminino. Assim, como brevemente esclarece Moure: “se as mulheres chegarem a se expressar, será apesar da linguagem, e não graças à ela” (2012, p. 43).

Apresenta também, no final da entrevista, duas vontades pessoais, desejos e lugares íntimos, ou seja, o que ela realmente gostaria: festas, saúde, paz e companhia. Para finalmente terminar com um lamento: “Solo sabe o que lhe pasa” (40), que esconde suas penas, mas

também suas forças. Essa maneira de esconder seus sentimentos ou dar poucas explicações também pode ser traduzida como uma estratégia de resistência, onde o silêncio opera um papel fundamental num discurso cheio de possíveis caminhos, como ela mesma.

7.2.6. *Itinerário corporal Ga2*

Já tinha notado sua casa por duas vezes que passava por aquela rua. Uma casa grande, cheia de memórias. Também já a tinha visto em suas caminhadas diárias alguma vez. Porém, quando coincidia com ela naquela hora da tarde em que saía a se sentar na varanda, aproveitava para cumprimentá-la. E com uma postura sóbria, me cumprimentava de volta. Até que, uma tarde, passeando com Ga1 a cumprimentamos mais longamente e aproveitei para conhecê-la, e a partir daí a cumprimentava pelo nome. De modo que um dia me chamou para tomar um café e aceitei, e nessa mesma tarde fizemos essa entrevista.

No início, achei que ela não ia querer contar suas histórias. Sua casa era já um lugar de muitas histórias eloquentes representadas em móveis antigos, retratos em preto-e-branco, armários e portas fechadas. Além disso, seu olhar era mais eloquente que suas palavras, mas ainda assim, aceitou.

Assim, embora falasse com pausas recorrentes e tivesse uma voz já cansada, suas mãos não paravam de se mexer, nem de apontarem direções, parecia inquieta, apesar da idade.

Eu me mantive numa distância de respeito e a escutava com atenção, apesar do pouco tempo que durou a entrevista. Talvez tivesse mais coisas para contar, talvez lhe gostasse manter certos segredos, tesouros de sua memória...

Terminamos a entrevista com o mesmo gesto com a cabeça de permissão que me fez ao entrar na sua casa, um gesto simples e conclusivo. A voz e o silêncio daquela senhora tinham o mesmo poder. E me despedi com a alegria de ter chegado perto de suas lembranças, mesmo sabendo que estas estarão disponíveis no seu olhar profundo, com a mesma coragem com que decidiu abrir sua casa e deixar que eu escutasse seu silêncio.

7.3 Transcrição da E.N. Narradora Ga3

I.	Material Cronológico / naturalizador	Material Não Cronológico / desnaturalizador
1	Eu, fai 47 años que vivo no Uruguai, e nunca viñéronme facer unha	
2	visita. Eu xa vin aquí unhas 5 o 6 veces para Santiago	
3		E cada vez é peor, progresa para mal.
4	De unha vez para outra encontro distinto...	
5		E agora para vivir acá xa non me acostumaría...
6	Ademais teño as miñas fillas e a miña neta alá...entonces, está bonito	
7	acá, pero despois duns días... empeza a dor de cabeza... e todo iso	
8	Uns días esta moi ben, pero máis non. Marcheime a Montevideo	
9	porque aquí antes era moi dura, a vida acá.	
10		Había que traballar moito no campo e a min non me gustaba
11		iso... Ficaba có campo e cos animais, e a min iso non me
12		gustaba para nada..
13	E entón me acerquei a un home ao que lle gustaba tamén ir a outro	
14	lado, non lle gustaba quedarse acá. E fun...	
15		No primeiro non é fácil, eh? Cambiarse así ó descoñecido,
16	eu non coñecía alí a ninguén... vivía unha tía, e chegamos alí nun	
17	tempo malo, con tornados... e quedouse todo o mundo sen traballo.	
18	E nos recen chegados alá, foi fea a cousa. No 59 cando fun eu.	
19		Estaba ben o país.. pero, parece que só nos chegamos alá...
20	Pero para ir para alá, agora non van máis. E nosoutros nos	
21	defendemos, miñas fillas traballan, eu teño a pensión do meu marido,	
22	e vivimos...	
23	Non che sobra tanto no fin do mes, pero despois aforramos e	
24	pasamos ben, boa saúde. Temos axuda do goberno español de saúde,	
25	de comida...	
26		E agora para volver de novo, é máis difícil, despois de 60 anos...

27 E despois hai vellos vivindo alá que están moi pobres, mesmo co
28 goberno español e a axuda, a sanidade, cobertura medica. E aínda,
29 cando non teñen nada, cada seis meses danlles 300 euros,
30
31 E hai moita xente vivindo así alá. E no Brasil tamén hai e está ben
32 porque para alá, o goberno manda menos... E en España non queren
33 que os galegos se veñan para acá. Se din que si veñen para acá, que
34 vai a ser mal, que hai moita xente vella aquí e hai que axúdalos
35 tamén. Entonces prefiren pagar a sanidade médica y darlles uns
36 pesiños por ano, por seis meses....
37 Axudaron, ese ano ata nos deron comida.
38
39
40 Cando cheguei alá era horrible, paseino mal, ninguén me dicía nada,
41 non sabía comprar carne. Eu non coñecía, como se chamaban as
42 cousas. Eu nunca tiña visto esas cousas. Despois fun aprendendo ,
43 porque acá non comprábase carne de vaca, ou sal, non sabía...
44 Cando cheguei alá quería vir de volta, dicíalo a meu marido: ímonos
45 de volta! E había poucos cartos naquel tempo.
46
47 O primeiro ano, traballamos todo o ano para mandar 7 mil pesetas
48 para acá. E alá quedabamos con cero pesetas – non tiñamos nada,
49 nada alá. E despois empezamos todo, e tiven a filla maior. E aí, non
50 podía traballar máis, traballaba el solo.
51 E todo aínda estaba ben...estivo uns anos enfermo e igual morreuse,
52 non podía traballar polas súas costas, pero tiña que ir. Despois tiven
53 outra filla máis.
54 ... Ata que empezo a traballar a filla maior e fun axeitando as cousas,
55 ela está moito ben, fixo un viaxe por todas partes. Foi a Italia,

que non é moito, pero para quén non ten nada...

Os meus, grazas a Deus, traballan moi ben para os pais, e miña filla é contadora e entón defendese moi ben e non precisa.

Despois dun ano, é que mellorou, meu marido tiña, pero eu, nunca.

56	Estados Unidos e España, e agora traballa nunha empresa onde	
57	traballo o pai (emocionada...)	
58		A vida... nunca pensei iso, loitando moito, traballando duro,
59		pero... América ...
60		Pero despois que tiveren a filla maior, a vida toda foi unha cousa
61		tan preciosa...
62	pero todas as noites que me deitaba soñaba con España,	
63		pero estou ben agora, pero soño coas cousas que me pasaban
64		cando vivía en España, cos meus irmáns, coa casa, con todo así,
65		cando era nena...
66		Pero agora estamos ben.
67		E agora miñas fillas xa non queren saír de alá, onde naceron
68		pero xa sei, que se van para algún lado, eu voume tamén, non
69		me quedo soa, porque se sofre moito deixando ós pais e todo
70		iso... que eu non quero iso... (pausa larga)
71		Despois que teñen os fillos xa cambia...
72	Xa me quixeron poñer cidadá uruguaia, pero eu non... nacín española	
73	e vou morrer española...	
74		Xente boa como a uruguaia... Non despreza o estranxeiro para
75		nada, moi boa...
76	Meu neto dixo, cando faltaban dos días para vir: Aboa, non te vaias,	
77	mira a España prendeuse fogo, eu vino pola tele... porque alá hai	
78	moitas teles de países europeos e os nenos son sinceros...	
79		As cousas son así, a vida non é fácil. É moi linda, porque ten
80		moitas alegrías, todo, pero se pensas no fondo, non é fácil a
81		vida.
82	Non me quedo desgustada por unha cousa mala que me pasa, eu	
83	non...	
84		¿ Nestas alturas da miña vida vou preocuparme con unha cousa

85		esa? Nese caso vou para cama e durmo tranquila, non fago mal a
86		ninguén, eu quero vivir o momento, decido non pelexar con
87		ninguén, non ter odio a ninguén e pido paz para todo o mundo...
88		Pido que no haxa guerra e nada.
89	Se teño debidas con alguén eu pago pronto, porque podo esquecer, e	
90	tampouco sei que vai pasarme mañá.	
91	...	E a vida é ese momentinho que estamos acá, despois, o onte é
92		para sempre...
93		Un soña ata que se morre, eu aínda penso sacar a lotería, ter
94		moita felicidade...

7.3.1 Núcleos Narrativos

Núcleos principais	Sequência narrativa (linhas)
Emigração	Emigrou ao Uruguai (1,8); Dificuldades em Montevideu (16, 40, 44, 47); Decisão de ficar lá (3, 26); Muitos emigrantes ainda em Uruguai e Brasil (27); Desejo, no início, de voltar pra Espanha (44); Decisão das filhas de ficarem (67); Recusou a cidadania uruguaia (72); Boas relações com as pessoas de lá (77).
Família	Filhas e netas nasceram no Uruguai (6); Casamento com um homem disposto (13); Acolhimento de uma tia no estrangeiro (16); Doença e morte do marido (51); Neto adverte sobre Espanha (76).
Trabalho	Desagrado quanto ao trabalho do campo (10); Falta de trabalho no Uruguai (17); Situação mais estável (45); Vive do trabalho dos filhos (21); Nunca trabalhou (46); Marido trabalhava sozinho (40); Invalidez do marido (51); Situação melhora com o trabalho da filha (54); Pai e filha trabalharam na mesma empresa (56); Medo de acumular dívidas (89).
Pesos/Penas	Familiares nunca a visitaram no Uruguai (1); Passou momentos difíceis na

	chegada ao novo país (17,40); Pobreza dos emigrantes (27); Trabalhava o ano todo para enviar algum dinheiro (47); Marido era doente e ainda assim trabalhava (51).
Relação com Espanha	Ajuda do governo (24, 28, 37); Menos ajuda para o Brasil (31); Saudades do país (62); Nega a cidadania uruguaia (72).

Comentários

Com uma narrativa fluida e ritmada, matiza seu discurso com os seguintes temas-eixo: A Família, a Emigração e o Trabalho, onde mantém uma boa ênfase e dedica bastante tempo do seu discurso.

A história da Emigração na década de '50 marca sua vida e atravessa sua história do início ao fim. Por vezes, com uma atitude neutra, crítica, por outras com fortes emoções acrescentadas.

De acordo com a pesquisadora Goicoechea (2002), essa época marca a última etapa da emigração espanhola a América Latina, com os galegos representando os espanhóis com mais presença nesse êxodo onde os destinos principais eram: Argentina, Brasil, Venezuela e Uruguai, porém, em densidade demográfica não existe outro país onde a proporção de galegos frente à gente local tenha tanta importância. E especialmente nessa fase as mulheres passaram a incorporar-se também nessas *aventuras* além-mar:

Uruguai, portanto, não representa dentro do conjunto destes países latino-americanos um destino preferente, tal como sucedeu no cômputo geral da emigração espanhola a América latina. (...) A lei de 1954 supôs a ativação de um plano de reagrupação familiar e o assentamento de outros que tivessem uma carta de chamada. Também deve-se dizer que à diferença de outros países como Brasil, Argentina e Venezuela, Espanha não firmou nenhum convênio migratório específico (idem, 2002, par. 7).

Em relação à Família, a narradora se concentra no núcleo marido e filhas, dando uma ênfase especial aos logros de trabalho de cada um deles para sua própria sobrevivência.

Aliás, o Trabalho é um ponto central em seus núcleos narrativos e de todo seu habitus discursivo já que sempre está pontuando como a vida se desenvolve com ou sem essa ferramenta. Confessa, desse modo, que, como não gostava da vida no campo (11) arriscou emigrar, mas também não conseguia trabalho no novo país, ficando então dependente do marido e agora das filhas (39).

7.3.2 Análise das Personagens

Qualificativos	Responsabilidade (Perseverança, trabalho, valentia)	Solidariedade (Lealdade, bondade, solidariedade, ética)	Violência/ Assédio (Agressivi- dade)	Sociabilidade (Conciliação, tolerância, paz)	Egoísmo (Intolerância, mesquinhez, individualismo)	Beleza (Sedução)	Submissão (Sofrimento, sacrifício, obediência, resignação)	Neutralidade (sem caracterização especial)
Personagens/ Atores/as								
Filhas	x	x						
Neta								x
Marido	x							x
Tia		x						
Governo espanhol		x						
Antigos/as Emigrantes							x	
Irmãos								x
Uruguaios/as		x						
Neto				x				
A narradora	x							

Comentário

Suas personagens são apresentadas basicamente referindo-se a sua vida no Uruguai, depois da emigração. Somente uma vez comenta que em sonhos se lembrava de seus irmãos que ficaram na Espanha.

Com o núcleo central direcionado a Montevideu, recorda a força do marido impulsionando a viagem (14) e sua capacidade de manter sozinho a vida dos dois, e ainda mandar dinheiro para Galícia, e também exalta como uma personagem importante no processo de adaptação ao novo país sua tia (16).

Com efeito, este personagem de apoio aos recém-chegados foi muito visível nesse período migratório: “O migrante necessitava um patrocinador, normalmente um paisano ou um familiar, que lhe provera uma carta de chamada aceitando dar abrigo e ajuda ao recém-chegado até que se habituasse laboralmente, responsabilizando-se dele” (Goicoechea, 2002, parr. 13).

De qualquer modo, quando apresenta suas filhas (principalmente a mais velha) desenha um presente mais estável e um futuro tranquilo para a narradora (financeiramente e emocionalmente): “pero xa sei, que se van para algún lado, eu voume tamén, non me quedo sola” (68).

Curiosamente, e a pesar de não mencionar nenhum familiar ou outro personagem espanhol, fala algumas vezes do “governo espanhol”, que, como um personagem importante no seu relato e na sua vida, mantém uma ajuda financeira crucial para sua estabilidade em terras estrangeiras: “Axudaron, ese ano ata nos deron comida” (37). Incluindo uma avaliação crítica sobre esse personagem: “E en España non queren que os galegos se veñan para acá. Se din que si veñen para acá, que vai a ser mal, que hai moita xente vella aquí e hai que axúdalos tamén. Entonces prefiren pagar a sanidade médica y darlles uns pesiños por ano, por seis meses....” (32).

De modo que decide pela gente uruguaia, avaliando positivamente sua abertura: “Xente boa como a uruguaia... Non despreza o estranxeiro para nada, moi boa...” (74). Essa análise crítica da forma como os uruguaianos tratam o estrangeiro é analisada em pesquisas que confirmam que não havia um discurso étnico contra os imigrantes na sociedade de acolhida e que, além disso, os espanhóis foram colocados no sistema classificatório num lugar melhor que outros imigrantes, provavelmente por sua característica trabalhadora e de iniciativa (Goicoechea, 2002).

7.3.3 Espaço e ambiente - identificação dos principais cenários da narrativa

Espaço dimensional (físico)	Local de menção na E.N.	Ambientação	Expressão subjetiva associada
Uruguai (Montevideu)	1, 8, 16, 18	Tempo difícil, sem trabalho no início. Marido trabalhou sozinho, duro. Nasceram suas duas filhas, trazendo com o tempo estabilidade.	Desafio, agora tranquilidade.
Espanha (Santiago de Compostela)	7, 9, 40, 44, 48, 77	Vida dura no campo; beleza; Análise das mudanças para mal; recordações; Envio de dinheiro.	Não se sente mais tão bem. Sonhava com a casa e os familiares.
Brasil	31	Ajuda do governo espanhol.	Apoio.
Itália, EUA, Espanha	55	Viagem da filha.	Alegria, satisfação.
Empresa do marido	56	O mesmo trabalho da filha.	Lembranças emocionadas.

Comentário

Toda sua referência espacial se dá toda em termos macrossociológicos, ou seja, fala de lugares como Uruguai e Espanha, mas não se refere aos espaços microssociais, íntimos ou pessoais desses ambientes. Suas expressões subjetivas associadas a esses locais -que mais parecem metafóricos-, são a vivência real de uma mudança radical quando tomou a decisão de emigrar.

Com efeito, o ambiente escolhido pela narradora é um lugar externo, representado normalmente por um país de referência de seus movimentos. Sua narrativa também permeia essa característica espacial de valoração das idas e vindas e efetivamente começa com uma reclamação das consequências de deixar sua terra há 47 anos e nunca ter recebido uma só visita dos seus (1). Consequência de um destino tão distante e que representa um movimento escolhido por ela, e ninguém mais.

Com isso, deixa de visitar mais vezes seus familiares e procura ficar pouco tempo (7). Nesse caso há dois motivos que são muito comuns entre o/a emigrado/a para desistir de voltar ao país de origem: a idade e a implicação dos/as filhos/as com a nova realidade,

confirmando assim a narradora que, também por motivos de sua idade avançada, decide permanecer então na terra emigrada: “E agora, para volver de novo, é mais difícil” (5).

Essa decisão é ainda apoiada pela escolha das filhas uruguaias em manter suas vidas com a estabilidade conquistada. De todo modo, resolve não aceitar a dupla nacionalidade (72), corroborando com as análises da pesquisadora citada sobre essa atitude dos/as emigrados/as:

A nacionalidade uruguaia também era uma possibilidade, sem ter que abandonar a espanhola, ainda que este aspecto foi sempre uma questão de eleição pessoal dependendo de razões de vínculo emocional com o país de origem e os planos para o retorno quando chegasse o momento. Poucos imigrantes espanhóis pedem a nacionalidade uruguaia, ainda que a imensa maioria de seus filhos tenham ambas.

(Goicoechea, 2002: parr. 18).

Além do mais, faz referência ao Brasil, outro destino significativo dos galegos na *diáspora*, concentrando-se na ajuda espanhola crucial para este país. Comenta também os lugares da viagem que sua filha fez à Europa, com uma expressão alegre, até mesmo de logro pessoal, no entanto, quando se refere aos logros da filha se recorda do seu ambiente de trabalho que era o mesmo do marido e se emociona (56).

Essa “triste” coincidência é também ressaltada por Goicoechea (2002) como um interessante fenômeno:

A própria mobilidade social da primeira geração colaborou decisivamente no status e nas perspectivas a segunda. A parte de tê-los ajudado a entrar e graduar-se na universidade, são também decisivos na hora da inserção laboral destes. Dado que a economia uruguaia sofreu uma recessão estrutural nas últimas décadas e que a maioria dos postos aos que acederia esta segunda geração o seria no setor público, pouco e mal pago, a inversão e esforço de seus pais nos seus pequenos negócios são a possibilidade imediata para estes de ter um salário decente e manter-se pelo momento. Muitos pais estão empregando a seus próprios filhos, o que faz que, de alguma maneira, estejam levando a crise de melhor maneira que muitos uruguaios, que, ou estão desempregados ou tem que ter vários empregos para sobreviver (parr. 18).

7.3.4. Tempo

Com um discurso estável, a narradora passa, facilmente, do passado para o presente com diversos marcadores temporais: “No primeiro” (15), “Cando cheguei” (40), “ Depois (42), “ O primeiro ano” (47). Além disso, recorda também suas lembranças com datas definidas, principalmente quando se refere ao processo migratório: “fai 47 anos que vivo no Uruguai” (1), “ No 59 cando fun eu” (18).

Logo, com clareza e no mesmo ritmo, recorda os primeiros anos da estância no Uruguai, fazendo rapidamente um retorno à situação presente para avaliá-la e valorizá-la: “ Pero despois aforramos e passamos bem” (23).

Suas pausas, expressas com (...), são às vezes para respirar mais que para refletir ou pensar. Essas poucas pausas também eram utilizadas pela narradora para resgatar essa memória e decidir se ficava nela ou se seguia com o fluxo da narração.

É importante ressaltar aqui que essa memória, como prática individual e social de uma construção do passado coletivo ou pessoal, tem suas funções específicas e também atua no presente. No caso da narradora, permite justificar argumentos, gerar sentimentos compartilhados, ou determinados contextos de expressões subjetivas, mesmo que não aprofundados, porém e especialmente, condiciona estratégias linguísticas e vitais, proporcionando uma base de ação futura, legítima e fiel a suas próprias contradições.

Deste modo, suas recordações através de sonho de sua casa e irmãos, assaltaram-na durante um bom tempo (62), tratando assim mesmo de não aprofundar-se nas lembranças sobre a Espanha, talvez como uma forma de proteger-se no passado, deixando-o onde está, e mantendo o presente sempre em foco: “a vida é este momentinho que estamos aca, despois, o onte é para sempre...” (91), “eu tampouco sei que vai pasar mañana” (90).

Finalmente recorre também ao futuro com uma declaração de esperança e de estabilidade, revelando inclusive sua capacidade de sonhar: “Uma soña ata que se morre” (93).

7.3.5 Material Não cronológico/ Desnaturalizador

I.	Transcrição	Significado (análise retórica)
3	E cada vez é peor, progresa para mal.	Análise sobre a mudança (para mal) do ambiente na cidade de origem.
5	E agora para vivir acá xa non me acostumaría...	Reflexão sobre uma possível volta à Galícia.
10	Había que traballar moito no campo e a min non me gustaba iso.... Ficaba có campo e cos animais, e a mi iso non me gustaba para nada..	Juízo de valor sobre o traballo no campo
15	No primeiro non é fácil, eh? Cambiarse así ó descoñecido,	Questionamento sobre os primeiros momentos num país diferente.
19	Estaba ben o país.. pero, parece que só nos chegamos alá...	Reflexão sobre a situación do país de destino no momento da chegada.
26	E agora para volver de novo, é máis difícil, despois de 60 anos...	Confirma sua opção por ficar lá. Justifica com a idade.
30	que non é moito, pero para quén non ten nada...	Expressão de pena e empatia em relação à situação dos emigrados.
31	Os meus grazas a Deus, traballan moi ben para os pais, e miña filla é contadora e entón defendese moi ben e non precisa.	Expressão religiosa. Avaliação da situação dos/as filhos/as e como ajudam os pais.
33	Despois dun ano, é que mellorou, meu marido tiña, pero eu, nunca.	Reflexão sobre o traballo e o dinheiro: ela nunca teve.
58	A vida... nunca pensei iso, loitando moito, traballando duro, pero... América ...	Reflexão sobre a própria vida e sua “escolha” pela América
60	Pero despois que tiven a filla maior, a vida toda foi unha cousa tan preciosa...	Teoria sobre os pesos que se vão com a vinda dos/as filhos/as.
63	pero estou ben agora, pero soño coas cousas que me pasaban como vivía en España, cos meus irmáns, coa casa, con todo así, cando era nena... Pero agora estamos ben.	Autoanálise sobre a situação atual. Recordação do passado em sonhos.
67	E agora miñas fillas xa non queren saír de alá, onde naceron pero xa sei, que se van para algún lado, eu voume tamén, non me quedo sola., porque se sofre moito deixando os pais e todo iso... que eu non quero iso... (pausa larga) Despois que teñen os fillos xa cambia...	Justifica a eleição das filhas por Uruguai e reflete sobre o caminho que seguirá com as filhas. Análise sobre a mudança quando chegam os/as filhos/as.
74	Xente boa como a uruguaia... Non despreza o estranxeiro para nada, moi boa...	Juízo de valor sobre o comportamento receptivo do povo uruguaio.
79	As cousas son así, a vida non é fácil. É moi linda, porque ten moitas alegrías, todo, pero se pensas no fondo, non é fácil a vida.	Análise e reflexión sobre a vida.
84	¿ Nestas alturas de miña vida vou preocuparme con unha cousa esa? Nese caso vou para cama e durmo tranquila, non fago mal a ninguén, eu quero vivir o momento, decido non pelexar con ninguén, non ter odio a ninguén e pido paz para todo o mundo... Pido que no haxa guerra e nada.	Análise sobre sua própria forma de encarar a vida, com esperança e boas relações. Menção ao medo da guerra.
86	E a vida é ese momentíño que estamos acá, despois, o onte é para sempre...	Outra análise sobre a vida.
91	Un soña ata que se morre, eu aínda penso sacar a lotería, ter moita felicidade...	Expressão dos seus sonhos pessoais.

Comentário

A narradora faz uso do material não-cronológico com claras intenções: sempre está utilizando um espaço criado dentro do seu discurso, entre os fatos que vai contando e lembrando, para justificar e analisar esses mesmos fatos.

Essa forma de manejar seu discurso lhe dá margem para manter um nível alto de reflexão pessoal, em que ela mesma vai encontrando os questionamentos que precisa e as conclusões que acredita.

Nessa direção, não usa muito da possibilidade do diálogo para se autointerrogar, ou seja, não usa conectivos de confirmação ou comprovação, somente em duas ocasiões faz uma espécie de pergunta: “No primeiro, non é fácil, eh?” (15), “¿Nestas alturas de miña vida vou preocuparme com unha cousa esa?” (84).

Assim vai tecendo os argumentos precisos de suas análises referindo-se como “pano de fundo” ou tema fundamental a viagem que fez pro Uruguai e que marcou para sempre suas relações com a família (1), e com Espanha: “está bonito acá, pero despois duns dias... empeza a dor de cabeza... e todo isso” (6).

Refere-se também ao processo de encontrar trabalho, e como isso significa a sobrevivência longe de casa: “E alá quedabamos con cero pesetas – non tiñamos nada, nada alá. E despois empezamos todo” (48). De fato, este eixo do trabalho marca as angústias e os logros da sua vida, até mesmo quando expressa que as dívidas são para pagar (89); provavelmente devido às dificuldades que viveu ao se “defender” num país estranho e ainda enviando dinheiro à casa (47).

Essa realidade vivida pela maioria das pessoas emigradas revela o lado “real” da emigração, solucionando somente os problemas primordiais dos seus. Esse aspecto de sua vida, tendo que contar com marido e com as filhas, pois nunca conseguiu trabalhar, expressa numa declaração, onde compara o dinheiro com a felicidade: “eu ainda penso sacar a loteria, ter moía felicidade...” (93).

Não obstante, mantém sua autoanálise crítica, fazendo duas vezes um exame geral da vida: “É moi linda, porque ten moitas alegrías, todo, pero se pensas no fondo, non é fácil a vida” (79), como um resumo crítico do que para ela significa tudo o que está narrando e

observando de sua própria vida: “A vida... nunca pensei iso, loitando moito, traballando duro, pero... América ...” (59). Surpreendendo-se assim com o rumo que a vida tomou e em seguida se amparando nas alegrias do presente: “Pero despois que tiven a filla maior, a vida toda foi unha cousa tan preciosa...” (60).

Em razão disso, ainda que se recorde da Espanha, o faz entre duas afirmações idênticas “pero ahora estou ben” (63), justificando em seguida a escolha “das filhas” por permanecerem no estrangeiro.

Esse vínculo com o novo país também é expresso pela narradora e colaborado pelos estudos de pesquisadores/as : “Vale a pena ressaltar o duplo vínculo de lealdade dos espanhóis tanto a seu lugar de origem como ao próprio Uruguai. Toda associação étnica celebra, como sua tradição mais antiga, tanto as festividades pátrias com as regionais e nacionais espanholas. Ambas bandeiras ondulam em suas sedes e lugares de reunião” (Goicoechea, 2002, parr. 29).

No final, analisa sua própria maneira de encarar a vida, com as resistências e estratégias que supôs a sua, e termina o relato com esperança e poucas preocupações, estando aberta ao presente e com o olhar no futuro.

7.3.6 Itinerário corporal

Conheci a narradora por intermédio da primeira informante, quando ela a esteve visitando em sua terra galega, e coincidimos nesse período. Ambas as narradoras são da mesma família e, por isso, foi fácil marcar uma boa hora para a entrevista, aceita de imediato por ela.

A narradora estava então de férias na Galícia, visitando a família. Normalmente passa um mês, mas antes disso já começa a reclamar e a sentir falta das filhas, no Uruguai.

Nossa entrevista foi na casa de Ga1, quando não havia ninguém em casa. Mostrou-se solícita, principalmente por conhecer minha nacionalidade e a finalidade de minha pesquisa, e disse antes de começarmos: “Acho que tenho uma história interessante para você” e começamos.

Seu semblante não mudou muito durante a narração da sua história. Tal como começou, terminou. Como se estivesse num monótono monólogo, foi discorrendo essa interessante história com pouco ânimo, incluindo apenas um momento triste quando se recordou do marido e se emocionou um pouco.

Desse modo, esse peso que continham suas palavras parece que lhe pesavam também os ombros, pois os mantinha curvados o tempo inteiro. Manteve uma distância física em relação a mim, mantendo inclusive o olhar distante, em algumas pausas da entrevista.

Porém, minha postura atenta e interessada a ajudava a seguir, mantendo um mesmo ritmo todo o relato. A impressão era que não se sentia à vontade naquela casa, ou naquele ambiente, que um dia abdicou. Incomodava-se claramente com o clima, com a cadeira e mesmo sem reclamar, mexia o corpo com insatisfação.

Terminou a entrevista com um olhar confiante, de tarefa cumprida. Agradei sua disponibilidade e ela agradeceu minha paciência para escutar essas “histórias de velhas tristes”. Rimos da suposta ironia e nos despedimos. Na outra semana voava de volta a seu lar construído, adotado e saudoso.

7.4 Discussão de Dados

A trajetória coletiva das mulheres de Villestro

A partir dessas três experiências de vida vamos encontrando um espaço de análise possível, onde cada discurso, por sua singularidade, mantém o real do texto disponível para encontros e desencontros entre a memória de cada informante e a própria memória coletiva na qual estão inseridas.

O relato autobiográfico inscreve a vida íntima na história social e cultural. Instaura-se, assim, um campo de negociação e reinvenção identitária onde a narradora tem a liberdade de dispor de um repertório de episódios, de personagens e de afetos para serem criados e contados. Nesse processo, cada uma faz-se e refaz-se neles.

Deste modo, em virtude da profusão de temas narrativos, nos centraremos em dois núcleos principais, extraídos de suas próprias vivências: Família e Trabalho, para daí discorrer em temas adjuntos e produtos daqueles, como a Ruralidade, a Violência, a Emigração e finalmente, o Corpo.

Reconhecemos que as pistas para o próprio mapa autobiográfico surgem ao longo de cada construção linguística, expressas em pedaços de vida enlaçados pelo tempo, pelo ambiente, pelos personagens e pelos sonhos ordenados no discurso.

Galícia é uma região periférica, altamente ruralizada e que ainda apresenta importantes bolsas de subdesenvolvimento (Precedo, Míguez e Fernández 2008). Possui ainda a agricultura familiar com base patrimonial, com extensas e tradicionais áreas de minifúndios, criados originalmente como uma tentativa de distribuir a terra entre os herdeiros da família, subdividindo as parcelas e as repartindo.

Contudo, segundo Navarro e García (2005), apesar de ser a região com maior dedicação à agricultura do país, o meio rural experimentou uma enorme mudança desde a entrada da Espanha na União Europeia, o que a colocou num processo de transição que persiste até os dias atuais.

Essa melhora, que também traz “paradoxos sociais de modernização” (Camarero, 2009, p. 35), veio acompanhada, como já comentamos, de um intenso processo de urbanização, depois do êxodo rural principalmente entre os anos de ‘55 e

‘65. Nesses anos, Espanha deixa definitivamente atrás seu passado agrário e rural para converter-se e orientar a atividade a outros serviços.

Com esses processos, a agricultura familiar do meio rural galego perde grande parte dos efetivos de uma geração convertendo-se numa região com uma densidade populacional pequena e em declínio e um forte nível de envelhecimento. Além disso, segundo Navarro e García (2005) os déficits de infraestruturas sociais relacionadas com os serviços às pessoas, em boa parte são cobertos pelas mulheres que permanecem na zona.

Assim, os cuidados às pessoas mais velhas da comunidade é uma preocupação atual dentro da vida e dinâmica da comunidade, tal como aponta a informante Ga1: “Antigamente a xente maior non se quedaba máis cansada, non preocupaba os outros, eu non sei, non quero dar traballo os meus... Non pode ser... É triste, o problema, como imos facer – a vida é así, ti tés que vivir o teu destino, non?” (44).

A narradora fica então *amarrada* entre gerações menores e assume a função de cuidar da vida nesse entorno, fazendo parte do que se chama a geração suporte¹⁰, característica das áreas rurais.

Em virtude dessa nova dinâmica, se produz um forte impacto no sustento social das comunidades rurais, ameaçada pelo intenso desequilíbrio demográfico originado pela emigração rural e especialmente a *fuga* das mulheres em idade fértil deste espaço, provocando uma crescente “masculinização” da zona. Segundo o historiador Camarero (2009, p. 51):

isso se deve em primeiro lugar a que as mulheres são um elemento imprescindível na formação de famílias, e a importância que a formação de famílias tem não só na sustentação demográfica da população mediante a fecundidade, mas também no equilíbrio emocional e o bem-estar social das pessoas. Em segundo lugar, pelo papel que as mulheres desempenham tradicionalmente na provisão de atenção e cuidados à população dependente, e que se soma à sua atividade econômica propriamente dita dentro da geração suporte.

Em razão disso, Galícia, com atualmente um dependente por aproximadamente duas pessoas da geração suporte, fica numa situação extrema, segundo os últimos informes, e esse impacto na sustentabilidade social também é alterado pelos fatores já

¹⁰ “O apelativo de suporte se deve a sua atual posição central na estrutura demográfica, a sua importância numérica respeito às gerações anteriores e posteriores e ao papel de cuidadoras de ancianos e pequenos, e sua implicação na atividade econômica e dinâmica social das áreas rurais” (Camarero, 2009, p. 32)

citados de envelhecimento e masculinização, vividos também pelas narradoras (Camarero, 2009).

Segundo esse mesmo historiador, a masculinização não é um processo novo. Em realidade, aparece ligado aos movimentos de urbanização e industrialização já referidos, e onde as mulheres das gerações intermediárias caem em termos absolutos na zona rural em Galícia, com a conseqüente feminização dos estratos mais avançados -já que o meio rural está mais envelhecido e a feminização aumenta com a idade.

E corroborando com as pesquisas de Navarro e García (2005), encontramos que: “Nos municípios de menor número de habitantes é maior a participação dos homens no conjunto da população e os estratos com alta presença de mulheres são os de mais idade” (p. 108).

Com efeito, dentro das histórias de vida analisadas, percebe-se um forte apelo da narradora Ga1 por ir trabalhar fora de casa, fora do campo: “Entonces que eu necesitaba as miñas cousas, meu, non sei... quería sentir independente, ter algo, non?, quería ter os meus cartos, non sei. Cartos xa tiña, pero quería ter traballo non?” (19), trazendo também o exemplo de sua tia, a narradora Ga3, que emigrou exatamente pelo mesmo motivo.

Essa estratégia que as mulheres encontram para *escapar* da zona rural, buscando um apoio na cidade mais próxima, possui causas ligadas à forte tradição da atividade agrária, que unicamente permite a estas uma inserção laboral de tipo familiar e doméstico (pouco ou nada valorizado), assim como a prevalência do sistema de herança das terras, que favorece a transmissão dos benefícios ao homem mais velho da família.

Assim, devido à falta de atividade econômica a sua medida, à falta de serviços de todo tipo, às escassas possibilidades de ócio e às estreitas relações sociais, as mulheres emigram para assegurar sua independência econômica, com a conseqüente e remanescente vinculação dos homens às áreas rurais.

Em virtude desses modelos, Gonzáles (apud Camarero 2009) prevê que essas diferentes estratégias familiares continuam sendo reproduzidas atualmente: “no caso dos filhos homens -são preparados para herdar a fazenda, convertida agora em empresa modernizada, mas ainda familiar -e das filhas- às que se dota de estudos, como capital

básico de ascensão social – terminará tendo efeitos perversos para a própria produção das fazendas familiares” (p. 54).

É notório como apresenta essa realidade a narradora Ga2, quando afirma que mora com os filhos, porque as filhas vivem em Santiago -estudando e trabalhando-, ou a narradora Ga1, quando ela mesma resolveu, apesar de supor uma jornada dupla, ir todo dia trabalhar na cidade e voltar para seguir com o trabalho de casa.

Assim o processo de masculinização rural se dá especialmente devido às mudanças educativas e ao próprio desarraigo rural que se apresenta com a modernização atual.

De todo modo, a narradora Ga1, conta, porque, como filha mulher mais velha, resistiu a todos esse processos e pôde viver a transformação da estrutura rural e familiar em primeira pessoa. E com isso, elabora uma análise muito contundente da vivência de violência sofrida pelas mulheres no campo.

Segundo os últimos dados do observatório contra a violência de gênero do ministério responsável pela igualdade, em Galícia, morreram no ano passado 54 mulheres devido à violência de gênero no âmbito familiar. Comparando com a reflexão da narradora Ga1: “Eu creo que agora na Galicia mellorouse moito máis, eu creo que a violencia doméstica.. antes había, pero a xente quedábase calada, ...iso” (71).

Na Galícia, como no resto das comunidades, segundo dados desse ministério a violência de gênero familiar e sexual estão envoltas num alto segredo. O número de denúncias só mostra a ponta do iceberg, pois os maus-tratos se associam a sentimentos de culpa e violências que propiciam que seja muito difícil analisar sua incidência real.

Muitas dessas mulheres se encontram, além do mais, numa situação de dependência, tanto sentimental como econômica que atua como fator dissuasivo das iniciativas de denuncia das agressões às que se veem submetidas.

Porém, ainda segundo o mesmo informe, as denúncias têm aumentado a cada ano, realizadas principalmente pela vítima. Isso representa, em números, ao redor de 650 mil denúncias nos últimos cinco anos em toda Espanha, 75% delas efetuadas pela vítima, apesar da terrível cifra de 61 mortes no ano de 2011 (MSSI, 2012).

Nesse caso, a experiência serve de resistência, mas ainda sem meios de realizá-la, o medo ainda persiste: “Antigamente había moita violencia doméstica como se

contan – non mataban, como agora, pero si que había violencia. Peor, porque antigamente que o marido maltratara era normal, non? Non che pegaba, pero psicoloxicamente e eu creo que agora mesmo, home, mátanse, unha parella o outra. A muller non tiña palabra, no se falaba dixo” Gal (50).

Esse fragmento do discurso faz uma reflexão comparativa com o passado. Um recurso muito utilizado quando se pretende dar valor a algo estabelecido ou normalizado. A violência contra a mulher no âmbito doméstico foi respondida pelo direito de fala, que ainda não está garantido em muitas realidades, e é construído aqui como um traço cultural naturalizado, socializado de diferentes maneiras.

Seguindo as reflexões de Moure (2012): “as mulheres não são iguais, mas continua a ver-se, tantos anos depois de que o feminismo se organizou, que nos distintos tipos de assembleia da vida social, as mulheres tomam a palavra menos vezes, durante menos tempo e nem todas são atrevidas como para chegar a fazê-lo” (p. 114).

Desde muito tempo a mulher teve a voz reprimida, além de sua sexualidade. Foucault (1976) comenta que desde o final da idade clássica, a repressão foi o modo fundamental de relação entre poder, saber e sexualidade. Essa mesma voz continua estando “retida, muda e hipócrita” desde então.

Segundo ele, esta economia de discursos sobre o sexo não significa restrição, mas é uma técnica de poder dessa mesma *posta em discurso* do sexo. Quer dizer, não restringimos nossa vontade de saber, muito menos nosso discurso sobre isso, porém, o que construímos é uma ciência da sexualidade através de muitas técnicas de poder que nos regem. E não se trata de um só poder, mas de múltiplos poderes na sociedade.

Mas além da violência física, a violência simbólica, arrastada desde faz vários séculos, persiste até o ponto em que, em palavras de Bourdieu (2000):

a ordem estabelecida, em suas relações de dominação, seus direitos e seus abusos, seus privilégios e suas injustiças se perpetuam de fato com tanta facilidade, deixando de lado alguns incidentes históricos, que as condições de existência mais intoleráveis possam aparecer tão frequentemente como aceitáveis, por não dizer naturais (p. 12).

Sim, ainda são naturalizadas as posições que se sujeitam as mulheres apegadas a representações da natureza frente à cultura que historicamente lhes foi atribuída, porém

desnaturalizados são seus comportamentos, como a tática crescente de denúncia e fuga do ambiente hostil, representando também uma estratégia a essa silenciosa violência.

No caso das nossas narradoras, as que ficam, envelhecem. Se admite que ao longo do século XX se produziu um profundo giro demográfico em Espanha, incrementando a faixa de pessoas maiores de 65 anos, contabilizando, na atualidade, a cifra de 12,6% da população referente às que superam os 70 anos de idade, uma cifra que é ainda mais elevada no meio rural (Camarero, 2009).

Entre as mulheres essa solidão é conhecida. A diferença na esperança de vida por sexos, maior entre as mulheres que entre os homens nos extratos mais altos da população decorre de fatores como a guerra, a própria biologia favorável da mulher e à emigração internacional, majoritariamente masculina.

Por outro lado, as que não ficaram arraigadas à empresa familiar rural, emigraram. O depoimento da narradora Ga2 contribui para uma análise desse período concomitante ao êxodo rural onde, depois da segunda guerra, representou a última grande leva de trabalhadores e trabalhadoras a buscar melhores condições de vida na América e Europa.

A emigração espanhola a América Latina durante o período 1946-1958 constitui o capítulo final da emigração a esse continente, aporta Goicoechea (2002), que começou no séc. XIX e teve seu momento auge no séc. XX. Espanha encontrava-se com uma economia principalmente agrária sob a ditadura política do regime de Franco, ilhada política e economicamente de Europa.

Nesse processo, o poder de chamada que teve a migração massiva anterior, já comentado, serviu de importante apoio para reativar essas redes migratórias prévias, facilitando a entrada desses novos residentes ao país.

No caso da Galícia, o desequilíbrio entre o incremento da população e a falta de soluções econômicas adequadas para satisfazer as necessidades básicas, com terras mal repartidas e a evidente falta de empregos com garantia impulsionaram o fenômeno migratório.

De acordo com o depoimento da narradora Ga3, o país escolhido foi Uruguai, que nessa época vivia uma democracia estável, de bem-estar social, considerado

inclusive a “suíça americana” (Goicoechea, 2009, párr. 11), como colabora em seguida: “Estaba ben o país.. pero, parece que só nos chegamos alá...” (19), referindo-se à recessão seguinte que entra o país a partir da década de '60 com o deterioro social e econômico e o seguinte golpe militar nos '70.

Em razão disso, dentro das enormes dificuldades que nos relata Ga3, outras informantes compartilham a opinião sobre o processo migratório compreendendo que desde o ponto de vista humano, a emigração é um jeito mais de escravidão, é a negociação do direito à sua terra natal, considerando-a sempre uma tragédia. Assim, o/a emigrado/a é visto como vítima e carrasco, pois tem que aceitar as condições atuais para transformar as condições sociais do lugar de destino.

Com efeito, colabora Ga3: “Cando cheguei alá quería vir de volta, dechíale a meu marido: ímonos de volta! E había poucos cartos naquel tempo. Despois dun ano, é que mellorou, meu marido tiña, pero eu, nunca” (44).

A respeito desse tema, voltamos ao núcleo do Trabalho, sempre presente no discurso das três mulheres e o ponto que nos centraremos a seguir.

Trabalhar sempre foi o grande desejo determinado pelo capitalismo para a emancipação do ser humano, ou melhor do homem, pois o trabalho feminino, historicamente inferior, mas remunerado, excluído, doméstico, não foi valorizado, não foi considerado como um labor, resistência, produção.

Como ilustra a narradora Ga1:

Eu polo menos traballei igual cos homes, ía a cabalo, collía unha pedra para facer un muro, o que sexa... entendes? É iso... eu creo que a muller galega traballou moito. E foi moi pouco valorada, sobre todo polo propio marido, a muller era: coidar da casa, parir os fillos, coidar dos fillos... era como si fose un....unha maquina. Lavar, facer comida... G1 (64).

Essa valorização começa dentro de casa, a partir do privado, como reclama a narradora. O marido não costuma fazer, segundo Bourdieu (2000) pois: “a força da ordem masculina se descobre no fato de que prescinde de qualquer justificação: a visão androcêntrica se impõe como neutra e não sente necessidade de enunciar-se nuns discursos capazes de legitimá-la” (p. 22).

Com esse imperativo simbólico, à mulher resta-lhe a força para manter a família, seu corpo e seus desejos, empreendendo muitas vezes uma espécie de autodepreciação natural sistemática, por sua própria adesão a essa imagem desvalorizada. Explica Bourdieu o momento dessa desvalorização: “quando os esquemas que põe em prática para perceber-se ou apreciar-se, ou para perceber ou apreciar aos dominadores (alto/baixo; masculino/feminino; branco/negro) são o produto da assimilação das classificações, desse modo naturalizadas, das que seu ser social é produto” (p. 50).

Confirma a narradora Ga2: “Coido do campo, dos bichos do ganado, das ovellas... dos porcos... E aquí eu non fago nada, coido da casa, da roupa, da comida, pero só” (20, 27).

Essa mesma narradora traz uma análise interessante do próprio corpo, compreendido como esse ato linguístico que está ainda por desmascarar-se. Especialmente o corpo da mulher, alvo de especulações das mais diferentes em ocidente e oriente, norte e sul, o longo da nossa história atual.

Essa imagem que nos apresenta Ga2 é uma expressão implicada com essa ferramenta, esse espaço de construção de relações, onde, apesar das poucas palavras, deixou claro um lugar outorgado ao corpo e a suas vontades no seu relato: “Gústame as festas, como non podo camiñar moito.... É así” (33).

Segundo a narradora, seu corpo reclama, como ela inteira. Reclama liberdade, agilidade, trabalho. Reclama como a própria comunidade que está inserida, pois segundo Paredes (2010), nossos corpos nas comunidades e sociedades vão construindo imagens de si mesmos que se projetam social, política e culturalmente.

De fato, nas narradoras em questão, se percebe um uso constante e inteligente do material não indexado, já que o espaço no texto utilizado para a autoanálise é ressaltado nos seus discursos, apresentando um nível elevado de autocrítica pessoal, entre Ga1 e Ga3, principalmente.

Com isso, as três narradoras esboçam com simplicidade a realidade que as constrói, e com a linguagem possível e o corpo atual vão reconstruindo essa mesma realidade.

**Entrevistas Narrativas
EQUADOR**

8. HISTÓRIAS DE VIDA

8.1 Transcrição da E.N. da narradora EC1

l.	Material Cronológico/naturalizador	Não Cronológico/desnaturalizador
1	Le cuento que yo estuve enamorada... y nada más.	
2	Antes de eso, cuando era niña, sabía dormir, jugar y nada más. No iba a	
3	estudiar porque no había escuela. Vivía en el campo con las vacas,	
4	borregos, puercos.	
5	Vivía en el Taro. Tenía seis hermanos. Fui la primera hija de Manuel	
6	Ordoños. Me regalaron a él. Me trajeron a Nabón con 8 años.	
7	Pasaba aquí. Luego me case, viví, tuve un hijo, murió de bronquitis a los	
8	15 días, tuve marido, murió de riñón acabado.	
9	Vivía en el campo, otra vida trabajando sembrar, cosechar, con animales.	
10	Aquí es vaguería, en la ciudad, sentados, murmurando a la	
11	gente, cual está bien puesto, cual esta lluvioso...	
12	En el campo es distinto, zapatos rotos, haciendo sacrificio con los animales,	
13	mojaditos, cocinar con leña...	
14	Antes yo araba... Iba a comer en las mingas,	era difícil... Ahora es mejor vivir aquí, poco trabajo...
15		Me gusta trabajar pero me duele el cuerpo.
16	Ahora no puedo cargar ni un buen palo.	
17	Estoy operada de la hernia, ayer estaba mal...	
18	Me operaron del útero, éramos pobreciiiitos cuando mi marido dejó de	
19	trabajar,	no ha habido,

20 recién dada a luz, pobres, pobres. Quiere que le cuente? Antes los recién
21 nacidos en seguida se hacían bautizar. El campo quedaba botado, era
22 leeejos, este día comí mote frío con agua dulce fría, me ha hinchado la
23 barriga y me puse maaal, me operaron y después ya no pude tener hijo. Mi
24 hijo murió esta vez: bronconeumonía. Antes del bautismo...

25

26 Parece que el hombre tiene más obligaciones y tiene que cumplirlas. Por
27 ejemplo, a veces el trabajo no vale, no aparece ... y la mujer en la casa
28 esperando con sus hijos... si tiene tierra trabaja también,

29

30 Tengo un hijo de creación, que está preso ahora, mi regalaron.

31

32 Poco me acuerdo de mi madre, murrio más pronto. Vine a vivir con mis
33 abuelos, en Nabón, pero mis hermanos quedaron. Casaron y quedaron.

34 Éramos pobres con mi marido. Después éramos ricos, teníamos equipo,
35 hacíamos pan en horno, era un apoyador,

36 tomábamos, bailábamos, chumábamos, llorábamos...

37 El día de mi casamiento fue hermoso...

38

39

40 No hay con quien casarse ahora, por ahí están... escondidos.

41 Ahora encuentras unos de edad.. pero...

42

43

44 Yo con mi marido, no peleábamos grave, así el venía, me pegaba un
45 trompón, dos, y me dejaba porque el dicho era, cuando nos casábamos o
46 cuando íbamos a casar: hay que oír !! Vos comprenderás, tu marido está
47 bravo, vos le dice una palabra y nada más, pasa. Así te venga querer matar
48 no tendrás más coraje. Si tu estás brava, que calle, vea.

49 Porque si me meto adónde vá, pues hay pelea?

Y así me pasó...

pero el hombre tiene que sacrificarse.

Mi padre era tan guapo... Guapote, guapote, mi cholo.

Ay Dios mío...

vamos, tener un hombre apoyador es lindo,

Si alguno lo viera así no sentía dolor.

Por cariño mismo se cuidan los dos, no es cierto?

Pero, Si yo quisiera, creo que habría.

Si apareciera... Necesito compañía, sí, pero sabiendo
comprenderse, porque usted sabe la vida del matrimonio
lo que es...

Así pasábamos...

50
51 por cualquier cosa mismo se endiablaba uno. Por una palabra o dos, sí si
52 endiablaba. Ahora cuando no si entienden se separan.
53
54 Yo cojo mi camino por allá y tu por otro lado. Antes habría que aguantar.
55 Pero algunitos siguen aguantando todavía... Mi sobrina en Cuenca por
56 ejemplo... (pausa larga)
57 Me he viajado a Guayaquil así de viuda!
58 Familiares, estoy pensando en ir a Portin, con familia. Este domingo quería
59 que me fuera, pero estaba estropeada trabajando. ¡Qué bestia de dolor! En
60 la feria libre me quedé, me acosté en la casa, me quedé.
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71 Vamos a tomar una cervecita? Hoy? Ahora?!

Yo creo que sí, sí hay que tener respeto,

Ahorita ya no es tan común que se le pegue a la mujer.

Es lindo cuando tiene con quien ir.

Y me he de ir, sí, si no me muero!

Recordando así de la vida yo solo sé de lo que he sufrido,
ahora vivo pobre... pero ahora con la gracia de Dios no
me falta la comidita, nada tengo, pero nada me falta.

Vivo, como, duermo, sufriendo las deudas no más.

Una vida linda tuve, después me jodí jodida...

enfermedad, pobreza, para pedir caridad en Cuenca, pero
ahora vuelta buena, así es mi sukita hermosa, buena vida,
mala vida, buena, mala, y vuelta regular, no sufro tanto. A
de haber mucho que bailar todavía!

8.1.1 Núcleos Narrativos

Núcleos Principais	Sequência Narrativa (linhas)
Amor/Casamento	Apaixonada (1); Casamento (7); Vida a dois (35); Lembrança do casamento (38); Vontade de casar-se outra vez (40).
Trabalho – Campo/cidade	Vivência no campo com animais (3); descrição do trabalho duro no campo (9); Contraste com a cidade – “vageria” (10); Sacrifícios no campo (12); vida mais difícil- campo (14).
Família	Primeira filha de seis irmãos/as (5); Exaltação do pai (29); Fala do filho preso, de criação (30); Mãe morre cedo (32); Viveu com os avós (33); comenta situação da sobrinha (55); Comemora com a família (58).
Tradição	Crianças dadas para criação (6, 30); Batismo cedo dos recém-nascidos (20); modelo machista de casamento – a mulher somente ouve (56); Modelos antigos sem divórcio (54).
Tragicidade	Filho morre de bronquite com 15 dias (7); Marido morre de falência dos rins (8); Retiram-lhe o útero (18); Infertilidade (24).

Comentários

A narradora apresenta seus núcleos principais em uma sequência desordenada, dando ênfases aos modelos tradicionais da vida do campo e da família. Estes núcleos se relacionam entre si pelo aspecto tradicional e naturalizado dos costumes locais e também pela maneira em que são apresentados pela narradora revelando o aspecto trágico de seus eventos. De fato, antes de contar da morte de seu filho, adverte a entrevistadora: “Quiere que le cuente?” (20).

Precisamente com estes traços trágicos, a narradora continua sua sequência narrativa sem muitas pausas, onde se nota uma maneira prática de lançar os temas mais importantes de sua vida. Dentro dos aspectos tradicionais, é ressaltado também o costume da época em certas comunidades, mas ainda presente, de “dar” os filhinhos a famílias com determinada condição econômica, ou que não tenham filhos ainda. No

caso da narradora, se trata de um aspecto transgeracional, posto que lhe deram um menino para criar, e na geração anterior ela mesma foi dada a seu pai.

De todo modo, a questão do casamento e seu aspecto mais afetivo atravessam o discurso e sua vida como um eixo crucial no desenvolvimento de seu discurso sobre a afetividade e as relações a dois.

De fato, a narrativa se inicia com esse tema como que mostrando a capa de seu texto, a manchete de sua trajetória, com ênfase na importância do carinho e dos familiares para a alegria de seu relato e de sua vida difícil, mas com a sabedoria de quem sabe e ainda quer desfrutá-la.

8.1.2 Análises das Personagens

Qualificativos	Responsabilidade (perseverante, trabalhador)	Solidariedade (Leal, bom, solidário, ético)	Violência/ Acoso (agressividade)	Sociabilidade (Conciliador, Tolerante, pacífico/a, amigável)	Egoísmo (intolerante, mesquinho/a)	Beleza (bonito/a, sedutor/a)	Submissão (Sofredor, sacrificado, obediente)	Neutralidade (sem caracterização especial)
Personagens/ atores								
Pai	x					x		
Marido	x	x	x					
Filho								x
Sobrinha							x	
Familiares				X				
Avós		x						
Irmãos				X			x	
A narradora								x

Comentários

As personagens são centradas todas na família, eixo de seu relato e de sua vida. O pai, o único personagem tratado com nome e sobrenome (30), representa a tradicional figura de respeito e admiração, ainda quando utiliza a expressão “mi cholo” (29), normalmente pejorativa representando os indígenas do sul do país, porém podendo ser usada também de forma carinhosa, como em seu discurso.

No entanto, sobre seus filhos a narradora não se detém muito em descrições ou qualificativos, deixando isso para as duas figuras masculinas que mais presença tiveram em seu relato e em sua vida: o pai e o marido.

De fato, ao marido morto também são ressaltadas expressões de respeito e carinho, por seu apoio em distintos momentos, nos bons e nos maus, inclusive quando se refere aos tradicionais modelos de casamento e “alguma violência” que “deven” passar as mulheres casadas: “Yo con mi marido, no peleábamos grave, así el venía, me pegaba un trompón, dos, y me dejaba” (45), igual ao que ainda sofre e “aguenta” sua sobrinha de Cuenca, personagem que aparece afirmando a tradição que ainda sofrem as mulheres desta nova geração em relação aos temas de violência doméstica.

Nesse sentido, a narradora faz uma breve análise sobre a condição de vida das mulheres e dos homens no campo, generalizando estes personagens e opinando sobre o nível de sacrifício de ambos.

Ainda sobre esse assunto, ao escutar nossa entrevista a vizinha emite sua opinião em seguida, contrastando com a da narradora: “El hombre sale con quien quiera un rato a divertirse, pero la mujer sola con los hijos y cuando no avanza la comida y a eso y al otro... El hombre siquiera disipa las penas al trabajar, pero la mujer nada, más trabaja con los hijos. Ella sufre más, y cuando los hijos crecen, o se van, ella pasa en la casa y tiene que controlar todo. Cuesta más. El hombre va a la plaza. Para poner en bueno estado a los hijos la mujer sufre”

8.1.3 Espaço e ambiente - Identificação dos principais cenários da narrativa

Espaço dimensional (físico)	Local de menção na E.N. (linhas)	Ambientação	Expressão subjetiva associada
Campo (Taro)	5, 9, 12	Ambiente sem escola; lugar para brincar na infância; trabalho duro de semeadura e colheita; sacrifício.	Poucas alegrias, fortes tradições e tentativa de sobrevivência.
Cidade (Nabón)	10, 33	Pouco trabalho, “vivem” sentados.	Vida mais fácil
Guayaquil	57	Viagens, passeio	Alegria
Portín	58	Encontro familiar	Diversão
Feira Livre	60	Trabalho	Cansaço

Comentários

A narradora centra as cenas de sua vida na constante contradição do campo/cidade, com uma comparação avaliativa e a partir da sua própria experiência em ambos ambientes, já que ainda circula regularmente pelos dois.

No ambiente rural relata uma liberdade de brincar e divertir-se quando criança, mas isso muda na vida adulta, quando o trabalho se torna duro e se trata principalmente da sobrevivência. Agora que vive só numa casa na cidade, mas ainda preserva terras cultivadas por ela mesma no campo e não se distancia desse cotidiano.

Segundo Herrera (2009), “No caso das sociedades rurais e étnicas, pela quantidade de papéis e encargos comunitários que cumprem as mulheres, a linha que separa o público e o privado, no interior dos espaços é tênue e mais claramente delimitada em relação com o Estado, que assume como representação válida aos homens, de preferência branco-mestiços” (p.89).

Desse modo, e curiosamente, o ambiente privado não é ressaltado em nenhum momento e a entrevista foi realizada na porta de sua casa, ante o exterior, lugar de excelência de sua rotina e de sua história.

8.1.4 Tempo

Com um discurso coerente, veloz e com marcadas pausas, a narradora escolhe com frases curtas os episódios mais significativos de sua vida misturando a trama com diversas mudanças temporais, entre presente, passado e futuro.

Estes saltos, no entanto, são ressaltados com vários marcadores temporais, o que mostra uma clara relação causal entre os fatos apresentados. Como exemplo, os advérbios utilizados com frequência pela narradora são: “luego (7), Antes, (14), Después (35) Ahora (48)”.

Assim, passado e presente se encadeiam de uma maneira legível e compreensível, o passado justificando frequentemente o momento vigente ante as pessoas que a escutam e à própria narradora, que ordena estes aspectos em sua vida mesma. Como exemplo disto, ocasiões nas quais o passado serve também para colaborar com argumentos do presente, a narradora se recorda das transformações da tradição em relação ao casamento: “por cualquier cosa mismo se endiablo uno. Por una palabra o dos, sí si endiablo. Ahora cuando no si entienden se separan” (51,52); “Ahorita ya no es tan común que se le pegue a la mujer” (62).

Deste modo, o passado serve, ainda, de apoio aos argumentos e abordagens atuais, pondo em uso sua memória para esse fim e não como uma recordação a que tem que fixar-se. Além disso, a autora quase não se detém em suas lembranças ruins, levando o discurso com uma fluidez, mesmo quando trata dos momentos trágicos de sua vida.

Por vezes, faz pausas na narração (marcadas com “...”) que representavam algum tipo de respeito, introspecção ou entendimento de suas próprias palavras, no entanto, em seguida mudava de assunto sem estancar a narrativa, ex: “Así me pasó.... (25); Ay Dios mio... (31)”.

Por esse motivo, suas lembranças são lúcidas, utilizando-se recorrentemente de estratégias para abreviar, simplificar ou mesmo sintetizar sua vida e sua história, recompilando à sua maneira toda sua estrutura discursiva. Ex: “buena vida, mala vida, buena, mala, y vuelta regular, no sufro tanto” (68).

Com esse modelo, a narradora se fixa no presente, em seu momento especialmente atual, servindo-se de nossa intimidade para sugerir no final da entrevista uma bebida para celebrar, possivelmente, o simples e tão falado agora.

8.1.5 Material não-indexado (não cronológico/desnaturalizador)

linhas	Transcrição	Análise retórica
14	era difícil... Ahora es mejor vivir aquí, poco trabajo...	Reflexão sobre a vida difícil do campo e comparação com a cidade
15	Me gusta trabajar pero me duele el cuerpo.	Consciência da idade avançada
19	no ha habido	Expressão local que serve para justificar a falta de trabalho diferente do meio rural
25	Y así me pasó...	Análises de suas experiências de vida
28	pero el hombre tiene que sacrificarse.	Teoria sobre o sacrifício do homem, frente ao da mulher
29	Mi padre era tan guapo... Guapote, guapote, mi cholo	Exalta as virtudes do pai
31	Ay Dios mío...	Expressão de dor e incerteza ante a situação do filho
36	vamos, tener un hombre apoyador es lindo,	Consciência da importância do apoio entre casais
38	Si alguno lo viera así no sentía dolor.	Expressão nostálgica ao lembrar seu casamento, juízo de valor positivo
39	Por cariño mismo se cuidan los dos, no es cierto?	Confirmação da importância do carinho entre casais
40	Pero, Si yo quisiera, creo que habría. Si apareciera...	Reflexão sobre um possível novo relacionamento; Assume a falta de opção...
41	Necesito compañía, sí, pero sabiendo comprenderse, porque usted sabe la vida	Confirma sua necessidade e questiona o tipo de companhia que prefere,

	del matrimonio lo que es...	fazendo referência a sua própria teoria do matrimônio
48	Así pasábamos...	Confirmação de suas lembranças com sentimento, com uma espécie de resignação.
50	Yo creo que sí, sí hay que tener respeto,	Teoria sobre o matrimônio
53	Ahorita ya no es tan común que se le pegue a la mujer	Auto reflexão sobre a violência doméstica atualmente
57	Es lindo cuando tiene con quien ir.	Expressa sua carência e seu juízo de valor sobre a importância da companhia
61	Y me he de ir, sí, si no me muero!	Expressão de força e de idade avançada
62	Recordando así de la vida yo solo sé de lo que he sufrido	Avaliação da sua vida
63	ahora vivo pobre... pero ahora con la gracia de Dios no me falta la comida, nada tengo, pero nada me falta. Vivo, como, duermo, sufriendo las deudas no más. Una vida linda tuve, después me jodí jodida... enfermedad, pobreza, para pedir caridad en Cuenca, pero ahora vuelta buena, así es mi sukita hermosa, buena vida, mala vida, buena, mala, y vuelta regular, no sufro tanto.	Recordação dos altos e baixos de sua vida; Expressão de fé em Deus; Confirmação de viver uma vida melhor no presente.
70	A de haber mucho que bailar todavía!	Atitude positiva e com esperança ante o futuro

Comentários

A narradora possui uma extrema lucidez ao analisar sua vida e sem muitos autoquestionamentos ou dúvidas mantém um discurso claro, interrogando por vezes a entrevistadora para confirmar ou para deixar a dissertação menos densa. Ex: “Quiere que le cuente?” (19); “No es cierto?” (29); “así es mi sukita hermosa” (68). Nesse ritmo, trava um discurso com fluidez, sem emoções e com explicações curtas e razoáveis.

O assunto do casamento e das relações a dois permeia quase todo o material não indexado ou desnaturalizador do texto, revelando uma questão de constante reflexão. De fato, o ideal de amor romântico passa por seu discurso como um ideal (já que não teve a oportunidade de vivê-lo muito), mas ao qual se deveria respeitar como um tipo de amor vigente em que ambos se apoiam e se nutrem um ao outro. Ex: “Es lindo cuando tiene con quien ir” (57).

De todo jeito, este ideal nutre boa parte de suas reflexões, expressando suas teorias e análises, mas também seus desejos mais íntimos: “Necesito compañía, sí, pero sabiendo comprenderse, porque usted sabe la vida del matrimonio lo que es...” (41). O carinho, a companhia e o apoio são os valores acrescentados à escolha de uma boa companhia, a qual ainda nutre expressamente.

Também mostra sua fé com uma expressão religiosa confiada no apoio de Deus. Na verdade, tratando-se de uma viúva, e que vive sozinha, essa expressão de vida mais livre em relação às demais de sua idade, é ressaltada com uma atitude positiva e alegre e corroborada com sua fala e com suas vontades de divertir-se e de dançar, como também com sua surpresa em poder viajar: “Me he viajado a Guayaquil así de viuda!” (57). Resumindo, poder decidir sua vida por sua própria conta, reflete uma estratégia de resistência ao que tradicionalmente lhes é imposto.

Em todo caso, também reflete sobre as tradições, por vezes com autocrítica, como quando avalia a situação dos casais na atualidade: “Yo creo que sí, sí hay que tener respeto” (48), e às vezes com resignação realista: “Así pasamos” (50).

Sobre o assunto específico da violência doméstica, relata sua própria experiência com seu marido, respaldando-se na tradição para justificar seus atos, porém, em seguida reflete sobre o momento atual e inclusive o compara, analisando o valor das tradições. Ex. “Ahorita ya no es tan común que se le pegue a la mujer” (53).

Por fim, a narradora tenta fazer um resumo de sua vida, com clareza e coerência, reafirmando seu sofrimento, mas também suas alegrias. E com esperança, pela primeira vez utiliza um verbo na forma futura, afirmando sua forma de vida, sua maneira de lidar com as coisas e sua vontade de viver, apesar da idade avançada e das forças que vão se perdendo: “A de haber mucho que bailar todavía!” (70).

8.1.6 Itinerários Corporais

Era fácil vê-la pelas ruas de Nabón. Com um andar bonito, sempre com saias longas ou quase longas, cabelo bem penteado; nunca me negou um sorriso e uma saudação efusiva.

Não sabia exatamente onde morava, porque quase nunca ficava diante de sua casa, como as senhoras de sua idade comumente o faziam. Nos encontrávamos normalmente no asilo, quando íamos fazer alguma visita ou nas reuniões que promovíamos, às quais sempre acudia com alegria.

Subitamente, uma tarde me tomou pela mão enquanto caminhava pela praça central e disse: - vamos a minha casa! Surpreendi-me e aceitei. Neste mesmo dia decidimos fazer a entrevista.

Sua casa era bastante pobre, porém não chegamos a entrar de todo, ficando na porta com umas cadeiras improvisadas para começar a conversa. De maneira que se pôs muito cômoda em seu banquinho, quase elegante, de frente para a rua e ali começamos.

O carrinho das empanadas estava perto de nós na porta de casa. Normalmente vende empanadas de queijo em frente da prefeitura, quando há algum evento ou aos domingos na feria livre.

Tocava-me a perna com carinho, enquanto falava. Com uma voz clara e um olhar vivo e sorridente manteve um ritmo constante em toda a entrevista. De repente, se acerca uma vizinha, sem pedir licença, sem saudações formais, somente para escutar. A narradora não se detém e segue seu discurso com a nova ouvinte. Suas poucas pausas eram de carácter emocional, por vezes também passava a mão no rosto, como expressão de lamento.

Tinha os olhos claros e as mãos duras de quem ainda trabalhava no campo. Chamava-me carinhosamente de *sukita* sempre que me via (apelido local para as pessoas de cabelos claros, como os dela). Logo ao final da entrevista ajeita um pouco a saia e pede à vizinha que escutava que nos trouxesse uma cerveja e disse, depois de desligado o gravador: “Ahora, cuénteme usted!”.

8.2 Transcrição da E.N da narradora EC2

I.	Material Cronológico/naturalizador	Não Cronológico/desnaturalizador
1	Estoy tan vieja, estas historias son historia de viejos...	
2	Cómo le he de decir... desde que fui niña?	Pero es feo niña, no sé, no sé...
3	Mis padres han sido pobres... muy pobres. Mi papá se ha quedado	
4	huérfano de los padres en aquellos tiempos que daba la fiebre, no?	
5	Luego se agarra al tío. Ese se coge todo,	porque no ha habido quien diga nada.
6	Se apropia de las <i>huahuas</i> y las ha criado,	porque ha tenido altas tierras de mis abuelitos.
7		Cómo no había nadie...
8	... Mi tia Teresa también estaba...	
9	Mi papa <i>huambra</i> , se casa con mi mamita, ella también huérfana desde un	
10	año, le han criado los vecinos. <i>Huambritos</i> se casaron, no tenían quién les	
11	favorezca. Entonces, mi tío tenía una finca arriba en el cerro, entre monte,	
12	lejísimo, ahí era. LE MANDARON A VIVIR CON MIS PAPAS (con voz	
13	gruesa, enfadada) y ahí nos criamos, en ese cerro, sin tener lo qué comer,	
14	sembrábamos maicito, así liiindo, amanecía helado, hasta la raíz, no	
15	quedaba uno, coles, zambos, todo se helaba! No teníamos qué comer!	
16	Mamita cargaba la leñita, y bajaba a Nabón, cargada a vender y algunos le	
17	daban un platito de mote, cualquiera cosita, y toditos nos íbamos a ver lo	
18	que era para comer cuando se asomaba con la tonguita... NOS	
19	MORÍAMOS DE HAMBRE, SEÑORITA!	
20	Agarraba agua con sal y nada más, eso era el cachicaldo, cebollita y nada	
21	más y con eso alzábamos, la merienda... Eso era...	lo que sufrió mi mamita....
22	Mi papa fue a trabajar en Puerto Velo, minerías, la plata que tenía para	
23	irse, todo se comía porque no había trabajo. Y yo trabajaba con él, arando,	
24	sembrando cebada para hacerla machiquita. Nosotros moríamos de	
25	hambre..	Y no me he muerto, señor, todavía estoy aquí!!!

26
27 Tenía un caballito mi papa y jarraba la leña del cerro, árboles del cerro y
28 bajaba con la mulita de leña, ¿sabes cuando les valía? seis reales una
29 mulita! Y les compraban para el horno unas señoras, como era rajada no
30 querían... para el fogón. Les hacía fiar y luego bajaban a cobrar, y como
31 eran panaderas, cuando amasaban, tenía una fundita de mestizo para mi
32 padre (pan de harinas mezcladas, más oscuras) Y ya cuando llegaba papito,
33 mamita compartía con todos, mitad- mitad, dos bocados y ya está.
34 No teníamos nada que comer señorita... teníamos los borregos del finado
35 Federico, pastábamos, pero jamás nos daba un pan partido siquiera.
36 Mamita nos hacía pollerita de baeta y con eso andábamos, hacer engordar
37 los borregos de los ricos. Nunca llegaba ni sal. Mamita andaba
38 mendigando y así nos daba de comer, pero todavía no llegaba a nada
39
40
41 ¡Eran RICOS con qué! con lo que tenían en la finca, ¡altísimas tierras!
38 Hacían los huertos, iban a sembrar pero nunca no los daban. (lloró un
39 poco)
40 Viví con mamita desde que nació hasta enterrarle. Nos pusieron en una
41 escuela, en Charqui y cuando llovía subía una quebrada que no había quien
42 pasarse, y a veces amanecíamos ahí...
43 Yo no estudié nada, porque nos sacaron de la escuela porque venimos a
44 Nabón, vivíamos metidos como chanchitos, en una casita de paja, el agua
45 cogíamos lejísimos, en la acequia. Llenábamos las tinajitas para tener lo
46 que tomar y comer, y después íbamos a pastar los borregos. Sacar para
47 hacer cachicaldo. Agüita y sal con mantequita y cebollita. Y le hacía.
48 Todos han sufrido, mis hermanos no han sufrido nada porque yo les
49 cuidaba, mi madre solita, mi padre en Portovelo.

Adónde para trabajar?

pobrecito,

Así es, mi tica no ha de juzgar mis palabras (hablando al cielo...)

Así son los ricos,

50 ¡JAMAS NOS DABA NI LLANA PARA HACER UNA POLLERA!
51 en el cerro vivíamos, choreadísimos, nos mojábamos...
52 mi mamita se sacaba la pollerita y
53 teníamos que secarnos cerca de la candela para no morir.
54 Porque no teníamos qué mudar. (la ropa)
55 Cuando bajamos a Nabón, tenía los guillanes, amarillos, pero nunca nos
56 daba UNO siquiera,
57 Pero yo de noche me subía en los árboles y les iba a robar los guillanes,
58 Por la noche era... el otro día no sabía quién les había robado (risas)
59 piiillas e robaban, hacíamos madurar en la casa!
60 Así era mi tica y tío Federico. Ahí vivíamos. Yo me iba al monte, a buscar
61 chocho, malauto, haulo, para comer, frutas del cerro, del monte,
62 vomitando después! Hacen mal!
63 No me casé, porque cerca de casar, mi hermana, la rica, ha cogido a
64 Mi futuro marido y dijo que yo me acostaba con otros hombres...
65 Le dijo que no se casara. Y así fue. Le encontré un día después de un
66 tiempo raro sin verme y le pregunté “– Qué pasó?
67 -Ahhh sí, yo no recojo sobras!
68 - Porqué, qué sentido es eso?
69 – Así dicen que sois, que se acosta con los de Cuenca, a las niñas hay que
70 creerles, porque ellas dicen lo que ven”...
71 Así fue, fue! Me dejó y se casó con una rica. Pero no duró con la rica,
72 también le dejó. La rica le dio cáncer y si murió, ¿qué hizo él? Nadie le
73 hacía caso, ni las cuñadas y nada, así ha tenido cáncer y si ha muerto
74 también.
75 Pero antes de eso, ya no le dejaba entrar en la casa, ni nada saber de él.
76 “-Sí, me hiciste llorar, ahora llora vos. Yo era pobre, huérfana, no tenía
77 nada. Has creído en la gente, y así sigo, con hombres estoy. Ahora no me
78 vuelva a hablar nunca más.”
79 Así no tuve marido ni novio, ni nada

Así eran, miserables, riquísimos,
¿qué para poner?,

Que en paz descanse, ya no existe.

porque éramos sirvientes de ella.
no se si era pecado, pero sí.

Así era... no...

Ella me hace ver la eternidad, pero ella no se ve

Pobre boca de mi hermanita.

¿Para qué? Él ya me hizo eso, pues. Mejor no haber como

80		estaba.
81	Tuve así dos hijos, pero no de él.	
82	Eso hizo mi hermanita...	y yo que le vestía mantenía, cuidaba y ahora que es rica,
83		ni aparece aquí, estoy aquí pidiendo posada..
84	Que no venga, para que Dios se compadezca de mí. TODO TIENE AHÍ	
85		Yo también, comidita, posadita... eso sí...
86	Al otrita, vive por Machala, por ahí, se casó el marido le salió ocioso,	
87	mujeriego, así. Ya. Tres <i>huahuas</i> tubo. Los niños sin tener lo que poner.	
88	Yo tuve que rajarme mis vestidos para hacerles ropas a los <i>huahuas</i> . Una	
89	se murió. Y yo les crié, señorita... Porque tenía que trabajar. Hembra y	
90	varón, cargando leña y con eso les mantenía- ahora están ricos y no vienen	
91	me ver.	Bueno, he cumplido, no era mi obligación, pero he
92		cumplido.
93	Ya se crearon. Y ella con su marido. Y luego otro marido.	
94		Bueno, eso ya... Y ahora, el resto?
95	No teníamos nada que poner... Y a venir pastando borregos, la casa vacía,	
96	ni candela, así amanecíamos,	no estoy mintiendo ni calumniando.
97	Cuando había alguna cosita nos daba siquiera un bocado... Al frente vivía	
98	en Nabón sufriendo... y mamita venia al centro y le daban una comidita...	
99	Arriba helaba, no queda nada.	Me acuerdo ahora... No me he muerto no lo sé, porque
100		será?
101	Una finca después le daba una señora para sembrar para comer. Le daba	
102	una yunta, una casa, para que trabaje, y les servimos. Había,	que no le este juzgando este rato señorita!
103	lo que eran de malos, ayudando a sembrar... Se llevaron la yunta,	
104	después! Nada de nada.	
105		Yo digo por mí, siendo hombre qué sería? Y mujer tiene
106		que estar asentada, ahí, ahí!. Pero el hombre siempre se
107		levanta, tiene alitas, anda por ahí. Y la mujer ahí tiene que
108		asentarse a sufrir todo el peso que venga del mundo
109		entero. Y los hombres, qué, parten, pues!

8.2.1 Núcleos Narrativos

Núcleos Principais	Sequência Narrativa (linhas)
Campo/Trabalho	Dificuldades para plantar com o frio (14); Trabalho duro da mãe (16); Alternativa com a mineração (22); Arava com o pai (23); Trabalho duro do pai (27); Cuidava de animais (35, 46, 95); Comia frutos do monte - maus (61); Criou os irmãos com o trabalho duro (88); Servia aos tios (101)
Família	Pais órfãos (3, 9); Tios lhes acolheram, mas ficam com as terras dos avós (5); Se casam os pais (9); mãe trabalha duro para receber ajuda (16); Pai sem trabalho (23); Tio ricos não compartilhavam (35); Passa a vida junto da mãe (40); Irmã não lhe deixa casar (63); Teve dois filhos (83); Outra irmã sofre com o marido (85)
Sufrimento/Penas	Pai perde família por causa da febre (4); Lhes enviam para morar no monte (13); Geava toda a plantação (15); Mãe compartilhava com todos a pouca comida (17, 32); Arava com o pai (23); Não tinha o que comer (15, 24, 34); Mãe fazia roupa com <i>baeta</i> (36); Família trabalhava sem ganhar, mãe mendigava (38); Casa sem estrutura em Nabón (44); Sofrimento da família (48); Viviam molhados no monte, sem roupa para usar (51); Não teve amores (79); Mãe recebia ajuda às vezes (97)
Injustiças	Pagavam mal o trabalho do pai ou lhe fiavam (30); Tio “escravizava” a família (35); Irmã a traía (64); Futuro marido a deixa (71); Cria os irmãos e agora eles sequer lhe visitam (89); Os tios ricos ficaram com as terras (103)

Comentários

Durante toda a entrevista a narradora concentra seu discurso num fluxo de fatos trágicos e de sofrimento. Com uma linguagem bastante regional e um uso corrente de diminutivos, ela vai tecendo a historia da sua vida com frequentes temas de dor e de pena e com numerosos exemplos ainda latentes, vivos. Por muitas vezes estes exemplos coincidiam com dois ou mais núcleos narrativos, carregando um mesmo fato

de distintos matizes: Ex.: “tío Federico, pastábamos, pero jamás nos daba un pan partido siquiera” (35), núcleos: Família / Trabalho / Sofrimento / Injustiça.

Chama a atenção como ela ressalta o campo e a pobreza como o tema principal do seu discurso e da sua vida. A injustiça é o eixo transversal de sua história, atravessando a maioria dos seus núcleos, e desenhando sua identidade a partir de componentes de dor, reclamações e de falta de reconhecimento, de justiça.

De fato, repete o tema da fome com uma súplica rotunda por três vezes: “Nosotros nos moríamos de hambre... señorita” (15, 24, 34), interpelando a entrevistadora com um reclamo que parecia ainda por fazer. E por diversas vezes levanta a voz (em maiúsculas) no meio de uma lembrança de um acontecimento significativo, como que tentando ressaltar o sentimento adjunto: “JAMASNOS DABA NI LLANA PARA HACER UNA POLLERA!” (50); marcando enfaticamente o tom do seu discurso e enfatizando nos seus núcleos principais uma carga de memória e sentimento.

8.2.2 Análises das Personagens

Qualificativos	Responsabilidade (perseverança, trabalho)	Solidariedade (Lealdade, bondade, solidariedade, ética, colaboração)	Violência/ Acosso (Agressividade)	Sociabilidade (Conciliação, Tolerância, paz)	Egoísmo (intolerância, mesquinhez, maldade)	Beleza (sedução)	Submissão (Sofrimento, sacrifício, obediência)	Neutralidade (sem caracterização especial)
Personagens/ Atores/as								
Pai	X	x					x	
Mãe	x	x		x			x	
Tio					x			
Tia					x			
Senhoras padeiras					x			
Irmãos					x		x	
Irmã rica					x			

Outra irmã							x	
Futuro marido					x			
Mulher do futuro marido							x	
Sobrinhos							x	
Cunhado			x					
Filhos								x
A narradora	x	x			x		x	

Comentários

A narradora centra a família como a grande protagonista da sua história de vida, porém, à parte da exaltação de seus pais com características que parecem com a sua própria: responsáveis, solidários e submissos; quase todos os demais personagens do relato são posicionados na coluna de egoístas (intolerantes, mesquinho/a, maldade).

Os tios são apresentados como os mais responsáveis da exploração que sofre a família, principalmente a ela e a seus pais, escravizando seus serviços e deixando um destino com poucas saídas. Aos irmãos refere-os como ingratos por haver cuidado deles quando eram pequenos, assim como cuidou dos sobrinhos e não obteve nenhum retorno: “Hembra y varón, cargando leña y con eso les mantenía- ahora están ricos y no vienen me ver” (89).

Neste sentido sua identidade é construída a partir deste lugar de vítima durante todo o curso da narrativa. A partir da apresentação “dos/as outros/as” como maus/más e ingratos/as, sua própria imagem se enaltece com os atributos de carência, súplica e de merecedora de outro fim.

Assim, de maneira significativa, o futuro marido aparece também implicado numa intriga de personagens traiçoeiros e pouco amáveis, o que a deixa ainda mais no status identitário de vítima e de sofredora. Porém, apesar dos problemas ou lugares comuns em que se encontra como mulher, está claro que as diferenças étnicas e de classe marcaram sua vida.

8.2.3 Espaço e ambiente - identificação dos principais cenários da narrativa

Espaço dimensional (físico)	Local de referência na E.N. (linhas)	Ambientação	Expressão subjetiva associada
Fazenda do tio no monte	11, 51	Trabalho escravo	Sufrimento, pena, rancor, injustiça.
Nabón (cidade)	16, 30, 55	Lugar para vender produtos cultivados, lenha. Pouco dinheiro. Roubava frutos.	Esperança, sobrevivência, resistência.
Minas de Portovelo	22	Trabalho difícil, pouco retorno.	Desconsolo
Escola em Charqui	41	Difícil acesso.	Oportunidade perdida
Casa de palha em Nabón	44	Sem comodidade, sem água.	Dureza, tristeza
Monte/	60	Buscar frutos e ervas para comer.	Vomitava, eram maus, sobrevivência.
Machala	85	-	-
Asilo	82, 84	Pedindo pousada, ninguém vai visita-la.	Sensação de favor, abandono.

Comentário

A narradora concentra seu relato principalmente na zona rural, exatamente na fazenda onde sua família servia aos seus tios ricos na maior parte de sua infância e de suas lembranças. Esse tipo de serviço é resultado da época das grandes fazendas (os *huasipungos*) de senhores brancos que escravizavam os/as indígenas da zona, e os/as faziam trabalhar sem nenhum direito e muitas vezes maltratados/as.

Segundo Herrera (2009), as fazendas, um regime de acumulação ou uma forma social de produção baseada na renda do trabalho e no monopólio da terra, constitui para os fazendeiros um enorme poder econômico, político e ideológico sobre o conjunto de formas de produção e reprodução da sociedade, contudo, para as comunidades indígenas é um marco histórico de explicação e de referência que marca o conjunto das relações sociais até os nossos dias. Assim, a narradora nos traz esse modelo colonial de trabalho que marcou um ambiente duro e difícil na sua vida e na vida de muitas famílias pobres que foram escravizadas naquela época.

Por outro lado, as expressões referidas à cidade de Nabón fazem alusão a um lugar de esperança, uma referência para a venda de seus produtos do campo, entretanto, uma vivência distante em suas expectativas de vida, pois era coisa dos “ricos”.

A narradora também faz referência aos processos comuns de migração temporal que viviam as famílias da zona, no cócs, seu pai que acudia às mineiras como alternativa para sobreviver, deixando sua mãe a cargo do que ficava.

Menciona alguma vez também ao asilo, o lugar que vive agora, com uma expressão emocionada de abandono e pena de si mesma, comparando por um momento com sua irmã tica da cidade: “Que no venga, para que Dios se compadezca de mí. TODO TIENE AHÍ...” (84).

O asilo em Nabón foi uma conquista dos últimos dez anos, quando a reforma moderna chega com a prefeitura indígena. Não obstante, ainda não é comum para a cultura e os costumes locais utilizar esse espaço para os/as idosos/as nos seus últimos momentos de vida. Normalmente eles/as ficam em casa, ainda que abandonados por sua família, trabalhando até o final de suas forças. Percebe-se então como é difícil para a narradora (como para outros/as idosos/as da comunidade), terminar sua vida num asilo, esperando visitas.

Os que vivem aí são exemplos escassos, decorrentes de famílias que migraram ou idosos/as com alguma deficiência física ou mental.

8.2.4 Tempo

Como adverte no início, são “histórias de velhos”, cheias de memória e de passado. Nesse caso a narradora nos apresenta um passado duro, triste, escolhendo permanecer quase todo o relato nele, nunca se referindo ao futuro. Geralmente se aproxima do presente somente para justificar, confirmar uma lembrança ou mesmo pedir um respaldo. Ex.: “que no le este juzgando este rato señorita!” (102); “no estoy mintiendo ni calumniando” (96); “Me acuerdo ahora... No me he muerto no lo sé, porque será?” (99); “Así son los ricos” (49).

E quando usa o verbo presente é também para fazer uma pausa para se referir a Deus e a seus parentes mortos: “Y no me he muerto, señor, todavía estoy aquí!!!(25); “Así es, mi tica no ha de juzgar mis palabras” (39).

O tempo da memória é permeado de histórias tristes, muitas delas misturadas com a memória da própria comunidade. Percebe-se como as recordações da narradora se combinam e se confundem com os registros da própria história de Nabón. É presença da memória coletiva que carrega e dá mais valor ao seu próprio texto, respaldando seus episódios e preenchendo seu discurso de verdade.

Assim, os relatos sobre o passado são um exemplo paradigmático de narração. Constituem uma construção em que o caráter referencial da narração está sujeito a controvérsia e, por tanto, as pessoas participantes da construção narrativa se veem obrigadas a defini-la e a argumentá-la. Como afirma Bosi (2003), memória é processo narrativo, texto em movimento, ficcionalidade viva. Esta autora reconhece o lugar de produção desses discursos, que por sua vez têm explicação individual e coletiva. Relaciona a memória a uma reconstrução, através das imagens de hoje, das experiências do passado:

Na maior parte das vezes, recordar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se é assim, se deveria duvidar da experiência do passado ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (Bosi, 1994, p. 55).

Nesse processo, a narradora vai resgatando as cenas da sua própria vida, construindo um espaço “fértil” de criação, um espaço vivo de lembranças, para daí afirmar-se ao mesmo tempo como autora e protagonista deste conto.

8.2.5 Material não indexado (não cronológico/desnaturalizador)

Linhas	Transcrição	Análise retórica
2	Pero es feo niña, no sé, no sé...	Reflexão de caráter avaliativo sobre sua história; hesita entrar no assunto.
5, 6	porque no ha habido quien diga nada. porque ha tenido altas tierras de mis abuelitos. Cómo no había nadie	Justificação da atitude do tio, com expressão de injustiça.
21	lo que sufrí mi mamita...	Expressão de pena pela sua mãe.
22	Y no me he muerto, señor, todavía estoy aquí!!!	Ênfase em sua resistência, com expressão religiosa, interpela a Deus.
26	Adónde para trabajar?	Reflexão e questionamento sobre as dificuldades de encontrar emprego na época, devido à situação precária geral.
32	pobrecito,	Expressão de dor
39	Así es, mi tica no ha de juzgar mis palabras (hablando al cielo...)	Expressão de fé, falando para sua tia morta; auto-reflexão ante suas próprias palavras.
54	Que en paz descanse, ya no existe.	Expressão de fé, falando ante os mortos.
49,51	Así son los ricos Así eran, miserables, riquísimos,	Justifica o comportamento de seus tios.
52	¿qué para poner?	Reflexão sobre a situação de pobreza extrema vivida.
56	porque éramos sirvientes de ella.	Justificativa da injustiça sofrida.
57	no se si era pecado, pero sí.	Põe em dúvida a pureza de seus atos, mas com consciência, assumindo-os. (resistência)
62	Así era... no...	Confirmação de suas experiências.
64	Ella me hace ver la eternidad, pero ella no se ve	Teoria sobre as atitudes da irmã. (linguagem local).
70	Pobre boca de mi hermanita.	Juízo de valor sobre as palavras de sua irmã. (linguagem local).
79	¿Para qué? El ya me hizo eso, pues. Mejor no haber como estaba.	Autoquestionamento e justificativa de suas decisões. (linguagem local).
82	y yo que le vestía mantenía, cuidaba y ahora que es rica, ni aparece aquí, estoy aquí pidiendo posada..	Recurso de vitimização; Reclama a diferença de cuidados com sua irmã.
84	Yo también, comidita, posadita... eso sí...	Reconhece por primeira e única vez que também tem algo.

91	Bueno, he cumplido, no era mi obligación, pero he cumplido.	Auto avaliação; expressão de “boas maneiras”, boa pessoa.
93	Bueno, eso ya... Y ahora, el resto?	Mudança brusca de tema; Ênfase no final da história;
96	no estoy mintiendo ni calumniando.	Autodefendendo-se.
99	Me acuerdo ahora... No me he muerto no lo sé, porque será?	Consciência de seu sofrimento, recordações latentes; reconhece a resistência.
102	que no le este juzgando este rato señorita!	Autodefesa.
105	Yo digo por mí, siendo hombre qué sería? Y mujer tiene que estar asentada, ahí, ahí!. Pero el hombre siempre se levanta, tiene alitas, anda por ahí. Y la mujer ahí tiene que asentarse a sufrir todo el peso que venga del mundo entero. Y los hombres, qué, parten, pues!	Questiona outro destino possível (se fosse homem); Reflexão sobre as questões de gênero.
108	Así es.	Expressão de conclusão e de confirmação da verdade.

Comentário

A narradora utiliza os espaços de reflexão (material não-indexado) para justificar muitos dos acontecimentos que relata e principalmente suas ações e palavras. Entende-se assim um uso escasso do material não indexado utilizado unicamente para expressar sua autoanálise e referências pessoais. Ej.: “Ella me hace ver la eternidad, pero ella no se ve” (64); “no se si era pecado, pero sí” (57).

O discurso centra-se nos fatos trágicos de sua vida. Nos momentos que em se autoavalia: “Bueno, he cumplido, no era mi obligación, Pero he cumplido (90); ou nos que se justifica: “¿Para qué? Él ya me hizo eso, pues” (79), provavelmente os faz para marcar a dor, sua vitimização e para comprovar sua verdade.

Nesse sentido, tem muito medo da calúnia, de estar sendo julgada por Deus ou por seus finados personagens, ou mesmo pela entrevistadora, revelando assim um discurso marcado pela ênfase na verdade, na sua verdade. E recorrentemente interpela a estes personagens: “Así es, mi tica no ha de juzgar mis palabras” (29); “No me he muerto no lo sé, porque será? (99).

Por outra parte, reafirmar o poder do discurso sofrido e suas táticas como construtor de uma realidade é reconhecer as características da narrativa, apontadas por Bruner (1997), de reflexão e criatividade.

Efetivamente, as narradoras entram nesse espaço linguístico e psicológico de ficção, criando e inventando sua própria realidade. Esse processo é também de construção de conhecimento, um conhecimento de si mesmas. As cenas da narrativa constroem uma imagem do “eu” da narradora que é ao mesmo tempo autora, leitora e espectadora.

Por tanto, a fala instaura a “mentira” na realidade:

A ficção combina o imaginário, como distanciamento do real imaginário, com o poético, que altera, modifica, reorganiza, sob nova perspectiva, as representações da realidade. O nível ficcional do texto, fundado na elaboração poética da linguagem, corresponde a uma variação possível do mundo real. Em vez de demitir o mundo, a ficção o reconfigura (Nunes, 1995, p. 74).

Ainda assim, na análise dos seus processos mais íntimos, a narradora, em muitos momentos se autocompadece, dentro do mesmo discurso agressivo, de reclamação, como se quisesse se justificar ou se perdoar: “y yo que le vestía mantenía, cuidaba y ahora que es rica, ni aparece aquí, estoy aquí pidiendo posada” (82).

É interessante o modo como constrói seu discurso em forma de reclamo, muitas vezes em voz alta, talvez com uma intenção de ser escutada por alguém mais. De todo modo, reconhece rapidamente e por um único momento que também tem boas coisas (sempre comparando com sua irmã): “Yo también, comidita, posadita... eso sí...” (84).

A narradora constrói uma linguagem permeada de expressões locais, vocábulos regionais e palavras em *kichua*, o idioma pré-hispânico, conformando um discurso rico, situado. Dentro das expressões locais, ressaltamos algumas: “zambos” (15), uma espécie de abóbora muito comum nos montes andinos; “platito de mote” (17), o milho seco que dura o ano inteiro; “con la tonguita...” (18), uma espécie

de pacote ou bolsa improvisada com a própria manta, amarrada nas costas; “y con eso alzábamos” (21), se referindo a poder levantar-se, crescer, viver; “sembrando cebada para hacerla machiquita” (24), uma espécie de farinha de cevada para preparar mingaus e sucos, muito apreciada entre crianças e idosos/as; “Mamita nos hacía pollerita de baeta” (36), um pano grosso, cru, usado para outros fins; “hacer cachicaldo” (47), espécie de caldo simples com cebola e sal; “tenia los guillanes, amarillos”(55), fruto do monte, parecido ao maracujá; “chocho, malauto, haulo, para comer,” (61), frutas do monte, “Llenábamos las tinajitas” (45), espécie de recipiente de barro.

Esta linguagem tão regional revela também uma forte influência da zona rural na sua estrutura oral, como também em distintas maneiras de analisar e refletir sobre sua experiência de vida.

Mesmo assim, num dado momento da entrevista, referindo-se à ocasião em que teve que roubar as frutas de seus próprios tios para comer: “Por la noche era... el otro día no sabía quién les había robado (risas)” (58), começa a rir e com uma mistura de alegria e vingança se encontra numa posição de resistência, de atitude frente à vida com garra, astúcia, sem culpa nem medo, mostrando também uma postura diferente da vítima que mantém em toda sua trama.

8.2.6 Itinerários Corporais

Era doce à primeira vista. Conheci-a no asilo de Nabón onde fazia visitas e promovia grupos de ócio com os idosos/as da cidade. Enxergava pouco e falava bastante se solicitada e me encantava escutar suas histórias, ainda que sempre fossem muito tristes.

Combinamos que ia gravar sua narrativa e nesse dia se arrumou mais do que de costume. Pôs um chapéu novo e se sentou de maneira elegante. Anteriormente tínhamos já uma relação afetuosa, e por isso me chamava “a senhorita!” sempre quando me “via” chegar,

reconhecendo-me de longe pela voz e me recebendo com um grande sorriso a cada semana. Por esse motivo, como ela quase nunca recebia visitas (sua família nunca lhe visitava), estava encantada de que eu passasse as tardes conversando com ela no jardim do asilo. Porém, a entrevista fizemo-la no seu quarto, com pouquíssimas coisas materiais, apenas memória e rancor.

Quase não se movia ao falar. Sentada na sua cama, marcava seu discurso pelos diferentes tons de voz em cada lembrança, ressaltando seu estado de ânimo ou mesmo a força de uma determinada lembrança.

Normalmente tinha o andar lento, usava muletas e sempre pedia ajuda de outras pessoas para se movimentar. Era muito religiosa (católica) e às vezes me pedia para escutar seus credos e rezas. Eram momentos íntimos, compartilhados com muito carinho e respeito.

Seu olhar era sempre carente, sua fala vitimizada, seu corpo lento, sofrido, sem quase expressão. A escutava com atenção e de corpo inteiro e sempre saía dessas visitas com algo pesado, com a impressão de que algo forte era trocado entre a gente. Quando demorava em lhe ver me dizia que tinha sonhado comigo e sempre agradecia bastando quando ia embora. A impressão é que havia muito ainda para chorar, pois suas palavras nunca eram suficientes. Terminada a entrevista, nos abraçamos e disse finalmente: “Tengo muuuchas cosas que contar. Mi madre decía, si supiera leer y escribir, una historia dejaría haciendo”.

8. 3 Transcrição da E.N da narradora EC3

I.	Material Cronológico/naturalizador	Não Cronológico/desnaturalizador
1		En mi vida me sentí bien, a veces algunas dificultades,
2		porque nadie quiso así, no?
3	En nuestra juventud, nosotras como huérfanas, la gente se portaba con	
4	grosería, una serenata ofensiva, en la familia éramos muy llevados, nos	
5	daban buenas ideas, para saber con lo que teníamos que trabajar, nos	
6	reuníamos para cualquier trabajo que sea. Nos ayudábamos mutuamente,	
7	éramos cinco hermanos. Una falleció con mi madre. Vivíamos con mi	
8	papá. Nos llevábamos para cualquier lado nuestras familias. Después	
9	trabajábamos en la base de mingas, nos daban 14 metros para construir la	
10	carretera, sob la inscripción de mi papá y mi hermano. En las mingas se	
11	agrupaba toda la gente que quería ir,	era bonito, una felicidad salir a estar ahí,
12	una vez unos tres señores iban a botar una piedra y no podían, ahí hicieron	
13	una apuesta, para que tres mujeres la conseguiríamos. Y la botamos! (risas)	
14	Trabajé en la minga hasta los 18 años. Hasta que llegó en primer carro en	
15	la carretera, salimos todos para ver! Luego empezamos otra minga para	
16	hacer el sub-centro de salud, a partir de una enfermera muy entusiasta que	
17	nos animaba para construirlo y pedíamos a otra gente para ayudar,.	
18	haciendo barro, cargarlos... y se hizo el sub-centro! Luego se hizo muchas	
19	obras delante,	está lindo! (risas)
20		Era muy divertido el trabajo de la minga. (risas)
21	Hicimos un huerto al lado del sub-centro también.	
22	Así, me casé con 35 años. Tuve un amiguito antes de mi matrimonio, y	
23	tuve mi primer hijo.	Me salió un hijo muy bueno, trabajador
24	desde niño le gustó trabajar para ayudarme, a él no le daba vergüenza de	

25 trabajar en lo que sea.
26 Lo que sí, era grosera a la defensa de mis hijos. Cinco tengo, tres mujeres,
27 dos hombres.
28
29
30
31
32
33 Mi mamá ha muerto de 28 años de dar la luz. De doce días quedó la
34 *huahuita*. A ella jamás le gustaba ser divertida, mi abuela le ha hecho que
35 se case con 14 años y ella no ha sido conforme al matrimonio, “¿porque al
36 señor no te hicieron casar?”... decía..
37
38
39 Mi marido pasaba lejos, a trabajar, entonces yo me quedaba y el no
40 molestaba. Lo mismo hacíamos grupos para reunir fondos para cualquier
41 cosita que se necesitaba, ahí salíamos a dar serenitos, a cantar, grupos de
38 mujeres para cantar, las mayores acompañaban las jóvenes para que les
39 respeten, que no hablen la gente, y yo acompañaba!
40 Mi cumpleaños es justo en la fiesta de cantonización, cuatro de julio, la
41 gente pregunta qué grande es la fiesta! Y todos, bailan, brincan, se
42 divierten. Pero yo no. Nunca me ha gustado. Todo me ha gustado colaborar
43 en lo que sea, manualidades, habilidades, verá. Pero bailar muy poco, si le
44 muevo un pie el otro se queda. (risas)
45
46 hice mucha fuerza por botar la piedra, y salió sangre de mi nariz, por eso
47 no me acercaba al fogón. Mis hermanas hacían todo. Y yo bordaba, no me
48 hacía daño, almohadones, cojines, hacía lo que me decían que haga.
49 Soñaba con hacer bellezas y al otro día me dedicaba a hacerlas!

Las mujeres tratamos de defendernos lo mejor pero la mujer siempre es deshonrada. Di o no di motivo. Y siempre hay un motivo u otro. Los hombrecitos son mas libres, salen, la preocupación de madre es más con un hombre que con una mujer, hay que buscarles. Las mujercitas sea como sea, son más apegadas a la madre...

A mi ya no me quedaba otro remedio. Póngase que me arrepienta, y ahorita yo con mis hijitos, dar un mal ejemplo hay que se conformar con lo que queda, no me queda más.

Hay cosas que quiero aprender todavía, a cocinar, pues sufrí desde joven

50 Antes solíamos tejer, tejíamos en grupo, tenemos fotos de esas reuniones
51 que teníamos, había una ayuda para las máquinas, por materiales, pero
52 nosotras nada, sin ninguna ventaja. Hicimos una colcha bordada, se
53 sacó en sorteo!
54 Una vez un señor abre la puerta para colaborar, y ese señor vino a bailar
55 con nosotras y su mujer, fue lindo! En la puerta de su casa!
56 Otra vez, aprobada la cantonización nos hicieron ir a Quito! Y como mi
57 esposo era colaborador, con los animalitos no le faltaba el dinero y yo sólo
58 con la vountad! Entonces nos mandaban a la esposa también, Amelia
59 Erraes y su esposo, trabajaron tanto para salir eso. Y yo no había llevado
60 cédula ni nada. Y ella me hizo pasar así mismo. Era una mesa redonda
61 donde aprobaban la cantonización.
62 Luego sufrí del hígado y tenía que hacer una operación, ya tenía un hijito
63 pequeño. Y unas amigas me llevaron para pasear una tarde, para que
64 disipe. Y en el camino encuentro a “mi diosito” (una imagen de Jesus), me
65 encontraba mala, y lo llevé enrollado en una manta hacia casa.
66
67
68
69
70 Un cierto día oí pelear una señora con una señorita, verá, les escuché ...
71 pero se decían cosas fuertes, ofendiéndose sin que usted imagine!
72

Qué lindo estar ahí!

Lo que me gusta de verdad es vivir en amistad con todos, perdonarse cualquier cosita que ha pasado mutuamente, yo sí, no he tenido rencor con nadie, porque si estoy con una venganza con otra persona no sirve de nada...

Cada uno tiene un criterio, no?

8.3.1 Núcleos Narrativos

Núcleos Principais	Sequência Narrativa (linhas)
Família	Eram muito unidos na família, valorização positiva (4, 7); Órfã de mãe, foi criada pelo pai (2, 7); Tem o primeiro filho antes de casar-se (23); Defende a seus cinco filhos, se necessário (26); Mãe morre de parto (33); avó arranja o casamento da mãe (35).
Casamento	Casa com 35 anos (23); Marido trabalhava longe e não lhe molestava (33); a mãe não concordava com o matrimônio (35).
Trabalho (coletivos)	Trabalhavam nas mingas da estrada (8); Tiraram pedra grande do caminho (12); Trabalho nas mingas do sub-centro de saúde (16); Construção coletiva da horta (21); participa de grupos para arrecadar fundos (40); Colabora com trabalhos manuais (43); Tecia em grupo (50).

Comentários

A narradora concentra seu discurso em apenas três núcleos principais. Além disso, a valoração da família e de como seus parentes estão presentes em todos os processos de sua vida, marcam a FAMÍLIA e TRABALHO COLETIVO como os núcleos destacados de seu discurso.

De todo modo, o tema transversal de sua trama é a participação coletiva. Todos os trabalhos que a narradora expõe que se envolveu ao longo de sua vida foram trabalhos coletivos, apoiados pela família e entre amigos/as. O assunto das *mingas* no Equador remonta uma tradição indígena de trabalho gratuito em comum a partir da reunião de colaboradores. São trabalhos geralmente pesados em que participavam e ainda participam muitas mulheres, principalmente indígenas, pois lhes reconheciam a força física de igual maneira que aos homens, ainda quando não lhes reconheça oficialmente esse trabalho: “nos daban 14 metros para construir la carretera, sob la inscripción de mi papá y mi hermano” (9).

A narradora nos apresenta então as mingas como reuniões festivas, já que muito provavelmente era o único espaço público permitido para a participação comum de mulheres jovens no contexto machista em que vivia. De fato, com estes grupos de trabalho e apoio elas conquistam muitas coisas, (espaço, amizades, e viagens), inclusive a participação nas políticas públicas de Nabón, como o exemplo da aprovação da cantonização (56).

De fato, a narradora através da exposição desses acontecimentos vai configurando uma imagem de si mesma valente e capaz, como quando pretende defender seus filhos: “Lo que sí, era grosera a la defensa de mis hijos” (26), ou acompanhar às jovens: “las mayores acompañaban las jóvenes para que les respeten, que no hablen la gente, y yo acompañaba!” (39) ou mesmo seus ideais “yo sí, no he tenido rencor con nadie” (68) e mostrar a força das mulheres ao carregar pedra (12). Às festas, vai mesmo sem saber dançar, e ainda que não possa cozinhar se especializa em trabalhos manuais, mais uma vez com o apoio da família, expressando com seus feitos a força de vontade e clareza de pensamento que lhe guia.

8.3.2 Análises das Personagens

Qualificativos	Responsabilidade (perseverança, trabalho, entusiasmo)	Solidariedade (Lealdade, bondade, solidariedade, ética, questionamento)	Violência/Acoso (agressividade)	Sociabilidade (Conciliação, tolerância, paz)	Egoísmo (intolerância, mesquinhez)	Beleza (sedução)	Submissão (Sofrimento, sacrifício, obediência)	Neutralidade (Sem caracterização especial)
Mãe		x						
Senhores da pedra	x							
Enfermeira	x							
Amiguinho								x
Filho	x							

Filhas								x
Marido	x							
Avó							x	
Irmãs	x	x						
Senhor que dança		x						
Amelia e esposo	x	x		x				
Amigas	x	x						
A narradora		x		x			x	

Comentários

Sua identidade é construída por elementos de estratégias e astúcias, sempre com um olhar crítico ante o feminino e às relações de gênero. Sua família, com personagens importantes e recorrentes, contribui na história de sua vida para dar a sua identidade o sentido que necessita na narrativa, no entanto, é importante ressaltar os papéis que desempenham outros grupos que participavam como amigos/as, vizinhos/as e gente alheia a seu círculo de contatos íntimos que cumprem o papel de colaboradores/as, de exemplos de vida e de impulsionadores/as de suas conquistas pessoais enquanto mulher.

De fato, percebe-se assim que a protagonista é ela mesma a autora de suas conquistas e logros, utilizando a linguagem também para ressaltar essa auto referêcia: “Me salió un hijo muy bueno” (23); e assumindo também quando se submete às tradições e pensa em separar-se para não dar mau exemplo a seus filhos: “y ahorita yo con mis hijitos, dar un mal ejemplo” (37).

É significativo também que o papel de mãe seja fortemente ressaltado frente a outros papéis em sua vida, exemplo da maioria de mulheres que vive em Nabón. Por sua parte, o “amiguito” que a narradora se refere como o pai de seu primeiro filho, sem nenhuma caracterização especial revela uma das experiências mais naturalizadas na comunidade que é a das “mães solteiras”.

Outra personagem importante que é ressaltada com nome e sobrenome em seu discurso é a ex-prefeita Amélia Arraes, mulher indígena responsável por um desenvolvimento significativo do cantão e parte de suas memórias pessoais também.

Finalmente é importante ressaltar o caráter comunitário de sua experiência de vida, típico das regiões rurais, onde o apoio e a própria trama de sua vida envolvem necessariamente grande parte da comunidade.

8.3.3 Espaço e ambiente - identificação dos principais cenários da narrativa

Espaço dimensional (físico)	Local de referência na E.N. (linhas)	Ambientação	Expressão subjetiva associada
Mingas estrada	8	Festa, trabalho coletivo.	Vitória, conquistas, alegrias.
Mingas Sub-centro	10	Trabalho duro, mas divertido.	Vitórias, ganhos.
Casa	33, 41, 48	Paz sem marido; Trabalhos manuais; Visitas periódicas.	Trabalho, segurança, alegrias.
Quito	50	Comemoração, cantonização; Participação no espaço político	Felicidade.

Comentários

Ressalta-se em sua narrativa uma boa movimentação entre o espaço público e o privado, com uma especial ênfase no público. Com liberdade auspiciada pela família e uma relativa independência do marido, a narradora resalta os ambientes importantes em sua vida, como as mingas que estavam sempre acompanhadas de uma expressão associada de alegria e conquistas.

Também, percebe-se que, como uma mulher dentro da sociedade machista em que se encontra, possui uma importante participação política, destacando os momentos de construção de espaços públicos importantes para a cidade, como a rodovia principal e o sub-centro de saúde, e também quando é convidada a comemorar em Quito o processo de cantonização de Nabón, inclusive reconhecendo a grandeza desses acontecimentos: “Qué lindo estar ahí!” (61).

De fato, apesar de que os espaços e a vida comunitária sejam lugares onde as mulheres participam ou atuam com mais força, não quer dizer que sejam espaços horizontais. Segundo Herrera (2009), um dos elementos decisivos para os processos de organização das mulheres, o desenvolvimento de suas liberdades, a organização de seu lugar no mundo e a implantação de suas habilidades e destrezas, estão relacionados com o tipo de carácter de relações de gênero presentes localmente. (p. 92).

Destacamos estas reflexões porque a narradora registra estes espaços como significativos no seu texto e na sua vida como mulher, encontrando nesse ponto uma afirmação distinta de sua vida e de seus ganhos junto à comunidade.

Definitivamente, o conceito de comunidade que nos referimos aqui se aproxima ao de Paredes (2010) em seu feminismo comunitário, que o apresenta como uma alternativa à sociedade individualista que herdamos do ocidente, onde neste modelo a ideia central é de grupos irmãos com visibilidades complementares entre homens e mulheres que possam construir comunidades a partir de seu próprio corpo e identidades mutantes.

Colaborando com o conceito de Yuval-Davis (1997) “É importante não perceber ‘a comunidade’ como uma unidade natural dada, a qual um pode pertencer ou não. As coletividades e ‘comunidades’ são construções ideológicas e materiais, cujas fronteiras, estrutura e normas são o resultado de processos constantes de luta e negociação” (p. 111).

No discurso da narradora EC3 é ressaltada esta ideia, combinada com seus próprios exemplos, para sinalizar que o processo de desenvolvimento social, econômico e político se relaciona com a liberação do tempo, com o processo de organização e capacitação, o qual termina convertendo-se em estratégia de organização social e coletiva para as mulheres e para a comunidade inteira.

8.3.4 Tempo

A narradora centra seu relato em sua juventude, um tempo de liberdade, de festas, de conquistas e de participação política. Escolhe usar decidida esse espaço de tempo em grande parte de seu discurso e o avalia como singular para sua construção identitária e a de sua comunidade.

Com um discurso bem ritmado, com quase nenhuma pausa reflexiva ou emotiva, a narradora mantém bons fluxos de movimento passado-presente, centrando, contudo, suas reflexões e ações neste passado recente, quando era jovem e construía as bases para uma situação estável da vida atual.

Poder-se-ia dizer que estas lembranças confundem-se também com as da comunidade, conformando uma memória única, coletiva, onde interpreta suas vivências em conjunto com as vivências coletivas, proporcionando coerência simbólica, cultural, histórica, política e pessoal na reflexão do passado e do presente.

De fato, as histórias de vida de mulheres rurais são também a expressão de uma memória coletiva produzida na interface entre a vida privada e a história social e cultural. Funciona como um dispositivo cultural, uma tática geradora de sentido, onde a memória é capaz de refazer o vivido ao narrá-lo. Como afirma Bosi: “Escutando depoimentos orais, constatamos que o sujeito mnêmico não se recorda de uma ou

outra imagem. Ele evoca a voz, faz falar, diz outra vez o conteúdo de suas vivências. Enquanto evoca ele está vivendo atualmente e com uma intensidade nova sua experiência” (Bosi, 2003, p. 44).

Curiosamente, e com um tom sempre alegre respeitoso, no final da entrevista mostra-se preocupada se essa ia ser publicada em alguma revista local, porque todos a conhecem e não queria comprometer-se.

8.3.5 Material não indexado (não cronológico/desnaturalizador)

Linhas	Transcrição	Análise retórica
1,2	En mi vida me sentí bien, a veces algunas dificultades, porque nadie quiso así, no?	Compreensão, em caráter de síntese, acerca de seu bem estar.
11, 20	era bonito, una felicidad salir a estar ahí; Era muy divertido el trabajo de la minga	Análise dos sentimentos acrescidos à participação das mingas.
19	está lindo! (risas)	Avaliação de seu próprio trabalho coletivo.
26	Me salió un hijo muy bueno,	Ênfase no bom caráter de seu filho homem.
27	Las mujeres tratamos de defendernos lo mejor pero la mujer siempre es deshonrada. Di o no di motivo. Y siempre hay un motivo u otro. Los hombrecitos son más libres, salen, la preocupación de madre es más con un hombre que con una mujer, hay que buscarles. Las mujercitas sea como sea, son más apegadas a la madre...	Consciência da violência machista. Reflexão dos papéis de gênero, enfatizando a liberdade do homem e a dependência das mulheres.
36	A mi ya no me quedaba otro remedio. Póngase que me arrepienta, y ahorita yo con mis hijitos, dar un mal ejemplo, hay que se conformar con lo que queda, no me queda más.	Autoanálise do comportamento tradicional frente ao casamento; Ênfase no exemplo para os filhos.
44	Hay cosas que quiero aprender todavía, a cocinar, pues sufrí desde joven	Assume seu sofrimento e expressa sua vontade de aprender.
61	Qué lindo estar ahí!	Consciência da importância de sua participação.
66	Lo que me gusta de verdad es vivir en amistad con todos, perdonarse cualquier cosita que ha pasado mutuamente, yo sí, no he tenido rencor con nadie, porque si estoy con una venganza con otra persona no sirve de nada...	Avaliação sobre seus valores pessoais; Atitude aberta; Reconhecimento do valor das boas relações.
72	Cada uno tiene un criterio, no?	Confirmação de uma atitude equilibrada e imparcial.

Comentários

Começa sua narrativa com uma síntese de como encara sua vida atual, mantendo uma autoanálise coerente ao longo do texto e finalmente recapitulando seus valores ao final do seu discurso.

Observa-se um pequeno espaço na sua história para sua análise retórica (material não-cronológico), mas quando o faz trata de avaliar e refletir sobre aspectos de sua identidade e da identidade coletiva em sua experiência de vida, com reflexões pontuais, porém sem deter-se muito.

Assim, a narradora revela em suas reflexões um caráter crítico ante aos aspectos familiares, de gênero e comunitários, fazendo um esforço para avaliar suas ações baseadas nos exemplos e na experiência.

Também, afirma sua vontade de seguir aprendendo: “Hay cosas que quiero aprender todavía” (44); relevando seu caráter aberto e receptivo; valorizando os momentos coletivos, a alegria de poder ajudar-se mutuamente com a impressão de que isso também e especialmente, pode favorecer as mulheres que estão imersas ainda em modelos de culturas tradicionais como a sua, servindo também de exemplo frente a suas próprias filhas (duas mães solteiras).

Com estratégias claras de coesão, de agrupamento, e valores expressos de apoio e colaboração mútua, a narradora constrói um relato coerente com suas práticas, utilizando algumas vezes a forma diminutiva (hábito comum da linguagem da serra, inclusive entre os homens), misturando também com o idioma *kichua* em sua narrativa.

O aspecto religioso também é ressaltado quando recorre a uma imagem de Jesus com carinho, aceitando isso como um presente ou mensagem divina: “Y en el camino encuentro a “mi diosito” (64).

Com uma atitude imparcial e equilibrada, termina seu relato, deixando claros seus valores sobre o diálogo, a compreensão recíproca e a boa relação com os demais.

8.3.6 Itinerários Corporais

Conheci-a através de um companheiro de trabalho que me indicou sua casa e a encontrei precisamente em uma das visitas do projeto às famílias com idosos/as que não podiam acudir às reuniões do bairro por motivos de saúde.

Esta senhora me recebeu em sua casa desde a primeira visita com uma alegria impressionante. Caminhava devagar, pois tinha um problema em suas pernas e por este motivo não saía de casa há alguns anos.

Vive com um chapéu dentro de casa que lhe dá uma imagem sóbria, austera e com seu peso um pouco aumentado às vezes caminhava com um cajado, o que lhe impunha ainda mais respeito. De todas às vezes que a visitei não me apresentou seu marido nenhuma vez, ele mesmo apresentando-se numa certa ocasião. A sensação era que ela mantinha um lugar de poder na casa, com seu grande jardim, três filhas e dois netos ao seu redor.

Tecia e cuidava das partes fáceis do jardim. Aceitou a entrevista depois de que lhe explicara muito bem o objetivo de minha pesquisa. Sentamos então numas cadeiras do próprio jardim interno de sua casa.

Pedi em seguida a sua filha que nos preparasse um café e começamos. A entrevista fluía com muita alegria, a narradora ria com o corpo todo recordando-se de suas façanhas quando era jovem. Parecia muito satisfeita com o que dizia e escutava, inclusive um pouco orgulhosa de recuperar essa memória de logros coletivos e vê-se implicada em tantas ações importantes.

Às vezes, seus netos se aproximavam e ficavam escutando suas histórias um momento sem incomodar. Não nos tocávamos nada, somente no momento de cumprimentar-nos. Assim, com roupas de cores sóbrias e pesadas por causa do frio, e um tom de voz suave, divertido, terminamos a entrevista rindo. Desliguei o gravador, mas ela continuou me contando episódios curiosos de sua vida.

Por isso mesmo, ainda voltei ali muitas vezes. Seu abraço era tão caloroso e era uma maravilha sentar-me a escutá-la em seus tempos de mãos e pernas ágeis como o seu olhar e a sua voz.

8.4 Discussão dos dados

A trajetória coletiva das mulheres de Nabón

Após analisar as três entrevistas, encontramos nessa pesquisa narradoras que através de exemplos de lutas diárias refaziam seu cotidiano com a ajuda do corpo e da palavra, adotando uma atitude forte, ainda quando oprimidas em relação ao marido ou às condições de vida.

Por se tratar de três senhoras idosas, a presença em seu discurso e em sua vida de uma dupla discriminação, de gênero e geracional (tratamento desigual e desfavorável a uma pessoa em função do sexo e da idade, respectivamente), permitiam-nas ainda assim desafiar seus estigmas e construir uma identidade a partir de seu próprio conto de vida. O que foi, ou o que podia ser, configuram um modelo de vida que implica toda a comunidade e reforça padrões de mulheres singulares em Nabón. Esta característica as coloca numa posição de resistência a todas as experiências significativas de sua vida e em seu papel como autora de cada história.

Além disso, a parte do que vivencia uma estrangeira nesse contexto ao escutá-las, era notório que lhes era permitido viver em primeira pessoa devolvendo também o poder da palavra na própria divulgação de sua vida. Uma autoridade que era compatível com a experiência de sua vida, com suas respectivas liberdades, memórias e desejos reconhecidos.

O período de vida que narram as três mulheres, faz referência ao processo de modernização anterior ao tempo atual vivido na cidade. Naquela época, as mulheres de Nabón suportavam condições de vida extremamente precárias, na medida em que a moradia, saúde, educação, saneamento, água potável e emprego não estavam disponíveis pela ausência do Estado e, portanto, famílias inteiras viviam não só a escassez dos meios de produção e das condições naturais, mas também uma precariedade estatal que lhes faziam permanecer num estado sistemático de pobreza.

Como exemplo daquela situação, as narradoras recordam alguns episódios com uma forte carga simbólica ou emocional acrescentada. Ex.: O problema da falta de opção para estudar: “No iba a estudiar porque no había escuela” (EC1, 2). Ou quando

havia, o sacrifício para chegar, o que as faziam abandonar: “Nos pusieron en una escuela, y cuando llovía subía una quebrada que no había quien pasarse, y a veces amanecíamos ahí...” (EC2, 40).

Também recordam acidentes que implicam a falta de uma assistência médica básica, e conseqüente ausência de hospitais, ou qualquer centro de saúde: “Mi papá se ha quedado huérfano de los padres en aquellos tiempos que daba la fiebre, no? (EC2, 3) ou quando morriam de alguma doença sem nome específico: “murió de riñón acabado” (EC2, 8).

De fato, a vida na cidade também representava precariedade naqueles tempos, como a narradora EC2 relata: “venimos a Nabón, vivíamos metidos como chanchitos, en una casita de paja, el agua cogíamos lejísimos, en la acequia” (44).

Sem dúvida, é evidente que para a estruturação e modernização social as mulheres são uma base fundamental na manutenção de todas essas ações, pois seu trabalho é um elemento que brinda coesão e estrutura social e coletiva, principalmente no caso de Nabón, onde a migração masculina continua aumentando.

Não obstante, como declarado pelas narradoras, essa participação social é quase sempre condicionada por uma assessoria masculina, como comenta EC3: “nos daban 14 metros para construir la carretera, sob la inscripción de mi papá y mi hermano”(9), ou mesmo na própria ausência do Estado para a execução de obras como a rodovia, em que se acudia às *mingas*, a permissão era dada a um familiar do sexo masculino, representante do acordo legal, o que inibia a expressão da voz feminina num espaço político por excelência.

Assim, ao nosso entender, os distintos processos que condicionavam e limitavam a vida das mulheres há que ressaltar a imbricada relação de classe, etnia e gênero, que estão ligados intimamente aos processos históricos da comunidade, e são também definidos culturalmente.

Contudo, é evidente que as mulheres atualmente se encontram em melhor situação que faz algum tempo em Nabón. Aqui, quiséramos desenhar com palavras a fotografia mais comum do cotidiano do lugar: mulheres, em sua maioria em idade avançada, em constante trabalho do campo. Semeando, limpando as ervas, cultivando,

criando, embelezando com suas saias coloridas as montanhas verdes e afirmando uma força indiscutível, motor de toda uma comunidade que resiste.

As mulheres são a maioria esmagadora nas mingas, nas reuniões, nos trabalhos do campo, nas tendas locais, nas assembleias¹¹ e isto cria condições para o desenvolvimento de sua autoria. Esta presença majoritária se converte numa realidade inegável que poderia orientar até mesmo ações políticas.

Não obstante, no cantão não existem organizações políticas de mulheres, não há ações específicas para os temas de violência familiar e seu trabalho continua sendo desvalorizado pela estrutura social. E nesse contexto, infelizmente a voz das mulheres de Nabón quase não se escutava. Colaborando com isso, é fácil recordar como impressionava o sotaque da “gente das montanhas”, sempre de tom baixinho e doce, usando preferivelmente diminutivos, desde reuniões formais até brigas de galos.

Esse traço cultural nos permite analisar os aspectos mais regionais e locais das heranças linguísticas que supõe uma sociedade dividida etnicamente e com processos de descolonização ainda por viver. Os recorrentes vocábulos no diminutivo utilizados pelas três narradoras, ainda mais ressaltados no discurso da narradora EC2, expressam uma vivência rural forte e um uso da linguagem condicionado a seus processos de vida, como também uma determinada ênfase discursiva, direcionada a distintas representações. Como exemplo, a ideia que um vocábulo diminutivo pode representar uma expressão de carinho, ou de desprezo. Ex.: “La otrita, vive por Machala, por ahí” (EC2, 86); para generalizar, EC3: los “hombrecitos (29); mujercitas” (32); ou para enfatizar: “mi diosito” (64); “mis hijitos” (37).

A isso, acrescentamos a frequência com que usam o pronome formal *usted*, sem nenhuma referência especial, aplicando-o até mesmo às crianças. Ex. EC2: “sin que usted imagine” (70). Esse hábito sugere uma herança bastante “colonizada” da linguagem, como algumas outras expressões que costumamos escutar em todo o povoado, como os carregados pedidos de desculpas, ou os recorrentes pedidos de permissões e o uso constante do diminutivo, revelando ainda uma expressão servil na

¹¹ “as assembleias são um paradigma dos processos locais da descentralização de fato e não só têm distinto caráter senão que muitas delas foram cooptadas para ritualizar e instrumentalizar a participação com metodologias próprias” (Herrera, 2009, p. 15).

linguagem e nos corpos, com posturas e olhares frequentes “de submissão” ou de inferioridade, facilmente visível nas mulheres.

Complementando essa linguagem tão específica, o uso de vocábulos no idioma *kichua* (próprio desse território e anterior à colonização) permanece ainda infiltrado no uso corrente da língua em expressões e vocábulos simples, ex.: “Mi papa *huambra*, se casa con mi mamita” (EC2, 8; *huambra* = joven); “Se apropia de las *huahuas* y las ha criado” (EC2, 6; *huahuas* = crianças). Além disso, em algumas construções orais, o modo de posicionar o objeto e o sujeito das frases correspondiam, ainda, a essa herança *kichua* e normalmente se escutava: Ex. EC2: “Por la noche era...” (58); “ni nada saber de él” (75); “Una finca después le daba una señora para sembrar para comer” (101).

Destacamos estas reflexões porque a linguagem trágica, naturalizada, também é traço estrutural das falas das narradoras no contexto em que vivem: EC1 “¡Qué bestia de dolor!” (59).

Segundo Iñiguez (2003), como nossa maneira de falar:

a seleção que realizamos ao produzir discursos através de recursos ou estratégias discursivas que dispomos, responde a nossa interpretação aos acontecimentos, a qual responde e obedece, por sua vez, a nossa situação e posição social, a qual seja nossa participação em tais acontecimentos, a qual é o nosso grupo de pertencimento, a quais são nossos interesses, a qual é o nosso posicionamento frente às ideologias, aos valores e aos discursos hegemônicos (p. 190).

Deste modo, as narradoras constroem com sua própria linguagem sua história e seu mundo, deixando transpassar esses valores e estigmas de sua vivência, bem como a de seus ancestrais.

Focalizando agora nos núcleos narrativos principais construídos pelas três senhoras entrevistadas, enfatizamos o TRABALHO, com suas contradições campo/cidade; o CASAMENTO, e suas implicações afetivas; e a FAMÍLIA como eixos discursivos e construídos coletivamente. Analisaremos assim, os pontos de convergência enunciados pelas narradoras, enfatizando que não estamos buscando encontrar significados comuns, mais sim prosseguir analisando estes traços como a realidade discursiva disponível.

Em Nabón, a agricultura de subsistência persiste como predominante em quase todas as casas. De fato, o panorama visual da cidade, tirando o núcleo central igreja,

prefeitura e praça, são casas geralmente isoladas uma da outra, separadas por diversos cultivos próprios.

Todas as informantes entrevistadas e outras com as quais tivemos contato enfatizam suas experiências de vida neste ambiente rural, de cultivos, de trabalho duro, e de trabalho coletivo. Essa prática predomina ainda hoje, junto ao crescente interesse em comercializar estes mesmos produtos.

Contudo, pese a que é conhecido o papel central das mulheres no trabalho produtivo e na administração dos bens, estas, ao não lograr o controle legal ou formal das terras ou da produção, somente fático sobre os escassos recursos, contribuem para manter um papel inferior e subordinado nas economias campesinas.

Seguindo com as análises do historiador Herrera (2009), o escasso controle que as mulheres têm sobre a terra, mostra que não são ou não têm sido reconhecidas como sujeitos produtivos livres ou iguais aos homens, já que “o impacto que as mulheres controlem legalmente pouquíssima parte da terra, e que elas careçam de autonomia para transformar seus espaços de produção e reprodução, aumenta desta forma sua dependência aos maridos” (p. 46).

Desta maneira, apesar de inúmeras senhoras idosas passarem toda a vida com as mãos na terra, no momento de decidir sobre os processos de compra e venda, arranjo ou troca, têm que acudir a seus filhos homens da capital, para assinar e responder pelos acordos legais, segundo sua própria conveniência e implicação.

É importante também sublinhar que a situação das mulheres depois da reforma agrária se mantém ao passo que persiste o papel de servidoras da terra, com o cuidado diário e a entrega de toda uma vida (EC2).

A essa situação, acrescenta-se a sobrecarga laboral das mulheres de Nabón decorrentes ainda da migração de seus companheiros (temporal ou definitiva), o que limita seu tempo para realizar outras atividades envolvendo, efetivamente, o trabalho das crianças na atividade produtiva e reduzindo suas possíveis atividades educativas ou de ócio.

Assim, como prevê o informe do OIT-PNUD (2009), “Não é possível enfrentar a exclusão social, a desigualdade e a pobreza se não se aborda ao mesmo tempo e com a

mesma energia a sobrecarga de trabalho das mulheres e a falta de ocupações para elas” (p. 13). Segundo a comissão econômica da ONU, a mulher latino-americana trabalha mais, ganha menos e, é a principal vítima da violência e da pobreza. A América Latina continua sendo a região mais desigual do mundo e se intensificam as brechas entre gênero, etnia e raça.

Por outro lado, na comunidade a “presença” dos homens não implica necessariamente uma redução de seus labores, como recorda EC2: “Porque tenía que trabajar. Hembra y varón, cargando leña y con eso les mantenía” (89).

Porém, essa suposta complementação que viviam as mulheres indígenas, ou não indígenas, de alguma maneira lhes dava una visibilidade. Como registra a narradora EC3: “Lo mismo hacíamos grupos para reunir fondos para cualquier cosita que se necesitaba” (40). O modo de enfatizar o espaço público e coletivo do trabalho e de suas vivências, como as mingas, ou qualquer reunião com fins coletivos, lhes oferecia às mulheres uma expressão para fora, diferente de seu estigmatizado papel doméstico e oculto, distinguindo-se da situação das mulheres em geral do cantão.

Em concordância com Herrera (2009), a situação das mulheres “se refere às condições sócio-econômicas e políticas das mulheres em relação aos homens em uma sociedade dada, quer dizer o lugar de marginalização e exploração que lhes era designado pelas relações de poder às que estão sujeitas e que podem ser sujeitas de transformação desde sua autoria em relação aos homens e ao modelo de sociedade- neste caso, patriarcal e capitalista” (p. 9).

Em relação ao tema afetivo, o casamento aparece como ponto central em suas histórias referindo-se ao que pode haver sido ou não amoroso em sua vida. Com pouquíssima expressão linguística de afeto, essas mulheres narram o casamento como um fato muitas vezes natural, arranjado pelos pais em circunstâncias específicas e que quase nunca lhes trazia felicidade. No caso da narradora EC1, viúva já há muitos anos, a recordação de seu casamento lhe traz um sentimento de muita ilusão, “El día de mi casamiento fue hermoso... Si alguno lo viera así no sentía dolor” (89); diferente da experiência de traição vivida pela narradora EC2 que a traumatiza profundamente em relação a um suposto casamento por amor: “Así no tuve marido ni novio, ni nada. ¿Para qué? Él ya me hizo eso, pues. Mejor no haber como estaba” (79).

Estes relatos tão diferentes revelam em comum um desejo por uma relação verdadeira, amorosa, como o mesmo mito do amor romântico que falávamos anteriormente. E como, curiosamente, esse mito não inclui o de ter filhos e cuidá-los por toda a vida, as três narradoras tiveram ou criaram filhos de homens diferentes de seu marido ou futuro/finado marido.

Essa característica, extremamente natural na comunidade, revela um dos mais altos índices de abandono de mãe solteiras da região. Durante o período de vivência em Nabón era muito mais comum encontrar mães solteiras que mulheres solteiras, numa proporção relevante. Ou seja, a naturalidade deste tipo de vivência do corpo feminino, uma realização para algumas, e para outras um acidente pouco trágico, leva a uma construção coletiva do imaginário social destas mulheres de que o papel de mãe é anterior e mais importante que qualquer outro, típico das comunidades com pouca instrução ou vivência saudável da sexualidade a ambos gêneros, amparada em papéis tradicionais que mantêm as mulheres atadas a suas próprias crenças.

Estas experiências geralmente direcionam a uma naturalidade da violência contra a mulher e doméstica. Segundo dados do último censo do país (INEC, 2010), apesar de que os divórcios hajam crescido o dobro que os matrimônios nos últimos dez anos, nove em cada dez mulheres separadas no Equador sofrem violência de gênero. E 90% das que sofreram essa violência dentro de um casamento, não se separaram (INEC, 2010).

Este modelo tradicional de naturalizar a violência doméstica, EC1 viveu e nos conta: “Yo con mi marido, no peleábamos grave, así el venía, me pegaba un trompón, dos, y me dejaba porque el dicho era, cuando nos casábamos o cuando íbamos a casar: hay que oír !!” (44), e segue com seus ensinamentos: “Vos comprenderás, tu marido está bravo, vos le dice una palabra y nada más, pasa. Así te venga querer matar no tendrás más coraje. Si tú estás brava, que calle, vea” (48).

Ou seja, dentro da relação doméstica com o companheiro que não emigrou, prevalece o estigma estabelecido de violência, como corrobora a narradora EC3: “Mi marido pasaba lejos, a trabajar, entonces yo me quedaba y el no molestaba” (39).

Para terminar, nos dados da região o índice de violência de gênero é de quase 70% da população feminina, dividindo-se em psicológica (60%); física (44%), patrimonial (40%) e sexual (27%).

Com estes dados, entramos na discussão do último tema selecionado pelas próprias narradoras e que remete a um grande protagonismo em sua história de vida: a família.

Este núcleo narrativo, em relação á trajetória de vida coletiva e singular das narradoras de Nabón é apresentado em estreita relação aos aspectos tradicionais das práticas comunitárias de cada uma.

Neste sentido, resulta muito sugestiva a necessidade expressa por Julieta Paredes de “descolonizar o gênero” (2010, p. 24), pensando de maneira mais situada as verdadeiras tradições e as que se geram a partir de modelos coloniais.

Esta feminista, impulsionadora de um feminismo latino-americano denominado Feminismo Comunitário ou Indígena, questiona as sociedades patriarcais, racistas e sexistas dentro das sociedades latino-americanas, ao mesmo tempo que interroga os usos e costumes de suas próprias comunidades e povoados que ainda mantêm subordinadas as mulheres.

A partir de um questionamento aberto e lúcido ao indigenismo, desmitifica a ideia de complementariedade desequilibrada e enganosa veiculada por determinadas teorias e práticas vigentes. Essa ideia põe as mulheres numa posição complementar aos homens, tal como a cosmovisão indígena prevê, a exemplo de outras dualidades contrárias da natureza, como a terra e o céu, o sol e a lua, etc. A autora questiona este “indigenismo que remete à época pré-colonial como algo idílico, mas que não reconhece patriarcalismos, opressões, autoritarismos e injustiças herdadas e que claramente estavam presentes nas sociedades pré-coloniais também” (idem, p. 46).

Assim, segundo a autora, toda essa ideologia de igualdade de oportunidades e a equidade de gênero propostas por um ocidente rico esconde matizes de subordinação e de atraso ante a verdadeira liberdade das mulheres.

Em definitivo, este feminismo mais que teórico, de renúncia e resistência, traz estratégias ao “teórico” par complementar homem/mulher com um par horizontal,

harmônico, recíproco, de presença, de existência, representação e decisão (Paredes, 2010).

Neste sentido, ainda se observa o aspecto tradicional das famílias no discurso das narradoras, enfatizando o papel de seus ancestrais e mantendo o que aprenderam de suas mães e avós, como se pode ver no extrato da narradora EC3, quando se refere a uma possível separação: “A mi ya no me quedaba otro remedio. Póngase que me arrepienta, y ahorita yo con mis hijitos, dar un mal ejemplo, hay que se conformar con lo que queda, no me queda más” (36).

Dentro deste modelo que “há que seguir”, encontramos facilmente a naturalização de práticas racializadas, sexualizadas e subalternas a que percebemos necessário registrar com uma intenção de “descolonizar”.

Nas palavras de Curiel (2007), a descolonização é a “necessidade de um processo de luta política desde as pessoas colonizadas contra a negação de sua identidade, sua cultura, contra a redução de sua auto-estima” (p.95). Este processo atua precisamente na estrutura de dominação e exploração que se estende até hoje em dia como seqüela do colonialismo original, mas também de todos os supostos colonialismos que as mulheres sofremos desde distintas épocas, inclusive a períodos anteriores à colônia peninsular.

Segundo Herrerria (2009), a história colonial, desde a violência e o medo, superpõe ao tempo que naturaliza a dominação de classe e a segregação étnica sobre a sociedade em seu conjunto, onde o racial e o cultural são utilizados para justificar as diferenças sociais, de gênero, e a exploração econômica, chegando assim a naturalizar a violência sobre as mulheres, especialmente nas maneiras particulares de conceber o masculino e o feminino indígena (p. 38,39).

Para isso propomos, ao não exotizar as indígenas, uma escuta aberta, sem estigmas dessas vozes silenciadas, destas (re)construções de vida a partir de um passado coletivo, vivido paralelo à permissão de um machismo estrutural e limitante.

A agência dessas mulheres é construir pensamento, construir um corpo de lembranças, um corpo de reivindicações. É também construída junto a um cotidiano de resistência, a um comportamento silencioso, confrontador que, com o corpo e com a voz

desenha uma presença, uma força. Suas cores identitárias perfilam num mesmo corpo sua atuação, suas expressões e suas carências.

Assim, inspirando-nos nos autores já citados, resta-nos enfatizar a importância de despartriarcalizar a memória, como pretende Paredes (2010), para poder construir um corpo de história, de reclamações, de vivências e de visibilidade acessível a outras gerações onde a memória coletiva nos permita fixar os pontos de referência histórica de onde as mulheres de Nabón possam interpretar seu corpo e seu território:

A memória nos fala de onde viemos, que problemas, que lutas se deram no meio, como assim as mulheres estamos onde estamos, nos fala de como antes, também houve mulheres rebeldes. Nos permite recorrer a mulheres de nossas comunidades em suas resistências antipatriarcais e nos permite reconhecer as que hoje ainda estão nas comunidades e valoradas, algumas de elas ancianitas, valorar seus aportes a nossas lutas como mulheres (Paredes, 2010, p. 48).

Assim, a memória coletiva dessas mulheres permite indagar pelas representações e imaginários de identidades organizadas no calor do processo de construção de si mesma; atualizada, singular e sempre situada.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

Nosso estudo refere-se a uma análise interdisciplinar da identidade de gênero a partir da voz de mulheres de culturas populares do Brasil, Galícia e Equador. Ao concluí-lo tentamos fazer uma análise dos principais pontos de maior relevância, segundo nossa percepção, de seus possíveis aportes e desafios, dentro de uma perspectiva global, mas não generalizante, e como não, também algumas possíveis limitações.

Desde um primeiro momento éramos conscientes de que era um risco enfrentar uma pesquisa com os temas do feminino, a partir da análise de diferentes linguagens na construção identitária. Ao encará-lo, a diferença não estava em que uma mulher o fizera, mas que decidisse fazê-lo através de vozes de mulheres marginadas, procurando aproximar o discurso científico do discurso ordinário e ao contrário, analisando diferentes grupos culturais e sociopolíticos.

Ao tratarmos a fala de mulheres, nos deparamos com diversos caminhos possíveis de interpretação. A partir dos objetivos propostos, encontramos formas de resistência em contextos cotidianos pela compreensão dos significados socialmente compartilhados por nove mulheres que vivem e narram histórias de vida singulares. Em maior medida, este estudo se apoia no questionamento do gênero como categoria analítica para questionar certas construções assumidas como *naturais*.

Portanto, reconhecemos neste trabalho algumas iniciativas originais e por isso mesmo, estimuladoras do papel que temos nós, psicólogos/as, frente aos fenômenos e processos psicossociais e o que estes necessariamente envolvem.

A partir desses elementos, esse trabalho se articulou desde três rupturas epistemológicas que nos permitiram um relato inovador e desafiante do papel da pesquisa social.

A primeira é a ideia de que o discurso é uma construção da realidade, e para isso nos amparamos na proposta da identidade narrativa (Ricoeur, 1994, 1997) revelada na

comunicação oral. Os aspectos envolvidos na reelaboração narrativa do eu (histórico, ficcional e culturalmente situado) foram tratados à luz de conceitos como o de memória coletiva de Halbwachs (1990), que pressupõe uma natureza social e construtivista da memória, visível nas lembranças dos indivíduos.

A seguinte ruptura se deve ao fato de considerar a metodologia qualitativa como um aporte de cunho teórico para pensar as práticas da pesquisa em psicologia social. Seguindo os passos de Billig (1987), Potter e Wetherell (1987) e Spink (2000), mostramos que essa forma de tratar os dados responde também por ciência e está em crescente aplicação dentro das propostas que se distanciam severamente da psicologia mais estendida e tradicional em linha com o positivismo.

E a última, e não menos polêmica, é o reconhecimento que o corpo também possuiu uma linguagem compreensível (Esteban, 2004). Ou seja, consideramos o corpo um lugar que está situado entre o material e o linguístico e sua capacidade de ação, junto com a fala (corpo/fala; ato de fala) podem produzir biografias. Analisado esses aspectos junto com as histórias de vida, concluímos também essas eloquentes manifestações não-verbais devem ser escutadas como uma forma de resistência em vistas à libertação.

Nesse percurso, nos deparamos com questões advindas de outras áreas de conhecimento que, colaborando com a base teórica da psicologia social, contribuíram para a discussão de temas afins, como a resistência e a liberdade (tratado por filósofos, linguistas e literatos), e os variados problemas históricos e culturais, como a exclusão social, questões étnicas e as próprias relações de gênero (apoiadas por conceitos antropológicos, sociológicos e feministas).

No período de realização dessa tese dentro de temas em contextos tão diferentes, o crescimento e a aprendizagem foram sobressalentes em relação às dificuldades e desafios. Portanto, ao se trabalhar com as narrativas dos sujeitos das pesquisas, estamos não só participando da sua história, expressa na experiência vivida. Também participamos da reconstrução dessa identidade coletiva, estratégica, conjuntural, através da profusão de sentidos que revelam a fala e o corpo.

Daí que o intersubjetivo seja tão importante neste tipo de pesquisa. Porque exige aprender a confiar em métodos de percepção que se experimentam em determinados contextos de relação, muitas vezes não reproduzíveis num outro lugar.

Dentro dessas contribuições, essa tese também nos mostra a importância dos diferentes feminismos para fazer circular a voz e o corpo dessas mulheres e de tantas outras implicadas numa transformação justa e social da vida de todas as pessoas. Com uma verdadeira vigilância ao revelar esses controles simbólicos através da fala e do comportamento, essa postura propõe um diálogo mais inteiro, mais político, em sua amplitude conceitual, dentro das ciências humanas, especialmente na psicologia social, como o propõem psicólogas e feministas aliadas a essa transformação. (Wodak, 1997; Brandão 2011, Wilkinson, 1997).

O avanço científico e tecnológico, a rapidez das informações, além do sentimento de desamparo e de desilusão que permeiam a sociedade contemporânea, parece ter efeito na diminuição do comportamento de sentar e “jogar conversa fora”. Contudo, esse hábito é ainda comum em bairros da periferia e zonas rurais revelando também um sentido reivindicatório- o relato de uma dor para um/a ouvinte empático/a e sensível.

Dentro da proposta de identificar os principais temas e motivos que surgem nas narrativas de vida das mulheres, distinguimos os significados que são codificados pelas condições socioculturais, étnicas ou de gênero, bem como aqueles que revelam suas experiências mais singulares. Para isso, desenvolvemos uma atitude etnográfica durante todo o período de campo, propondo em seguida um método de análise do material coletado que pudesse abranger a gama de aspectos reconhecidamente importantes enunciados pelas próprias entrevistadas.

Entendemos, pois, que, aplicada às ciências sociais, a ferramenta etnográfica ajuda precisamente aos/às pesquisadores/as sociais a escutar de uma maneira muito mais integral o *entorno*, e tudo o que este implica. Já que diversas expressões desse social não se formam, nem podem ser capturadas na entrevista, mas são apreendidas durante o tempo em que convivemos com os grupos em contato, junto com as vivências no coletivo do qual elas fazem parte.

Por outro lado, acreditamos que nós temos, como pesquisadores/as sociais em geral, muito o que contribuir para os endêmicos problemas de injustiça social, entrando em contato com práticas da psicologia mais críticas e comprometidas, e assim reafirmando uma postura não-neutral que se alie continuamente com os movimentos de resistência cotidianos

Assim, a partir de nossa escolha teórico-metodológica, analisamos a estrutura das narrativas, com a inspiração da análise do discurso (Iñiguez, 2003), observando o plano de constituição da história contada, visando explicitar a organização das ações, os personagens e espaços enunciados pelas narradoras, a categoria do tempo e os aspectos mais retóricos do seu discurso, de modo a compreender o *como* as mulheres contam sua vida e comunicam o sentido mais profundo do que lhes ocorreu, incluindo ainda em nossas análises a descrição de sua expressão corporal na construção desses sentidos.

A despeito disso, comentamos que a estratégia de dispor as entrevistas em quadros de análise foi estritamente com fins didáticos e serviu para dar mais espaço à nossa interpretação e à sua própria voz, com a intenção oposta: *desenquadrar* suas análises e sentidos mais profundos. Inclusive, o fato de deixar registrado no texto às línguas originais das narradoras revela também um respeito, como não podia ser de outra forma, a essas expressões tão singulares que constroem esses espaços de aprendizagem.

Esclarecido tudo isso, entramos na difícil tarefa de alinhar todos esses itinerários percorridos durante a elaboração dessa tese. Desde o início do texto, deixamos explícita que nossa intenção primeira não era a de realizar uma pesquisa comparada. Porém, apesar de analisar essas entrevistas como singulares, surgiam, no decorrer do processo interpretativo, questões referentes aos aspectos comuns observados nessas três realidades interculturais.

As histórias de vida de cada uma das mulheres analisadas são muito particulares, pessoais, próprias e intransferíveis. Contudo, a partir da variedade dos discursos, foram revelados com recorrência pelas autoras os temas ou núcleos narrativos -material indexado-, que parecem interessantes de serem apontadas. Deixando claro, novamente, que esse material não é representativo do grupo de mulheres em cada situação, nem mesmo essas relações são estritamente estabelecidas entre um país ou outro, porém que

nosso olhar está situado naqueles argumentos que atravessam os diferentes discursos analisados em seus específicos contextos.

Entre essas mulheres ocidentalizadas de culturas e línguas diferentes, idades e formas diversas, costumavam seus discursos com temas circulares, que em seu momento foi analisado em cada grupo social (6.4; 7.4; 8.4). Estes núcleos que se repetiam frequentemente em seus repertórios orais eram: a *Família*, núcleo comum por excelência; o *Trabalho*, que incluía sub-temas como a relação campo-cidade, a sobrevivência e sua libertação pessoal; a *Sexualidade* -compreendidos aí o Amor e o Casamento; as inúmeras *Violências*, Penas, Dores e Injustiças; e a *Resistência*, aspecto revelado muitas vezes com sentido implícito -no material não-indexado- como sua relação com o corpo, as distintas fugas e enfrentamentos e a emigração.

Os núcleos narrativos eleitos para análise, a partir da constância em seus textos, não foram casuais, de fato, podem indicar uma intrínseca vinculação com uma construção identitária baseada em fatores inextrincáveis, como o *habitus* de classe, de gênero, de etnia e de geração pela qual elas narravam -fatores sociais que as situam e determinam corpo e fala e que dotavam seu discurso de uma história única e inédita.

Além disso, dentro desses relatos individuais, vimos que o coletivo atravessava constantemente sua formatação, e de uma maneira muito especial, percebemos como havia uma preponderância de se falar primeiro do/a outro/a, para poder falar de si mesmas. Essa característica, junto com o caráter de dor recursivo nos relatos, se colida na questão de intriga extraída desse trabalho. Existiria enfim um discurso feminino comum, pelo qual se expressam todas essas vozes?

Uma peculiaridade recolhida nesse processo é que, sobretudo essa *maneira de falar* das mulheres, condicionava também nossas entrevistas. Era notável a facilidade que possuíam as informantes de contarem um trecho da sua história de vida a uma pesquisadora (nesse caso), o que marca que apesar de diferentes condições de classe, etnia, geração, nosso gênero marcava o lugar da relação e da interlocução: mulher que fala, mulher que escuta.

Essas reflexões nos permitem completar o tema da construção comum de sua identidade, ou como as mulheres se reforçam nesses espaços de compartilhamento.

Quando nos juntávamos para realizar uma entrevista, depois de um longo período de auto-reconhecimento, havia toda uma preparação de si mesma, para esse encontro.

Quando nos dispúnhamos a estar como ouvintes dentro da casa de uma informante, ou as acompanhando no campo, ou mesmo participando das reuniões na associação que trabalhavam, essa aproximação era sempre feita de uma forma empática, inteira, para que, com essa disposição de corpos, nos facilitasse a escuta destas distintas linguagens. Efetivamente, é possível afirmar que essa forma pela qual o corpo fala é uma das maneiras dessa criação identitária, já que muitas vezes as palavras não são suficientes para traduzir a própria história de vida.

Agora bem, aquele era o momento de contar sua história, de tecer os fios invisíveis da memória, daquilo que contaram sobre ela, e do que ela gostaria de visibilizar, assim, numa performance saudável, a autora se preparava para esse momento, apropriando-se dele de uma maneira muito pessoal e criativa.

De modo que também para quem escuta essa é a possibilidade de dar um espaço crítico para o entorno onde elas estavam, pois a presença de familiares ou vizinhos escutando aquela história, compartilhando um exemplo dessa forma libertária da (des)construção de si mesma, revela o aspecto transformador da linguagem.

Assim que, naquele momento, a narradora também preparava o corpo, entre adornos e posturas, alçadas ou decaídas, entusiasmo ou tristeza, reagindo à experiência de falar e ouvir a si mesma.

Por outro lado, e apesar deste não ser o foco central deste trabalho, em nosso percurso encontramos corpos marcados por suas próprias e impreteríveis vivências, como exemplo de mulheres guerreiras com mãos firmes; outras curvadas e sem respostas; ou de cabelos soltos, como sua liberdade, contudo não é a proposta desse trabalho realizar uma categorização estrita entre sua vivência e seu corpo. A despeito de encontrar nos grupos sociais corpos de características parecidas, como no Equador -a estatura baixa das pessoas nas comunidades andinas, no Brasil -senhoras magras pela condição social, e na Galícia, -as vestes negras, ainda com a tradição da viuvez eterna, não está em nossos objetivos enquadrar essas vivências a seus corpos, já que poderíamos cair num outro estigma.

O mais importante por ressaltar aqui é considerar a singularidade que se expressa apesar desses condicionamentos, e ressaltada, se libera. Como mencionamos na parte teórica, a linguagem é um instrumento de poder e este está inscrito no próprio corpo, por isso, ao observar dentro das comunidades aspectos comuns entre mulheres e homens, em determinada faixa etária, e o ambiente. Ao destacar explicitamente o lugar onde a biologia e a sociologia se encontravam, estávamos especialmente atentos/as a como esses aspectos influenciam na fala (e vice-versa) e nos condicionamentos sociais e políticos deste determinado grupo. Isso implica, sobretudo, a importância daqueles/as que pesquisam o social de darem visibilidade e estarem sensíveis a estes processos.

Estes processos singulares e libertadores saltavam nas entrelinhas, ou mesmo nos seus próprios corpos, a partir dos discursos críticos dessas mulheres (cf. material não indexado) como uma análise sobre si mesma e sobre a realidade ao redor, mesmo que pouco trabalhados, incipientes. Nisto entendemos que ainda há muito o que dizer e o que ouvir.

O estudo do corpo é um tema de interesse recorrente dentro das ciências humanas, mas com essa particular análise integral, não existem muitos campos difundidos dentro da academia. Então, uma das propostas com essa tese é aproximar esses estudos, essas visões, a uma maneira diferente de tratar o ser humano *cindido*, sem nos comprometermos com respostas fechadas ou verdades incontestáveis.

Parece-nos, porém significativo sinalizar que a nossa postura, o jeito de caminhar ou mesmo a forma do nosso corpo, falam muito da nossa história de vida, de nós mesmos/as e do coletivo que estamos inseridos/as. Devido a isso, quando aprendermos a olhar o corpo com uma atitude mais instrutiva, como *quem escuta*, podemos aprender mais sobre nós mesmos/as e nosso entorno e essa é, sem dúvida, uma ferramenta para a autoanálise, as histórias de vida, a autobiografia, e a própria psicologia.

O corpo é um espaço de criação cuja ferramenta, é também a linguagem. Acreditamos que a libertação dos seres humanos em geral, passa por esse autoconhecimento, a partir das análises individuais e coletivas de processos de inspiração e transformação. Vale ressaltar, em palavras de Paredes (2010), que:

nossos corpos são o lugar onde as relações de poder vão querer marcar-nos para sempre. Atributos de uma existência individual e coletiva –a cotidianidade, a própria biografia e a história dos nossos povos. Devemos descolonizar essa concepção cindida e esquizofrênica da alma por um lado e do corpo por outro. Partimos do corpo como uma integralidade de corporeidade desde a biogenética até a energética (p. 38).

Assim, esse trabalho colabora com a ideia de que o eu é o ponto de partida para a libertação de outras mulheres. O controle do próprio corpo passa por seu conhecimento, escuta, aproximação. É a base física com que nos movemos dentro do mundo. A ignorância, a incerteza e a vergonha nos cria uma alienação de nós mesmos/as de sermos nós mesmos/as.

Queremos deixar claro, aqui, que o nosso objetivo com este trabalho é ressaltar que a transformação de si é o processo mais radicalmente político. Por isso a ênfase que damos à compreensão de que o propósito não é somente transformar a realidade, mas mudar a relação individual com essa mesma realidade.

Trata-se, enfim, de poder acessar esse saber e poder produzir sentido a partir de sua própria postura, também utilizando da fala. Analisadas de uma maneira relacional essas duas linguagens, corpo e fala, defendemos que a fala nunca é descorporalizada, e essa é a condição necessária para a própria criação e transformação de qualquer identidade.

Agora, se realmente existe um discurso comum do feminino e no caso especial desse trabalho, compartilhado por comunidades tão diferentes e distantes, talvez fosse prudente revelar não um tema específico, porém uma “forma de dizer”, escutada em todo o processo de pesquisa: uma reclamação da dor expressa em seus corpos e falas, revelados por matizes os mais distintos.

Ou seja, ao observarmos como se constituem os sentidos de sofrimento (pathos) que parecem emergir como enredo de base nas falas das mulheres, questionamos se a experiência do sofrer, de luta, é um processo material e simbólico compartilhado pelas mulheres em diferentes culturas, classes sociais ou etnias.

De fato, destacamos que dentro da proposta de escutar essa identidade em formação, a desconstrução dessa mesma identidade quem faz são as próprias narradoras. Diante dessas questões, destacamos a problemática sobre a construção social do gênero,

não só porque exclui a homens e mulheres de determinadas possibilidades de ser e agir, mas porque reproduz relações de poder. É necessário então utilizar o gênero como categoria social variável, instável e construída, para manejá-la como ferramenta em prol da desbiologização do destino de mulheres e homens e da naturalização dos sexos.

Ao final, não buscávamos como hipótese um aspecto do feminino que fosse compartilhado por todas elas, porém o que elas nos revelam e o que não é compartilhado é que o feminino pode ser desconstruído.

Isso foi possível a partir do reconhecimento das análises das narrativas como realidades distintas construídas através de um discurso comum, ou melhor, discursos distantes construindo uma mesma realidade. Esse é um lugar onde posicionar sua identidade: num discurso móvel, compartilhado e ao mesmo tempo, universal.

Estudar como a linguagem, o corpo e o gênero podem entrelaçar-se num processo de construção identitária e livre para as mulheres, parecia um desafio maior que o resultado, porém, nos deparamos com um resultado muito mais desafiante, algo muito maior ressalta das histórias de vida. Além dos importantes temas que as narradoras repetem, desfrutamos com a capacidade empática, flexível, carinhosa, cortês, humilde e até mesmo amorosa de tecer junto sua história e sua vida.

Esses aspectos relacionais e essa capacidade de manter vínculos de ajuda, de companhia, confere um peso em nossas relações sociais e na forma como as concebemos que nos faz pensar que apesar de possuírem a fala e o corpo manipulados, condicionados por séculos e socializados por micropoderes distintos, advogamos que estes mesmos corpos e falas podem ser (re)construídos de uma forma dinâmica, inacabada, autônoma.

Ainda, discutir se essas características são ou não femininas, não é a questão nesse momento. A partir de nossas análises consideramos mais urgente ressaltar esses predicados (do corpo e da fala) como disponíveis para qualquer pessoa que pretende evoluir como ser humano livre.

A validade de um *discurso do feminino* é legitimamente um assunto incompleto e polêmico e deve continuar em outros âmbitos para ajudar a revelar o respeito pela mulher, e pela voz em geral.

Finalmente, comprometidos com a necessidade de enfatizar e publicar a intuição, a empatia e a cortesia, pretendemos que esses argumentos transformem não só o nosso texto, mas a forma de lê-lo, de interpretá-lo e de analisar nossas relações sociais, o entorno e a própria vida. A intenção é que esse documento possa suscitar as transformações nas metodologias, nos olhares sobre as pesquisas sociais, na forma de escrever e na forma de viver congruente com o que diz e com o que atua, livre de guetos.

Seria imprescindível não reduzir os gêneros a sua visão mais singela, o binarismo. Se as mulheres desenvolveram estruturas próprias, mesmo linguísticas, seria por viverem num gueto, não por algo que as faça essencialmente diferentes. De fora de todos os guetos, poderíamos os seres humanos retomar valores próprios dos grupos não-dominantes. Se houver certamente valores de tolerância, de capacidade de colaboração, de empatia e negociação, na subcultura das mulheres ou nas suas comunidades de fala, não seriam estes valores traços distintivos dos seres dominados e, nesse sentido, terão uma alta capacidade de transformação social (Moure, 2012, p.111)

Sob esse prisma, nossa proposta com essa tese foi também descobrir ou deixar descoberto dentro desses discursos marcados e marcantes os fragmentos retóricos e estratégicos, revelando a vivência diária das que ficaram, daquelas que servem de exemplo para seus/suas filhos/as e que nos ensinam uma possibilidade de transformação, uma subjetividade cuja enunciação é produto da resistência, da autoafirmação e da liberdade.

Portanto, não é que o feminino seja uma essência compartilhada por todas as mulheres, mas uma compreensão mais além desse conceito, o feminino como um discurso socializado e atuado com o corpo. Com todas as suas formas socioculturais específicas de expressão, formas móveis que obedecem aos micropoderes que ainda constroem comportamentos e práticas discursivas através da história.

E enquanto estejamos vendo corpos presos aos seus medos, a disciplinas encarceradoras por questões de gênero e falas silenciadas, talvez não estejamos questionando verdadeiramente a capacidade de se transformar do ser humano.

Assim, ao não haver marcas do feminino fixadas naturalmente, senão num desvelar-se social, nossa intenção como pesquisadores/as seria descondicional esse lugar tendencioso, propondo o vislumbre de um discurso que seja compreensível sem marcas, sem gêneros, de guetos ou de identidade; por fim, universal, livre e

transformador. Uma reconstrução a partir da desconstrução desses mesmos discursos que nos sustentam.

Os discursos desconstroem modelos ao construir outros. A tarefa dos/as intelectuais, segundo Foucault (1990, p. 173) é “ensinar às pessoas que elas são muito mais livres do que se sentem”.

Nesse sentido, a desconstrução que consideramos urgente, é a da determinação e os enquadramentos dos discursos e dos corpos que não encontraram espaço de expressão.

Somos conscientes que esse tipo de trabalho gera uma importante quantidade de dúvidas para aqueles que se aproximam dele a partir de uma ótica ou de uma perspectiva majoritária baseada no positivismo. Por isso não seria estranho encontrar-se com comentários relativos a não representatividade da mostra, e portanto, seu nulo poder de generalização; outros relativos ao tamanho da mostra; à subjetividade da interpretação das entrevistas, etc.

Recorrer a esse tipo de mostra e a essa metodologia não foi algo casual, senão com a ideia de ciência de fundo. Todos os elementos que queremos analisar e que se encontram relacionados de maneira inseparáveis, podem ser abordados exclusivamente desde essa opção epistemológica e metodológica. Assumimos estes riscos com o convencimento de que o/a leitor/a destas páginas possa chegar a uma conclusão parecida.

Finalmente, considerando os desafios dessa proposta de pesquisa, deixamos em aberto discussões, questionamentos e reflexões, esperando que esse trabalho, agora finalizado, sirva de motivação para outros e que outras iniciativas se somem, até que, acelerando o ritmo lento das ciências, um novo olhar surja como um reflexo de uma realidade mais digna dessas identidades que construímos a partir de nós mesmos/as. Este trabalho, tal como o apelo das narradoras, representa a voz alçada em direção ao desafio das ciências cada vez mais envolvidas em contextos interdisciplinares e interculturais.

Observamos nesse trabalho que não há formas pré-estabelecidas de interpretação da voz e do comportamento, já que seu discurso move-se num fluxo de descobertas permitidas pela disposição sensível ao outro e a si mesmo/a.

De fato, em seus diversos âmbitos, ouvir é tarefa delicada e categoricamente, importante nos dias atuais. Enquanto houver linguagens clamando audição, estaremos dispostos/as a aprender e aprimorar essa difícil tarefa. Talvez o universal seja o nosso poder de mover-nos com a voz, com os corpos, mas também com os pensamentos e desejos.

Referências Bibliográficas

- Álvaro, J. L. e Garrido A. (2003). *Psicología social. Perspectivas psicológicas y sociológicas*. Madrid: McGraw-Hill.
- Andrews, M., Squire, C. e Tamboukou, M. (2008). *Doing narrative research*. London: SAGE.
- Banister, P. (1994). *Qualitative methods in psychology: A research guide*. Bristol: Open University Press.
- Bauer, M. e Jovchelovitch, S. (2000). Entrevista narrativa. Em M. Bauer (Ed.), *Pesquisa qualitativa, imagem e som: um manual prático* (pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.
- Bauman, Z. (2007). *Identidad*. Buenos Aires: Losada.
- Behar, R. (2003). Ethnography and the book that was lost. *Ethnography*, 4, 15-39.
- Benjamin, W. (1994). *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- Berteaux, D. (1997). *Los relatos de vida. Perspectiva etnosociológica*. Madrid: Ediciones Bellaterra.
- Billig, M. (1987). *Arguing and thinking. A rhetorical approach to social psychology*. Cambridge: Sage Publications.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade. Lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Bourdieu, P. (1996) *The weight of the world: social suffering in contemporary society*. standford: Standford University Press.
- Bourdieu, P. (2000). *La dominación masculina*. Barcelona: Anagrama.
- Brockeimer, J. e Harré, R. (2003) Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativa. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 16, 525-535.
- Bronwyn, D. e Harré, R. (1990). Positioning: The discursive production of selves. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 20(1), 43-63.
- Bruner, J. (1994). *Life as a narrative*. Em A. H. Dyson e C. Genishi, (Eds.), *The need for story: Cultural diversity in classroom and community* (pp. 28-37). Illinois: NCTE editorial.

- Bruner, J. (1997). *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Bruner, J. (1998). *Realidade mental, mundos possíveis*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Burgos, E. (2008). *Qué cuenta como una vida. La pregunta por la libertad en Judith Butler*. Madrid: Antonio Machado Libros.
- Burton, M. (2004). La psicología social de la liberación: Aprendiendo de America Latina. *Polis, Revista del Departamento de Sociología - Universidad Bolivariana, Chile, 1*, 101-124.
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter, on the discursive limits of "sex"*. London: Routledge.
- Butler, J (2001). *El género en disputa*. México: Paidós.
- Butler, J. (2003) *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- Cabruja, T. U. (1998). Psicología social crítica y postmodernidad. Implicaciones para las identidades construidas bajo la racionalidad moderna. *Anthropos, 177*, 49-59.
- Cabruja, T. Íñiguez., L. e Vázquez, F (2000). Cómo construimos el mundo: relativismo, espacios de relación y narratividad. *Análisi, 25*, 61-94.
- Camarero, L. (2009). *La población rural de España, de los desequilibrios a la sostenibilidad social*. Barcelona: Fundación La caixa.
- Cameron, D. (1997). Theoretical debates in feminist linguistics: Questions of sex and gender. Em R. Wodak (Ed.), *Gender and discourse* (pp. 21-36) London: Sage.
- Camurça, S. (2007/ noviembre). *Conquistar o direito à previdência social para todas as mulheres*. Recuperado em 01 de marzo, de <http://www.cearahperiferia.org.br/2007/11/conquistar-o-direito-a-previdencia-social-para-todas-as-mulheres/>
- Caniato, A. e cols. (2002). Phenix: a ousadia do renascimento da subjetividade cidadã. *Revista Psicologia e Sociedade, 14(2)*, 95-132. Disponível em: <<http://scielo.com.br>>. Acesso em abril de 2004.
- Celeya, R. D. (1999). *La mujer en el mundo*. Madrid: Acento editorial.
- Certeau, M. (1994). *Artes de Fazer. A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes.
- Coates, L. e Johnson, T. (2001). Towards a social theory of gender. En W.P. Robinson, e H. Giles, (Eds.), *The new handbook of language and social psychology*. England: J. W. Sons.

- Curiel, O. (2007). Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. *Nómadas*, 26, 92-101.
- Davis, F. (1985). *La comunicación no verbal*. Madrid: El libro del bolsillo.
- Denzin, N. K. e Giardina, M. D. (2010). *Qualitative inquiry and human rights*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press
- Díaz, R. G. (2006 enero-junio). Poder y resistencia en Michel Foucault. *Tabula Rasa*, 4, 103-112.
- Duby, G. e Perrot, M. (2000). *Historia de las mujeres*. vol. 5: Siglo XXI, Madrid: Taurus.
- Duranti, A. (2000). *Antropología lingüística*. Madrid: Cambridge University Press.
- Eco, U. (1993). *Interpretação e supeinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes.
- Eckert, C., Rocha, A. L. C. (1999) Personaje y identidad narrativa: una aproximación metodológica. Universidad Nacional del Comahue -Argentina. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 5(12), 13-36.
- Edwards, D. (2003). Psicología discursiva: el enlace de la teoría y el método mediante un ejemplo Em L. Iñiguez Rueda. (Ed.), *Análisis del discurso. Manual para las ciencias sociales*. (pp. 141-156). Barcelona: UOC.
- Edwards, D. (2007). Managing subjectivity in talk. Em A. Hepburn, S. Wiggins. (Eds.) *Discursive research in practice. New approaches to psychology and interaction* (pp. 31-49) Cambridge: Cambridge University Press.
- Esteban, M. (2004). *Antropología del cuerpo. Género, itinerarios corporales y cambio*. Barcelona: Bellaterra.
- Fausto-Sterling, A. (2006). *Cuerpos sexuados. La política de género y la construcción de la sexualidad*. Barcelona: Melusina.
- Foucault, M. (1976-1984). *Historia de la sexualidad* (6ªed.) México: Siglo XXI. 3V.
- Foucault, M. (1990). *Tecnologías del yo*. Madrid: Paidós.
- Foucault, M. (2003). *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège De France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola.
- Foucault, M. (2005). *Vigilar y Castigar*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- Fox, D., Prilleltensky, I. e Stephanie, A. (Eds.). (2009). *Critical psychology. An introduction*. London: Sage.
- Gamson, J. (1995). Must identity movements self-destruct? A queer dilemma. *Social Problems*, 42, 390-407.

- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Gergen, K. J. e Shotter, J. (1989). *Texts of identity. Inquiries in social construction series*. London: SAGE.
- Goicoechea, R. E. (2002). La inmigración española al Uruguay, 1946-1958. Un caso para repensar los procesos de inclusión/exclusión social. [Versión electrónica]. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, 13(2), [19 párrafos]. Disponible em http://www1.tau.ac.il/eial/index.php?option=com_content&task=view&id=576&Itemid=226
- Gregorio Gil, C. (2006). Contribuciones feministas a problemas epistemológicos de la disciplina antropológica: representación y relaciones de poder. *Revista de Antropología Iberoamericana*, 1(1), 22-39.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, editora Revista dos Tribunais.
- Hall, S. (2003). ¿Quién necesita “identidad”? Em S. Hall, y P. du Gay (Eds.), *Cuestiones de identidad cultural*. (pp. 13-39). Buenos Aires: Amorrortu.
- Brandão, T. O. e Germano, I. M. P. (2009). Experiência, memória e sofrimento em narrativas autobiográficas de mulheres. *Psicologia & Sociedade*, 21(1), 5-15.
- Brandão, T. O. (2011). La ciudadanía expresada en narrativas autobiográficas de Brasil y España. El femenino en (des)construcción. Em Y. G. Navarrete, M. J. V. Miranda, M. J. M. Quiza, C. G., P. M. Sainz, P. M. López (Eds.), *Feminismo y desequilibrios en el mundo actual: demografía, trabajo y ciudadanía*. XVIII Jornadas Internacionales de investigación interdisciplinar. Madrid: IUEM
- Haraway, D. (1990). *Primate Visions*. London and New York: Routledge.
- Harré, R. e Stearns, P. (1995). *Discursive psychology in practice*. London: Sage.
- Harré, R. e Tisaw, M. (2005). *Wittgenstein and psychology. A practical guide*. Londres: Ashgate.
- Herrera, S. (2009). *Nabón: entre las mujeres y el gobierno local*. Quito: IEE.
- Ibañez, T. (1997). Why a critical social psychology? Em T. Ibañez y L. Íñiguez, *Critical social psychology* (pp. 27-66). Londres: Sage.
- Ibañez, T. e Íñiguez, L. (1997). *Critical social psychology* (pp. 27-66). Londres: Sage.
- Icaza, J. (1934). *Huasipungo*. Quito: Imprenta Nacional.
- Instituto Nacional de Estadísticas y Censo, Ecuador. INEC (2010). Recuperado el 10 de marzo de 2012, de http://www.inec.gob.ec/sitio_violencia/

- Íñiguez, L. (1997). Discourses, structures and analysis: What practices? In which contexts? Em T. Ibañez e L. Íñiguez (Eds.), *Critical social psychology* (pp. 147-156). Londres: Sage.
- Íñiguez, L. (2003). *Análisis del discurso. Manual para las ciencias sociales*. Barcelona: editorial UOC.
- Klandermans, B. e Simon, B. (2011). Toward a social psychological analysis of politicized collective identity: Conceptualization antecedents, and consequences. *American Psychology*, 56, 319-311.
- Knapp, M. L. (1982). *La comunicación no verbal. El cuerpo y el entorno*. Barcelona: Paidós.
- Lamas, M. (1999). Usos, dificultades y posibilidades de la categoría de género. *Papeles de Población*, 21,147-178.
- Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Lowenthal, D. (1998). Como conhecemos o passado. *Projeto História - trabalhos da memória*. 17, Nov. 63-201.
- Lopes, J. R. (2002). Os caminhos da identidade nas ciências sociais e suas metamorfoses na psicologia social. *Psicologia e Sociedade*, 14(1), 7-27.
- Lucius-Hoene, G. (2000, Junho). Constructing and Reconstructing Narrative Identity [Versión electrónica]. [19 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 1(2). Disponível em <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1087/2379>
- Luckmann, T. e Berger P. L. (2002) *A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes.
- Martín-Baró, I. (1998). *Psicología de la liberación*. Madrid: Trotta.
- Maquieira, V. (2001). Género, diferencia y desigualdad Em E. Beltrán e V. Maquieira (Eds.) *Feminismos. Debates teóricos contemporáneos*. (pp.127-190). Madrid, Alianza editorial.
- Minkowski, E. (2000). Breves reflexões a respeito do sofrimento. (Aspectos práticos da existência). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 3(4), 156-164.
- Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad. MSSSI. (2012). *Últimos datos de violencia de género*. Recuperado el 8 de maio de 2012, de <http://www.msssi.gob.es/gl/ssi/violenciaGenero/portalEstadistico/home.htm>

- Montenegro, A. T. (2007). *Historia oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contratexto.
- Moore, H. L. (1999). *Antropología y feminismo*. Cátedra: Madrid.
- Moure, T. (2005). *As palabras das fillas de Eva*. Santiago de Compostela: Galaxia.
- Moure, T. (2012) *Queer-emos un mundo novo. Sobre cápsulas, xéneros e falsas clasificacións*. Santiago de Compostela: Galaxia.
- Narotzky, S. (1995). *Mujer, mujeres, género. Una aproximación crítica al estudio de las mujeres en las Ciencias Sociales*. Madrid: CSIC.
- Navarro A. L. e García I. B., (2005). La mujer en la agricultura y en el medio rural. *Agricultura Familiar en España* (pp. 104-128). Madrid: Fundación de Estudios Rurales.
- Nunes, B. (1995). *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática.
- OIT-PNUD (2009). *Trabajo y Familia: hacia nuevas formas de conciliación con corresponsabilidad social*. Santiago: Oficina Internacional del Trabajo y Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo.
- Paredes, J. (2010). *Hilando fino desde el feminismo comunitario*. La Paz: Comunidad mujeres creando comunidad.
- Pasinato, W. e Santos, C. M. (2008). *Mapeamento das delegacias da mulher no brasil*. PAGU-UNICAMP/CEPLAES/IDRC. Recuperado em 01 de marzo de 2012, de <http://www.ceplaes.org.ec/AccesoJusticia/materiales.html>
- Pinheiro, O. de G. (1999). Entrevista: uma prática discursiva. Em M. J. Spink, (Ed.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez.
- Potter, J. e Edwards, D. (2001). Discursive social psychology. Em W. P. Robinson e H. Giles (Eds.), *The new handbook of language and social psychology*. Londres: J. W. Sons.
- Potter J. e Wetherell, M. (1987). *Discourse and social psychology: Beyond attitudes and behaviour*. Londres: Sage.
- Potter J. e Wetherell, M. (1992). *Mapping the language of racism. Discourse and the legitimation of exploitation*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- Precedo, A., Míguez, A. y Fernández, M. I. (2008). Galicia: el tránsito hacia una sociedad urbana en el contexto de la Unión Europea. *Revista Galega de Economía*, 17, 1-18.

- Pujal, M. (1993). Mujer, relaciones de género y discurso. *Revista de Psicología Social*. 8(2), 201-215.
- Rabelo, M. C. M. (1999). Narrando a doença mental no nordeste de amaralina: relatos como realizações práticas. Em M. C. M Rabelo, P. C., Alves e I. M. Souza, *Experiência de doença e narrativa*. (pp. 75-87). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Reis, C. e Lopes, A. C. M. (1998) *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Ricoeur, P. (1994). *Tempo e narrativa* (tomo I). Campinas: Papirus.
- Ricoeur, P. (1996). *Sí mismo como otro*. Madrid: siglo XXI.
- Ricoeur, P. (1997) *Tempo e Narrativa* (tomo II) Tradução: Constança Marcondes César. Campinas: Papirus.
- Rojo, L. M. (2003). El análisis crítico del discurso. Fronteras y exclusión social en los discursos racistas. Em L. Iñiguez. *Análisis del discurso. Manual para las ciencias sociales*. (pp. 157-190). Barcelona: UOC.
- Sabucedo, J.M., D'adamo, O. y García-Beaudoux, V. (1997). *Fundamentos de psicología social*. Madrid: Siglo XXI.
- Sawaya, S. M. (2001). A infância na pobreza urbana: linguagem oral e escrita da história pelas crianças. *Psicologia USP*, 12(1), 153 -178.
- Scott, R. P (2007/maio-agosto). Ruralidade e mulheres responsáveis por domicílio no norte e no nordeste. [Versión eletrónica], *Revista Estudos Feministas*, 15(2), 425-436.
- Segre, C. (1989). *Enciclopédia Einaudi Literatura – texto*, vol. 17. Lisboa: Imprensa Nacional, casa da Moeda.
- Semin, G. R. (1997). The relevance of language for social psychology. Em C. Mcarty e A. S. Haslam. (Eds.), *The message of social psychology. Perspectives on mind in society*. Cambridge: Blackwell publishers.
- Sigaud, L. (2005). As condições de possibilidade das ocupações de terra. [Versión electrónica], *Tempo Social*. 17(1), 255-280.
- Simon, B. (2004). *Identity in modern socyet. A social psychological perspective*. Malden: Blackwell publishing.
- Smolka, A. L. B. (2000/jullio). A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. [versión eletrónica], *Educação e Sociedade*, 21(71), 166-193.
- Spink, P. K. (2000). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. Aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez.

- Stolcke, V. (1992). Es el sexo para el género como la raza para la etnicidad? *Mientras Tanto*, 48, 87 - 111.
- Stolcke, V. (1999). De Louise Brown, la niña probeta, a Dolly, la oveja clónica. *Mujeres y Salud*, 3.
- Stolcke, V. (2004). La mujer es puro cuento: la cultura del género. *Revista Estudios Feministas.*, maio/ago, 12(2), p.77-105.
- Tajfel, H. (1981). *Grupos humanos y categorías sociales*. Barcelona: Herder.
- Tajfel, H. (1979). *Differentiation between social groups*. London: Academic Press.
- Van Dijk, T. A. e Athenea Digital. (2002). El análisis crítico del discurso y el pensamiento social. *Athenea Digital*, 1, 18-24.
- Van Dijk, T. A. (2003). *Ideología y discurso*. Barcelona: Gedisa.
- Varela, J. (1997). *Nacimiento de la mujer burguesa*. La Piqueta: Madrid.
- Varela, J. (2001). Mater familias versus pater familias. Modelos clásicos de sociología del género: F. Engels e E. Durkheim. Em R.R. Philip (Ed.), *Cuestiones Actuales de Sociología del Género* (pp. 83 – 104). Madrid: CIS.
- Varela, N. (2005). *Feminismo para principiantes*. Barcelona: Ediciones B.
- Wilkinson, S. (1997). Priorizing the political: feminist psychology Em T. Ibáñez e L. Iñiguez (Eds.), *Critical social psychology*. Londres: Sage.
- Wodak, R. (1997). *Gender and discourse*. London: Sage.
- Yuval-Davis, N. (1997). *Gender and Nation*. London: Sage.